



Isabela Cristina Martins G. Sena

**Práticas de Cuidado Infantil de Babás,
Babysitters e Nannies nos Contextos
Brasileiro e Português**

Tese de Doutorado

Tese apresentada como requisito parcial para
obtenção do grau de Doutorado pelo Programa de
Pós-Graduação em Psicologia (Psicologia Clínica)
do Departamento de Psicologia da PUC-Rio.

Orientadora: Profa. Luciana Fontes Pessôa

Rio de Janeiro,
abril de 2024



Isabela Cristina Martins G. Sena

**Práticas de Cuidado Infantil de Babás,
Baby-sitters e Nannies nos Contextos
Brasileiro e Português**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção
do grau de Doutorado pelo Programa de Pós-
Graduação em Psicologia (Psicologia Clínica) da PUC-
Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo:

Profa. Luciana Fontes Pessôa

Orientadora

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Profa. Jaqueline de Carvalho Rodrigues

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Profa. Deise Maria Leal Fernandes Mendes

Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ

Prof. Mauro Luis Vieira

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Prof. Samuel Lincoln Bezerra Lins

Universidade do Porto

Rio de Janeiro, 03 de abril de 2024.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, do autor e da orientadora.

Isabela Cristina Martins Gonçalves Sena

Graduou-se em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (2001); Especialização em Psicodrama Terapêutico (PUC-Go); MBA em Administração de Recursos Humanos pela Fundação Getúlio Vargas; Especialização em Psicoterapia de Família e Casal Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e mestrado em Psicologia Clínica (PUC-Rio). Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia.

Ficha Catalográfica

Sena, Isabela Cristina Martins G.

Práticas de cuidado infantil de babás, babysitters e nannies nos contextos brasileiro e português / Isabela Cristina Martins G. Sena; orientadora: Luciana Fontes Pessôa. – 2024.

252 f.: il. color.; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, 2024.

Inclui bibliografia 1. Psicologia – Teses. 2. Babás. 3. Práticas e crenças de cuidado infantil. 4. Práticas maternas. I. Pessôa, Luciana Fontes. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD: 150

Soli Deo Gloria

Agradecimentos

À Deus, o autor e consumidor da fé, que me amou de forma incondicional.

Ao Alexandre, meu grande amor, parceiro da vida, braço forte nos tempos de tempestade, calma que traz leveza no dia a dia. 25 anos de uma história formidável. Somos prata!

A minha querida filha Bia, minha “secretária”, por sua paciência, suas orações para que essa tese terminasse, por seus registros de momentos tão singulares que vivemos juntas nessa aventura.

Aos meus pais (*in memoriam*), meus cuidadores, pela dedicação de vida, por transmitirem o exemplo de fé, de amor, força e determinação.

À minha orientadora Luciana Fontes Pessôa, incansável na arte de orientar e incentivar, sempre com serenidade e assertividade. Que administra a vida com leveza e faz da academia um lugar prazeroso, alegre e vivo.

Aos professores que compõe a Comissão Examinadora por aceitarem o convite e pelas contribuições ao trabalho.

Ao Samuel Lincoln Bezerra Lins, Ana, Alice e João, família d’além mar, que se faz presente em meu coração.

A Rayane Moser, Thaís Trindade, Flórence Franco, Justine Tinoco, Carolina Wienskoki, Cinthia Matos, Mariana Maranhão, Debora Noletto, Flávia Gadelha, Quézia Gripp, Júlia Bittencourt, Renata Marvão, pela parceria, amizade e indicações das babás.

A Ester, pelo auxílio nas transcrições.

A Aline e Olga, pela revisão do texto.

Ao Grupo de Pesquisa em Psicologia – Desenvolvimento Humano: biologia & cultura, pelo apoio, aprendizado, pelas trocas e pelos deliciosos lanches. A segunda-feira não será a mesma sem vocês!

A todas as participantes da pesquisa, pela confiança e por abrirem um espaço para compartilharem sua história.

À Verinha, Thiago, Ricardo, por todo auxílio, cordialidade e presteza nas questões burocráticas.

À saudosa Marcelina, por todo empenho em facilitar a vida acadêmica.

Ao Conselho da Igreja Presbiteriana de Gávea, pelo apoio e incentivo, na viabilidade do intercâmbio.

A Universidade do Porto, através do Projeto Erasmus, pela oportunidade do intercâmbio e auxílio na coleta de dados.

À CAPES e à PUC-Rio pelos auxílios concedidos, sem os quais esse trabalho não poderia ter sido realizado.

A todos os professores do Departamento de Psicologia da PUC- Rio, por serem facilitadores no processo de transmissão de conhecimentos.

Este trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

Resumo

Sena, Isabela Cristina Martins Gonçalves; Pessôa, Luciana Fontes. **Práticas de cuidado infantil de babás, babysitters e nannies nos contextos brasileiros e portugueses.** Rio de Janeiro, 2024. 252 p. Tese de Doutorado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

As inúmeras transformações que acompanham a contemporaneidade, podem requerer determinados ajuste no ambiente familiar, principalmente quando há crianças pequenas. Diante deste contexto, a babá hoje se estabelece como sendo uma figura que compartilha os cuidados com a família, não somente no que diz respeito à sobrevivência, mas como participante do processo de desenvolvimento infantil. Embora seu trabalho seja de fundamental importância, pouco se pesquisa e se reflete acerca de seu contexto de vida, da sua escolha profissional e de como realiza as práticas de cuidado com a criança. A tese, portanto, visa identificar, à luz da perspectiva sociocultural, as práticas e crenças de cuidado infantil, bem como a percepção das babás acerca das práticas maternas, em dois contextos culturais distintos, Brasil e Portugal. A pesquisa contou com 34 participantes, sendo 16 respondentes brasileiras e 18 portuguesas. Para a realização deste trabalho, utilizou-se uma pesquisa semiestruturada, composta por 9 questões, sendo que a última pergunta, apresentou as figuras que representam os cinco sistemas de cuidado parental. Os resultados foram analisados de forma qualitativa, através do software IraMuteQ e da análise de conteúdo de Bardin. No Brasil as práticas de cuidados se associaram a conteúdos afetivos, enquanto em Portugal, o foco estava voltado para o desenvolvimento cognitivo. Quanto às crenças de cuidado infantil, tanto as babás brasileiras quanto as portuguesas remeteram a alguns aprendizados que lhes foram transmitidos na infância e, que hoje, procuram passar às crianças que estão sob sua responsabilidade. No que diz respeito à percepção de práticas maternas, as babás brasileiras entendiam que estas buscavam estabelecer interações afetivas, atividades de lazer e cuidados relativos às necessidades básicas. As babás portuguesas acreditaram que as práticas maternas tratavam de cuidados voltados para a alimentação, a exploração do ambiente e a necessidade de criar vínculo entre mãe/filho. A pesquisa contribuiu para compreender o papel da babá em relação às práticas de cuidado infantil, bem como a influência do contexto sociocultural, no exercício dessas práticas e sua relação com a criança.

Palavras-chave:

babás, práticas e crenças de cuidado infantil, práticas maternas.

Abstract

Sena, Isabela Cristina Martins Gonçalves; Pessôa, Luciana Fontes (Advisor). **Babysitting childcare practices in Brazilian and Portuguese contexts**. Rio de Janeiro, 2024. 252 p. Tese de Doutorado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The countless transformations that accompany contemporary times may require certain adjustments in the family environment, especially when there are young children. Given this context, the nanny can establish herself as a character who shares care with the family, not only with regard to survival, but as a participant in the child development process. Although her work is of fundamental importance, little is researched and reflected on her life context, her professional choice and how she carries out child care practices. The thesis, therefore, aims to identify, in light of a sociocultural perspective, child care practices and beliefs, as well as nannies' perception of maternal practices, in two distinct cultural contexts, Brazil and Portugal. The research had 34 participants, 16 Brazilian respondents and 18 Portuguese respondents. To carry out this work, a semi-structured survey was used, consisting of 9 questions, with the last question presenting figures representing the five parental care systems. The results were analyzed qualitatively, using the IraMuteQ software and Bardin's content analysis. In Brazil, care practices were associated with affective content, while in Portugal, the focus was on cognitive development. Regarding child care beliefs, both Brazilian and Portuguese nannies referred to some lessons that were passed on to them in childhood and which, today, they try to pass on to the children under their responsibility. With regard to the perception of maternal practices, Brazilian nannies understood that they sought to establish affective interactions, leisure activities and care related to basic needs. Portuguese nannies believed that maternal practices dealt with care focused on nutrition, exploration of the environment and the need to create a bond between mother/child. The research contributed to understanding the role of the nanny in relation to child care practices, as well as the influence of the sociocultural context, in the exercise of these practices and their relationship with the child.

Keywords:

nannies, childcare practices and beliefs, maternal practices.

Sumário

Apresentação	14
Introdução	17
1 Perspectiva Sociocultural	22
1.1 – Pressupostos da perspectiva sociocultural ou sócio-histórica ----	24
2 Sistemas de Crenças e Práticas de cuidado infantil	38
2.1 – Sistemas de crenças	38
2.2 – Práticas de cuidado infantil	43
3 O percurso das amas e babás no contexto europeu, português e brasileiro.....	49
3.1 – Percurso da ama no contexto português	50
3.2 – Da transição da ama para a babá no contexto brasileiro	55
4 Contextualização do trabalho da babá em Portugal e no Brasil	61
4.1 – Panorama dos contextos brasileiro e português	61
4.2 – Contextualização do trabalho da babá em Portugal	64
4.3 – Contextualização do trabalho da babá no Brasil	70
5 Revisão de literatura	75
6 Justificativa	83
7 Objetivos	85
7.1 – Objetivo Geral	85
7.1.1 – Objetivos Específicos	85
8 Método	86
8.1 – Delineamento	86
8.2 – Participantes	86

8.3 – Documentos e tarefas -----	88
8.4 – Procedimentos -----	89
9 Resultados e Discussão -----	94
9.1 Análise Iramuteq - Brasil -----	94
9.2 Análise de conteúdo de Bardin - Brasil -----	109
9.3 Análise das figuras (sistemas de cuidado infantil) - Brasil -----	136
9.4 Análise Iramuteq – Portugal -----	147
9.5 Análise de conteúdo de Bardin – Portugal -----	163
9.6 Análise de figuras (sistemas de cuidado infantil) – Portugal -----	191
9.7 Análise entre países -----	204
10 Considerações finais -----	229
11 Referências bibliográficas -----	235
Apêndice -----	247

Lista de Tabelas

Tabela 1 Dados Sociodemográficos Brasil e Portugal----- 85

Tabela 2 Organograma das classes (Brasil) ----- 94

Tabela 3 Organograma das classes (Brasil) ----- 136

Tabela 4 Organograma de classes (Portugal) ----- 146

Tabela 5 Organograma de classes (Portugal) ----- 191

Lista de Figuras

Figura 1. Quadro comparativo Brasil e Portugal (The Hofstede Centre, 2022) --	63
Figura 2. Dendrograma de classes (Análise Brasil) -----	93
Figura 3. Nuvem de Palavras (Análise Brasil) -----	106
Figura 4. Dendrograma de classes (Análise Brasil) -----	135
Figura 5. Nuvem de Palavras (Análise Brasil) -----	144
Figura 6. Dendrograma de classes (Análise Portugal) -----	145
Figura 7. Nuvem de Palavras (Análise Portugal) -----	160
Figura 8. Dendrograma de classes (Análise Portugal) -----	190
Figura 9. Nuvem de Palavras (Análise Portugal) -----	200

Apresentação

O interesse pelo estudo com babás é decorrente de um processo de mudança residencial de Goiás para o Rio de Janeiro em 2013. Até esse momento não havia o interesse em investigar a realidade destas mulheres responsáveis pelo suporte no cuidado das crianças e, muitas vezes, até do trabalho doméstico. Diante de diversas adaptações e novidades no novo contexto sociocultural, as peculiaridades da relação das babás com as crianças na zona sul do Rio de Janeiro se destacou.

Ao acompanhar minha filha em alguns compromissos extracurriculares, me deparei com mulheres uniformizadas de branco que aguardavam crianças em diversas atividades. As conversas nas recepções de academias, escolas e parques tratavam da rotina das crianças, alimentação, expectativas quanto ao fim de semana com sua própria família, planejamento de férias, vida dos “patrões”. Nesses locais, compartilhavam sonhos, frustrações, em meios aos gritos das crianças. Um dado peculiar era que elas não eram chamadas pelo nome e, sim, de babás.

Em 2018 ingressei no mestrado em Psicologia Clínica (PUC-RIO), na linha de Saúde e Desenvolvimento, sob a orientação da Prof.^a Dr^a. Luciana Fontes Pessôa. No grupo de Pesquisa Desenvolvimento, Biologia e Cultura, coordenado pela mesma orientadora, tive o privilégio de participar e aprofundar em temas referentes a Psicologia do Desenvolvimento, principalmente no que diz respeito a práticas e crenças de cuidado infantil, a luz da perspectiva sociocultural.

No mestrado tive a oportunidade de realizar uma pesquisa investigando práticas de cuidado infantil de mães e babás na cidade do Rio de Janeiro. A proposta do estudo foi investigar as práticas e crenças de cuidado infantil dessas diferentes cuidadoras. Dessa forma, foi possível perceber: a) que as práticas de mães e babás se assemelham, principalmente quando as crianças são pequenas. O estabelecimento de rotinas, a

atenção quanto aos cuidados básicos e o afeto nas relações, parecem ser pontos fundamentais; b) as crenças que fazem parte da história dessas cuidadoras, podem influenciar suas práticas e tendem a ser transmitidas às crianças; c) notar a escassez de investigações que abordam essa temática.

A continuidade dos estudos no doutorado teve o objetivo de investigar a figura da babá, em dois distintos contextos socioculturais, Brasil e Portugal. A possibilidade de trazer visibilidade à babá, compreender as práticas de cuidado infantil e crenças, se tornaram o grande desafio da pesquisa. Assim, espero que as contribuições decorrentes da tese possam ampliar estudos científicos em relação a figura da babá.

Introdução

A figura da babá parece resistir às inúmeras transformações que acompanham a história da civilização humana. É possível notar sua presença em registros datados de meados do século XVII a. C., na sociedade mesopotâmica. Nesse contexto, onde foi instituído um dos primeiros códigos de leis para sociedade (Código de Hamurabi), há um parágrafo que trata acerca da ama e de sua função para com a criança e a família (Barbieri & Couto, 2012).

Ao longo do tempo, houve diferentes nomenclaturas para o termo babá. Inicialmente ela foi conhecida como ama-de-leite; no contexto brasileiro, foi a ama preta, ou mãe preta, depois se tornou a bá, a babá, a *babysitter* ou a *nanny*, em contextos internacionais. Seu trabalho também sofreu alterações, principalmente no que diz respeito à amamentação. Cabia à ama, nutrir, cuidar e ensinar a criança, todo esforço deveria ser empregado com o objetivo de facilitar a vida da criança. Contudo, após os apelos higienistas do início do século XIX, a ama passou a ocupar outras funções na família e, conseqüentemente, um possível esvaziamento da sua posição pode ser observado (Ariès, 2006).

No contexto brasileiro, sua presença está intrinsicamente relacionada à chegada da família imperial. Tal aspecto pode ser observado em antigos retratos que revelam imagens de amas negras com crianças. No contexto português, o hábito de contratar uma ama era comum em quase todas as camadas sociais, com a finalidade de amamentar e cuidar da criança, até por volta dos sete anos de idade. Embora não seja possível encontrar muitos estudos acerca de sua presença na sociedade portuguesa, sua figura aparece estampada em cerâmicas, crônicas literárias e registros da realeza, indicando sua existência nos mais diversos contextos (Sá, 2011; Santos, 1987; Silveira, 2014).

Na contemporaneidade, sua presença volta a ser mais marcante, exercendo um papel fundamental na família, sobretudo quando há crianças pequenas. Cabe a babá, o papel de auxiliar e compartilhar nas demandas relativas ao cuidado infantil, assim como contribuir nos ajustes das atividades decorrentes da rotina familiar (Goldstein, 2003).

Quando a família opta por contratar uma babá, essa escolha pode suscitar algumas ponderações. A primeira se refere à própria história da babá, as condições que levaram a escolha dessa profissão, seu contexto de pertencimento e sua trajetória de desenvolvimento. A segunda questão, trata da relação entre mãe e babá e as possíveis contradições que essa convivência pode suscitar. Na perspectiva materna, a babá deve ser responsável por auxiliar nas rotinas e práticas de cuidado infantil e, dessa forma, ela não deve ser alguém que represente uma “substituta materna”. Por outro lado, existe o sentimento de gratidão, confiança e fidelidade para com aquela que compartilha dos cuidados da criança, demonstrando o estreitamento das relações que são compartilhadas. Pelo olhar da babá, o cuidado com a criança pode desencadear um deslocamento de afeto, ou seja, ela cuida como “se fosse seu filho”. (Silveira, 2014).

Em função das práticas de cuidado que são compartilhadas pela babá, sabe-se que sua presença e o modo como realizam tais cuidados poderão influenciar o desenvolvimento da criança. Sendo assim, elas poderão transmitir crenças e valores decorrentes de seu contexto sociocultural (Bandeira et al., 2009). Portanto, a tese tem por objetivo investigar as práticas de cuidado de babás, nos contextos brasileiro e português, tendo como referencial teórico a perspectiva do desenvolvimento sociocultural.

O primeiro capítulo apresenta o desenvolvimento como sendo um processo que interrelaciona os aspectos sociais e culturais. Por conseguinte, aponta os pressupostos que envolvem essa abordagem, a complexidade do conceito de cultura e sua influência no desenvolvimento. Além disso, é abordado a importância do cuidador e as experiências interpessoais que são vivenciadas com a criança, resultando nos sistemas de cuidado ou sistemas parentais. Para o fechamento do capítulo, apresenta-se a teoria de nicho de desenvolvimento, que atrela características da cultura e do desenvolvimento infantil.

O segundo capítulo se destina ao conteúdo de crenças. De acordo com a perspectiva sociocultural, as crenças são transmitidas desde as primeiras relações, estando presentes em atividades rotineiras, nas escolhas e decisões dos principais cuidadores, que servirão de modelo para as ações futuras (Kobarg et al., 2006, Seidl-de-Moura, 2005). Na sequência, apresenta-se práticas de cuidado infantil, trazendo contribuições do modelo parental, ou seja, dos seis sistemas de cuidado parental denominados: cuidados básicos, contato corporal, estimulação corporal, estimulação por objeto, contato face a face e envelope narrativo (Keller, 2002).

O terceiro capítulo discorre sobre o percurso das amas no contexto europeu, chegando até Portugal, onde o trabalho era exercido nas diferentes classes sociais. Para as famílias que dispunham de uma confortável situação financeira, a ama era contratada antes mesmo da criança nascer. Por outro lado, nas famílias de baixa renda, a criança era entregue ao nascer e, muitas vezes, a família não tinha nenhuma informação acerca da vida dessa trabalhadora. No contexto brasileiro, a figura da ama vigorou até quase o final do século XVIII, quando sua presença sofreu uma espécie de desqualificação, em decorrência da alta mortalidade associada a amamentação, e as inúmeras doenças que contribuíam para a mortalidade infantil.

O capítulo que se segue, o quarto, aborda, inicialmente um panorama dos dois contextos pesquisados, apresentando algumas similaridades e diferenças entre eles. Após, há a contextualização do termo *babá* e determinadas especificidades que o acompanham. Na cultura portuguesa, por exemplo, existe uma diferenciação entre o trabalho realizado por *babysitters*, *nannies* e *amas*. Quanto ao contexto brasileiro, a profissão da *babá* possui algumas particularidades, em relação à legislação brasileira e ao perfil dessas trabalhadoras.

O quinto capítulo trata de uma revisão de literatura, apresentando publicações nacionais e internacionais, dos últimos sete anos, que convergem com a temática do estudo.

O capítulo a seguir, o sexto, tem como foco o objetivo geral do estudo proposto, bem como os desdobramentos que foram descritos a partir dos objetivos específicos. O sétimo capítulo apresenta a justificativa da referida tese.

O oitavo capítulo se refere a descrição da metodologia da tese, identificando o delineamento da pesquisa. Em seguida descreve-se o perfil dos participantes, as tarefas realizadas e os procedimentos adotados para a pesquisa. Para finalizar, apresenta-se a forma de análise dos dados.

O nono capítulo apresenta os resultados e a discussão da tese. A primeira análise faz referência ao estudo no contexto brasileiro. No segundo momento, foram apresentados os dados analisados no contexto português e, por fim, a análise entre os dois países. É importante destacar que nos dois contextos foram realizadas duas análises, a primeira realizada pelo software *IraMuTeQ*, seguida da análise de conteúdo de Bardin.

No décimo capítulo, encontram-se as considerações finais, as conclusões e limitações do estudo, bem como as contribuições referente a temática da tese. A

seguir são apresentadas as referências bibliográficas que serviram de fundamento para a construção da tese. E por fim, os apêndices e anexos utilizados para a realização da coleta de dados.

1 A Perspectiva Sociocultural

A Psicologia do Desenvolvimento vem, ao longo do tempo, ampliando seus estudos, principalmente nos países em desenvolvimento como o Brasil. Contudo, embora as pesquisas tenham avançado, há muitos estudos provenientes de países americanos, europeus, australianos e neozelandeses conforme Seidl-de-Moura (2005) argumenta.

Inicialmente, a proposta foi estabelecer uma abordagem abrangente que pudesse abarcar, de alguma forma, as descrições e explicações de funções psicológicas superiores, no que tange às ciências naturais. É válido destacar que a estrutura teórica dessa abordagem, direcionada ao desenvolvimento, focava nas mudanças do comportamento no decorrer do tempo, levando em consideração mudanças na forma e na estrutura do comportamento e nas características básicas (Vigostki, 2007).

Ao fazer referência sobre as mudanças do comportamento e da consciência, Vigotski (2007) evidenciou fundamentos de origem marxista. O autor apontou que as mudanças ocorridas na sociedade e ao longo da história, que afetaram tanto a consciência e o comportamento, foram mediadas pela interação do uso de signos, tais como: linguagem, escrita, sistemas numéricos e pelo sistema de instrumentos que foram desenvolvidos no percurso da história do homem. Portanto, para ele, as transformações que o indivíduo vivencia ao longo de seu desenvolvimento são oriundas no campo social e cultural.

Nessa perspectiva, o desenvolvimento deve ser observado como um processo, atentando para as transformações qualitativas, a plasticidade do organismo e os contextos culturais e históricos. A premissa compreende a dialética das linhas biológica e cultural ao estudar a inter-relação desses componentes no que

diz respeito ao desenvolvimento. A importância dessa interação foi representada pelo sistema funcional da aprendizagem (Vigotski, 2007).

O aspecto do aprendizado está vinculado aos estudos direcionados ao comportamento animal. Os sistemas funcionais mais básicos foram denominados elementares e fazem parte das primeiras estruturas, as biológicas. A próxima estrutura que emerge desse processo são as estruturas superiores, que fazem parte do desenvolvimento cultural. Quando se trata da teoria do desenvolvimento, as estruturas elementares são incorporadas em outros sistemas de aprendizagem, o que acarreta novos sistemas psicológicos. Como esse fator ocorre ao longo do desenvolvimento, esse sistema tem sua plasticidade e sua adaptabilidade, de forma que a criança vá aprendendo novas habilidades e tendo diferentes aprendizados.

Um dos aspectos da contribuição de Vigotski (2007) para a perspectiva do desenvolvimento sociocultural ou sócio-histórica, trata da complexidade do fenômeno humano a partir da sua história. O homem é entendido como um ser racional resultante da filogênese, história cultural e como dominador de seu destino. Para este autor, houve dois períodos importantes na história humana. O primeiro trata da evolução biológica. Embora o autor tenha se fundamentado na teoria darwiniana, ele acreditava que as diferenças entre homens e animais, em termos de faculdades mentais, tinham como origem a cultura humana, seu domínio e a emancipação da natureza, através do uso de ferramentas. O segundo seria o período da história em que o ser humano estabeleceu controle sobre a natureza, fatos norteados pelo marxismo e pela teoria de Engels.

De acordo com essa perspectiva, o comportamento humano, em termos de cultura, é resultado de três gêneses: evolução da espécie, história cultural e ontogênese. Estes processos não ocorrem paralelamente, mas sim, dialeticamente,

proporcionando um novo desenvolvimento. Em relação à filogênese, a criação e utilização de ferramentas por outras espécies proporciona um pré-requisito psicológico para o desenvolvimento de uma história cultural. Quanto à ontogênese, a união da filogênese com a história cultural, mediada pelo comportamento, resulta em ferramentas simbólicas, como a aquisição da linguagem (Vigotski, 2007).

No plano ontogenético, há duas linhas de desenvolvimento, a natural e a cultural. A linha natural refere-se ao nascimento e os processos decorrentes do crescimento e amadurecimento dos processos mentais inferiores. Quanto ao aspecto cultural, Seidl-de-Moura (2005) argumenta que as ferramentas de mediação promovem uma transformação do que foi experimentado na linha natural. De acordo com essa perspectiva, o desenvolvimento cultural não tem o foco voltado para a criação de nada novo além daquilo que já existe na linha natural. Contudo, a interação com outros elementos proporciona acesso aos processos mentais superiores.

Para Vigotski (2007), não existe separação entre a evolução biológica e a história natural, ou seja, as capacidades ocorrem de forma imediata. Para ele, o desenvolvimento é um processo que acontece no plano interpessoal. Tal acontecimento é mediado por instrumentos culturais, como a fala e símbolos abstratos, dentre outros.

1.1 Pressupostos da perspectiva sociocultural ou sócio-histórica

O pensamento de Vigotski (2007) acerca da perspectiva sociocultural, encontra seu principal postulado nas qualidades singulares da espécie humana e nas transformações ocorridas com a participação do homem, ao longo dos diferentes contextos socioculturais que as gerações já vivenciaram. As experiências vividas

no decorrer de um processo de desenvolvimento, a internalização de novos aprendizados, são refletidas particularmente na cognição humana, e, através dela, há a possibilidade de compartilhar com seus semelhantes o que foi aprendido.

O desenvolvimento humano, no cenário sociocultural, abrange os planos microgenético, ontogenético, sociocultural e filogenético. O plano microgenético trata de um desenvolvimento voltado para a habilidade nos mínimos requisitos, de acordo com o contexto específico em que o indivíduo se encontra inserido. O nível ontogenético fala do desenvolvimento ao longo do ciclo vital, as estruturas que serão construídas a fim de atender as necessidades socioculturais. O outro plano, sociocultural, aponta para o desenvolvimento do organismo ao longo das gerações e o filogenético, trata especificamente, da história da espécie (Vigotski ,2007).

Essa abordagem apresenta aspectos sociais, individuais e do desenvolvimento no contexto histórico-cultural ou sociocultural. Os fatores individuais envolvem atividades, práticas interpessoais e conteúdos históricos culturais. O que emerge do ciclo de vida do indivíduo está relacionado com processos advindos da história cultural e da filogênese. Assim, a cultura não é característica singular da espécie humana, além de não ser substituída pela filogênese. Ao que tudo indica, há uma interação dialética entre a história da espécie e a cultura (Seidl-de Moura, 2005).

A respeito da cultura, a perspectiva antropológica, leva em consideração a mente do indivíduo e seu funcionamento. As pesquisas que relacionam psicologia e cultura são fundamentadas a partir de requisitos. O primeiro trata de características na história de qualquer sociedade e o ambiente natural. Em seguida, os métodos habituais pelos quais as crianças são cuidadas nessa sociedade, a solidez psicológica e efeitos fisiológicos nos membros dessa sociedade. Por último,

sistemas culturais projetivos-expressivos desses membros, segundo Harkness e Super (1986).

Cole (1995) aponta a importância de se apresentar uma psicologia voltada para a pesquisa sociocultural, que mostra os fundamentos teóricos baseados em uma metodologia estruturada e em um conjunto delineado de prescrições. Alguns pontos favorecem esse pensamento, por exemplo, o desencanto pelas ciências sociais positivistas, o distanciamento do apoio frente à teoria piagetiana. Além disso, o ceticismo relacionado aos estudos voltados para a inteligência artificial, um fracionamento da psicologia e, a busca por alternativas possíveis diante da teoria da aprendizagem social.

O pressuposto característico da espécie humana, do ponto de vista da história cultural, é a capacidade precisa e a habilidade de ocupar um ambiente transformado pelas atividades de membros anteriores de sua espécie. Tais transformações e mecanismos foram resultados da aptidão e propensão humanas para criar e usar artefatos do mundo material, de acordo com a integração entre o ambiente físico e social. A ideia de que a mediação dessas atividades, através de artefatos caracteriza-se, fundamentalmente, dos processos psicológicos humanos e seu ambiente é encontrada em várias atividades tradicionais de muitos países, segundo aponta Cole (1995).

Implícita ou explicitamente, tais formulações enfatizam o duplo ambiente de ações que são mediadas por artefatos. Há uma ferramenta ou significado auxiliar definido pelos respectivos objetivos do comportamento, as tarefas. O link entre os momentos da atividade humana foi sumariamente ordenado por Vigotski. O ponto central do paradigma flui, necessariamente, da premissa dessa capacidade de mediação.

A análise histórica ou genética é o pilar essencial dessa metodologia, pois a cultura e o comportamento mediado emergem como um processo único da vida do homem. Para entender o funcionamento do comportamento mediado culturalmente, faz-se necessário conhecer os processos de mudança e transformação que são definidos, em todo o tempo. Uma teoria completa demanda simultaneamente, análises de diversos níveis, porque qualquer fenômeno psicológico surge de processos interacionais ocorridos em todos os níveis da vida humana: filogenético, histórico-cultural, ontogenético e microgenético.

A ideia de entender o comportamento significa compreender a sua história ou a gênese deste, reconhecida como princípio fundamental das abordagens histórico-culturais no estudo da natureza humana. No entanto, a apresentação atual desse conceito na prática de psicólogos histórico-culturais, tem restringido implementações de somente partes deste paradigma geral. Cole (1995) afirma que programas de pesquisa que envolvam outras áreas como a filogenética, o histórico-cultural, a ontogênese e a microgenética integrados com outros campos do saber, não tem sido expandido. Pelo contrário, as academias têm focado em um único domínio genético (onto ou microgenético, em sua maioria), ou em relação entre dois domínios próximos (ontogenética e mudando para processos microgenéticos). A razão para este estado segue o raciocínio de que a filogenética e o histórico-cultural mudaram vagarosamente, comparado em relação à ontogenética, por isso se pensava que a integração de pesquisas seria impossível.

Nas declarações iniciais clássicas da psicologia histórico-cultural, a cultura é representada somente em forma restrita e abstrata, designada para destacar uma propriedade crucial de mediação através dos artefatos. Para o autor, artefatos não existem isoladamente. Aliás, eles são entrelaçados entre si e, a vida humana social

começou a ser mediada a partir de infinitos caminhos, sempre paralelos. Considerados em conjunto, os artefatos constituem o único suporte da vida humana, a cultura.

Em termos de artefatos, há três níveis hierárquicos. O primeiro é diretamente usado na produção de computadores, nas redes de telecomunicações e nos personagens culturais mitológicos. Este nível corresponde intimamente conceitos de ferramentas/instrumentos, como são normalmente usados. O segundo nível consiste nas representações provenientes do primeiro nível e nos modos de ação usando os elementos desta etapa. O último nível refere-se a uma classe de artefatos que são constituídos de um mundo relativamente autônomo, em que cada regra, convenção não parece diretamente prática, ou livre para uma atividade (Cole, 1995).

A noção de cultura como um mediador especial da vida humana é certamente familiar para os teóricos históricos culturais. Para as raízes latinas, o conceito se relaciona aos processos de crescimentos. Ao longo dos séculos, esse termo destina-se a tendência de crianças somada aos componentes culturais e animais. A cultura, nesse entendimento, foi atrelada a uma teoria geral de como se promove o desenvolvimento, ou seja, em um ambiente artificial onde organismos mais jovens podem oferecer ótimas condições de crescimento.

O conceito de cultura ocorre tanto na disciplina da biologia como nas ciências sociais. O autor afirma que somos levados a pensar cultura como sendo “tecidual”, como mediações especiais dentro da qual, células de tipos apropriados proliferarão. Cultura, entendida dessa maneira, existe como uma mediação especificamente humana, da qual o motivo do desenvolvimento se sustenta em uma teoria tradicional do desenvolvimento (natureza – nutrição, biologia – ambiente, indivíduo – sociedade). Tais fatores são inter-relacionados como produtos da

relação desenvolvimento – cultura, portanto, não devem ser aplicados como uma variável independente, no estilo de pesquisas transculturais tradicionais, segundo Cole (1995).

Esse autor afirma que, durante anos, suas ideias acerca das regras de culturas em desenvolvimento foram influenciadas por psicólogos russos associados com a escola de cultura histórica de Vigotski e Luria. Suas formulações centrais basearam-se na noção que o ser humano é distinto de outras criaturas em um ambiente transformado por artefatos de gerações anteriores. Assim, a função base desses artefatos é coordenar o ser humano com o meio ambiente e com o outro.

De acordo com essa posição, artefatos culturais são simultaneamente ideais, conceituais e materiais. Eles se caracterizam por ideias, pois contém um código que formam as interações das quais anteriormente faziam parte e são mediados no presente. São materiais porque existem apenas na medida em que estão incorporados nos artefatos materiais. Conforme Cole (1995) aponta, a característica especial da vida humana mental baseia-se nas características de um organismo que habita, transforma e recria um mundo mediado por artefatos.

O autor aborda a dificuldade e complexidade do conceito de cultura. No século XVI, a cultura começou a se referir ao cuidado das crianças, a atividades realizadas na comunidade e ao trato com animais. Desde o início, a ideia central desse conceito foi proporcionar o crescimento combinado com uma teoria geral que direcionasse para essa perspectiva. Para explicar a cultura, ele usou uma metáfora denominada “jardim”. Nesse sentido, os jardineiros devem acompanhar, simultaneamente, duas classes, ou seja, o que acontece dentro e fora do jardim. Esses dois aspectos são interdependentes. Dentro do jardim deve-se atentar para “todo tipo de planta”, considerar o solo, a melhor maneira de cultivá-lo, os tipos de

nutrientes. Além disso, a quantidade certa de umidade, a melhor época de plantar e nutrir as sementes, além da necessidade de proteger as plantas contra predadores e doenças. Cada uma dessas tarefas tem sua própria especificidade quanto à escolha do material, ferramentas e conhecimentos associados. Essa metáfora explicita a complexidade e o esforço envolvidos na delimitação de conceito de cultura e seus desdobramentos.

A teoria e a prática do desenvolvimento se concentram em encontrar a combinação certa de fatores para promover a vida dentro das paredes do jardim. Esse sistema de atividades foi denominado de 5ª dimensão. Em termos de analogia, a 5ª dimensão torna-se especial para designar a cultura mediada que promove o desenvolvimento intelectual e social, relacionados a crianças com idade compreendida entre seis e doze anos.

A utilidade de pensar a cultura como um meio constituído de artefatos historicamente acumulados, organizados para realizar o crescimento humano, deve ser demonstrado por sua capacidade de ajudar a sustentar os processos de aprendizado e desenvolvimento. Segundo Cole (1995), um dos desafios do estudo do desenvolvimento está voltado ao controle que é destinado as sequências de formas e funções, que caracterizam o crescimento do organismo ao longo do tempo. No que diz respeito ao desenvolvimento biológico, sabe-se que quando as células começam seu processo de multiplicação, inicia-se uma variedade de formas e tudo vai sendo restringido a um código genético. Contudo, limitações culturais não estão contidas nas formas biológicas, mas estão incorporadas no material, nos artefatos que mediam a vida da comunidade. De importância crucial para a compreensão da cultura como constituinte do desenvolvimento, a projeção dos pais sobre o futuro

de seus filhos torna um material fundamentalmente importante, organizando as experiências de vida da criança.

Diante disso, a natureza humana é o resultado da perspectiva biosociocultural que foi construído ao longo de um processo de evolução. Essa possível articulação, entre aspectos da biologia evolutiva atrelada a psicologia cognitiva abre espaço para a inserção da psicologia evolucionista, que tem como uma de suas principais expoentes, a autora Heidi Keller (Seidl-de- Moura, 2005).

Os processos relativos ao desenvolvimento funcionam como auxílio entre aquilo que é predisposto biologicamente e as informações obtidas no ambiente, provenientes da cultura. Isso significa que tanto o que é herdado biologicamente quanto o que é assimilado e aprendido culturalmente fazem parte do mesmo processo de desenvolvimento, conforme Keller (2002).

Para essa autora, a abordagem da psicologia evolucionista, apresenta causas próximas, que são aspectos somáticos, sociais e psicológicos, ou seja, focam em questões relacionadas a compreensão da dinâmica interacional. A causa final trata da contribuição oferecida pela reprodução genética ideal. Essas causas apontam para a origem e a função dos padrões de desenvolvimento. Quanto ao que será produzido no final dessa interação, encontra-se o gene como unidade de análise. Portanto, o foco central da perspectiva evolucionista reside nesse componente.

A partir das adaptações genótípicas, os efeitos podem ser observados em programas fixos, que representam a codificação do DNA desse gene ao longo do tempo. Outro tipo de programa encontrado é o aberto, que são apresentados de maneira efêmera no ambiente para receber informações através da aprendizagem. Entende-se assim que a interação social, em parceria com o modelamento do

cérebro e as representações mentais, organizará as conexões neurais e, permitirá o fundamento psicológico do indivíduo.

O aprendizado, nos programas genéticos abertos, não possui propriedades universais. Ele deve ser viabilizado em torno do conteúdo que se deseja ser aprendido, no momento dessa aprendizagem. Portanto, tanto a interação entre o conteúdo e o tempo, na perspectiva da psicologia evolucionista, relaciona-se às regras epigenéticas ou também chamada de “tendências centrais”, de acordo com Keller (2002).

O entendimento desse ponto pode ser aplicado para a vivência do bebê humano. Uma vez que ele é predisposto a receber informações ambientais, isso será fundamental para o modelamento do desenvolvimento psicológico e neurofisiológico. O período inicial de vida do bebê é crucial para algumas funções que seguirão ao longo do ciclo de vida, podendo ser ajustado e modificado (Keller, 2002).

Um dos primeiros fatores necessários para que a criança se desenvolva, inicia-se do desenvolvimento relacionado ao seu cuidador principal. Esse processo será guiado pelas regras epigenéticas orientando a atenção da criança para esses primeiros parceiros sociais. As experiências interpessoais que decorrem desse contato encontram-se inseridas nos sistemas de cuidado, que são resultado de adaptações frente aos desafios impostos pelo ambiente regulado, comportamento, bem como pelo funcionamento fisiológico. De acordo com os pressupostos de Keller (2002), os sistemas de cuidado são conhecidos como o conjunto de habilidades do comportamento que emergiram diante das demandas ambientais.

Na perspectiva evolucionista, guiada para a etologia, os sistemas de cuidados foram ampliados para sistemas parentais. Conforme Keller (2002)

argumenta, esses sistemas podem ser desenvolvidos por qualquer pessoa e não exclusivamente os pais. Assim, ela propôs que os primeiros meses de vida do bebê serão norteados por atenção primária, contato corporal, estimulação corporal, estimulação por objeto e troca face a face. O desenvolvimento em termos psicológicos e comportamentais na vida do bebê será organizado a partir da interação do cuidador, no que diz respeito a atenção, sensibilidade, contingência a calor emocional. Os sistemas parentais em junção com mecanismos interacionais representarão o investimento parental voltado para atender as necessidades do bebê e, serão orientados a partir do tom emocional, do calor, do tempo, da energia.

Outro pressuposto da abordagem sociocultural é discorrido por Harkness e Super (1986), na qual traçam um paralelo importante entre a antropologia e a teoria do nicho de desenvolvimento. De acordo com os autores, pesquisas em desenvolvimento humano foram moldadas em duas imagens contrastantes: a primeira trata da singularidade individual em um “*setting*” controlado cuidadosamente, demonstrando que características comportamentais ocorrem em certos níveis de funcionamento. A metáfora do desenvolvimento, nesse ponto, demonstra a emergência de estruturas e funções, além da sequência de transformações para a espécie e ordem humana que foram descobertas e detalhadas em condições laboratoriais. A segunda imagem evoca questões de modulações pela cultura, em particular, padrões de comportamentos que são adaptados ao contexto. Esses aspectos foram tratados na psicologia, contudo, o comportamento de indivíduos em contextos culturais foi alvo de domínio antropológico.

Ao contrário das teorias verticais na Psicologia do Desenvolvimento, as teorias antropológicas foram apresentadas como um panorama horizontal, com variações humanas. Contudo, estudos antropológicos são desenhados sobre teorias

psicológicas, em termos de formulações entre cultura e indivíduo. Pesquisas nessa linha têm obtido reconhecimento de que aquilo que é observado em laboratório pode ser um artefato cultural incorporado em um significado regulado socialmente. Os contrastes entre esses paradigmas descritos continuam com uma função na criação e apresentação de pesquisas em desenvolvimento humano, além da integração entre essas metáforas que estão em constante alteração (Harkness & Super, 1986).

Nesse sentido, a introdução do nicho de desenvolvimento é útil para pensar a pesquisa em cultura e desenvolvimento infantil. Ele fornece uma estrutura como exemplo de efeitos da característica cultural sobre a criação de crianças em interação com parâmetros gerais de desenvolvimento. O conceito apresentado pelos autores encontra-se na junção das preocupações teóricas em psicologia e antropologia, na tentativa de apreender características importantes em ambas as disciplinas. As configurações física e social, os costumes de cuidado infantil e a psicologia dos cuidadores são os três subsistemas do nicho de desenvolvimento, cada um com sua própria relação com o ambiente. Esses três aspectos compartilham a função de mediação das experiências do desenvolvimento do indivíduo com a cultura e formam o contexto de desenvolvimento da criança (Harkness & Super, 1986, 1996, 2005).

Acerca do ambiente físico e social, os autores relatam que, indivíduos que frequentam os ambientes nos quais a criança está inserida, parecem ser especialmente formadores de comportamentos sociais. Tal aspecto é corroborado pela interação infantil dada através da oportunidade de práticas de cuidados. Nas pesquisas realizadas por Harkness e Super (1994), no Kenya, após a observação de práticas de cuidados infantil, diferentes aspectos do desenvolvimento foram

considerados como universais. O ato de dormir foi um desses aspectos investigados. Enquanto bebês do Kenya dormem com suas mães e nunca são deixados sozinhos durante o dia, bebês americanos, geralmente, dormem em suas próprias camas, em um quarto separado e ficam sós em locais silenciosos ao longo do dia. Outro exemplo do poder do ambiente em determinar o desenvolvimento de aparentes comportamentos universais trata da questão de gêneros em grupos. Uma pesquisa americana estabeleceu a tendência de meninos e meninas associarem, preferencialmente, a membros do seu próprio sexo, principalmente na pré-escola. No contexto africano, entretanto, as crianças na metade da infância procuram relacionar-se com grupos mistos (Harkness & Super, 1994).

Em relação aos costumes de cuidado infantil, Harkness e Super (1986), fazem referência à sequência de comportamentos usados pelos membros da comunidade, que são integrados culturalmente e não precisam de racionalização individual. Portanto, não são necessariamente manifestos através de pensamentos conscientes. Tais costumes de cuidado incluem não somente uma rotina, mas também mecanismos complexos e institucionalizados como rituais de circuncisão e mandar a criança para escola. São estratégias de comportamentos delineadas de acordo com a idade da criança, no seu contexto de particularidades.

A psicologia dos cuidadores inclui etnoteorias de comportamento e desenvolvimento da criança, bem como orientações afetivas aprendidas pelos pais que trouxeram de suas experiências. A mais importante das etnoteorias são as crenças relativas a natureza e as necessidades das crianças, objetivos parentais e comunitários de criação, além das crenças dos cuidadores acerca de técnicas eficientes de cuidado. Essa psicologia dos cuidadores organiza estratégias parentais de cuidado infantil tanto para noções imediatas quanto a longo prazo. Ela promove

uma estrutura de desenvolvimento infantil a partir do quanto é investido em comportamento e processos universais (Harkness & Super, 1995, 2007).

De acordo com os autores, o termo “nicho” foi desenhado para a ecologia biológica, no qual era utilizado para se referir a um lugar ou função no organismo dentro de um biosistema. Portanto os três aspectos do nicho operam de modo coordenado, cada componente interage diferentemente com outras características de larga ecologia, sendo que o organismo e o nicho são mutuamente adaptáveis. Nesse sentido, o primeiro trata do nicho de desenvolvimento como um sistema com mecanismos homeostáticos que promovem consonância entre si. Em segundo lugar, cada um dos três subsistemas é incorporado, em diferentes aspectos da ecologia do homem. O nicho é um “sistema aberto” dentro do senso formal. O conceito de nicho de desenvolvimento é designado em parte para facilitar a identificação de mecanismos específicos que embasam aspectos em larga escala, de achados em diversas culturas. Tal elemento demonstra que os três componentes são diferentemente responsivos a características de grandes culturas e ambientes. Além disso, o nicho também é adaptativo e o resultado é uma integração entre organismo e nicho, uma co-evolução de sistemas ambiente-indivíduo. A mesma mutualidade ocorre no nicho de desenvolvimento. Certamente crianças adaptam ao seu meio ambiente, essa é a base de muitos achados literários concernentes a efeitos do meio ambiente e do desenvolvimento infantil. Existe ainda, uma adaptação complementar do meio ambiente, a co-evolução.

Outro dado interessante tratado por Harkness e Super (1994) afirma que o nicho de desenvolvimento da criança não permanece constante por muito tempo. Em grande parte, é uma acomodação ambiental para o indivíduo em crescimento, mas a qualidade e o momento das mudanças no nicho trazem a marca da cultura.

Ainda é importante ressaltar que há a sinergia com a sequência de nichos que cria efeitos mais poderosos a longo prazo na cultura sobre o desenvolvimento.

As teorias ocidentais de desenvolvimento, além da posição behaviorista mais extremada, localizam estágios discretos no crescimento psicológico, um análogo hierárquico orientado para o equilíbrio pontuado na teoria evolucionária. Nos Zulus, os valores de obediência e responsabilidade forneceram um tema central de continuidade em sucessivos nichos de desenvolvimento na infância. O compartilhamento de cuidados primários, a proximidade com outros cuidadores e, a consequente necessidade da criança adaptar as exigências de rotinas de vida com outras pessoas constitui uma lição: a criança é parte de um grupo social cujas necessidades moldam sua vida momento a momento, tal como acomodará suas necessidades (Harkness & Super, 2007).

2 Sistemas de crenças e práticas de cuidado infantil

2.1 Sistemas de crenças

O desenvolvimento humano é um processo contínuo que associa cultura e biologia, a partir da visão sociocultural (Cole, 1998; Keller, 2007; Seidl-de-Moura, 2012). Nessa perspectiva, o estudo relacionado a este desenvolvimento, envolve aspectos da parentalidade, crenças, valores, trajetórias de socialização e práticas de cuidado infantil (Mendes & Ramos, 2020).

No percurso da história, autores como Miller (1988) e Goodnow (1988), trabalham com a terminologia de ideias parentais, não reconhecendo o uso da palavra sistema de crenças ou apenas crenças. Nessa perspectiva, ideias se referem a qualquer tipo de pensamento que os pais possuem acerca do desenvolvimento cognitivo dos filhos, envolvendo aspectos relacionados a julgamentos, atribuições ou outras manifestações. Como não há um termo único para crenças, existem aspectos que corroboram seu estabelecimento em determinado contexto. Isso pode ser observado nas atitudes dos pais, como consequência dos valores provenientes do contexto cultural e social.

Para Rokeach (1981), a definição de crenças envolve um componente psicológico. Esse sistema contém todas as crenças que tratam da realidade física e social de um indivíduo. Elas estão contidas em uma sequência lógica distribuídas em quatro grupos. As primeiras estão no grupo formado pelas crenças existências versus não-existenciais. Crenças existenciais são caracterizadas por estarem ligadas a própria existência do indivíduo e à sua identidade no mundo físico e no contexto social. Elas possuem mais conexões e funcionalidades do que as demais crenças.

O grupo seguinte é composto pelas crenças compartilhadas versus crenças não compartilhadas, ou seja, crenças que se referem à existência e autoidentidade

podendo, ou não, ser compartilhadas. Entende-se por crenças compartilhadas aquelas que tem mais ligações e consequências funcionais do que as que são não compartilhadas. A seguir, há as crenças derivadas versus crenças não derivadas. O conceito de crenças derivadas implica no contato indireto entre pessoas e grupos e, portanto, tem menos ligações e consequências funcionais com outras, do que as crenças das quais são derivadas. E, finalizando, há as crenças relativas versus não relativas, relacionadas a questões de gosto. Tais crenças podem ser identificadas possuindo menos ligações e funcionalidade com as outras crenças que não representam questões de gosto (Rokeach, 1981).

Para esse autor, o sistema de crenças é o resultado do mundo físico, social e do “eu”, totalizando as crenças de um indivíduo. Esse sistema apresenta cinco classes, que partem de uma dimensão central para a periférica, e são conhecidas como crenças primitivas do tipo A e B; crenças de autoridade, tipo C; derivadas, tipo D, e inconsequentes, tipo E.

As crenças primitivas tratam da realidade física, social e da natureza do eu. As do tipo A podem ser aprendidas a partir do encontro direto com o objeto da crença e, possuem um consenso total baseado nas referências entre pessoas e grupos. Crenças primitivas do tipo B independem do compartilhamento unânime entre outras pessoas e grupos, portanto, elas não possuem um consenso total. Essas crenças não dependem da opinião externa e, normalmente, estão ligadas a confissões de fé, fobias e ilusões, de acordo com Rokeach (1981).

O sistema de crenças não primitivas se origina de um processo seletivo de autoridade, podendo ser positivo ou negativo nos grupos que apresentam crenças divergentes. As autoridades atuam como fonte de informação entre o contexto familiar, sociocultural e religioso na formação desse sistema. As crenças derivadas,

tipo D, são constituídas pelas instituições religiosas, políticas e filosóficas, e podem ser responsáveis pela formação da identidade de um determinado grupo. Por último, Rokeach (1981) trata das crenças inconsequentes, que se relacionam com o gosto pessoal de cada indivíduo e não requerem um consenso social.

De acordo com Morales-Castillo (2020), crenças servem com filtros e guias que afetam a vida cotidiana, tem relação entre valores, conceitos obtidos pela experiência com o mundo. Para este autor, as crenças são analisadas a partir de três aspectos: crenças gerais, expectativa dos pais e a percepção sobre as habilidades da criança. As crenças gerais tratam dos atributos e experiências humanas vivenciadas ao longo do ciclo de vida. As expectativas acerca das crenças informam acerca das possibilidades de crianças alcançarem determinados objetivos. Por último, as percepções sobre as habilidades das crianças reveladas nas crenças, em termos de competência, podem ser dominadas quando atingem a adolescência (Morales-Castillo, 2020).

O conceito de crenças, na perspectiva sociocultural, também encontra diferentes terminologias. Para alguns autores, estão interligadas ao desenvolvimento humano, estabelecidas em um contexto. Esse aspecto pode ser observado no comportamento parental, relacionado a um sistema cultural e social. Assim, crenças e valores são compreendidos conjuntamente, a partir da rotina de atividades diárias, nas decisões e escolhas que visam ações futuras para os filhos. Podem ser compreendidas, também, como mediadores entre os valores e as práticas parentais, servindo como organizadores mentais para as ações (Kobarg et al., 2006; Seidl-de-Moura, 2009).

Há autores que tratam do termo “crenças parentais” como “etnoteorias parentais”, pois remetem ao mesmo entendimento, conforme aponta Harkness e

Super (1995). Para Rubin e Chung (2006), etnoteorias parentais se referem aos modelos culturais que os pais relacionam com suas famílias, crianças e na sua própria individualidade. Este modelo cultural está interligado a uma antropologia cognitiva que organiza as ideias compartilhadas pelos membros de um determinado grupo cultural. As etnoteorias parentais estão intrinsecamente relacionadas a ideias voltadas para ação e, de certa forma, é essa a força que motiva os pais para determinados comportamentos. Além disso, segundo Vieira et.al (2010), os modelos de cuidado que compreendem esses sistemas/etnoteorias, se relacionam à socialização. Desta forma, sua construção advém da história e são transmitidas como costumes.

Harkness e Super (2005), apresentam as crenças levando em consideração um modelo hierárquico. No topo estão contidas ideias acerca da natureza da criança, dos pais e da família. A seguir, estão as ideias mais específicas que dialogam com o desenvolvimento social e a regulação do sono do bebê. Nesse sentido, são adotadas práticas com o intuito de atender às necessidades do momento. O entendimento dessas ideias parte do conhecimento das características da criança, as variáveis situacionais de seu contexto, modelos culturais e as práticas de cuidado desenvolvidas. Como resultado desse modelo, são observadas as práticas ou crenças parentais, abrangendo aspectos parentais, práticas de cuidado com a crianças, além, do ambiente físico e social.

As etnoteorias parentais pertencem a um modelo que atrela condições ecológicas ao processo de desenvolvimento denominado de nicho de desenvolvimento. Esse modelo une, concomitante, o ambiente físico e social, os costumes e práticas de cuidado e as etnoteorias parentais. O ambiente físico e social está relacionado a organização social da família. Portanto, é necessário conhecer o

tipo de residência familiar, as condições e acesso à infraestrutura e interações do ambiente doméstico. Assim, pode ser observado se as crianças terão maiores ou menores oportunidades de interação entre outras crianças, parentes, vizinhos e comunidade ao redor (Harkness & Super, 2007).

Os costumes de cuidado abordam aspectos específicos do cuidado da criança propriamente dito, dos hábitos que permanecem na família, transmitidos entre gerações. Tanto os costumes quanto as práticas de cuidado podem modificar o ambiente físico e social. Os comportamentos, a forma de cuidar, são vivenciados naturalmente, intuitivamente, sem necessidade de reflexão. As práticas de cuidado englobam desde a rotina a ser estabelecida com a criança até decisões de quem cuidará da criança, a inserção na creche etc (Harkness & Super, 2007).

O último subsistema do nicho de desenvolvimento é constituído pelas etnoteorias parentais. Este ponto apresenta as expectativas dos pais e de como os cuidadores poderão executar as práticas de cuidado, que são provenientes das crenças, dos valores que tais cuidadores acreditam ser importantes para o desenvolvimento. Esses três subsistemas trabalham de maneira integrada através das interações entre pais e filhos, seguindo padrões de sua própria comunidade e da história de vida dos pais/cuidadores (Harkness & Super, 2007; Mendes, 2018)

Crenças são transmitidas desde as primeiras interações entre pais/cuidadores e bebês, determinando conteúdos socioculturais a serem propagados. Por conseguinte, direcionam para papéis a serem desenvolvidos durante o ciclo de vida do indivíduo, principalmente os papéis de mãe e pai. Tal aspecto revela a importância do papel do cuidador no processo de transmissão dos valores e normas culturais. Esse processo é mediado pelas crenças parentais e terão impacto na formação cognitiva da criança. As interações entre cuidadores e bebês/crianças,

serão refinadas a partir do modo como a atenção (exclusiva ou compartilhada) é dispensada. O tempo, a energia, o tom e calor emocional são tidos como constitutivos de mecanismos interacionais. Esses mecanismos estão contidos no sistema parental, acionados em diferentes composições e demandas ambientais (Silva & Pessôa, 2018).

2.2 Práticas de cuidado infantil

O cuidado com crianças é uma atividade que perpassa culturas e gerações. São rotinas abrangentes, mas que, ao mesmo tempo, apresentam traços distintos de uma espécie, contexto, cultura e individualidade. É possível notar, no Brasil, que essa prática entrelaça duas correntes, a portuguesa e a africana. O costume de colocar uma moeda amarrada no pescoço, ou uma chave para curar os sapinhos da boca dos bebês, bem como batizar as crianças com nomes de santos e alterar canções portuguesas, foram alguns exemplos que as amas realizavam ao cuidar das crianças brancas (Freyre, 2006).

As práticas de cuidado se referem às ações baseadas em crenças, costumes, rituais, realizados pelos membros de uma comunidade, tendo o objetivo de promover o crescimento, o desenvolvimento, a aprendizagem das crianças. Elas também servem como modelo de orientação para formação da identidade e de pertencimento social. Desse modo, o cuidado e a educação retratam o contexto sociocultural, podendo ser alterado a fim de atender a demanda de cada contexto. Como exemplo, em determinadas culturas do Pacífico, o ato de “curar o umbigo” é extremamente valorizado, uma vez que nessa cultura, a força ou dureza corporal, decorre de como esse processo será realizado. Para algumas comunidades indígenas, o ato de tomar banho só deve acontecer após o terceiro dia do

nascimento, como forma de manter o equilíbrio entre “o frio e o quente”. Assim, o recém-nascido será banhado com folhas quentes de eucalipto ou de rua (Ministerio de Educación Nacional y la Organización de Estados Iberoamericanos, OEI, 2018).

Através das práticas de cuidado infantil, os pais ou cuidadores podem comunicar as crianças, diferentes exigências decorrentes de atividades cotidianas, constituindo assim, um “controle das ações da criança”. O controle, contudo, não deve ser entendido como coerção, mas sim, uma possibilidade de reorientação de ações, visando estimular determinadas ações. As práticas de cuidado podem facilitar a transmissão de valores, nesse processo, cabe ao cuidador estabelecer como isso será realizado, de forma que atenda ao desenvolvimento. Há três elementos que se conectam ao cuidado infantil, a prática, o padrão e a crença. A prática se refere as ações em prol da sobrevivência da criança, promovendo crescimento, desenvolvimento e aprendizagem. O padrão trata da condução das ações, que são próprias de determinadas culturas. As crenças são associadas a ideias compartilhadas pelos membros do grupo e pertencentes a uma sociedade (Aguirre, 2000).

O entendimento das práticas de cuidado infantil decorre de crenças ou etnoteorias parentais, formulado a partir dos nichos de desenvolvimento, proposto por Harkness e Super (1994). Conforme foi dito anteriormente, as práticas de cuidado podem alterar ou manter determinados costumes, dependendo do ambiente físico e social ao qual a família esteja inserida.

De acordo com Keller (2012), é preciso pensar em uma relação entre o cuidador, suas crenças e valores entrelaçado com o papel ambiental. O resultado apontará para modelos parentais a serem desenvolvidos durante os primeiros anos de vida de criança. Nesse sentido, a autora propõe seis sistemas de cuidado parental:

cuidados básicos, contato corporal, estimulação corporal, estimulação por objetos, contato face-a-face e envelope narrativo.

O primeiro sistema, cuidados primários, é o mais antigo, filogeneticamente, do sistema parental, e se apresenta como sustentador no que se refere a questão da básica para sobrevivência da espécie, ou seja, alimento, proteção e higiene. O papel parental nesse primeiro momento surge para aliviar a angústia do bebê, promovendo alívio de alguma dor ou de experiência (Keller, 2005, 2012; Sena, 2020).

O segundo sistema, denominado contato corporal, se encarrega de proteger a criança a partir do contato direto com o cuidador. A proximidade entre a mãe ou outro cuidador com o bebê, promove o calor emocional e estimula um vínculo também emocional. Nesse sentido, há o desenvolvimento de sentimentos de parentesco e pertencimento, que parecem associar-se a aceitação de valores e normas, transmitidos por outras gerações, resultando na preparação do indivíduo para uma vida hierárquica entre familiares e comunidade. Tanto esse sistema, como o de cuidados básicos, segundo Keller (2002), estão presentes em outras espécies. Os próximos sistemas a serem descritos pertencem, unicamente, a espécie humana.

O terceiro sistema, de acordo com Keller (2002), é conhecido por estimulação corporal. Por meio de estimulações motoras e corporais, o organismo se desenvolve para que haja a adaptação necessária ao ambiente no qual se encontra inserido. O quarto sistema, por sua vez, é o da estimulação por objetos, que proporciona a descoberta do mundo dos objetos, bem como o ambiente físico, em geral. A expectativa desse sistema está relacionada à promoção do desenvolvimento da cognição, preparando a criança para um relacionamento social de maior independência.

O quinto sistema denomina-se contato face a face, caracterizado a partir das trocas estabelecidas pelo contato visual e uso da linguagem. Esse sistema exige do cuidador atenção e devoção de tempo nessa troca que promove sentimento de pertencimento. O último sistema desse modelo parental é o envelope narrativo que trata da linguagem utilizada na interação entre cuidador e bebê, que está presente nos demais sistemas apresentados (Keller, 2002, 2005).

De acordo com Sena (2020), no estudo com mães e babás da zona sul do Rio de Janeiro, foram percorridos comportamentos relacionados à prática de cuidados infantis. Na categoria denominada “cuidar do bem-estar”, as babás relataram como executam a prática de dar banho, como trocam fraldas, revelando a importância da criança estar sempre limpa, bem cuidada. Para elas, as crianças precisam estar sempre cheirosas, com cabelo penteado, unhas cortadas e roupas adequadas. Procuram também estabelecer rotinas, com horários para banhos de sol, passeios nas praças, almoço, soneca, lanche e jantar, e demonstram que sua participação na vida familiar abrange diferentes aspectos que contribuem para o desenvolvimento infantil. Ao falar sobre a alimentação, algumas babás tiveram o cuidado de preparar uma refeição que incluía legumes, frutas. Dar a comida para a criança parece ser um comportamento que requer muita paciência e, na tentativa de facilitar esse processo, as babás recorrem à tecnologia para que a criança “possa comer”. Esse comportamento também foi relatado pelas mães. Muitas se sentem frustradas, mas permitem que a criança faça uso do celular ou *tablet*, para brincar ou na hora da refeição.

Outra categoria mencionada foi a “atenção/segurança/proteção”. Esse aspecto foi demonstrado na forma como seguram os bebês para que possam dar os primeiros passos e na forma como o ambiente precisa estar preparado para o seu

desenvolvimento. Esse fator inclui brinquedos adequados, espaços e objetos da casa que precisam estar fora do alcance das crianças a fim de evitar que se machuquem. A respeito dessa categoria, uma babá relatou que a criança que fica sob sua responsabilidade, não pode entrar na cozinha de casa, porque os pais acreditam que esse lugar possa ser perigoso. Além desses comportamentos que são visíveis, mães e babás se preocupam em identificar as necessidades dos bebês ou crianças, sendo capazes de atender e compreender o seu choro e vocalizações. Ao tratar da segurança, mães e babás também se referiram a essa questão como um fator psicológico. O lar deveria ser um local de acolhimento e suporte para o desenvolvimento do bebê, promovendo condições para a saúde emocional (Sena, 2020).

A “manifestação do carinho” também encontra lugar nas práticas dessas cuidadoras. Acalentar a criança, abraçar, colocar para arrotar, aquecê-las quando saem do banho, beijar, cantar, contar histórias, brincar, foram alguns dos comportamentos relatados. Essas ações indicam a importância da interação cuidador-bebê desde os momentos iniciais, e que repercutem ao longo do processo de desenvolvimento infantil (Sena, 2020).

Nesse estudo, as mães nomearam algumas práticas de cuidado que aprenderam com as babás. Dentre essas, é possível destacar, a limpeza e organização do quarto do bebê, como segurar o bebê para amamentá-lo, cuidar do umbigo, dar banho e trocar fraldas. Através da parceria com as babás, puderam estabelecer uma rotina adequada, alimentos que precisavam ser introduzidos no dia a dia, como medicar a criança, brincadeiras aprendidas na infância e músicas que eram cantadas. Algumas das babás da pesquisa tinham sido contratadas antes do nascimento do bebê, e assim, foram introduzindo conhecimentos aos pais. Por outro

lado, as babás relataram que muito do cuidado realizado, advém de sua própria experiência de vida, dos contextos ao qual estavam inseridas e conhecimentos adquiridos mediante as práticas de cuidado com outros bebês e crianças. Há babás que dizem ter aprendido a como falar com a criança, observando o comportamento da mãe, como esta atua no cuidado com a família (Sena, 2020).

Nota-se, a partir das considerações acima, que as práticas de cuidado, realizadas tanto pelas mães quanto pelas babás, parecem voltadas para as experiências de trocas afetivas, atendendo a necessidade da criança e da família. Esse aspecto aponta para o investimento parental ou de outro cuidador, que precisa ser exercido por aqueles que estão em contato com a criança e que está direcionado aos sistemas de parentalidade propostos por Keller (2002). Esse investimento dispensado, principalmente, a crianças pequenas, às vezes, sobrecarrega mães quando precisam conciliar vida profissional e maternidade. A contratação da babá se torna fundamental para que as práticas possam ser desempenhadas com o máximo de qualidade e visando o desenvolvimento adequado da criança.

3 O percurso das amas e babás no contexto português e brasileiro

Em diferentes locais e culturas, a presença de mulheres acompanhando famílias ou sozinhas, empurrando carrinho de bebê, brincando com a criança em parques, pode ser observada. Elas também podem ser vistas em espaços destinados a aulas de natação, inglês, balé. Por vezes, é possível encontrá-las dando comida, participando de festas infantis, realizando inúmeras tarefas e cuidados que antes eram comuns aos pais. Essa figura, que parece ser tão presente no dia a dia de algumas famílias, teve sua trajetória modificada ao longo da História. Inicialmente denominadas como amas de leite, passaram a ser as “bás” da era colonial e, por último, se tornaram as babás. O fato é que elas ocuparam e ainda ocupam um papel relevante no processo da família na história. Para falar sobre esse assunto, é necessário percorrer caminhos que atravessam os estudos sociológicos, antropológicos e de outros campos do saber. Esse aporte interdisciplinar ajuda na compreensão do seu papel na sociedade e de como sua prática atravessou e influenciou gerações (Silveira, 2014).

De acordo com Barbieri e Couto (2012), o trabalho da ama e a primeira regulamentação da substituição do aleitamento materno por uma outra pessoa, data entre 1800 e 1700 A.C., no Código de Hamurabi. Também há a presença das amas de leite na Bíblia, na Grécia e na Roma Antiga. O livro de Êxodo relata a história de uma criança encontrada no Nilo pela filha de um faraó. Ao retirar o menino do rio, uma ama é encarregada não somente de amamentar, mas também, de criar e cuidar do infante até a maturidade.

3.1 Percurso da ama no contexto europeu e português

No contexto europeu, entre os séculos XVI e XVIII, Badinter (1985) apresenta os desenlaces da posição da mulher e da maternidade. A presença das babás já era uma característica observada tanto nas famílias de classes abastadas quanto nas camadas populares da sociedade. Após o nascimento de uma criança, era possível observar dois movimentos na família. O primeiro era a entrega do recém-nascido a uma ama, logo nos primeiros momentos de vida. O segundo fator tratava, das comemorações promovidas pela família à sociedade. Nesses festejos, o que menos importava era a vida da criança, que em muitas famílias, já estava sob os cuidados de uma ama. Na sociedade parisiense, desde o nascimento, a criança era entregue a uma ama.

Na cultura europeia havia, pelo menos, três maneiras de se contratar uma ama. A primeira era uma contratação que acontecia antes do nascimento da criança, sendo essa a opção das famílias mais abastadas. Os pais se atentavam para vários aspectos dessas mulheres, tais como: deveria ser uma mulher sadia, “bem-disposta, bonita, calma, nem gorda nem muito magra” e contidas quanto a paixões violentas. Nas famílias menos ricas, a contratação acontecia através de um intermediário, alguém que ficava responsável por encontrar uma ama que pudesse criar/cuidar da criança (Badinter, 1985).

Nessa perspectiva, não havia cuidado quanto a escolha da ama, muitas vezes ela não tinha leite para amamentar e as condições de vida eram muito precárias. Por último, o método mais conhecido e utilizado da época, era a contratação pelas messageiras, mulheres que ficavam em praças e mercados, recrutando amas que pudessem cuidar das crianças. Estas, muitas vezes, não tinham nenhuma informação acerca do recém-nascido, e entregavam as amas, sem saber onde

moravam e as condições que possuíam ou não. Esse tipo de atividade foi legitimado a partir do ano de 1715, na França (Badinter, 1985).

No contexto francês, a criança ficava sob os cuidados de uma ama até os quatro anos de idade. Normalmente, o desmame começava por volta dos quinze ou dezoito meses. Durante esse período, os pais raramente viam as crianças, em alguns casos, a comunicação acontecia através de cartas. Portanto, todo o cuidado e a criação de um infante, ficava aos encargos dessa trabalhadora. Quando as crianças voltavam ao lar, algumas eram entregues a uma governanta e, se fosse menino, após os sete anos, era encaminhado a um preceptor. Cabia a essa figura o ensino da leitura, escrita, história, geografia e algumas palavras em latim, conforme aponta Badinter (1985).

As relações entre mães e filhos se davam de forma muito restrita, distante e em ocasiões pontuais. De acordo com Badinter (1985), parecia que a mãe guardava seu afeto para um cachorro, que servia de brinquedo e estava constantemente em sua companhia. Para a criança, geralmente, era destinado uma convivência fútil, que causava timidez e medo no lugar do respeito e do amor filial.

Em Portugal, as famílias de classes abastadas entregavam seus filhos às amas, denominadas de *saiolas*. Essas mulheres eram camponesas pobres que viviam nas periferias. A contratação de uma ama revelava a situação social da família. Caso a ama fosse morar no domicílio familiar, indicava que a família dispunha de bons recursos financeiros. Diante disso, os benefícios eram experimentados tanto pelo bebê quanto pela mãe. Para o bebê, o seu desenvolvimento seria acompanhado de perto pela família e, para a mãe, poderia desempenhar suas atividades domésticas e sociais sem sacrifícios. No entanto, o pensamento da época se relacionava mais com a promoção social para a família, do

que a saúde e o bem-estar da criança. Quando a ama era contratada para ficar na casa da família, amamentando e cuidando do infante, alguns critérios eram exigidos por parte do contratante. Assim, a ama deveria ser casada e, durante o período da amamentação, precisava se abster sexualmente para que produzisse um “leite mais puro” (Sá, 2011; Santos, 1987).

Para as famílias que dispunham de poucos recursos, a solução seria a contratação das amas externas. Logo após o nascimento, a criança era entregue para ser criada distante dos pais, com pouco ou nenhum recurso, ficando à mercê da ama, que muitas vezes, precisava dividir o leite entre seus filhos e a criança que chegava. Segundo Sá (2011), diante dessa situação, algumas crianças eram destinadas a Roda dos Expostos. Esse local, destinado a receber os enjeitados, era composto de uma caixa onde o menor era colocado. A seguir, rodava-se um cilindro e a criança “desaparecia”, entrando no mundo da instituição caridosa. Esse era o reflexo da vida miserável das amas.

Quanto as questões físicas, era comum procurar por uma ama com aparência e temperamento parecidos com a mãe da criança, bem como ter um modo de criação que fosse respaldado pela família. As amas deveriam ter idade compreendida entre 20-35 anos, serem alegres, calmas, de forma a influenciar positivamente a criança. Além disso, aspectos relacionados a boa higiene deveriam ser considerados, como o asseio, bons dentes e gengiva vermelha (Sá, 2011).

Foi através dos portugueses que a ama, ou bá, foi introduzida no Brasil. Nesta visão, o ato da mãe amamentar o filho recebeu conotação negativa, ligada a uma visão primitiva obtida através da cultura das índias, que amamentavam seus filhos até os 2 anos de idade. Para o português, a mulher civilizada não deveria amamentar e, portanto, essa prática foi transferida às indígenas e, posteriormente,

às escravas negras. A principal diferença entre as amas brasileiras e as europeias relacionava-se ao significado que o escravo possuía para o seu dono. Na cultura colonial da época, o escravo era uma propriedade, mercadoria, sofria maus tratos e eram explorados no serviço doméstico (Freyre, 2006).

O cuidado para com o filho do senhor de escravos implicava em situações de abandono e morte dos filhos das amas negras. Portanto, o destino dessas crianças, muitas vezes, era a Roda dos Expostos. Quando a família contratava uma ama de leite, a preferência era uma escrava que o filho tivesse morrido, pois assim, teria leite suficiente para alimentar o “sinhozinho” (Freyre, 2006).

A transferência do cuidado da criança para uma ama, encontrou em Freyre (2006), uma justificativa. Para esse autor, as mulheres brancas eram frágeis, engravidavam cedo e tinham muito filhos, sendo assim, não conseguiam cuidar e, então, transferiam esse ato de cuidar e a amamentação para as amas negras. No entanto, sua justificativa parte de um olhar que minimiza a escravidão e seus impactos na vida de milhares de negros.

Para as crianças destinadas às Rodas e Casas dos Expostos, o cuidado era realizado por uma ama interna, contratada para essa função. Elas passavam boa parte do dia acompanhando os bebês, até por volta dos três anos de idade. Após esse período, as crianças eram entregues às amas externas, que deveriam comparecer na instituição a cada três meses para supervisão e acompanhamento. Esse tipo de cuidado foi organizado pelas Santas Casas de Misericórdia e foi importado para o Brasil Colonial. Ao final desse tempo, as crianças eram direcionadas para serem cuidadas por famílias que moravam perto dessas instituições.

Já no final do século XVIII e início do século XIX, os apelos higienistas para estimular o aleitamento materno, mudou o lugar da ama de leite na família e na sociedade. Médicos e intelectuais da época começaram a defender o aleitamento materno como prática natural e conveniente para a sobrevivência dos bebês. De acordo com os médicos, apenas as mães seriam capazes de estabelecer os cuidados necessários, evitando abusos e maus tratos provenientes das amas (Barbieri & Couto, 2012).

O aleitamento realizado pelas amas passa a ser visto como algo “mercenário” e foi desaprovado, assim como a Roda dos Expostos, transferindo o cuidado infantil das amas para os pais. Essa denominação “mercenária” se aplicou pelo fato de trabalhar por dinheiro e não realizar sua função com amor. Para a sociedade da época, trabalhar dessa forma era algo interesseiro (Carula, 2012).

A partir da abolição da escravatura, o trabalho da ama negra se estende para outras mulheres mais humildes, de diferentes raças e culturas, como imigrantes italianas, portuguesas, dentre outras, aproximando do trabalho desempenhado na cultura europeia. Mesmo após a abolição, Gil (2018), argumenta que as amas negras continuavam nas casas dos senhores, mudando de função, sendo cozinheira, arrumadeira, vendo os filhos dos senhores crescerem e, de certa forma, ainda participando dos cuidados da família.

De acordo com Almeida e Novac (2014), Portugal inseriu a figura da *saiola* no Brasil, através das mulheres indígenas, depois para as escravas africanas, que exerciam o papel das amas de leite. Com a urbanização e o crescimento de novas classes sociais, surge, então, “a mãe preta de aluguel” e, posteriormente, a babá.

3.2 Da transição da ama para a babá no contexto brasileiro

Seguindo a tendência europeia, as amas brasileiras eram vistas tanto nas famílias aristocráticas quanto em famílias de artesãos e comerciantes, além de serem extremamente importantes nas Casas de Roda, a fim de garantir a sobrevivência dos órfãos. Esse trabalho, assim como o serviço realizado por outras trabalhadoras que também cuidavam de crianças, era pouco valorizado, até o final do século XVIII. De acordo com Carneiro (2006), há registros dessas personagens nos locais denominados Casa de Misericórdia, revelando como sua presença permaneceu durante todo o período da corte carioca, identificando o período do Brasil colonial e escravocrata.

A denominação “ama de leite” relacionava-se ao serviço executado internamente nos lares ou instituições, geralmente exercido por escravas ou por mulheres que possuíam uma posição inferior na sociedade. Essas mulheres, conhecidas como as amas externas ou criadeiras, moravam em seus próprios domicílios, contudo não dispunham de recursos financeiros. No entanto, ambas as personagens tiveram suas identidades aplicadas da mesma forma: mulheres responsáveis por produzir leite, nutrir e cuidar da criança. Para as mulheres que trabalhavam nas Casas de Roda, seu salário era vinculado ao cuidado dispensado ao infante. Caso houvesse denúncias de maus tratos, a criança era retirada deste local, assim como a remuneração (Carneiro, 2006).

Sem dúvida, a presença das amas era imprescindível para o funcionamento da sociedade e da família: nas famílias, era a “mãe preta” substituta, nas Casas de Roda, era a responsável pela sobrevivência dos abandonados. Para os médicos, era a figura que despertava preocupação diante das condições de insalubridade que

muitas vivenciam. Contudo, experimentavam um espaço de silêncio e invisibilidade, despertavam e vivenciavam sentimentos contraditórios. Precisavam nutrir e cuidar de uma criança que não era seu filho, muitas vezes retirado de seus braços logo após o nascimento para que o aleitamento fosse voltado, exclusivamente, para o filho das famílias de classe mais abastada (Carneiro, 2006).

A presença das amas, durante o período da corte carioca, chamou atenção de higienistas, que discordavam das práticas de aleitamento, principalmente pela alta mortalidade infantil. Diante desses fatos, começou a propagar um fenômeno denominado “aleitamento mercenário”, fenômeno esse relatado no contexto europeu. A denominação mercenária era comparada a um soldado que lutava na guerra, não por amor à pátria, mas que visava receber honorários pelo seu trabalho. No caso das amas, sua tarefa de amamentar e cuidar da criança era tida como uma prestação de serviço, não levando em consideração seus laços sanguíneos ou familiares. Sua condição era sempre inferior, muito embora, os proprietários das amas escravas, apresentavam tais mulheres como “parte integrante da família” (Carneiro, 2006).

No período colonial, a mulher não exercia seu papel materno. Como elas se casavam cedo, tinham muitos filhos e algumas morriam no parto, aquelas que sobreviviam, não exerciam a amamentação. Portanto, quando uma criança nascia, os bebês eram retirados dos lares e dados às amas de leite, sendo um costume herdado da colonização portuguesa, segundo Freyre (2006).

O apelo higienista estabelecido diante das circunstâncias de inúmeras doenças interferiu claramente no papel da babá. A orientação dos médicos para que as crianças fossem amamentadas por suas mães produziu uma desqualificação em relação a figura da ama. Talvez por conta dessa influência, houve uma mudança na

imagem da mãe e no seu papel na família, principalmente após a última parte do século XVIII. Contudo, a ama ou “a bá”, não deixou de existir e de acompanhar a família e, para as classes mais favorecidas, a figura da governanta encontrou um ambiente propício para o exercício dos cuidados infantis. Quando a família possuía recursos para contratar essa trabalhadora, sua função era exercer o papel como “uma nova mãe” para a criança. Esse costume foi adquirido a partir da influência portuguesa, uma vez que na Europa, a figura da governanta era comum entre as famílias. Nesse período, a mulher estava envolvida com outros afazeres promovidos pela vida social (Silveira, 2014).

Durante a década de 1950 e 1960, a inserção da mulher no mercado de trabalho, contribuiu para a dupla jornada de trabalho, tentando conciliar a vida profissional com a familiar. Nesse período, observou-se um decréscimo do número de filhos por família. Diante dessas conquistas, a presença da babá no âmbito familiar se revelou como uma necessidade. Nesse sentido, os pais, muitas vezes imersos em outras ocupações, precisaram compartilhar os cuidados infantis, buscando um equilíbrio entre essas atividades (Mead, 1971; Monteiro, 1998; Scavone, 2008).

A partir desse momento, a babá voltou ao contexto familiar e, assim, novas formas de cuidar foram estabelecidas. Houve períodos em que se sugeriu que os interesses pessoais fossem colocados de lado, em prol do bem-estar da criança. Assim, se esse cuidado não fosse realizado pelos pais, um cuidador poderia garantir o desenvolvimento mais adequado possível, principalmente nos grandes centros. Como nesses locais, a proximidade com a família extensa nem sempre é possível, a falta da rede de apoio e suporte emocional poderiam prejudicar as interações

familiares. Nesse sentido, a saída encontrada por algumas famílias foi a contratação de babás (Oliva et al., 2018).

Ao tratar sobre aspectos relacionados ao cuidado infantil, Mrazek (2013) apontou algumas características que deveriam ser levadas em consideração, tais como: disponibilidade emocional, orientação e controle, equilíbrio psicológico e emocional, compreensão das necessidades físicas e emocionais e, por último, o compromisso emocional.

A disponibilidade emocional se faz necessária para que o bebê desenvolva o senso de ser amado e cuidado. Nesse sentido, essa característica aponta para a importância de o cuidador ser contingente na vida do bebê. Saber acolher e devolver suas demandas para um desenvolvimento seguro e de pertença ao grupo no qual a criança encontra-se inserida (Mrazek, 2013).

A segunda característica denomina-se orientação e controle, que fornece orientação sensível e solidária às necessidades da criança. A seguir, o autor cita o equilíbrio psicológico e emocional, o foco, portanto, na saúde mental do cuidador. Tal aspecto merece atenção pois, crianças inseridas em contextos de depressão podem desenvolver doenças relativas ao humor (Mrazek, 2013).

Na sequência, há a compreensão básica das necessidades físicas e emocionais, principalmente, quando são crianças pequenas. Mrazek (2013) discorre que quando o “instinto materno” pode ser vivenciado, diversos aspectos do cuidado podem ser aprendidos, contribuindo para um desenvolvimento adequado. Por último, o compromisso emocional se apresenta como forma de investimento de tempo com a criança. Para este autor, é necessário não somente ter tempo de qualidade, mas quantidade de tempo suficiente entre crianças e cuidadores. Tal fator deve ser ainda mais presente nos primeiros anos de vida da criança.

Quando a família opta pela contratação de uma babá, o caminho começa a ser estabelecido a partir da relação e da exigência materna voltada para o “ficar de olho na criança” ou ainda, “ser os olhos da mãe”. Esse olhar é traduzido por cuidar bem, envolvendo aspectos da rotina, suprir as necessidades da criança e mantê-la sob sua supervisão. Quando o pai participa da contratação, se faz presente e participa dos cuidados infantis, a atuação da babá muda na dinâmica familiar. Contudo, na visão da babá, a criação está voltada para a figura materna. E para babás de famílias abastadas, a fala que se transmite é: “quem cria filho de rico é babá” (Silveira, 2014).

A presença da babá pode suscitar determinadas especificidades quanto à sua participação no contexto familiar. O primeiro se refere a morar na casa da família. Diante de uma rotina exaustiva, com poucos horários para descanso, lazer, para o investimento em si mesmo e na família, diferentes sentimentos podem ser experimentados, como a sensação de sufocamento, de isolamento, de perda da identidade e de privação da liberdade. Outro ponto, trata acerca da proximidade das relações em um ambiente diferente do seu contexto de pertencimento, onde é possível presenciar brigas e segredos. Dessa forma a babá pode estabelecer relações de cumplicidade, como parte da natureza do seu trabalho (Silveira, 2014).

Uma outra informação se refere à higiene pessoal e à apresentação da babá. Elas precisam estar sempre limpas e impecáveis na apresentação, o que significa não exagerar na maquiagem e nem vestir roupas extravagantes. Não podem ter uma imagem “poluída” diante das “patroas”. Ainda sobre esse momento, normalmente babás com mais experiências são cobiçadas pelas famílias e, em lares onde há a chegada de uma nova criança, outras trabalhadoras podem ser contratadas para executarem o serviço doméstico. Em famílias com maior poder aquisitivo, há a

possibilidade de contratação de uma técnica em enfermagem que será responsável pelos primeiros cuidados com a criança (Silveira, 2014).

Importante ressaltar um aspecto relacionado sobre a vida das babás. Silveira (2014) relata que, ao participar de um curso voltado para esse público, em determinado momento, a coordenadora as chamou de “pestes brancas”. Essa denominação deu-se pelo comportamento das babás nas festas infantis, que levam para casa docinhos, salgados e enfeites. De acordo com a coordenadora esse tipo de atitude precisava passar por uma transformação de hábitos e costumes.

A intensidade da relação estabelecida entre a babá e a criança pode despertar para que essa cuidadora preencha o lugar imaginário da mãe. Em sua observação de campo, Silveira (2014), relata que a praça parece ser o lugar no qual a babá “assume” esse papel. Nesse local as babás trocam informações sobre aspectos da criança, de sua rotina, de seu desenvolvimento. A praça se torna o espaço de lazer não somente para a criança, mas, principalmente, para a babá. É nesse local que elas experimentam a vida social, vendem/compram produtos, organizam confraternizações, conversam sobre aspectos de sua vida pessoal/familiar.

\

4 Contextualização do trabalho das babás em Portugal e no Brasil

4.1 Panorama dos contextos brasileiro e português

As práticas de cuidado infantil podem ser vistas de diferentes maneiras, levando em consideração como cada sociedade se ajusta a contextos distintos, demonstrando como crenças e valores dos indivíduos são estabelecidos e transmitidos aos seus pares. Nesse sentido, a forma de cuidado expressa aquilo que cada indivíduo estabelece como sendo primordial para a sobrevivência e manutenção da espécie humana. A pesquisa transcultural pode favorecer a compreensão de como as práticas de cuidado infantil são realizadas e como impactam no desenvolvimento da criança.

Brasil e Portugal mantêm proximidades que ultrapassam o idioma, o apreço pela gastronomia, vinhos e futebol. O acordo bilateral entre os países permite aos cidadãos utilizarem o serviço de saúde pública, concessão de equivalência de estudos no Brasil e em Portugal, cooperação entre os ministérios da Saúde (Brasil e Portugal), Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (Portugal), entendimento para reconhecimento mútuo da carteira de habilitação, dentre outros. A facilidade da língua, a questão da segurança e a possibilidade de se adquirir um ensino público de qualidade, perspectivas de melhores empregos e salários, além da crise econômica brasileira em 2016, são alguns indicadores da entrada de brasileiros na comunidade lusitana. Os brasileiros representam 30% de todos os estrangeiros que vivem em Portugal, de acordo com o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF, 2022). Esses números, contudo, não contemplam os indivíduos que possuem dupla cidadania.

As relações entre Brasil e Portugal apontam para algumas diferenças que podem ser demarcadas, sendo a primeira referente ao número de habitantes de cada

país. O Brasil apresenta uma população 20 vezes maior que a população portuguesa (Countrymeters, 2023). Em termos territoriais, Portugal é 92 vezes menor que o Brasil. O desemprego português (6,8% ano) é menor que encontrado em território brasileiro (9,3% ano), segundo dados do IBGE (2023). Portugal apresenta desempenho acima da média em três requisitos: moradia, segurança e qualidade do meio ambiente. Em termos de qualidade do sistema educacional, a pontuação obtida pelo país encontra-se um pouco abaixo da média da OCDE. Contudo, a UNESCO reconhece que há investimentos na qualidade do ensino português, o que lhe garante estar na 40^a posição entre os melhores do mundo (Alama, 2022). O Brasil obteve bom desempenho na dimensão de bem-estar, em referência ao índice para uma Vida Melhor. Em compensação, apresentou performance abaixo da média nos quesitos renda, trabalho, educação, saúde, conexões sociais e satisfação com a vida (OCDE, 2023). Ao trazer o aspecto econômico, avaliando o PIB dos referidos países, o Brasil fechou o ano de 2022 em 11^o lugar e Portugal em 50^o, segundo a plataforma de dados mundiais (Dadosmundiais.com, n.d.). Embora o Brasil apresente uma boa posição no ranking das melhores economias mundiais, a desigualdade social, a falta de investimentos na educação, na saúde e na segurança, são empecilhos que travam o seu processo de crescimento (MEC, 2019).

Outro fator que diferencia os países supracitados, trata do índice de desenvolvimento humano (IDH). O Brasil ocupa a 87^a posição, Portugal aparece na 38^a posição (ONU News, 2022b; Country Economy, 2022). No quesito índice global da paz, que trata os aspectos relativos à segurança, o Brasil ocupa a 130^a posição, enquanto Portugal é o 6^o país mais seguro do mundo (Global Peace Index, 2022).

Além desses elementos que demarcam semelhanças e diferenças entre os dois países, aspectos culturais podem auxiliar na comparação entre eles. Para tal, é utilizada uma ferramenta que possibilita avaliar como os valores culturais influenciam o comportamento do indivíduo, levando-os a agir de uma determinada maneira. Essa ferramenta apresenta seis dimensões: distância de poder, individualismo x coletivismo, masculinidade x feminilidade, aversão a incerteza, orientação a longo prazo e complacência x repressão. Na figura 1, há o quadro comparativo entre Brasil e Portugal, segundo as dimensões propostas pela ferramenta. Os itens de cor laranja indicam as dimensões portuguesas e os azuis, representam as dimensões brasileiras.

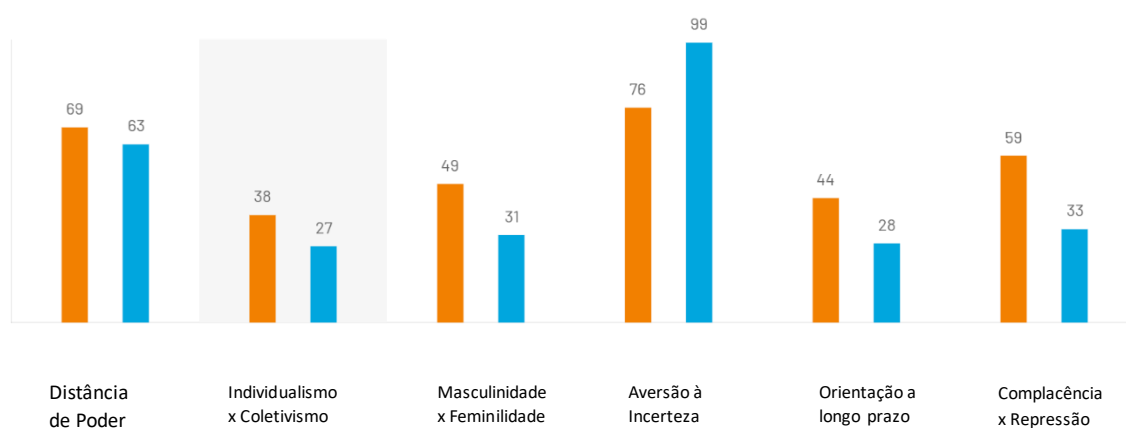


Figura 1

Quadro comparativo Brasil e Portugal (The Hofstede Centre, 2022)

É interessante destacar duas dimensões culturais, o individualismo x coletivismo e masculinidade x feminilidade. Nas culturas mais propensas ao individualismo, há a valorização do “eu” em detrimento do aspecto coletivo, “nós”. Além disso, enfatizam escolhas pessoais e revelam uma preocupação consigo e com familiares próximos. Nos países de cultura coletivista, há uma ênfase na família

extensa e os laços grupais são fortes, valorizando o “nós”. Portugal apresenta uma tendência um pouco mais demarcada para o coletivismo do que o Brasil (The Hofstede Centre, 2022).

A dimensão da masculinidade aborda características voltadas para a competição, pelo foco nos resultados. Os indivíduos tendem a valorizar o sucesso material. Nas sociedades com características de feminilidade, as pessoas tendem a construir boas relações e procuram garantir uma melhor qualidade de vida de forma coletiva, envolvendo a todos. Não há uma preocupação em “ser o melhor”, mas sim, “ser feliz” e as mudanças são mais lentas. Há maiores demonstrações de compaixão. Na comparação feita, nota-se que o Brasil apresenta uma tendência a cultura de masculinidade, quando comparado a Portugal (The Hofstede Centre, 2022).

4.2 Contextualização do trabalho da babá em Portugal

O termo babá encontra, pelo menos, três nomenclaturas em Portugal. Elas podem ser chamadas de *babysitters*, *nannies* ou *amas*. Normalmente, são mulheres, de diferentes faixas etárias e etnias, que possuem alguma experiência no cuidado de crianças, ainda que sejam irmãos, primos ou filhos. Diferenciar o trabalho da *babysitter*, da *nanny* e da *ama* é fundamental para entender como esse tipo de atividade acontece nas famílias.

As *nannies* são cuidadoras que possuem graduação, principalmente, nas áreas da educação, saúde e/ou psicologia. A maioria possui mestrado, uma vez que no sistema educacional português, os dois últimos anos da graduação são voltados para essa titulação. Portanto, as estudantes portuguesas concluem a graduação e o mestrado no tempo equivalente a graduação brasileira. Além disso, boa parte desse público possui pós-graduação, cursos de primeiros socorros, fluência em várias

línguas, carta de condução e fazem um trabalho muito específico com a criança, por isso se autointitulam educadoras particulares. Elas realizam atividades para além do *babysitting*, que tem objetivo de estimular o desenvolvimento infantil, englobando aspectos sociais, psicomotor, cognitivo, familiar, aulas de canto, leitura, dentre outras. Além disso, fazem reuniões com os pais, no intuito de estabelecer e esclarecer determinados aspectos que fazem parte da rotina da criança e família. São vistas como “especialistas em crianças”. Seu trabalho na família visa à promoção do desenvolvimento infantil, de forma global. Por esse motivo, não gostam de ser comparadas às babysitters, uma vez que para a *nannies*, o trabalho da babysitter é “apenas tomar conta de crianças” e garantir seu bem-estar. Normalmente, a jornada de trabalho envolve até 10 horas de serviço por dia, podendo chegar a 50 horas semanais. Além disso, podem dormir na casa da família e serem contratadas para acompanhar as crianças em viagens. Pelo fato de serem “altamente especializadas”, o salário pode variar em torno de 400 euros por semana (Capucho, 2015, Babysits.pt <https://www.babysits.pt/materiais-da-comunidade/248/qual-a-diferen%C3%A7a-entre-babysitter-ama-e-nanny/>).

A ama é aquela que cuida de crianças, em sua própria residência, até que estas possam ser matriculadas em infantários ou escolas. Sua contratação pode acontecer diretamente com as famílias ou pode ser uma atividade de enquadramento que recebe o nome de creche familiar. Uma ama pode receber até 4 crianças em conjunto. Para realizar esse tipo de atividade, é necessária uma autorização do governo, ou seja, é uma atividade reconhecida e garantida pela lei portuguesa. Os requisitos necessários para o exercício dessa profissão devem obedecer a alguns critérios. É preciso ter idade igual ou superior a 21 anos e escolaridade obrigatória atestada. Deve possuir capacidade afetiva, emocional, ter condições de saúde que

atenda ao cargo. Para isso, deve apresentar atestado médico que chancela esse requisito, estabilidade sociofamiliar, formação e/ou experiência que comprove a realização da atividade, nos últimos 5 anos. Além disso, é exigido que a casa possua condições de higiene e segurança de acordo com os padrões do país, possuir materiais e equipamentos necessários para que a criança tenha seu bem-estar atendido, ter na habitação espaços que possam ser utilizados para atividades diferenciadas e ter meios de comunicação com a família. Para se ter um trabalho de ama reconhecido é necessário também contratar um seguro que cubra os riscos de acidentes pessoais da criança (Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social, 2023).

Embora o governo português tenha elaborado uma legislação para a ama, esse trabalho ainda gera certa desconfiança, em função de denúncias envolvendo abusos de menores por parte de companheiros de algumas amas. Tal aspecto colabora para que os pais optem por escolher o infantário¹, uma vez que há uma maior fiscalização nesses espaços (eportugal.gov.pt, <https://eportugal.gov.pt/fichas-de-enquadramento/como-iniciar-a-atividade-de-ama>).

A *babysitter* é a trabalhadora que “toma conta de crianças”, de forma pontual, por algumas horas, a fim de atender a necessidade da família. O cuidado pode ser realizado tanto na casa da criança como em sua própria residência. Normalmente, o serviço é pago por hora ou por dia de trabalho, caso a opção seja um trabalho de meio período. Muitas empresas que trabalham com recreação e festas infantis, ofertam o serviço de *babysitting*, e são nesses locais que as famílias

¹ São instituições, como as creches brasileiras, de educação infantil, que ofertam serviços para crianças com idade até os 3 anos. Podem funcionar em período integral, de 2ª a 6ª feiras. (<https://www.jobatus.pt/noticias/quanto-custa-um-infantario-em-portugal>).

têm contato com essas cuidadoras. No contexto português, é muito comum os pais contratarem uma *babysitter* para acompanhar as crianças em uma festa ou durante o período de férias escolares. As atividades realizadas por essas cuidadoras podem incluir buscar ou levar crianças na escola ou em outras atividades extracurriculares, acompanhar lições de casa, dar banho, alimentar, brincar e passear com elas, ou ser companhia enquanto os pais estejam em algum compromisso. Boa parte do público de *babysitter* é composto por jovens, ainda em fase de conclusão do 12º ano português (correspondente ao 3ºano do Ensino Médio brasileiro), universitárias e, mulheres na faixa etária de 50/60 anos, que estão aposentadas e com filhos adultos (Carvalho, 2023; babysitters.pt. <https://babysisters.pt/services/babysitting-part-time>).

De acordo com a legislação portuguesa, as *babysitters*, *nannies* não são consideradas trabalhadoras domésticas se realizarem um serviço de *Au Pair*², de autonomia ou de voluntariado social. Aquelas que forem contratadas para o serviço doméstico necessitarão cumprir 40 horas semanais de serviço, ter mais de 16 anos de idade, estar inscrita na Segurança Social, receber o adicional de férias e do período do Natal, possuir um seguro contra acidentes. A lei a qual estão incluídas, também serve para outros profissionais que trabalham com confecção de refeições; lavagem e tratamento de roupas; limpeza e arrumação de casa; vigilância e assistência às crianças, pessoas idosas e doentes; tratamento de animais domésticos, execução de serviços de jardinagem, execução e serviços de costura; outras atividades decorrentes dos usos e costumes, coordenação e supervisão das

² Original do francês e significa “em termos de igualdade”. Normalmente se relaciona a jovens mulheres, com faixa etária entre 18 e 26 anos, residentes da Europa, América do Sul, Ásia e África, que procuram famílias anfitriãs para recebê-las em programas de intercâmbio. Dessa forma, elas cuidam de crianças e, em troca, aprendem a língua local, ganham alimentação, moradia e uma pequena mesada para gastos pessoais (Pinho, 2013 <https://www.jpn.up.pt/2013/03/29/au-pair-um-trabalho-pago-entre-o-turismo-e-o-babysitting/>).

atividades descritas e execução de tarefas externas relacionadas as anteriores (<https://diariodarepublica.pt/dr/lexionario/termo/contrato-servico-domestico>).

Os serviços de *babysitting* são, em grande parte, disponibilizados por agências especializadas em cuidado infantil, divulgados em plataformas virtuais com a intenção de atender a diferentes necessidades das famílias, em boa parte do continente europeu. Há também sites, como OLX e SAPO, onde as trabalhadoras descrevem seu perfil e ofertam o serviço de *babysitter*. O acesso a esse tipo de trabalho nas plataformas virtuais, quando é feito pelos pais da criança, acontece após a realização de uma inscrição gratuita e elaboração do perfil da família. Contudo, caso a família opte por uma busca mais refinada de profissionais, há a assinatura *Premium*, que tem um custo mensal em torno de 10,99 euros, a depender da plataforma escolhida. Para a *babysitter*, o cadastro nessas plataformas precisa atender a certas exigências como documentos de identificação pessoal, registro criminal, avaliações e referências anteriores, curso de primeiros socorros e, em alguns sites, há a necessidade de comprovação de pelo menos 3 anos como *babysitter*. Há empresas que ofertam vagas, por meio de processos seletivos. Nesses casos, as candidatas preenchem um formulário e enviam as documentações exigidas. Após a etapa da entrevista, as candidatas que preencherem os requisitos necessários, terão a validação da documentação. Em algumas empresas, capacitações são oferecidas em áreas de primeiros socorros, desenvolvimento infantil, rotinas de cuidados diários, entre outros. Quando a contratação é feita por agências especializadas em *babysitting*, o pagamento, por parte da família é feito via empresa e repassado a cuidadora (Babysits.pt https://www.babysits.pt/premium/upgrade/?utm_campaign=wizard).

Em termos salariais, o *babysitting* encontra uma ampla variedade de valores. Nas agências especializadas há diferentes categorias e, em média, uma *babysitter* recebe 9,5 euros/hora para meio período. Se a contratação for de uma *nanny*, o valor do trabalho pode chegar a 470 euros semanais. Quando o serviço é disponibilizado pela própria cuidadora, esse valor pode ser reduzido e, portanto, ser mais acessível a diferentes famílias (<https://babysisters.pt/services/babysitting-full-time>).

A legislação trabalhista nem sempre favorece o trabalho da *babysitter*. Caso exerça um trabalho de meio período, ela não terá direitos trabalhistas respaldados pela lei portuguesa. Para algumas empregadoras, seria viável que o governo criasse determinadas instruções a fim de nortear essa profissão, e assim, incluir os benefícios para esse público (Araujo, 2016).

Em 2023, o salário médio/hora em Portugal girava em torno de 6,60 euros, contudo, esse valor pode ser maior se atividades como cozinhar, realizar outras tarefas domésticas ou ainda cuidar de mais crianças sejam integrados ao trabalho da *babysitter* (Almeida, 2023).

No continente europeu, o trabalho da babá parece ser mais diferenciado do que em relação ao da empregada doméstica. Tal fator se deve à especialização de sua função, que envolve conhecimentos de primeiros-socorros, bem como a limitação de suas tarefas na casa e jornada de trabalho bem definida. No entanto, quando os pais optam por contratar babás provenientes de outras culturas, pode haver divergências quanto à forma do cuidado a ser estabelecido. Esse fato pode ser evidenciado no estudo realizado com babás latinas imigrantes, que trabalhavam em casas de crianças americanas, nos Estados Unidos. As práticas de cuidado e a alimentação que eram realizadas pelas cuidadoras, sugeriam um certo controle sobre a criança, de acordo com perspectiva dos pais. Assim, o treino para autonomia

poderia ser prejudicado. Outro dado apresentado na pesquisa, indicou que as diferentes práticas de cuidado, principalmente aqueles referentes aos primeiros anos de vida da criança, quando não eram compreendidas pela díade mãe e babá, poderiam produzir sentimentos negativos em ambas (Greenfield et. al, 2008).

Na contemporaneidade, a babá pode exercer o trabalho de maneira definida, não havendo envolvimento com a família, atendendo a tarefas específicas, voltadas para o desenvolvimento infantil, com pouco envolvimento emocional. Na sociedade russa, as babás tradicionais, são vistas como “membros da família”, podendo morar nas casas, e cuidam das crianças por um longo período. Além do cuidado com crianças, algumas podem fazer tarefas domésticas, como cozinhar e limpar a casa. A escolha por esse tipo de cuidadoras, resulta de uma preocupação parental no sentido dos filhos serem amados, alimentados, levando em consideração a importância do cuidado e do afeto (Zdravomyslva, 2010).

No contexto português, sua presença parece limitada a um público com poder aquisitivo elevado. No campo da ilegalidade, tais aspectos não são delimitados e, muitas vezes, as babás imigrantes estão à margem dos direitos ou proteções legais (Harris, 2007; Romero, 2013).

4.3 Contextualização do trabalho da babá no Brasil

No território brasileiro, o trabalho desempenhado pela babá encontra respaldo na legislação trabalhista e recebe a denominação de trabalho doméstico. Os direitos foram garantidos pela Lei Complementar 150 (conhecida como PEC das domésticas), que possibilitou o registro do eSocial Doméstico e na CTPS. A partir dessa lei foram garantidos os direitos ao: salário-mínimo, 13º salário e férias, descanso semanal remunerado, horas extras e adicional noturno (se houver), INSS, FGTS, aviso prévio e auxílio sociais (salário-família, licença-maternidade)

(<https://legis.senado.leg.br/norma/572905>). O Brasil é um dos países com um alto nível de emprego no setor de cuidado e apresenta muitas trabalhadoras domésticas, quando comparado a outros países da América Latina. Em 2019, 14,2% das trabalhadoras femininas exerciam atividade remunerada pelo trabalho doméstico, enquanto os homens representavam menos de 1% do trabalho ocupado nesse setor (Posthuma, 2021).

O trabalho doméstico no território nacional é composto, em sua maioria, por mulheres negras, com baixa escolaridade, provenientes de famílias de baixa renda e migrantes de diferentes regiões do país e que dificilmente recebem um treinamento para exercer atividade de cuidado. Em 2010 havia em torno de 1,28 milhões de “cuidadoras profissionais”, destas, 58% eram babás (Pósthuma, 2021). De acordo com Pinheiro et al. (2021), essa afirmação pode ser atravessada pelo racismo estrutural, pois as mulheres negras faziam as mesmas atividades, nas casas grandes, durante o período da escravidão. Na sociedade colonial, as mulheres negras eram vistas como unidades de trabalho, alguém que podia trabalhar integralmente para o outro, no entanto, raramente era esposa, mãe e dona de casa.

Sobre esse aspecto, Abreu (2021) afirma que mesmo após a libertação dos escravos, os trabalhadores domésticos eram associados aos escravos, mesmo que realizassem atividades como cozinheiras, arrumadeiras ou *mammy*, na casa grande. Essa última designação estava relacionada ao cuidado com crianças em termos de saúde, higiene, alimentação e outras tarefas do lar. Talvez desse fator haja a impressão, mesmo que subjetivamente, de uma atividade laboral a ser desempenhada pela população negra (Davis, 2016).

No Brasil, o número de trabalhadoras domésticas, em 2019 era de 5,7 milhões de mulheres, deste número, 3,8 milhões eram mulheres negras, o que

corresponde a 61% do total de trabalhadores domésticos. É importante destacar que essa categoria não faz referência apenas a empregadas domésticas. No Brasil, as babás, cuidadoras, diaristas, motoristas, jardineiros e demais trabalhadores que realizam algum tipo de serviço nos domicílios, de forma contínua, são incluídos e reconhecidos como empregados domésticos (Pinheiro et al., 2021).

A trabalhadora doméstica, ou seja, aquela mulher que está dentro dos domicílios, realizando o cuidado com crianças ou ainda exercendo atividades na organização do lar, possui uma jornada de trabalho em que determinados aspectos precisam ser levados em consideração. O primeiro diz respeito a sua jornada produtiva, isto é, trata do trabalho realizado em troca de uma remuneração obtida na casa de seus empregadores. O segundo aspecto compreende uma jornada reprodutiva, na qual o trabalho doméstico e de cuidados é exercido, sem remuneração, na sua própria casa. O último é a somatória do tempo de trabalho nesses 2 locais (Pinheiro et al., 2021).

Nesse sentido, estudos demonstram que o tempo total dessas trabalhadoras, no Brasil, é na média, maior que o tempo de trabalho dos homens. Essa dupla jornada das trabalhadoras domésticas é marcada pela exaustão, tanto do ponto de vista físico quanto emocional, que pode chegar, em média a mais de 50 horas/semana. Para essas mulheres, devido a intensa rotina de atividades e dedicação, o lazer e os momentos de descanso podem ser suprimidos. Por conseguinte, esse grupo de trabalhadoras pode estar mais propenso a apresentar doenças ligadas ao esforço repetitivo e outras relacionadas a perspectiva psicoemocional (Pinheiro et al., 2021). Além disso, é possível pensar que além dos cuidados realizados nos lares, cabe a mulher o “cuidado afetivo da família”,

podendo provocar uma sobrecarga nos papéis que são desempenhados (Cardoso, 2011; Pinheiro & Biasoli-Alves, 2008).

Atualmente existe um considerável aumento na atividade denominada “economia de cuidado”, e ao que tudo indica, nas próximas décadas, esse trabalho será ainda maior, conforme cita a Organização Internacional do Trabalho (OIT, 2018). Tal fator deve-se a estimativa em 2015, de 2,1 bilhão de crianças, com idade inferior a 15 anos, precisavam de cuidados. Já a previsão para 2030 deve chegar a 2,3 bilhões, entre a população infantil, idosos e em pessoas com algum tipo de deficiência.

Embora o trabalho doméstico seja extremamente relevante, as diversas dimensões do cuidado ainda não são reconhecidas e, muitas vezes, passam invisíveis aos olhos da sociedade, da economia e da perspectiva jurídica. É possível encontrar muitas trabalhadoras que não têm garantia de seus direitos trabalhistas. Apesar do considerável aumento na formalização desse tipo de atividades, no território nacional, ainda há categorias onde é possível observar a falta de capacitação para o desempenho da função, baixos salários e baixa escolaridade. O Brasil é um dos países que detém a liderança mundial em termos de trabalhadores domésticos, envolvendo o cuidado com crianças, idosos ou serviços de alimentação, limpeza e arrumação de casas (Posthuma, 2021).

Outro dado que merece atenção quanto aos trabalhadores domésticos, são os indicadores de raça, gênero e classe, que contribuem para desvantagens em termos históricos e no campo socioeconômico, para determinados grupos. Nesse sentido, as mulheres têm sofrido diretamente, uma vez que diversas responsabilidades têm sido direcionadas à sua condição, tanto na esfera privada quanto pública, principalmente, as mulheres negras (Posthuma, 2021).

De acordo com a OIT (2018), a opção de contratar uma empregada doméstica para cuidar de uma criança e realizar atividades relativas à limpeza, alimentação e organização da casa, parece ser a principal escolha dos pais, no contexto em que há bebês e crianças pequenas. No entanto, essa opção privilegia as famílias com rendas médias e altas, que podem pagar por esse tipo de serviço. Apesar disso, o que pode ser observado no contexto global, se relaciona com a informalidade do trabalhador doméstico, revelando que o cuidado infantil é mal remunerado e sem garantias legais e sociais.

Países como Brasil, Angola, China, Honduras, Senegal, África do Sul, Emirados Árabes, dentre outros, revelam forte influência de trabalhadores domésticos migrantes para exercer o cuidado com crianças e idosos. Esse aspecto indica que apesar de haver grande número de trabalhadores no setor de cuidado, ele não significa que tenham habilidade, treinamento ou qualificação para o exercício da função de cuidado (OIT, 2018).

5 Revisão de literatura

A revisão de literatura, teve como bases de dados Scielo Brasil, Lilacs, PePsic, ScienceDirect e ReserachGate, tanto para textos nacionais e internacionais. Os descritores utilizados para localização das publicações compreenderam as seguintes palavras: *babás*, *babysitters*, *nannies*, *niñera*, práticas de cuidados infantis, crenças e operador booleano AND. Os critérios de inclusão se estruturaram a partir de artigos, publicações, capítulos de livros, em português, inglês e espanhol, datados de 2016. O critério de exclusão foi estabelecido a partir de publicações que não tiveram associação com a temática da pesquisa. Nas bases Lilacs, PePsic, ScienceDirect e ReserachGate não foram encontradas publicações mediante os critérios de inclusão estabelecidos. Na base de dados Sicelo Brasil, três estudos se relacionaram com a temática proposta e, um foi localizado na base da Scielo.

O artigo apresentado por Kondratiuk e Neira (2018), trata da função da babá envolvendo aspectos da cultura, língua e nacionalidade, vivenciado por mulheres brasileiras que migraram para a Europa e trabalharam como babás. O estudo propôs uma análise de suas vivências a partir da perspectiva biográfica, obtida pelos relatos. Para os autores, o corpo da babá carrega, ao mesmo tempo, a condição de educado e educador, que recebe e promove, simultaneamente, aprendizagens adquiridas ao longo do ciclo vital. A nomenclatura “ser babá do outro lado do oceano” significa uma dimensão corporal, que recebe marcas de cuidados pertencentes a uma vivência particular. Na interação com a criança, passam a cuidar de “outros corpos”, em diferentes contextos, porém, impregnando uma característica individual que foi adquirida (Kondratiuk e Neira, 2018).

As babás entrevistadas foram inseridas nas famílias através de agências que acolhe estudantes estrangeiras em intercâmbio. Algumas dessas jovens acreditam

que ser babá é uma boa opção para aprender a língua, costumes locais e, em contrapartida, cuidam dos filhos dessas famílias que as acolhem. No entanto, essa vivência pode ser um fator de estranhamento quando seu lugar passa a ser o “lugar da empregada”. Há espaços nas casas em que elas são proibidas de entrar. Normalmente, seu dormitório e alimentos são separados do restante da família e, a falta de horários determinados para a jornada de trabalho e o lazer, são relatos de sofrimentos experimentados pelas babás.

Outras dificuldades tratam acerca do cuidado propriamente dito com crianças. De acordo com os autores, a alimentação costuma ser um processo que demanda certa adaptação por parte da babá migrante. Em determinado relato, a babá se deparou com alimentos ultraprocessados, algo bastante diferente de sua cultura e costume, e precisou, paulatinamente, adaptar-se à nova cultura, e ao mesmo tempo, introduzir costumes de sua origem. Os cuidados básicos relacionados a higiene também seguem um padrão cultural e variam de grupo para grupo. Contudo, banho, alimentação, brincadeira e o dormir, se configuram como situações de trocas e aprendizagens entre babás e crianças.

De acordo com Kondratiuk e Neira (2018), o cuidado com crianças, com filhos de alguém que não é da família, demonstra uma hierarquização para além da questão geracional. Nesse sentido, muitas vezes a criança ocupa papel “do patrão”. Em algumas situações, o filho troca de lugar com o adulto, invertendo as relações. Esse tipo de movimento demonstra o enfraquecimento da autoridade da babá, a distância social entre esses indivíduos, dentre outros fatores.

Os autores ainda apontam para a desconstrução da relação entre cuidado e educação, que pode ser vislumbrada no trabalho doméstico. O cuidar de uma criança perpassa o campo da educação e, nesse aspecto, a fala que a babá “só cuida”,

deixando a instrução para a família ou a escola, não é plausível. A atuação da babá implica em transmissão de valores, crenças, aprendizados que são compartilhados na interação.

Além desses aspectos, a língua ocupa lugar de atenção no convívio de babás e crianças. O estabelecimento de formas não verbais possibilita a comunicação e pode favorecer trocas relevantes. No entanto, algumas babás relataram dificuldades afetivas, principalmente quando tentavam pronunciar algo e ouviam comentários pejorativos relacionados à pronúncia e ao tom de voz (Kondratiuk & Neira, 2018).

Por fim, cuidar de crianças, de outra língua, pressupõe obstáculos que precisam de caminhos alternativos para que haja o estabelecimento de laços, de autoridade e de estratégias para facilitar a comunicação e a interação. Através do trabalho como babá, o texto elucida o significado dessa atribuição, da oportunidade de crescimento e liberdade, desconstruindo um papel menosprezado delegado ao trabalho doméstico (Kondratiuk & Neira, 2018).

Em outro estudo de caráter exploratório relacionado ao trabalho da babá e sua interação com a criança, Kondratiuk e Neira (2020), abordam a questão corporal como identidade desse processo. A revisão de literatura abrangeu campos interdisciplinares como Educação, Psicologia, História e Sociologia, tendo em vista os poucos estudos que se referem, propriamente à figura da babá.

Para os autores, o cuidado e a educação com crianças têm características singulares que são expressas pelo olhar, tom de voz, gestos, emoções, afetos, hábitos, brincadeiras etc. No campo das Ciências Sociais, a figura da babá se relaciona com o trabalho doméstico. Assim, a existência desse trabalho ainda permanece pouco valorizado. Muito embora, para que o desenvolvimento econômico e urbano, visíveis na sociedade ocidental contemporânea ocorresse, o

trabalho doméstico foi fundamental tanto nas relações familiares quanto no mundo corporativo. A própria saída da mulher para o mercado de trabalho e sua construção profissional, fizeram e fazem uso de “uma nova indústria de cuidado”, trazendo a babá para este lugar.

Segundo os autores, o trabalho que envolve o cuidado com crianças pode proporcionar o deslocamento do afeto. Como elas não podem oferecer amor, atenção aos seus próprios filhos, elas deslocam esse afeto às crianças que estão sob sua responsabilidade.

Um outro fator que acontece, mais especificamente no Brasil, trata da atividade desempenhada pelas babás como sendo parte de um trabalho realizado pelas empregadas domésticas. Em alguns lares, essas mulheres executam rotinas de limpeza, alimentação e cuidado com crianças, contudo, não são reconhecidos como babás. Também é comum ouvir, de algumas famílias, a expressão “como se fosse da família” em referência à babá. Para os autores, essa verbalização exprime uma tentativa de minimizar as diferenças sociais e profissionais entre os indivíduos (Kondratiuk e Neira, 2020). Há ainda questões que permeiam a invisibilidade dessas trabalhadoras, o aspecto da ambivalência vivida na relação com a mãe da criança e, a própria relação estabelecida com a criança, a fim de atender suas demandas.

Nos Estados Unidos, a fronteira que delimita o trabalho entre babás e empregadas domésticas parece ser mais demarcada, com atribuições e horários predeterminados, principalmente quando a atividade é desempenhada por uma babá especializada. Entretanto, há questões relativas a própria situação legal da trabalhadora estrangeira, que muitas vezes fica à margem dos direitos civis e políticos (Kondratiuk & Neira, 2020).

De acordo com Kondratiuk e Neira (2020), o papel da babá como educadora ainda parece pouco explorado no campo da Educação e da Psicologia. Os estudos encontrados demonstram que a função de educar, cuidar e acompanhar a criança, perpassa a bagagem pessoal, incluindo seu modo de ser, seus valores culturais. No campo da Educação, a babá se relaciona como agente do processo de adaptação da criança à escola, contudo, elas são colocadas em plano secundário. Tal aspecto é respaldado pela pouca formação dessas trabalhadoras e pela comparação com o status de professora, como se um papel pudesse ser mais valorizado que outro, demonstrando uma depreciação na atividade que desempenham. Portanto, a necessidade de estudos referentes a temática das babás é urgente e necessária para garantir e afirmar seu papel tanto na educação quanto no processo de desenvolvimento da criança.

O estudo proposto por Vergara Hernandez (2017), trata da importância das competências parentais para o desenvolvimento de condutas pró-sociais em crianças de 4 a 7 anos, em contexto de vulnerabilidade, em dois municípios da Colômbia. Foram entrevistados pais, mães e demais cuidadores da criança, tendo a finalidade de descrever as práticas e crenças desses diferentes cuidadores.

De acordo com a autora, a família é o grupo social que promove o desenvolvimento socioafetivo de seus integrantes, especialmente de crianças, que aprendem, desde a primeira infância, modelos, normas e habilidades sociais. Por esse motivo, os fatores que afetam o desenvolvimento de crianças podem variar e, por isso, a importância de se identificar a influência da família e dos padrões parentais.

As práticas parentais que são direcionadas à criança, constituem-se como ações que pais, mães e demais cuidadores realizam, enquadradas em uma cultura

específica para orientar e direcionar o seu desenvolvimento. Tais práticas respondem a sistemas de crenças e costumes que foram legitimados em diretrizes de comportamentos a serem seguidos (Vergara Hernandez, 2017).

Vergara Hernandez (2017) afirma que a família se constitui como primeiro contexto de transmissão de normas, valores e modelos de comportamentos. O afeto dos pais e/ou cuidadores, é extremamente relevante para o desenvolvimento das crianças e para o desenvolvimento de um ambiente que se permita adquirir e aprender habilidades.

As orientações parentais promovem um clima emocional, permitindo que suas expectativas e comportamentos sejam desenvolvidos na interação com a criança, assim como gestos, tom de voz e expressões afetivas. Portanto, as práticas parentais estão relacionadas as necessidades de sobrevivência da criança, além de garantir uma qualidade de vida adequada. As ações que são realizadas pelos diferentes cuidadores associam-se ao estado de saúde, nutrição e desenvolvimento físico e psicológico das crianças, principalmente em idade precoce. Tal aspecto aponta que os padrões de cuidado atuam como protetores do desenvolvimento, porém, quando as diretrizes de cuidado não são claras, pode representar um fator de risco (Vergara Hernandez, 2017).

Os resultados do estudo de Vergara Hernandez (2017), apontaram que o amor, a comunicação e o controle que os pais estabelecem na relação com os filhos, são processos constitutivos da família. O que é considerado importante para o indivíduo tem seu início no âmbito familiar, envolvendo aspectos positivos e negativos, a identidade, a afetividade, a aquisição do sistema de valores e crenças. A esse respeito, a autora argumenta que não é qualquer contexto familiar que promova tais aspectos, mas sim, aquele capaz de realizar e satisfazer as

necessidades, através da mediação proporcionada pelos cuidadores e/ou pais. Assim, estes personagens devem assegurar não somente um bem-estar que se refere à alimentação e cuidados básicos, mas, principalmente, promover experiências sensoriais, afetivas e emocionais. Dessa forma, o vínculo seguro pode ser vivenciado no contexto familiar e no social e, pode preparar a criança para mudanças e adaptações vindas do sociocultural.

O estudo realizado por Pessôa et al. (2016) teve o intuito de investigar a trajetória de desenvolvimento, de diferentes cuidadoras, a partir dos sistemas de cuidado parental. A pesquisa foi realizada no Rio de Janeiro e contou com a participação de 60 duplas de mulheres, disposta em 20 duplas de mães e avós, 20 duplas de mães e babás e 20 duplas de mães e cuidadoras de creche. A inserção de novos cuidadores, embora atendam às necessidades específicas das famílias, contribuem para a promoção do desenvolvimento infantil. As interações estabelecidas e os cuidados que são dispensados às crianças, organizam-se de acordo com a prevalência dos sistemas de cuidado parental.

Esses sistemas descritos por Keller (2011), se referem ao cuidado básico, ao contato corporal, estimulação corporal, estimulação por objeto, contato face a face e envelope narrativo. Para a pesquisa, foram utilizadas cinco figuras que representavam os sistemas de cuidado parental, com exceção do envelope narrativo, pois não havia figura que representasse esse sistema. Os resultados demonstraram que na díade mãe/avó, as diferenças se referem ao afeto e contato visual. Nesse grupo, as avós obtiveram médias superiores na categoria afeto. Na díade mães/babás, as mães mencionaram o contato físico e a estimulação corporal. Para elas, a estimulação e o exercício podem vir com afeto. Quanto ao sistema face a face, babás mencionaram mais a comunicação, enquanto as mães valorizam mais o

contato visual com bebês. Na diáde mães/educadoras de creche, acerca do contato corporal, a categoria “Contato Físico” foi a mais citada. O afeto apareceu no relato dessas participantes, contudo com certa diferença. As mães mencionam mais esse aspecto, enquanto as educadoras falam mais de segurança. Mães também se referem ao afeto nos cuidados quando comparadas a educadoras de creche (Pessôa et al., 2016).

6 Justificativa

A chegada de uma criança no contexto familiar pode levar os pais a adotarem uma série de ajustes que afetarão o funcionamento desse grupo social. Nesse contexto, o cuidado pode ser compartilhado por outros personagens que não fazem parte da rede familiar. Uma das possíveis alternativas é a contratação de uma babá que, juntamente com a família, será responsável pela educação e desenvolvimento do bebê e da criança. A escolha desse cuidado nem sempre é uma tarefa fácil para os pais, principalmente quando se trata de crianças pequenas (Pessôa et.al, 2016).

É importante ressaltar que a inserção da babá pode levar a uma série de questões referentes não somente ao cuidado, mas, principalmente, sua interação com a criança. Sabe-se que a convivência intensa e diária favorece o fortalecimento dos vínculos. Nessa relação, a criança absorve conteúdos advindos dos valores, crenças, práticas e da própria interação que são compartilhadas nesse primeiro núcleo social. O conhecimento das práticas e crenças de cuidado tornam-se relevantes pois estes elementos moldam a estrutura de formação do desenvolvimento psicológico de uma criança (Keller, 2005).

No contexto brasileiro há poucos estudos que tratam especificamente da figura da babá, bem como das práticas de cuidado que são compartilhadas com os pais. Portanto, a pesquisa pode contribuir para o conhecimento e compreensão do papel dessas cuidadoras, das atividades que são desempenhadas no ambiente familiar e que influenciarão o desenvolvimento da criança. No contexto português, também é possível dizer que há certa escassez de pesquisas científicas que tratam dessa temática. O estudo transcultural pode contribuir para conhecer o perfil dessa cuidadora, as possíveis semelhanças e diferenças de suas práticas, e de como a

classe média e alta de países desenvolvidos e em desenvolvimento absorvem esse tipo de trabalho. Além disso, a pesquisa pode contribuir para intervenções e refletir acerca das práticas de cuidado infantil.

7 Objetivos

7.1 Objetivo geral

Investigar as crenças e práticas de cuidado infantil das babás, assim como a percepção dessas sobre as práticas maternas, em dois diferentes contextos culturais.

7.1.1 Objetivos específicos

- Caracterizar as práticas de cuidado nas babás brasileiras;
- Caracterizar as práticas de cuidado nas babás portuguesas;
- Identificar as crenças de cuidado em babás brasileiras;
- Identificar as crenças de cuidado nas babás portuguesas;
- Identificar a percepção das babás brasileiras sobre práticas de cuidado das mães;
- Identificar a percepção das babás portuguesas sobre práticas de cuidado das mães;
- Comparar a percepção das babás brasileiras e portuguesas sobre práticas de cuidado das mães;
- Comparar as práticas e crenças de cuidado nas babás brasileiras e portuguesas.

8 Método

8.1 Delineamento

Foi proposto um estudo de cunho qualitativo, composto por uma entrevista semiestruturada e aplicação das figuras que compõe os cinco sistemas parentais, a fim de identificar práticas e crenças de cuidado de diferentes cuidadores, em dois contextos distintos: Brasil e Portugal.

8.2 Participantes

O estudo foi composto por 34 participantes, sendo 16 brasileiras e 18 portuguesas. As babás brasileiras residiam nos seguintes estados: Alagoas (1), Goiás (2), Distrito Federal (2), Espírito Santo (1) e Rio de Janeiro (12). As babás portuguesas eram provenientes de Lisboa (4), Algarve (1), Aveiro (1), Serra da Estrela (1), Matosinhos (2), Porto e arredores (9).

Os dados brasileiros revelaram que 50% das entrevistadas eram casadas, 38,9% solteiras e 11,1%, divorciadas. Nesse público, 85,7% tinham filhos maiores que 8 anos, e 14,3% das participantes não tinham filhos. As entrevistadas que afirmaram ter filhos, relataram que quando estão trabalhando, os filhos ficam com o pai, irmão e cunhada, creche ou levam para o local de trabalho. Quanto a escolaridade, 72,2% disseram ter Ensino Médio, 11,1% possuíam o Ensino Médio Incompleto e 16,7% corresponderam ao Ensino Fundamental Incompleto. A idade média das entrevistadas foi de 45 anos (DP = 10,25).

Em termos de tempo de cuidado, as babás brasileiras ficam em média 8,93 horas/dia com a criança (DP = 2,51). Quanto a faixa etária das crianças brasileiras cuidadas, a distribuição ficou da seguinte forma: crianças entre 6 e 7 anos (33,6%),

totalizando 6 nessa faixa etária; 5 crianças entre 2 e 3 anos (28%); 2 crianças de 4 anos (11,2%) e 3 crianças entre 8 e 18 meses (16,8%).

Os dados referentes ao público português indicaram que a maioria das entrevistadas (85,7%) eram solteiras; 4,8% casadas; 4,8 % divorciadas e 4,8% em união estável (de facto), bem como não tinham filhos (95,2%). Quanto a escolaridade, 42,9% possuíam mestrado e licenciatura, enquanto, 14,3% tinham concluído o 12º ano escolar, o que corresponde ao Ensino Médio brasileiro. A idade média das participantes foi de 25, 7 anos (DP = 7,20).

O tempo em que permanecem cuidando de crianças obteve uma média de 5,05 horas/dia (DP = 2,15). As idades das crianças que estavam sob os cuidados de uma *babysitter/nannie* em Portugal, correspondiam: crianças com 2 e 3 anos (66,66%), totalizando 12 crianças nessa faixa etária; 4 crianças com 1 ano de idade (22,22%); 2 crianças (11,12%), com 6 anos de idade.

Tabela 1

Dados sociodemográficos Brasil e Portugal

	Brasil	Portugal
Número de Participantes	16	18
Média de idade das participantes	45	25
Média de tempo com a criança(horas/dia)	8,93	5,05
Percentil - Escolaridade		
Fundamental Incompleto	16,7%	
Fundamental Completo		
Ensino Médio Incompleto	11,1%	
Ensino Médio (12º ano escolar)	72,2%	14,2%
Graduação (Licenciatura)		42,9%
Mestrado		42,9%
Estado Civil		
Solteira	38,9%	85,7%
Casada	50%	4,8%
Divorciada	11,1%	4,8%
União Estável (União de Facto)		4,8%

O critério de exclusão da pesquisa, no território português, para a não participação foram: a) não ser portuguesa, b) não ter o tempo mínimo de seis meses de cuidado com uma criança e, c) não ter concluído o formulário sociodemográfico por completo. No território brasileiro, a não participação também obedeceu ao tempo mínimo de cuidado da criança (6 meses), bem como ao preenchimento do formulário sociodemográfico.

8.3 Documentos e tarefas

8.3.1 Formulário de dados sociodemográficos

A proposta do formulário, enviado online via *Google Forms*, foi identificar aspectos sociodemográficos de cada participante do estudo como idade, nacionalidade, nível de escolaridade, estado civil, se havia filhos, suas idades e com quem a criança ficava quando estava realizando o *babysitting*. Também foi solicitado que indicasse há quanto tempo cuidava da criança, quantas horas por dia exercia a atividade de *babysitting* e a idade da criança.

O preenchimento do formulário, no Brasil, teve algumas particularidades. A maioria das participantes demonstrou dificuldade para abrir e inserir os dados solicitados. Embora parte do público tenha o Ensino Médio completo, foi possível observar um certo “analfabetismo digital”. Esse fenômeno caracteriza-se pela dificuldade de entendimento frente às ferramentas que fazem parte do universo tecnológico. Nesse sentido, os indivíduos que não conseguem “ler” e realizar determinadas atividades, são excluídos dos avanços nessa área. Além desse fator, outro aspecto que contribuiu para o respectivo analfabetismo digital, foi à falta de acesso de algumas participantes à internet. O formulário foi enviado online, contendo em sua página inicial o Termo de Consentimento Livre.

8.3.2 Entrevista semiestruturada

Foi realizada uma entrevista online, semiestruturada, composta por 9 questões abertas, divididas em três grandes blocos, nos dias e horários estabelecidos com a participante, via *Zoom* ou *Google Meet*, no caso das entrevistadas portuguesas. O primeiro bloco tratou de aspectos da vida da babá (escolha por seguir essa profissão; influências de crenças e valores familiares recebidos em seu contexto de origem e que são transmitidos na prática de cuidado infantil e o entendimento do que sejam as práticas de cuidado infantil). O segundo abordou aspectos da sua percepção quanto a relação mãe/filho (como a mãe exerce a prática de cuidado infantil e o que considera importante na relação mãe/ filho). Por último, aspectos de prática de cuidado infantil e crenças/valores da família da criança (se havia alguma prática de cuidado infantil a ser realizada mais especificamente com a criança e se havia algum compartilhamento de crenças/valores com as *babysitters*/babás).

8.3.3 Sistemas parentais de Keller

A última questão da entrevista semiestruturada apresentava as 5 figuras que representam os sistemas de cuidado parental, descritos por Keller (2007), a saber: cuidados básicos, estimulação corporal, contato corporal estimulação por objeto e contato face a face. Foi solicitado que as respondentes organizassem as imagens por ordem de importância. Na sequência, foi pedido que justificassem sua escolha.

8.4 Procedimentos

8.4.1 Questões éticas

A pesquisa obedeceu às normas propostas pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP, Conselho Nacional de Saúde, Ministério da Saúde, Brasil) e do Código de Ética Profissional dos Psicólogos e, atendeu às exigências estabelecidas pela Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Foi submetida e aprovada pelo Câmara de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), sob o protocolo 14/2022. Para a coleta em Portugal, não foi necessário aprovação pelo comitê local, uma vez que a pesquisa era brasileira e tinha seguido as normas vigentes do país de origem.

8.4.2 Dados do procedimento de coleta de dados

Os dados foram coletados em duas etapas diferentes. A primeira contemplou o público português, ocorrendo entre os meses de maio a outubro de 2022. Nesse primeiro momento, as *babysitters/nannies* foram contactadas, em sua maioria, a partir da plataforma de trabalho voltada para o público de *babysitting*, denominada *Babysits*. O acesso aconteceu após a inscrição no cadastro *Premium*, tendo um custo de 10,99 euros/mensais.

A partir do cadastro e do perfil explicitado, as candidatas enviaram mensagens e foi acertado dia/horário para as entrevistas online, via *Zoom* ou *Google Meet*, plataformas de preferência do público português. Após as devidas apresentações, a coleta se iniciava com o envio do Termo de Consentimento Informado. Assim que a candidata apresentava o aceite do documento, o Formulário Sociodemográfico era preenchido. Após o término e envio do documento, a entrevista semiestruturada era realizada, apresentando as dez perguntas que tratavam acerca da história da participante em relação ao *babysitting*, as práticas de cuidado infantil realizadas com as crianças, as crenças transmitidas por outros

cuidadores, bem como sua percepção acerca das práticas de cuidado infantil realizadas pelas mães e a existência ou não de crenças compartilhadas pela família da criança que estava sob seus cuidados, atendendo assim, aos objetivos do estudo. A coleta portuguesa teve uma duração de aproximadamente 25 minutos.

Os dados coletados no Brasil tiveram início em novembro de 2022 e finalizados em fevereiro de 2023. As primeiras participantes foram indicadas por pessoas próximas a entrevistadora. As demais respondentes foram obtidas através da amostragem denominada “bola de neve”, a qual se caracteriza pela utilização de cadeias de referências. Esse tipo de recurso se faz útil porque se torna uma fonte permanente de coleta de informações, podendo ser ampliado quando se pretende realizar outros estudos (Vinuto, 2014). Dessa forma puderam ser colhidas entrevistas em outros estados, além do Rio de Janeiro.

Após o contato previamente realizado, com marcação do dia e horário estabelecidos pelas participantes, a entrevista procedeu via *WhatsApp*. Este foi o único aplicativo disponível para que as entrevistas pudessem ser realizadas. Foi encaminhado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), para anuência da participante. Após essa etapa, foi solicitado o preenchimento do Formulário Sociodemográfico, sendo que em algumas entrevistas, as participantes solicitaram ajuda da entrevistadora para o preenchimento do documento. Ao término, fez-se a entrevista semiestruturada. O tempo da entrevista no Brasil foi de aproximadamente 40 minutos.

Portanto, em ambos os contextos, a ordem seguida de coleta foi:

- 1 – Contato com as participantes, via Zoom, Google Meet ou WhatsApp
- 2 – Envio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)
- 3 – Preenchimento do Formulário Sociodemográfico

4 – Entrevista semiestruturada

5 – Figuras de sistemas de cuidado (10ª questão da entrevista)

As figuras referentes aos sistemas de cuidado foram anexadas no final do formulário sociodemográfico. Ao final da entrevista, as participantes recebiam a instrução de ver as imagens e ordená-las, segundo o grau de importância de cada figura, justificando sua resposta.

8.4.3 Análise dos Dados

A análise dos dados obtidos na entrevista semiestruturada foi feita a partir do *software* Iramuteq, contemplando uma análise lexicográfica. Para tal, o corpus textual foi preparado, em um único arquivo, contendo todas as entrevistas transcritas na íntegra. A seguir, foi estabelecida a linha de comando, contendo as seguintes variáveis categóricas: escolaridade, estado civil, tempo de cuidado com a criança. Na linha subsequente, foi designada uma temática para cada questão.

Esse tipo de análise possibilitou que os segmentos de textos fossem classificados em função do vocabulário apresentado, dados esses demonstrados na Classificação Hierárquica Descendente (CHD). Esse tipo de análise apresentou os vocabulários semelhantes entre si e aqueles que se diferenciavam de outras classes. Assim, foi possível identificar a presença ou ausência de vocábulos que tinham relação com práticas de cuidado (Salviati, 2017).

O *software* apresentou a Nuvem de Palavras, onde estas foram organizadas em relação a frequência no corpus textual e quanto a sua posição no texto (Camargo & Justo, 2021).

A outra análise realizada, com vista a um maior aprofundamento do texto, foi a análise de conteúdo de Bardin (2016), seguindo as três etapas propostas:

1 – Etapa pré-exploratória – consistindo na leitura detalhada e aprofundada do material coletado, com a finalidade de compreender e organizar os conteúdos mais abordados para realização das demais etapas do processo.

2 – Etapa de exploração do material – buscando no texto os conteúdos que respondam aos objetivos levantados pela pesquisa, contribuindo para a categorização do conteúdo.

3 – Etapa de tratamento dos dados – reordenando os dados obtidos nas etapas anteriores, com base na literatura referida, permitindo elencar as categorias para a discussão a ser realizada.

A análise da última questão (10ª) da entrevista semiestruturada, foi realizada separadamente das demais, pois esta se destinava a ordenar e justificar de acordo com o grau de importância as figuras que representam os 5 sistemas de cuidado infantil. Para isso, utilizou-se o software Iramuteq, com objetivo de realizar uma análise lexicográfica visando caracterizar as práticas e crenças de cuidado infantil, bem como identificar a percepção dessas cuidadoras em relação às práticas de cuidado das mães.

9 Resultados e Discussão

9.1 Análise Iramuteq - Brasil

Os dados coletados da entrevista semiestruturada foram transcritos e analisados, inicialmente, pelo software Iramuteq. Dessa forma a análise textual realizada, a partir dos 16 textos, deu origem a 286 segmentos de texto, indicando um aproveitamento de 73,43 % dentre os 210 segmentos de textos classificados. Foi possível obter 9.871 ocorrências, ou seja, palavras, proposições, vocabulários ou formas, sendo 918 palavras distintas e 800 palavras com uma única ocorrência. Desta forma, o conteúdo originou 5 classes. A classe 1 apresentou 47 St's dentre os 210 classificados, o que indicou um percentil de 22,38%. A classe 2 obteve 32 St's, ou seja, um aproveitamento de 15,24% dentre os 210 segmentos de texto. A classe 3 teve um total de 44 St's, portanto, 20,59% de aproveitamento dentre os segmentos que foram classificados. A classe 4 atingiu 20% dos segmentos de textos, isto é 42 St's aproveitados. A última classe apresentou, finalmente, 45 St's e 21,43% de aproveitamento. Faz-se importante destacar que houve duas ramificações do corpus textual, sendo que a primeira se originou a partir da classe 1 e a segunda, dando origem as classes 2 e 3 e 4 e 5. As classes 2 e 3 foram as mais distantes da classe 1. Outro dado refere-se a análise léxica das palavras, reduzindo algumas de acordo com sua raiz. Dessa forma, palavras como “parco” e “fossar”, não estão no texto original, e representam a redução de palavras como “parquinho” e “fosse”.

Na análise da classe 1 foi identificada a temática voltada para a percepção das babás em relação às práticas maternas e aquilo que elas consideravam importante na relação entre mãe/filho. A classe 2 teve como temática a relação entre a babá e a criança. A classe 3 apresentou conteúdos que se referiram a história das babás e sua escolha de profissão. A classe 4 tratou das crenças das babás em relação

às práticas de cuidado infantil e o que consideravam importante quando as crianças estão sob sua responsabilidade. A classe 5, por último, apresentou o conceito de práticas de cuidado infantil, sob a ótica das babás.

Por último, foi realizada a nuvem de palavras, demonstrando como as formas lexicais mais repetidas se apresentaram em relação a frequência, evidenciando aquelas que foram mais representativas no corpus textual.

Na figura 2, segue o dendrograma que foi gerado pelo software.

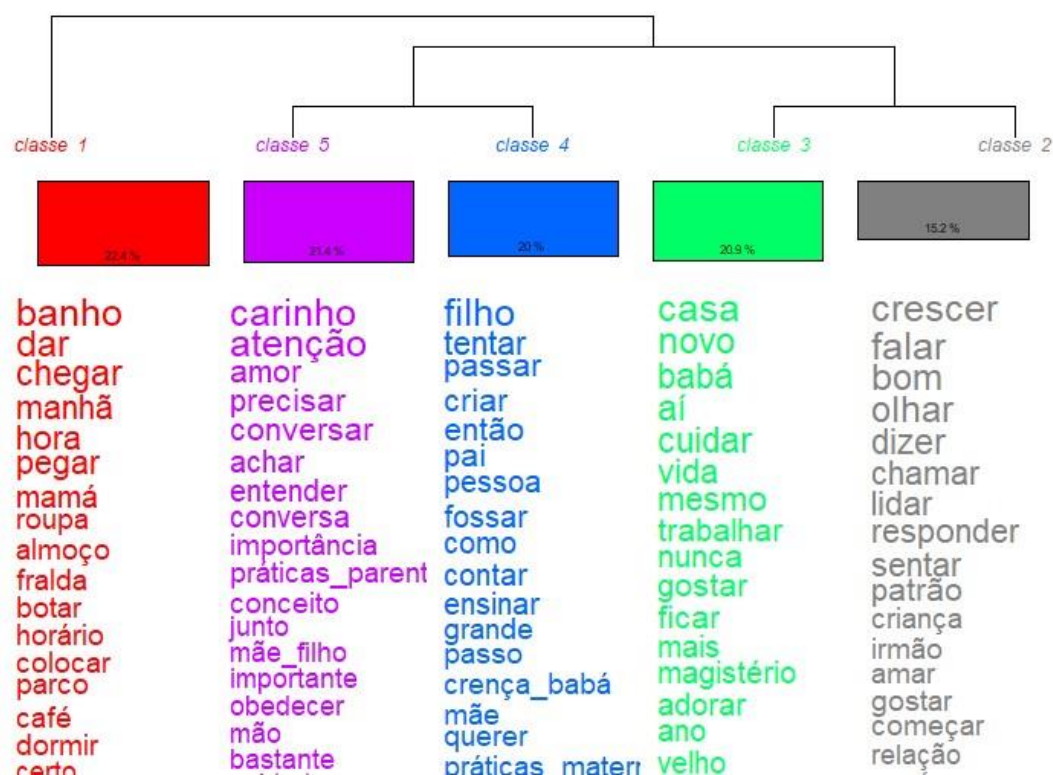


Figura 2

Dendrograma de classes (Análise Brasil)

A partir das classes que se originaram, um organograma foi elaborado, demonstrando algumas palavras que foram geradas, levando em consideração o teste do qui-quadrado. Dessa forma, o valor estabelecido foi χ^2 de 3,84 e $p \geq 0,05$. Esse organograma mostrou os vocabulários semelhantes entre si e aqueles que eram diferentes das outras classes. A seguir, serão descritas, operacionalizadas e

exemplificadas cada uma dessas classes, de acordo com a Classificação Hierárquica Descendente (CHD).

Tabela 2

Organograma das classes (Brasil)

Corpus Textual - 210 St's índice 73,43%									
Classe 1 – Ponto de Partida 47 St – 22,38%		Classe 2 – Ponto de Partida 32 St – 15,24%		Classe 3 – Ponto de Partida 44 St – 20,95%		Classe 4 – Ponto de Partida 42 St – 20%		Classe 5 – Ponto de Partida 45 St – 21,43%	
Palavras	X²	Palavras	X²	Palavras	X²	Palavras	X²	Palavras	x²
Banho	54,23	Crescer	28,49	Casa	28,24	Filho	38,2	Carinho	37,68
Mamá	21,42		Babá	21,58					
Fralda	14,14	Olhar			22,68	Cuidar	20,18	Criar	20,49
Horário	13,26		Criança	9,14					
		Amar			7,78	Gostar	12,66	Amor	18,41
Cansado	10,56	Gostar	7,15	Bebê	10,74	Ensinar	12,93		
								Relação	6,23
Rotina	9,79	Brincadeira	6,23	Criança	7,82	Educação	8,41	Conversar	18,14
Descansar	6,5			Nordeste	3,84	Respeitar	5,12	Cuidado	5,11

Classe 1 – Temática da classe: **Percepção quanto as práticas de cuidado maternas e relação mãe/filho**

A classe 1 obteve 47 St's e apresentou algumas palavras como: “banho” ($x^2=54,23$), “mamá” ($x^2=21,42$), “fralda” ($x^2=14,14$), “horário” ($x^2=13,26$), “cansado” ($x^2=10,56$), “rotina” ($x^2=9,79$) e “descansar” ($x^2=6,5$). Dentre as respostas, foi possível identificar que essa classe foi composta, principalmente, por participantes que não tinham filhos e que cuidavam há pelo menos 2 anos de criança. Nessa classe, surgiu uma palavra que não fez parte dos relatos das participantes. Esse é um dos aspectos em que o software, ao realizar as análises, reduz as palavras em sua raiz, como em “parco”. Esse vocábulo se refere a palavra “parquinho”.

Temática da classe	Relato das participantes
Percepção quanto as práticas maternas e relação mãe/filho	<p>Ind.(05): “... de manhã ela chegava assim a dar o banho nele mas muitas vezes era mais eu para ela poder descansar resolver as coisas dela e aí de três em três horas a gente se monitorava porque ele mamava peito...”</p> <p>Ind.(09): “... e pode dar um problema então eu observava muito isso nela ela nunca chegava cansada assim do trabalho já pegava as meninas não primeiro ela ia tomava banho observava relaxava...”</p> <p>Ind.(10): “...de dar banho na hora certa botar para dormir na hora certa eu aprendi com a minha mãe</p> <p>Ind.(13): “... ela trabalha o dia inteiro de manhã às vezes dependendo do horário que a bebê acorda se for muito cedo acho que quando eu chego ela tem dado café da manhã para ela o lanche...”</p> <p>Ind. (06): “... sim a hora dela que ela leva para a natação ela fica lá dá banho troca a roupa dela...”</p>

De acordo com a percepção das babás, a relação mãe/filho(a), no dia a dia, parece estar baseada em práticas de cuidado voltadas para o atendimento das necessidades básicas das crianças: “...de manhã ela chegava assim a dar o banho nele...” (Ind.05); “...quando eu chego ela tem dado café da manhã para ela o lanche...” (Ind. 13); “...a hora dela que ela leva para a natação ela fica lá dá banho troca a roupa dela...” (Ind.06). Desse modo, os relatos se relacionam ao primeiro sistema de cuidado parental, denominado de cuidados primários, o qual apresenta características de sobrevivência da espécie, envolvendo alimentação, proteção e higiene (Keller, 2012). É importante destacar que as babás apontaram, ainda, a importância da relação mãe/filho(a) ser baseada no diálogo, no envolvimento afetivo, no fortalecimento desse laço, no brincar. Contudo, um dado que foi trazido por boa parte das participantes, teve relação com a tentativa de conciliar vida profissional e maternidade. Ainda hoje, cabe a mulher, a responsabilidade do papel afetivo da

família, ou seja, o cuidado com crianças, a educação, o cuidado com idosos. Essa perspectiva gera uma sobrecarga de papéis, refletindo em duplas jornadas de trabalho (Pinheiro & Biasoli - Alves, 2008).

Classe 2 – Temática da classe: **Relação entre babá e criança**

A classe 2 teve um total de 32 Sts entre os 210 segmentos analisados, com um percentil de 15,24%. Algumas palavras que emergiram foram: “crescer” ($x^2=28,49$); “olhar” ($x^2=22,68$); “criança” ($x^2=9,14$); “amar” ($x^2=7,78$) e, “brincadeira” ($x^2=6,23$). Nesta classe, os relatos se associaram a babás casadas e que cuidavam de crianças há pelo menos 4 anos.

Temática da classe	Relato das participantes
Relação entre babá e criança	<p>Ind.(04): “...às vezes você está triste o olhar no olhar de uma criança te deixa muito feliz eu acho que é isso é felicidade só de olhar uma criança e saber que ela te ama também verdadeiramente é muito bom muito gratificante...”</p> <p>Ind.(01): “...o que eu falar está falado e o que ele falar está falado e falar sempre a verdade para que elas cresçam sabendo o que é o mal o que é o bem mas que venha a verdade que é o mais importante...”</p> <p>Ind.(02): “... eu sempre falo isso com elas e enxergar as coisas com um olhar com outro olhar ...”</p> <p>Ind.(05): “... é o cuidado com a alimentação de vocês fazer uma boa alimentação você ser criativa em relação aos alimentos é toda essa parte igual fala assim de higiene com o neném...”</p> <p>Ind.(09): “... porque tem criança que é muito agitado então a gente tem que estudar o agitação dela como começou o porquê o que que a gente está fazendo que ela não goste o que que a gente fala a brincadeira que a gente brinca com ela que ela não gosta...”</p>

	<p>Ind.(04): “...criança tem uma sinceridade uma sensibilidade muito boa criança que você pode falar ela vai te obedecer vai te ouvir quando você ficar triste ela vai te ajudar naquela tristeza...”</p> <p>Ind.(16): “... e a família tinha uma neta que estava grávida e ela gostava muito de mim me chamou e eu comecei e essa vizinha nossa era muito amiga da dos meus pais aí falou que ia arrumar um plantão para mim...”</p> <p>Ind.(15): “...as vezes a gente tem que falar mais firme com eles e não voltar atrás que eu digo não voltar atrás é falou está falado porque eles são muito espertos...”</p> <p>Ind.(14): “... é na época eles eram católicos mas é livre que às vezes eu falo que vou cantar uma música gospel para acalmar ela e tudo que eu faço eu falo aí eles olham e falam que pode...”</p> <p>Ind.(05): “... e aí foi o que eu te falei no primeiro dia que é difícil às vezes a mãe deixar o neném com a gente então eu acho que ela tinha muita confiança comigo assim lá na casa com ele...”</p>
--	--

A classe 2 apresentou discursos em que foi possível observar que a relação entre a babá e a criança, é permeada de afetos, de momentos de lazer, de suprimento das necessidades primárias, bem como de conteúdos que perpassam o campo do cuidar e educar. Sobre esse último elemento, é preciso desconstruir a relação entre cuidado e educação, dentro do ambiente doméstico, pois ainda hoje, em certas culturas e famílias, vigora-se que a instrução é destinada à família e à escola. Nesse sentido, o ato de cuidar é visto apenas como uma prática destinada a atender uma demanda, afastando aspectos de transmissão de crenças, valores e aprendizados (Kondratiuk & Neira, 2018).

Um outro ponto relatado, trata da intensidade da relação estabelecida com a criança, diante do vínculo formado, a babá pode preencher um campo imaginário de “mãe” (Silveira, 2014). Tal fato pode ser percebido, através da quantidade de tempo em que ficam com a criança, uma média de 8,93h/dia. No estudo com 15 díades de mães e babás, na cidade do Rio de Janeiro, sobre práticas e crenças de cuidado infantil, as babás ficavam, em média, 8,33h/dia com crianças e, as mães, 5,83h/dia (Sena, 2020). Portanto, nota-se um ligeiro aumento do tempo de cuidado das babás. Isto pode decorrer de jornadas laborais mais intensas, exigindo que as mães estejam fora do ambiente familiar, por um tempo maior.

Classe 3 – Temática da classe: **Como foi a escolha de ser babá**

A classe 3 contou com 44 St's, indicando 20,95% de aproveitamento dentre os segmentos analisados. As palavras que encontraram maior χ^2 foram: “casa” ($\chi^2=28,24$); “babá” ($\chi^2=21,58$); “cuidar” ($\chi^2=20,18$); “trabalhar” ($\chi^2=16,46$); “bebê” ($\chi^2=10,74$); “criança” ($\chi^2=7,82$).

Temática da classe	Relato das participantes
Ser babá	<p>Ind.(13): “... eu já trabalhava com a família e aí já tinha duas crianças já tinha a mais velha tinha acho que três anos quando eu cheguei aí depois nasceu a outra a que é bebezinha também que eu cuido dela...”</p> <p>Ind.(08): “...porque aí você começa a trabalhar cuidar de filho e tem que comprar um terreno tem que construir uma casa e a vida vai passando e aí eu mesmo trabalhando fiz uns extras de babá porque eu gostava...”</p> <p>Ind.(02): “... toda a minha vida eu tomei conta de criança eu sou a filha mais velha da minha mãe então fui responsável sempre por cuidar dos meus irmãos quando eu comecei a trabalhar no rio toda casa que eu trabalhava tinha criança...”</p> <p>Ind.(04): “... eu acho que a minha paixão por criança na verdade o meu sonho de consumo é pegar um recém_nascido nunca peguei um recém_nascido a única bebê que eu peguei mais nova foi a que eu cuido...”</p>

	<p>Ind.(11): “... eu comecei a cuidar dela e da casa também ao mesmo tempo assim eu conheço ela quando nem sonhava em ter a bebê e eu já ia na casa dela às vezes eu organizava alguma coisa no apartamento dela... babá eu sou um pouco de tudo mas assim o foco mesmo é ela mas eu faço tudo porque eu nunca tinha cuidado assim de criança eu trabalhava em salão eu trabalhei em salão 20 anos... na pandemia teve aquela coisa salão fechou e eu fiquei sem trabalhar e ela era minha cliente e ela estava grávida da menina e aí fez a proposta para mim para cuidar da bebê...”</p> <p>Ind.(08): “...babá desde pequena desde criança mesmo pequeninha eu sempre gostei muito de bebês eu me apaixonava por bebês em qualquer lugar que eu ia se eu ia na igreja eu ficava no meio dos bebês e aí quando chegou um determinado tempo da minha vida eu falei não gosto de trabalhar nesse lugar eu sei que eu sou concursada mas quero me enfiar nesse mundo mesmo e já estou nessa brincadeira há uns 25/ 26 anos...”</p> <p>Ind.(14): “...tem babá, na verdade eu fazia faxina e fui convidada para ser babá porque eu já trabalhava na casa há vários anos eu fui acompanhante do biso dela ele morreu eu fui fazer outras coisas e depois me convidaram para ser babá...”</p> <p>Ind.(03): “... faço e procuro sempre dar o melhor de mim é eu trabalhei em uma casa 16 e vim para essa aí que já estou há 10 conceito para mim é importante você ter cuidado cuidar daquilo...”</p> <p>Ind.(15): “... ela trabalhava no hospital e quando ela teve a neném eu ajudava a cuidar então a maior parte do tempo ela ficava comigo e aí eu já gostava...babá para mim foi maravilhoso eu sempre gostei muito de cuidar de criança eu sempre cuidei eu sou do nordeste eu cuidei da minha sobrinha desde novinha...”</p> <p>Ind.(10): “... é pelo fato de eu gostar mesmo de cuidar de criança eu gosto é um trabalho que eu gosto de fazer eu prefiro cuidar de criança de que cuidar de casa de que fazer comida...”</p> <p>Ind.(16): “...babá quando era mais nova né na época de colégio eu queria muito ser pediatra eu sempre gostei muito de criança mas a situação dos meus pais eles não puderam pagar para mim fazer uma faculdade fazer uma pediatria...”</p> <p>Ind.(09): “... babá antes quando ela era mais nova eu só ficava por conta das meninas</p>
--	--

	porque era pequena e não tinha como mas assim os quartos das meninas e a roupa era por minha conta...”
--	---

Os relatos que a classe 3 identificou no corpus textual, trata da escolha por ser babá. Um processo que foi atravessado pelas vivências culturais e pessoais de cada participante. Entre os discursos, há determinados aspectos que podem ser relatados como uma escolha decorrente da cultura, entrelaçada com os costumes de cuidado, por exemplo, da Região Nordeste: “...toda a minha vida eu tomei conta de criança eu sou a filha mais velha da minha mãe então fui responsável sempre por cuidar dos meus irmãos...” (Ind. 02). Nesse sentido, é imprescindível relacionar a cultura decorrente dos processos que foram instituídos a fim de promover o crescimento humano, conceito este abordado por Cole (1995). Assim, a cultura dessas participantes, se constituíram das experiências vividas “no jardim”, ou seja, no seu contexto de pertencimento. Nesse ambiente, elas receberam os primeiros cuidados, além dos valores e crenças transmitidos pelos primeiros cuidadores. Tais elementos se tornaram fundamentais para a mediação do desenvolvimento social e intelectual dessas cuidadoras.

Ao mencionar o nicho de desenvolvimento, Harkness e Super (2007) apontaram para a importância de se conhecer o ambiente físico e social da família. Essa perspectiva diz a respeito do tipo de habitação familiar, das condições de infraestrutura, acesso à educação, saúde, entre outros e, das inúmeras relações do ambiente doméstico. Esses elementos podem refletir nas oportunidades de interações que a criança fará, na família e comunidade. Além disso, os três subsistemas do nicho de desenvolvimento, partilham a influência relativas ao desenvolvimento do indivíduo com a cultura, formando o contexto de desenvolvimento da criança. Os relatos, de certa forma, indicaram que algumas

babás, em busca de melhores oportunidades, fizeram o movimento de migração para outras cidades, de outros estados. Esse ponto condiz com a proposição de que o trabalho doméstico, no Brasil, normalmente é realizado por mulheres, oriundas de famílias de baixa renda, que não recebem treinamento específico para realizar tais atividades, e que migraram de diferentes contextos brasileiros (Pósthuma, 2021).

De outro lado, as práticas e costumes de cuidado são moldados e influenciados por determinados contextos e cultura. Isso não significa que sejam elementos estáticos e sem flexibilidade. Mas ambos combinam com aspectos de dinamismo e movimento, diante da necessidade da espécie, alterando o ambiente físico e social (Harkness & Super, 2007). Assim, cuidar de irmãos mais novos e, a partir dessa experiência, escolher “ser babá”, pode ter sido um costume de cuidado, internalizado e transmitido entre gerações.

A escolha também aponta para um gosto pessoal, pela afinidade com crianças: “...eu acho que a minha paixão por criança...” (Ind.04); “...desde pequena desde criança mesmo pequeninha eu sempre gostei muito de bebês eu me apaixonava por bebês em qualquer lugar que eu ia...” (Ind.08); “... pelo fato de eu gostar mesmo de cuidar de criança...” (Ind.10). A afinidade, voltada para o cuidado infantil, de certa forma, pode viabilizar as interações com a criança. Assim, é possível que este elemento, combinado com a disponibilidade emocional, desenvolva o sentimento de pertencimento a criança. Essa característica, permite ao cuidador, ser contingente para o bebê, promovendo e desenvolvendo o senso de ser amado e cuidado (Mrazek, 2013).

Alguns relatos demonstraram a oportunidade de crescimento profissional de empregadas domésticas que faziam serviços de limpeza e organização da casa e,

tiveram a possibilidade de se tornarem babás: “...eu fazia faxina e fui convidada para ser babá porque eu já trabalhava na casa há vários anos...” (Ind.14); “...eu já trabalhava com a família e aí já tinha duas crianças já tinha a mais velha tinha acho que três anos quando eu cheguei aí depois nasceu a outra a que é bebezinha também que eu cuido dela...” (Ind.13).

Classe 4 – Temática da classe: **Crenças das babás**

A classe 4 correspondeu a 42 St's, dentre os 210 analisados, indicando um aproveitamento de 20%. É possível observar algumas palavras como: “filho” ($x^2=38,2$); “criar” ($x^2=20,49$); “pai” ($x^2=18,16$); “ensinar” ($x^2=12,93$); “responsabilidade” ($x^2=7,71$) e, “respeitar” ($x^2=5,12$). O discurso das participantes que se identificaram como sendo solteiras, encontraram relevância para a respectiva análise.

Temática da classe	Relato das participantes
Crenças das babás	<p>Ind. (11): “...então eu passo para elas o que eu passei pros meus filhos porque assim a maior parte ela fica comigo por exemplo às vezes os pais saem sete e meia...”</p> <p>Ind. (08): “... então eu sou muito regradada com essas coisas então eu faço o que os pais querem e o que o pediatra prescreve ... eu trabalho de uma forma como eu gosto do que eu faço muito trabalho então com muito amor com muito carinho como se fosse minha própria filha meu próprio filho...”</p> <p>Ind.(03): “... de você tomar conta de você ser responsável para mim é tudo porque é muita responsabilidade cuidar do filho das pessoas dos outros importância ter o cuidado...”</p> <p>Ind.(15): “... o respeito eu aprendi muito isso peço muito que ele me respeite assim como eu respeito ele e eu fui criada assim minha mãe nunca foi evangélica mas eu fui criada na igreja...”</p> <p>Ind.(10): “... fico com eles durmo no mesmo quarto que eles a gente criou um vínculo</p>

	<p>um amor muito grande é um filho dois filhos que eu tenho três filhos que além de ter minha filha mais eles dois...”</p> <p>Ind. (03): “... quer dizer não foi boa por uma parte mas por outra foi muito boa porque me ensinou a ter responsabilidade porque eu não fui criada pelos meus pais...”</p> <p>Ind.(01): “... eu tento passar para elas a verdade e isso os pais delas gosta muito o que é a verdade o que é a sinceridade não mentir... mas eu tento passar o amor que eu trago da religião amor carinho a verdade sem falar em religião... eu tive uma infância muito verdadeira onde meus pais trabalhavam na roça meu pai é fazendeiro então eu acho que meus pais eles souberam me construir a pessoa que eu sou hoje...”</p> <p>Ind.(08): “...então assim é como se eles fizessem parte realmente de mim então eu cuido disso o que eu digo o cuidado em geral eu gosto muito de tomar conta de recém_nascido</p> <p>Ind.(02): “... eu procuro passar para elas que eu acho importante a educação a gente acreditar em deus porque deus é um ser soberano foi quem criou todo mundo foi quem criou a gente... porque os pais entregam as crianças para você então você tem que cuidar como fosse sua é uma responsabilidade muito grande importância o ensinamento porque querendo ou não como os pais trabalham a gente passa a maior parte com elas...”</p>
--	--

De acordo com os relatos obtidos, as babás identificaram crenças e valores que foram transmitidos ao longo do ciclo vital, por diferentes cuidadores, associados as demandas do meio e das experiências decorrentes dessa interação. Dessa forma, pode ser notada como determinadas crenças fazem parte de um modelo em que a cultura se relacionou com ideais dos pais, tornando-se elementos constitutivos para o desenvolvimento da criança (Rubin & Chung, 2006). Nesse sentido, os relatos expressam essa perspectiva: “... o respeito eu aprendi muito isso

peço muito que ele me respeite assim como eu respeito ele...” (Ind.16); “...eu tive uma infância muito verdadeira onde meus pais trabalhavam na roça meu pai é fazendeiro então eu acho que meus pais eles souberam me construir a pessoa que eu sou hoje...”(Ind.01); “...eu passo para elas o que eu passei pros meus filhos porque assim a maior parte ela fica comigo...” (Ind.11). Essas falas apontaram para a importância da relação estabelecida com os cuidadores, e como as crenças transmitidas pelos principais cuidadores são repassadas, além do impacto das mesmas durante o ciclo de vida das babás, dado este apontado por Seidl-de-Moura (2009).

Classe 5 – Temática da classe: **Conceito de práticas de cuidado infantil**

A classe 5 obteve 45 St's e apresentou um aproveitamento de 21,43%, com algumas palavras, como: “carinho” ($x^2=37,68$); “atenção” ($x^2=36,81$); “amor” ($x^2=18,41$); “conversar” ($x^2=18,14$); “importante” ($x^2=7,27$); “obedecer” ($x^2=6,95$) e, “cuidado” ($x^2=5,11$). Faz-se importante acrescentar que nessa classe, assim como na classe 1, a palavra “fossar” emergiu na análise, contudo não foi relatada pelas participantes. Esse aspecto se refere ao tipo de análise que o software utiliza, ao reduzir as palavras, conforme sua raiz. Nesse caso, a palavra se referia ao verbo “fôssemos”. Nessa classe, a composição das análises apontou para as participantes que possuíam Ensino Fundamental Incompleto, bem como tempo de cuidado compreendido entre 6 e 9 meses.

Temática da classe	Relato das participantes
Conceito de práticas de	Ind.(14): “... cuidar de uma criança é dar carinho dar atenção é cuidar de modo geral estar sempre atenta às necessidades dela no dia a dia, eu gosto muito de dar atenção de conversar eu gosto de dar carinho eu acho que a criança precisa muito dessa coisa de carinho de atenção de conversar...”

cuidado infantil	<p>Ind.(12): “... é ter atenção né abrir mão de muitas coisas pra está ali com eles assim ter amor carinho importância atenção e amor...”</p> <p>Ind. (13): “...em primeiro lugar ter responsabilidade, atenção, carinho...”</p> <p>Ind.(09): “... carinho dar atenção a conversa saber falar com as crianças porque a gente não vamos falar com as crianças que nem fala com os adultos...”</p> <p>Ind.(08): “...educando explicando ensinando sem gritos e sem berros sempre conversando mas todo o carinho e cuidado eu acho que pra mim é o essencial é o que eles precisam...”</p> <p>Ind.(12): “...o cuidado na hora da janta na hora de dormir esses cuidados de mãe e pai o que eu acho importante é que ela dê mais atenção e amor a eles...”</p> <p>Ind.(10): “... do que outras coisas então para mim é muito gratificante o cuidar é quando ele é pequeno cuidar bem dar carinho dar amor brincar junto conversar com eles...”</p> <p>Ind.(05): “... o que eu entendo é assim é o cuidado é o amor você vê muito babá trabalhar pelo dinheiro eu acho também que você precisa mas você também não botar amor é uma babá que fica trocando de casa o tempo todo...”</p> <p>Ind.(04): “... eu acho que é isso você saber que aquela criança ali tem motivo de sobra para poder te dar carinho te dar amor e você está disposta a tudo para ela saber que você está indo trabalhar...”</p> <p>Ind. (07): “... é um carinho que a gente tem que dar pra uma criança que os pais infelizmente não podem não podem dar a gente tem que se doar o máximo para dar o cuidado cuidar ensinar tudo isso...”</p>
------------------	--

Os relatos descritos apontam para o conceito de práticas de cuidado infantil, a partir da perspectiva das babás, que combinam a relação de comportamentos e afetos, decorrentes da interação com a criança. As práticas de cuidado infantil, constituem um subgrupo do nicho de desenvolvimento, composto pelo ambiente físico e social, os costumes de cuidado e as etnoteorias parentais (Harkness & Super, 2007).

É possível notar que as descrições remeteram às práticas de cuidado, envolvem manifestações de carinho, amor, atenção. Nesse sentido, o estudo proposto por Sena (2020), com mães e babás, na cidade do Rio de Janeiro,

9.2 Análise de conteúdo de Bardin - Brasil

Para uma melhor compreensão e aprofundamento do relato das entrevistadas, a proposta da análise de conteúdo de Bardin foi empregada. Dessa forma, foi possível identificar as categorias de cada questão e aprofundar o discurso das participantes.

A primeira questão da entrevista semiestruturada teve como objetivo investigar como tinha sido a escolha por ser babá, como essa profissão surgiu na vida das participantes. Dessa forma, as categorias elencadas tiveram como ponto de partida as “Experiências familiares”, relacionando aspectos que tratam das vivências de cuidado ao longo do ciclo vital. Em segundo lugar, algumas babás tiveram a oportunidade de serem relocadas de função, passando de empregadas domésticas à babás. Outra característica foi denominada por “Afeição por crianças”, demonstrando um gosto pessoal na relação com crianças e, que de certa forma, influenciou na sua escolha profissional. Por fim, foi identificada a categoria “Oportunidades”, tendo como base: a formação educacional da cuidadora, a busca pelo primeiro emprego, e a nova perspectiva frente ao desemprego, relacionado a pandemia. A tabela a seguir, mostra as categorias e os respectivos relatos.

Questão 01 – Como foi a escolha de ser uma babá?	
Categorias de análise	Relato das participantes
Experiências familiares	<p>Ind. 02: “...Toda a minha vida eu tomei conta de criança, eu sou a filha mais velha da minha mãe. Então fui responsável sempre por cuidar dos meus irmãos. Quando eu comecei a trabalhar no Rio, toda casa que eu trabalhava tinha criança. E as crianças, não sei por que, sempre colam comigo...”</p> <p>Ind.05: “...Na verdade, quem começou com esse trabalho de babá foi minha</p>

	<p>irmã. E através dela, ela foi me colocando no ramo...”</p> <p>Ind.15: “...Eu sempre gostei muito de cuidar de criança, eu sempre cuidei. Eu sou do Nordeste, eu cuidei da minha sobrinha, desde novinha. Ela trabalhava no hospital, e quando ela teve a neném eu ajudava a cuidar, então a maior parte do tempo ela ficava comigo. E aí eu já gostava...”</p>
Relocação de função	<p>Ind.06: “...comecei como empregada, depois era cuidar das crianças...agora, eu acho que eu faço mais como empregada, porque agora já está tão grande...”</p> <p>Ind.13: “...Eu já trabalhava com a família. E aí já tinha duas crianças, já tinha a mais velha. Tinha acho que três anos quando eu cheguei...”</p> <p>Ind.14: “...Na verdade, eu fazia faxina e fui convidada para ser babá. Porque eu já trabalhava na casa há vários anos, eu fui acompanhante do biso dela...”</p> <p>Ind.16: “...eu fiz técnico de enfermagem, na época... aí uma vizinha que trabalhava no hospital da aeronáutica arrumou para mim como acompanhante lá... Pra mim ficar com uma pessoa pra tomar conta, pra ajudar com medicação, essas coisas assim. E eu fui pra lá... a família tinha uma neta que estava grávida, e ela gostava muito de mim, me chamou e eu comecei... dali eu parti pra Urca, fui tomar conta do neném dela...”</p> <p>Ind.09: “...eu cuidava de um idoso que veio a falecer...essa família era muito amiga do meu patrão... então ele disse pra fazer uma experiência...eu vim e fiquei e cuido das meninas até hoje, lavo, passo a roupa delas e faço a comida delas...”</p>
Afeição por crianças	<p>Ind.03: “...Eu adoro criança. É uma coisa que eu gosto...”</p> <p>Ind.04: “...Eu acho que a minha paixão por criança. Na verdade, o meu sonho de consumo é pegar um recém_nascido. Nunca peguei um recém_nascido...”</p>

	<p>Ind.08: “...Desde pequena, desde criança mesmo, pequeninha, eu sempre gostei muito de bebês. Eu me apaixonava por bebês em qualquer lugar que eu ia. Se eu ia na igreja eu ficava no meio dos bebês, se eu ia em qualquer lugar era meio dos bebês, na escola me enfiava onde tinha bebês, crianças bem pequenas. Então eu sempre amei muito, crianças muito pequenas...”</p> <p>Ind.10: “...Eu cheguei aqui, vim do Nordeste, e eu sempre gostei de cuidar de crianças, sempre. Não fiz curso nenhum, mas assim, sempre gostei de lidar com crianças...”</p>
<p>Oportunidades:</p> <p>Pandemia</p> <p>Formação</p> <p>1º emprego</p>	<p>Ind. 11: “...Eu trabalhava em salão, eu trabalhei em salão 20 anos. Na pandemia teve aquela coisa, salão fechou, e eu fiquei sem trabalhar e ela era minha cliente. E ela estava grávida da menina, e aí fez a proposta para mim, para cuidar da bebê...”</p> <p>Ind. 01: “...Eu decidi ser babá, porque eu fiz magistério. Como magistério, gosta muito de criança... então eu procurei uma coisa que é ligado à criança e eu poderia ganhar mais, sem cuidar de várias crianças...”</p> <p>Ind. 07: “...Foi um querer meu, porque foi meu primeiro emprego. Eu perguntei pra minha amiga se tinha alguma coisa pra mim trabalhar... Trabalhei nove anos numa casa, aqui já há 3 anos, e trabalhei 1 ano em outra casa...”</p>

A escolha por ser babá, de acordo com os relatos, parece estar relacionada a uma demanda de dois contextos que se interrelacionam, o familiar e o sociocultural. Nesse sentido, algumas experiências de cuidado infantil, tiveram início no ambiente familiar. Diante da necessidade, essas mulheres tiveram a responsabilidade de cuidar dos irmãos mais novos, ou mesmo de outros membros da família, quando ainda eram crianças. As falas a seguir demonstram essa perspectiva: “...eu sou a

filha mais velha da minha mãe. Então fui responsável sempre por cuidar dos meus irmãos...” (Ind.02); “...Eu sempre gostei muito de cuidar de criança, eu sempre cuidei. Eu sou do Nordeste, eu cuidei da minha sobrinha, desde novinha...” (Ind.15); “... meus pais trabalhavam na roça, meu pai é fazendeiro, e lá é assim, os mais velhos vão cuidando dos outros...” (Ind.01). O cuidado, realizado por essas participantes, em diferentes etapas do ciclo vital, parecem expressar uma “cultura” de determinadas regiões do território brasileiro, principalmente do Nordeste, de áreas rurais e de comunidades. Dessa forma, a cultura pode mediar as interrelações dos diferentes ambientes (biológico, social e cultural), auxiliando no crescimento e na adaptação do organismo (Cole,1995).

Os relatos, demonstram, ainda, características do nicho de desenvolvimento, atrelado às ideias dos pais associadas ao contexto e as demais relações. As interações decorrentes do ambiente social, foram estabelecidas com outras crianças, parentes, vizinhos, pertencentes ao contexto da família. Assim, os costumes, as práticas de cuidado e as crenças e valores que foram vivenciados, podem estar refletindo as expectativas dos pais e do ambiente (Harkness & Super, 2007). Além disso, as diferentes vivências relatadas, apontam para o processo de desenvolvimento e as inúmeras transformações à sua adaptabilidade, levando em consideração os contextos históricos e culturais. Sendo assim, esse aspecto remete a compreensão do desenvolvimento, a partir da visão de Vigotski (2007).

Sobre os costumes de cuidado, foi possível relacioná-los a escolha da profissão, tendo em vista que essa atividade era desempenhada por outros membros da família: “... ela foi me colocando no ramo...” (Ind. 14); “...eu cheguei aqui, saí de Maceió sem emprego... fiz de tudo um pouco..., mas agora, eu, minha filha e

minha irmão de lá, somos babás... ela (irmã), começou lá, eu vim e tive essa oportunidade e coloquei minha filha...” (Ind.09).

A cultura de cuidado, presente na vida de algumas participantes, parecem estar em conformidade com algumas características apontadas por Posthuma (2021), ao afirmar que o trabalho doméstico, normalmente é designado para mulheres de baixa renda, migrantes, com pouca escolaridade e que não receberam treinamento para o exercício dessa profissão. “...Eu cheguei aqui, vim do Nordeste, e eu sempre gostei de cuidar de crianças, sempre. Não fiz curso nenhum, mas assim, sempre gostei de lidar com crianças...” (Ind.10). Por outro lado, é possível notar uma crescente perspectiva, no que diz respeito a denominada “economia de cuidado”, apresentando uma oportunidade de empregabilidade e de profissionalização, uma vez que o número de idosos e crianças tenderão a aumentar, de acordo com OIT (2018): “...eu cuidava de um idoso que veio a falecer...essa família era muito amiga do meu patrão... então ele disse pra fazer uma experiência...eu vim e fiquei e cuido das meninas até hoje...” (Ind.09); “...eu fiz técnico de enfermagem, na época... aí uma vizinha que trabalhava no hospital da aeronáutica arrumou para mim como acompanhante...de lá conheci a família e fui cuidar da bebê...”(Ind.16); “...Porque eu já trabalhava na casa há vários anos, eu fui acompanhante do biso dela...”(Ind.14).

Algumas respondentes afirmaram que iniciaram suas atividades laborais como empregadas domésticas e, após um tempo de serviço, tiveram a oportunidade de se tornarem babás: “...comecei como empregada, depois era cuidar das crianças...agora, eu acho que eu faço mais como empregada, porque agora já está tão grande...” (Ind.06); “...Na verdade, eu fazia faxina e fui convidada para ser babá...” (Ind.14). Sobre esse aspecto, Silveira (2014) argumenta que as babás não

gostam de serem confundidas com empregadas domésticas. Para elas, ser babá significa uma forma de status, tanto na família como na relação com os demais trabalhadores domésticos. No entanto, essa conotação é mais utilizada entre os empregados, isso porque em termos de legislação trabalhista brasileira, a babá não possui uma categoria laboral específica. Há ainda que se considerar que em alguns lares, algumas mulheres realizam trabalhos de limpeza, alimentação, concomitantemente ao cuidado de crianças, mas não são reconhecidas como babás, o que causa certa confusão de papéis para determinadas trabalhadoras (Kondratiuk & Neira, 2018).

A categoria intitulada “Afeição por crianças”, indicou que as entrevistadas escolheram ser babás pela facilidade de interação com essa faixa etária, por identificarem afinidades e, também, pelo afeto que é estabelecido. De certa maneira, a disposição para o cuidado infantil, envolve elementos relativos à disponibilidade emocional, compreensão das necessidades físicas e emocionais da criança, tal como proposto por Mrzaek (2013). Diante desses aspectos, a figura da babá passou a ser promotora do acolhimento das necessidades da criança, direcionando seu processo de desenvolvimento.

A segunda questão teve o intuito de compreender o significado de práticas de cuidado infantil para as babás. A partir dos relatos emitidos, as categorias que se formaram dizem respeito à proteção, ao suprimento de necessidades relativas ao cuidado básico da criança (como alimentação, higiene e banho) e as interações afetivas estabelecidas e promovidas através de práticas de cuidado infantil.

Questão 02 – O que são práticas de cuidados infantis? Como você cuida da criança?	
--	--

Categorias de análise	Relato das participantes
-----------------------	--------------------------

<p>Suprimento de necessidades básicas (cuidar do bem-estar)</p>	<p>Ind.01: "...é proteger, isso mesmo. Do meu ponto de vista, é a gente tem que proteger ela, cuidar..."</p> <p>Ind.02: "...Cuidar para mim é estar presente ali, quando elas acordam. Dar o café, é pentear, ajudar a escovar o dente..."</p> <p>Ind.06: "...Eu acho que é um conjunto. Dar um banho, dar alimentação, trocar roupa, tudo isso, eu acho que é um conjunto..."</p> <p>Ind.08: "...Cuidado com a higiene, higiene pessoal, higiene das coisas dele, cuidar das coisas dos bebês. Então eu gosto muito dessa, dessa área, dos horários..."</p> <p>Ind.11: "...No meu dia a dia, por exemplo, eu com a menina, eu chego de manhã, já pego ela, se precisa trocar fralda, eu corro, troco ela. Se precisa dar um banho, já dou um banho nela, dou o café da manhã para ela... Quando ela não vai para a escola..."</p>
<p>Aspectos afetivos</p>	<p>Ind.04: "... Eu acho que é você amar ao próximo. Lidar com a criança, é o que eu falei, criança tem uma sinceridade, uma sensibilidade muito boa..."</p> <p>Ind.05: "...O que eu entendo é assim, é o cuidado, é o amor.... a primeira coisa é o amor que você tem que ter. A dedicação, porque a pessoa entrega o bem mais precioso dela para a gente tomar conta. Se não tiver amor para trabalhar em cima disso, é difícil, você não evolui, no seu trabalho, você não sai bem do seu trabalho..."</p> <p>Ind.07: "...É um carinho que a gente tem que dar pra uma criança, que os pais infelizmente não podem. Não podem dar, a gente tem que se doar o máximo para dar o cuidado, cuidar, ensinar, tudo isso..."</p> <p>Ind.09: "...Carinho, dar atenção..."</p> <p>Ind.10: "...O cuidar é quando ele é pequeno, cuidar bem, dar carinho, dar amor, brincar junto, conversar com eles... Ter muito carinho com eles, então acredito que isso, não deixar machucar, não deixar cair, não gritar..."</p>

	<p>Ind.12: “...Tomar conta de uma criança é estar sempre ali por perto deles, ter o maior cuidado. É ter atenção... ter amor, carinho...”</p> <p>Ind.14: “...Cuidar de uma criança é dar carinho, dar atenção. É cuidar de modo geral...”</p> <p>Ind.15: “...Cuidar de uma criança para mim é o amor, é ajudar a ter os cuidados, educar...”</p> <p>Ind.16: “...Eu acho que o cuidar da criança é você gostar muito, é ter toda a paciência...”</p>
--	---

As práticas de cuidado infantil estão intimamente relacionadas com aquilo que os cuidadores acreditam ser importante para o desenvolvimento da criança e, de certa forma, apontam para como elas devem ser executadas (Harkness & Super, 2007). Embora as participantes do estudo estejam realizando o cuidado com crianças, e vivendo em diferentes regiões brasileiras, a forma como o cuidado é estabelecido, parece ser muito similar. Assim, é possível notar a relevância dada ao sistema de cuidados primários, que garante a sobrevivência da espécie. Portanto, os aspectos relativos à proteção, higiene e alimentação, são fundamentais, principalmente nos primeiros anos de vida da criança (Keller, 2012). A atenção a esse sistema, também corrobora o estudo feito por Sena (2020), no qual as babás atribuíram relativa importância ao cuidado das necessidades básicas das crianças, de estarem limpas, protegidas e alimentadas.

Observa-se, ainda, que as práticas de cuidado infantil se relacionam com aspectos dos cuidados primários. Conforme os relatos, tais práticas parecem atreladas às experiências de trocas afetivas com as crianças e, são entendidas como manifestações de carinho, atenção, amor, responsabilidade. Uma dedicação tão intensa, que parece designar certo altruísmo, por parte da cuidadora, como se notou no discurso da participante 12: “...abrir mão de muitas coisas. Pra está ali com eles...

quando a gente é babá, a gente passa a ser a segunda mãe...”. O afeto proporcionado por pais e/ou cuidadores, será de fundamental importância para a aquisição e aprendizado de habilidades a fim de promover um desenvolvimento adequado (Vergara Hernandez, 2017). Essa característica também foi identificada no estudo acerca das práticas e crenças de cuidado infantil, proposto por Sena (2020), com 15 díades de mães e babás, na cidade do Rio de Janeiro. Dessa forma, a interação desenvolvida entre cuidador/bebê, pode garantir o desenvolvimento favorável que repercutirá ao longo do ciclo vital do indivíduo.

Alguns relatos apontaram, a estreita relação entre o conceito de práticas de cuidado infantil associado a um papel que, normalmente, é destinado à figura materna. Talvez por isso, as babás utilizem a expressão relativa ao cuidado de uma criança “como se fosse seu filho”. Tal particularidade se revela na intensidade da relação de cuidados com a criança, corroborando para que a babá ocupe um “lugar imaginário de mãe (Silveira, 2014). Seguem trechos de relatos: “... Porque os pais entregam as crianças para você, então você tem que cuidar como fosse sua...” (Ind.02); “...cuidado com a higiene, higiene pessoal, higiene das coisas dele, trabalho então com muito amor, com muito carinho, como se fosse minha própria filha, meu próprio filho... Então assim, é como se eles fizessem parte realmente de mim...”(Ind.08); “...Quando a gente é babá, a gente passa a ser a segunda mãe...”(Ind.12). A questão afetiva é um ponto delicado para as babás, isso porque o cuidado com crianças pode deslocar o afeto que deveria ser proporcionado aos próprios filhos (Kondratiuk & Neira, 2020). Além disso, para as babás, o cuidado com a criança, parece ser destinado à mãe, o que pode ocasionar em uma sobrecarga de papéis. Esse aspecto da criação, pode ser interpretado de outra maneira na visão da babá. Para aquelas que atendem a um público de classes mais abastadas, “quem

cria filho de rico é babá” (Cardoso, 2011; Pinheiro & Basioli-Alves, 2008; Silveira, 2014).

A terceira questão teve por objetivo investigar o que as babás consideravam importante ao terem uma criança sob sua responsabilidade. Nesse sentido, as respostas direcionaram para aspectos que tratam da afetividade (cuidado, atenção, carinho, amor, segurança, respeito, proteção), bem como o cuidado “como se fosse a própria filha”, a manutenção de uma rotina e o cuidado a relativo à alimentação e higiene. De certa forma, as categorias presentes nessa questão parecem similares aquelas apresentadas na questão 02, quando as babás conceituaram práticas de cuidado infantil, talvez pelo fato da conceituação ser em decorrência das próprias práticas de cuidado infantil.

Questão 03 - Quanto à prática de cuidados, o que você considera importante quando uma criança está sob sua responsabilidade?	
Categorias de análise	Relato das participantes
Cuidado de envolvimento parental	Ind.01: “...Eu sou madrinha dela. Então eu sou suspeita em falar. Eu cuido dela como se ela fosse minha filha, mas eu sei que ela não é minha filha... Eu gosto dela, amo ela, essas coisas todas. Então eu tento sempre cuidar dela de maneira como se ela fosse minha...”
Atitudes Socioafetivas (cuidado, educação, atenção, segurança, respeito e amor).	Ind.02: “...Porque querendo ou não, como os pais trabalham, a gente passa a maior parte com elas. Então poder ensinar alguma coisa, assim, para o mundo. A educação. Porque querendo ou não, a gente educa um pouco. Ind.03: “...ter o cuidado...” Ind.04: “...Atenção. Ter muita atenção com a criança, porque a criança cega muito...” Ind.06: “...Porque eu sempre falo pra ela que ela é meu coração...” Ind.07: “...Eles não se machucar. A saúde dele, a educação, tudo isso...”

	<p>Ind.08: “... Mais importante para mim é todo o cuidado com a criança...”</p> <p>Ind.09: “...Atenção...”</p> <p>Ind.11: “...Atenção. Atenção... Esses dias ela estava subindo na mesa. Então eu tenho que ficar ligada 24h com ela. Um vacilo que eu dou, ela agora aprendeu a puxar uma cadeira querendo ficar do meu lado no fogão olhando eu fazer comida...”</p> <p>Ind.12: “...Atenção e amor...”</p> <p>Ind.13: “...Atenção. Porque tem que ter bastante...”</p> <p>Ind.14: “...A segurança dela...”</p> <p>Ind.15: “...O respeito...”</p> <p>Ind.16: “...Que ela esteja bem. Que ela esteja feliz, que ela se sinta protegida...”</p>
Cuidados básicos (Higiene/ Alimentação/ Proteção)	Ind.05: “...É aquele cuidado mesmo da higiene... É o cuidado com a alimentação. De vocês fazer uma boa alimentação, você ser criativa em relação aos alimentos. É toda essa parte, igual fala assim, de higiene com o neném...”
Seguir rotina	Ind.10: “...O mais importante, o que eu mais importo com eles é dar banho deles na hora certa, dar almoço na hora certa, colocar a roupas neles na hora certa...”

A prática de cuidados infantil visa promover um ambiente que proporcione um clima emocional adequado ao desenvolvimento, levando em consideração a forma como essas ações garantirão a sobrevivência da criança. Assim, as práticas deverão permear expressões afetivas, tom de voz, gestos, garantia das necessidades básicas (Vergara Hernandez, 2017). Dessa maneira, os elementos trazidos a partir da categoria “Atitudes Socioafetivas”, descrevem como a prática de cuidado é vivenciada pelas babás e revelam a preocupação em relação ao desenvolvimento da criança: “...ter o cuidado...” (Ind.03); “...Atenção. Ter muita atenção com a criança, porque a criança cega muito...” (Ind.04). Tais aspectos também foram trazidos pelas

babás, na pesquisa feita com as díades mães e babás, na cidade do Rio de Janeiro (Sena, 2020). As práticas de cuidado, parecem, portanto, ser um exercício de trocas afetivas, a fim de atender uma necessidade tanto da criança, da família, quanto da babá. Para tal, atitudes que garantam a segurança, a atenção, o respeito e todo o envolvimento emocional, são direcionados ao bebê/criança (Keller, 2002).

A necessidade de estar atenta aos cuidados básicos também foi elencada, corroborando mais uma vez com os dados da pesquisa com duplas de mães e babás, na cidade do Rio de Janeiro, acerca de prática e crenças de cuidado infantil, desempenhadas por diferentes cuidadoras (Sena, 2020). A valorização do sistema referente aos cuidados básicos, tem o intuito de aliviar a angústia do bebê (Keller, 2012): “... É aquele cuidado mesmo da higiene... É o cuidado com a alimentação. De vocês fazer uma boa alimentação, você ser criativa em relação aos alimentos...” (Ind.05); “...O mais importante, o que eu mais importo com eles é dar banho deles na hora certa, dar almoço na hora certa, colocar a roupas neles na hora certa...” (Ind.10).

A quarta questão buscou identificar possíveis crenças, conhecimentos ou comportamentos que foram transmitidos às babás e que hoje, na sua prática, são repassados às crianças. Para tal, foi esclarecido que ao tratar sobre crenças, estas não se referem, necessariamente, a características de cunho religioso. Contudo, foi possível identificar esse viés em algumas respostas. Outro dado relatado por duas babás, teve relação com o fato de não terem sido criadas por seus cuidadores primários. Alguns relatos indicaram que essas mulheres foram morar em casas de família e, portanto, receberam a criação de outras figuras para além do contexto familiar. Nesse sentido, a infância não trouxe boas recordações, mas foi suficiente para ensiná-las determinados conhecimentos que hoje são refletidos e transmitidos

às crianças que estão sob seus cuidados. Outras categorias apontaram para a necessidade de estabelecer uma hierarquia nas relações e, consequentemente, o respeito aqueles que eram mais velhos, assim como regras de conduta social; a valorização do trabalho; seguir uma rotina de cuidados com a criança; a importância de estar em família; regras de higiene; diferentes aprendizados nos cursos para babás.

Questão 04 - Você consegue identificar, na sua prática de cuidados com criança, alguma crença/conhecimento ou algum tipo de comportamento que você tenha aprendido com seus familiares?	
Categorias de análise	Relato das participantes
Aspectos relativos à crença voltada para religião (amor; crer em Deus)	Ind. (01): “...Eu sou evangélica, eles são católicos. E assim, religião, cada um tem a sua. Mas eu ensinei o pai nosso para ela, que o pai nosso todo mundo faz. Eu tento não passar para ela a minha religião, mas eu tento passar o amor que a religião traz... Ind. (02): “...Eu procuro passar para elas que eu acho importante a educação. A gente acreditar em Deus. Porque Deus é um ser soberano, foi quem criou todo mundo, foi quem criou a gente. Eu sempre falo isso com elas...”
Aprendizados decorrentes de experiências fora do contexto da familiar	Ind. (03): “...A minha infância não foi boa. Quer dizer, não foi boa por uma parte, mas por outra foi muito boa, porque me ensinou a ter responsabilidade. Porque eu não fui criada pelos meus pais. Ind. (11): “...Comigo não, porque eu fui criada em casa de família. Mas assim, eu passo para ela o que eu passei para os meus filhos...” Ind. (14): “...A gente sempre observa. Quando eu vejo que tem uma coisa diferente, que é interessante, aí eu gosto de pôr em prática também...” Ind. (16): “...Todo lugar que eu trabalhei, quando eu saí, eu trouxe aquela experiência comigo. Comportamentos meus, me policiar, não fazer ou fazer...”

Hierarquia de papéis no ambiente familiar	Ind. (04): “...Eu procuro explicar para as crianças, que o adulto, sempre tem uma autoridade por ser mais velho, está ali, cuidando da criança. E assim, e a criança tem que obedecer...”
Diferentes aprendizados transmitidos pelos papéis parentais	<p>Ind. (06): “...Falar a verdade...”</p> <p>Ind. (07): “...Sentar na mesa para comer todo mundo junto. Muita coisa que eu aprendi na minha infância que eu coloco em prática até hoje, mesmo não tendo filho...”</p> <p>Ind. (09): “...Sempre me ensinou, a gente tem que amar do que gosta, do que faz...”</p> <p>Ind. (10): “...O que eu aprendi com a minha mãe é de cuidar, é dar comida na hora certa, isso eu aprendi com a minha mãe. É, de dar banho na hora certa, botar para dormir na hora certa, eu aprendi com a minha mãe...”</p> <p>Ind. (12): “...Eu aprendi assim com a minha criação, na hora do almoço, na hora de televisão, antes de almoçar, vamos lavar as mãos. Depois que almoça, demora um pouco, escovar o dente...”</p> <p>Ind. (15): “...Então, o respeito. Eu aprendi muito isso, peço muito que ele me respeite, assim como eu respeito ele. E eu fui criada, assim, minha mãe nunca foi evangélica, mas eu fui criada na igreja. Então eu prezo muito isso, tem que respeitar as pessoas...”</p>
Diferentes aprendizados relativos ao cuidado da criança através do curso de babás	<p>Ind. (05): “...Quando eu fiz o curso de babá, eles falam muito sobre isso, sobre a ética. De você não misturar a sua religião com a casa. Porque muitos deles não têm, não são evangélicos...”</p> <p>Ind. (08): “...Assim que eu comecei, fiz o curso de babá, eu não sei como é que está hoje. Mas há muito tempo atrás, ensina muita coisa pra gente não utilizar o que era no passado. Porque as coisas vem se modificando. Os pais da gente, as pessoas antigas, fala que é para fazer muita coisa. Mas quando você entra nesse no meio de babá, você também aprende muita coisa nova...”</p>

Através das respostas obtidas, nota-se como as mais diferentes crenças impactam o dia a dia das participantes. Sendo assim, elas atuam como diretrizes que norteiam os valores e as experiências vivenciadas em contato com o mundo, com o ambiente sociocultural, ao qual são incluídos, conforme apontou Morales-Castillo (2020).

Para duas respondentes, as crenças ligadas a contextos religiosos, serviram de base para ensinar o amor ao próximo e a Deus, sendo valores transmitidos as crianças que estão sob seus cuidados. Sobre esse aspecto, Rokeach (1981), afirmou que as crenças primitivas, do tipo B, que tratam a confissões de fé, não se revelam como consenso total. De certa forma, elas moldaram os valores e se refletiram nas atitudes e experiências de vida. Esse fato foi expresso pelas participantes nos discursos: “...Porque assim, por ele deixar bem claro que as filhas deles são católicas, eu não quero ultrapassar isso. Mas eu tento passar o amor que eu trago da religião...” (Ind. 01); “...Porque Deus é um ser soberano, foi quem criou todo mundo, foi quem criou a gente. Eu sempre falo isso com elas...” (Ind. 02); “...Por exemplo, eu sou evangélica. Então assim, a gente tem um certo controle em relação a isso. A não ser que os pais, quando você trabalha numa casa, porque no caso que já são evangélicos, aí você flui melhor. Quando os pais não são de religião nenhuma, então, a gente meio que se poda um pouco. Que muitas vezes eles não gostam. Muitos pais não gostam dessa parte, sobre religião...” (Ind.05).

As crenças também apresentam as expectativas dos pais ou cuidadores, no sentido de apontar possibilidades para que as crianças alcancem determinados objetivos. Esse ponto pode ser observado através do discurso de algumas participantes, corroborando o que Morales-Castillo (2020) afirmou: “...eu procuro explicar para as crianças, que o adulto, sempre tem uma autoridade por ser mais

velho, está ali, cuidando da criança. E assim, e a criança tem que obedecer. Tem criança obediente, tem sempre uma que não...” (Ind. 04); “...Falar a verdade. Uma coisa muito importante que ela, não mentir...” (Ind. 06); “...Eu chamo sempre a atenção para respeitar... Eu aprendi muito isso, peço muito que ele me respeite, assim como eu respeito ele...” (Ind. 15).

Ao tratar sobre o modelo hierárquico das crenças, as ideias acerca da natureza da criança, dos pais e da família, as práticas de cuidado e as crenças que serão estabelecidas, terão o intuito de promover o desenvolvimento social, visando atender as demandas do momento (Harkness & Super, 2006). Tais elementos foram observados nos discursos das babás: “... Sentar na mesa para comer todo mundo junto...” (Ind. 12); “...porque me ensinou a ter responsabilidade...” (Ind. 03); “...de dar banho na hora certa, botar para dormir na hora certa, eu aprendi com a minha mãe...” (Ind. 10). Esses exemplos demonstram, a valorização de estar junto com a família em horas de refeição; a necessidade de se desenvolver o senso de responsabilidade; a importância de uma rotina na vida do bebê e da criança. A forma como esses pontos serão desenvolvidos têm ligação direta com o subsistema do nicho de desenvolvimento, denominado de costumes de cuidado. Embora as famílias e as babás tenham residido em diferentes regiões e, experimentado contextos de vida distintos, os costumes que foram transmitidos ao longo do ciclo de vida, agora são propagados, visando atender a demanda do momento. Diante disso, o nicho de desenvolvimento demonstra capacidade de adaptação, num processo de coevolução entre indivíduo e ambiente (Harkness & Super, 1994).

Os diferentes aprendizados proporcionados pelos papéis parentais, como o respeito e aspectos que remetem a comportamentos que influenciam a vida social, também foram encontrados na pesquisa feita com mães e babás, na cidade do Rio

de Janeiro (Sena, 2020). No estudo realizado anteriormente, as babás identificaram a importância de respeitar os mais velhos, como sendo conteúdo de crenças transmitidas por seus principais cuidadores. Agora, o mesmo conteúdo foi abordado, evidenciando a sua influência na trajetória de desenvolvimento dessas cuidadoras. Este dado corrobora a importância das crenças nos papéis que serão desempenhados durante o ciclo vital de cada criança, além de terem impacto na estruturação cognitiva (Silva & Pessoa, 2018).

As questões 5 e 6 tratam da percepção das babás quanto às práticas de cuidado, realizadas pelas mães das crianças. Dessa forma, as perguntas foram analisadas concomitantemente, uma vez que tem o intuito de descrever tais atividades. As categorias perpassaram cinco aspectos, tratando de atitudes de interações afetivas; atividades de lazer; cuidados básicos; acompanhamento em atividades extracurriculares.

Questão 05 - Como você percebe as práticas de cuidados da mãe da criança? Questão 06 - Você pode descrever as práticas de cuidado realizadas pela mãe da criança?	
Categorias de análise	Relato das participantes
Atitudes de interações afetivas	Ind. 01: "...quando ela chega de oito e meia, que as meninas dormem de nove, ela fica aquele pouco de tempo ali. E aquele pouco de tempo dá para ela ficar beijando as meninas, aquele cuidado especial..." Ind. 14: "...ela costuma muito impor respeito. Para ele respeitar. Respeitar em modo geral, respeitar o irmão..."
Presença/Participação em um momento de refeição familiar	Ind. 02: "...Ela tomava café com as crianças. E ela sempre escolheu jantar com as crianças. Como ela passa o dia todo fora... o momento que ela podia estar com as meninas, ela estava..."
Atividades de lazer	Ind. 03: "...Eu percebo pelo que eu vejo em mim, ela brincava, ela interagia..." Ind. 04: "...Elas gostam de fazer muito juntas é ler livros..."

	<p>Ind.11: “...A mãe é muito cuidadosa, ela, por exemplo, agora, férias, eu estou aqui. Mas ela posta foto delas no parquinho, cuida dela, tenta levar a rotina que eu faço. Descer para o parquinho, ela tenta arrumar o cabelo igual eu arrumo...”</p> <p>Ind.12: “...ela é bem cuidadosa. Ela passa o dia trabalhando. Mas quando ela chega, chega, ela vai pegar, vai brincar, vai conversar com eles...”</p> <p>Ind.16: “...os dois trabalham muito. Mas eles acordam, brincam, sentam, brincam, contam história, passeiam nos fins de semana...”</p>
Cuidados básicos	<p>Ind. 05: “...De manhã ela chegava, assim, a dar o banho nele...”</p> <p>Ind.06: “...a hora dela, que ela leva para a natação, ela fica lá, dá banho, troca a roupa dela...”</p> <p>Ind.08: “...é mais esse momento de amamentação... Mas ela tem cuidado, se a criança chupa chupeta, esterilização, ela esteriliza. Esses cuidados ela faz...”</p> <p>Ind. 10: “...ela tem um hábito de botar ele para dormir também na hora certa, almoçar na hora certa... Quando ela está em casa também é a mesma coisa é escovar os dentes dele...”</p> <p>Ind.13: “...Ela trabalha, o dia inteiro. De manhã, às vezes, dependendo do horário que a bebê acorda, se for muito cedo, acho que quando eu chego ela tem dado café da manhã para ela, o lanche...”</p> <p>Ind.14: “...No dia a dia, geralmente, ela está trabalhando de home office. Aí fica mais comigo. Mas quando eu vou embora eu já entrego, ela que dá o banho do bebê, só quando ela tá fora que eu dou...”</p>

As percepções das babás demonstraram que a maioria das práticas de cuidado infantil, realizadas pelas mães das crianças, giram em torno da manutenção de rotinas, alimentação, higiene e atividades voltadas para o lazer, e manifestações

de afeto, que permeiam todas essas práticas. Apenas a participante 07, relatou que as práticas de cuidado foram realizadas em conjunto: “...A gente foi aprendendo junto, ela de primeira viagem e eu. Praticamente a gente foi dividindo as coisas, não estava certo, a gente consertava...”. Contudo, a ausência materna em decorrência das atividades profissionais, relatada em alguns discursos, ainda gera certa sobrecarga ao papel da mulher. Dessa forma, a percepção das babás pode ser influenciada por questões relativas aos diferentes contextos culturais, mas que revelam um elemento em comum. Este ponto se refere a criação de filhos como sendo uma característica atribuída às mães, podendo trazer desconforto e receio (Cardoso, 2011; Pinheiro & Biasoli -Alves,2008). Segue relato da participante 01: “...A minha patroa, trabalha na Globo. Então é muita carga horária... Ela não tem tanto tempo pra meninas. Aí eu falei que o meu trabalho, minha função é ficar com as meninas, ela é trabalhar, por isso que ela me paga...”.

A sétima pergunta buscou identificar o que as babás consideram importante na relação entre mãe e filho. Assim, as categorias foram distribuídas em valores, compreendendo respeito, obediência, educação; interações socioafetivas, como amor, diálogo, carinho, confiança, obediência; os cuidados relativos à higiene, alimentação e rotina.

Questão 07 - Qual a prática de cuidado que você acredita ser a mais importante entre a mãe e a criança?	
Categorias de análise	Relato das participantes
Interações socioafetivas	Ind. 01: “...Eu acho que as duas tem que ter sempre um diálogo...” Ind.02: “...Estar junto. Esse amor, porque ninguém pode trocar o amor de um filho pela mãe. Nem pode substituir, porque amor de mãe e filho, ninguém pode cortar. Um laço que une para sempre...”

	<p>Ind.03: “...Ela interagia, brincava muito com o filho...”</p> <p>Ind.04: “...Eu acho que um filho e uma mãe, ela tem que saber, ter entendimento que a sua mãe é única e é a sua melhor amiga, para você poder contar, para você falar com ela. Não ter segredos para sua mãe, é muito importante isso...”</p> <p>Ind.06: “...Eu acho que é a confiança...”</p> <p>Ind. 07: “...É o carinho de um com outro...”</p> <p>Ind.14: “...Eu acho que a interação. Conversar, eu acho que eu acho que precisa mais...”</p> <p>Ind.16: “...Eu acho que atenção. Como são dois, tem um que demanda mais, tem um que comanda mais. E não dá muita chance para o outro...”</p>
Trocas afetivas manifestas nos cuidados relacionados a higiene, alimentação e rotinas	<p>Ind.08: “...A parte de mãe e filho, para mim, de cuidado, é o banho, o colocar ele no berço, colocar ele para brincar, tudo tem que ter um certo cuidado. Mas o contato da mãe com o filho é mais aquele momento de amamentar, a troca de uma fralda...”</p> <p>Ind. 09: “...Eu observava muito, era a maneira da minha patroa pegar ela para dar o mamá. Eu observava demais isso...”</p> <p>Ind.10: “...ela tem um hábito de botar ele para dormir também na hora certa, almoçar na hora certa. Eu vejo que ela tem muita preocupação com isso, que ela me manda mensagem...”</p> <p>Ind.13: “...Ter pelo menos um tipo de relação, entre banho, comida. Eu acho muito importante ter pelo menos um por dia. Durante o dia, eu acho que é alimentação...”</p>
Valores	<p>Ind. 11: “...A educação. A educação eu acho que é em primeiro lugar. Uma fase que a criança começa a falar, começa a entender o que você tá falando, já tem que, já tem que ampliar a educação dentro...”</p> <p>Ind.12: “...O respeito. A atenção dela, por estar mais tempo longe deles...”</p> <p>Ind.15: “...Então como mãe falando, tem que impor respeito e obediência.</p>

	As vezes a gente tem que falar, mais firme com eles e não voltar atrás...”
--	--

A importância da relação mãe/filho, em diferentes momentos da história, apresenta características singulares. O cuidado que antes era destinado a ama, precisou ser, de fato, realizado pelas mães, logo após os inúmeros apelos higienistas decorrentes das doenças que afetaram a população infantil, no período colonial (Freyre, 2006).

Nesse sentido, a relação entre a mãe e a criança ganhou novos contornos, com a finalidade de garantir a sobrevivência do menor. A família, portanto, precisou acolher a criança e a cuidar de seu bem-estar. As novas demandas, provenientes do contexto sociocultural, entretanto, fizeram com que as mulheres exercessem o papel materno de outras formas, e, com isso, reduziram o tempo de contato e cuidado de crianças. Na percepção de algumas babás, a interação entre mães e filhos é insubstituível: “...Eu acho que mãe e filho, envolve mais. Não culpo ela por não ter tempo, que isso é o meu trabalho e esse é o dela, mas eu acho que os pais, ele tinha que conversar mais com os filhos, em geral...” (Ind. 01); “...Esse amor, porque ninguém pode trocar o amor de um filho pela mãe. Nem pode substituir, porque amor de mãe e filho, ninguém pode cortar...” (Ind. 02); “...Mãe é mãe e a gente não tem que atravessar na frente de uma mãe, a mãe sabe o que faz...” (Ind. 09). O ato de cuidar e as interações que dele decorrem, influenciarão os papéis que serão desenvolvidos pelas crianças, ao longo do ciclo vital. A presença do cuidador, e nesse caso, a mãe, será constitutiva para os mecanismos interacionais. Sobre esse aspecto, Vergara Hernandez (2017), afirmou a importância da família como sendo o primeiro local de transmissão de valores, normas e crenças. Além disso, apontou

a relevância do afeto com esses primeiros cuidadores, a fim de garantir a aquisição e o aprendizado de novas habilidades.

A oitava questão teve o intuito de investigar se os pais ressaltaram alguma prática de cuidado mais específica, que deveria ser realizada pela babá. Assim, as duas categorias elencadas indicaram que as babás poderiam exercer os cuidados de forma autônoma. Portanto, elas teriam como base as experiências vivenciadas, a partir da interação entre cuidadora e a criança, de ações de práticas de cuidado voltadas à alimentação, banho e rotina, práticas de cuidado em parceria com os pais da criança e, finalmente, práticas de cuidado que priorizam a criança.

Questão 08 - Quando você foi “contratada” teve na conversa inicial com os responsáveis pela criança, alguma informação importante sobre práticas mais específicas de cuidados a serem realizadas com a criança?	
Categorias de análise	Relato das participantes
Práticas de cuidados baseadas em experiências prévias	<p>Ind.01: “..., mas assim, eles sempre me deixaram trabalhar do meu jeito... teve meio que um ciúme... Pela mais velha ser a primeira neta e a primeira filha...”</p> <p>Ind.02: “...Ela falou que quando eu ficasse com as meninas, eu poderia fazer do meu jeito...”</p> <p>Ind.04: “...Eles falam o ponto que eles querem que faça, mas nunca falaram assim, você não pode, tem que fazer assim. Não, nunca peguei trabalho dessa forma não. Sempre tive autonomia para cuidar das crianças e fazer da forma que eu acho melhor...”</p> <p>Ind.05: “...Ela me deixou muito a vontade. Fiquei muito só. Muitas das vezes a mãe fica mais, até junto para ficar observando. Mas ela não. A experiência que eu tenho, eu tomei meio que partido. E foi fluindo assim...”</p> <p>Ind.12: “...Eles me deixaram à vontade, por ela já me conhecer...”</p> <p>Ind.13: “...Porque quando eu entrei, era a mais velha. E eu também cuidava da casa. Depois quando a bebê nasceu, que aí foi... que eu já não fiquei mais com</p>

	casa, fiquei com as crianças. Mas não teve não...”
Práticas de cuidado básicos (banho, alimentação e rotina)	Ind.08: “...Não dar açúcar, coisas com sal né, gordura, biscoito, porque é doce. Suco também não pode, só fruta. Porque o suco acaba, três laranjas acabam tendo mais açúcar, do que a criança comer uma laranja. Então, essas coisas da alimentação, sim...” Ind.10: “...A única coisa que ela falou era para dar comida na hora certa e banho na hora certa e pronto. É, botar para dormir na hora certa, porque a gente tinha horário para dormir, horário para dar almoço...” Ind.15: “...ela me passou a rotina da alimentação dele, e eu acho que o medo dela era esse...”
Práticas de cuidado a ser desenvolvida a partir da interação	Ind.14: “...Eles deixaram mais a minha parte de interação com a criança...”
Prática de cuidado realizada em parceria com os pais	Ind.16: “...Eles conversaram muito comigo. Como era primeiro filho, eles não têm experiência nenhuma. Eu sempre passei, sempre fiz esse relatório para eles terem ciência do que era feito na ausência deles. Então foi uma parceria, sempre é uma parceria muito grande com eles...”
Práticas de cuidado que priorizam a criança	Ind.03: “... Eles falaram que a prioridade seria as crianças. A prioridade da casa são as crianças...” Ind.06: “...Sim, que sempre eles eram primeiro lugar. Eles vinham em primeiro lugar de que casa, de que tudo. Eles eram mais importantes...”

As práticas de cuidado infantil que foram relatadas possuem aspectos semelhantes com os dados obtidos na pesquisa realizada com mães e babás na cidade do Rio de Janeiro. Foi possível identificar características que trataram da prioridade quanto ao cuidado com a criança, a questão da rotina, o cuidado com a alimentação e, quanto a sua atuação, baseada nas experiências anteriores (Sena, 2020).

Outro fator acerca das práticas de cuidado infantil, abordado por três respondentes, indicou uma sobreposição de função. No caso, as participantes eram empregadas domésticas e, a partir do nascimento da criança, se tornaram babás. Ainda é possível relacionar o trabalho da babá com o da empregada doméstica, uma vez que em muitos lares, elas acabam realizando funções relativas à limpeza, alimentação da família (Kondratiuk & Neira, 2020). Destarte, a dupla jornada de trabalho pode ser um fator de exaustão e esgotamento físico e emocional, sem levar em consideração, os trabalhos que podem ser exercidos em seu lar (Pinheiro et al., 2021). A condição de atrelar o trabalho doméstico com a função de babá, também encontrou similaridade com a pesquisa de Zdravomyslva (2010), na qual as babás “tradicionais”, além do cuidado com crianças, desempenhavam outras funções no lar, como limpeza da casa e cozinhar.

Uma participante relatou que ao ser contratada, o receio da mãe era que ela viesse a amamentar a criança: “...Eu até brinco, com a minha patroa uma coisa que ela falou para mim no dia da entrevista. Ela virou para mim que sabia que tinha um filho, mas não queria que eu amamentasse o filho dela...” (Ind.15). Esse discurso revela como o cuidado apresenta características que envolve emoções, afetos, hábitos, que permeiam a relação entre a babá e a criança, além disso, demonstra a contradição da vivência materna, que se ausenta do lar a fim de atender determinadas demandas pessoais, profissionais e culturais (Kondratiuk & Neira, 2020).

A nona questão teve a finalidade de apurar as possíveis crenças que a família compartilhou com as babás. Algumas respondentes não conseguiram identificar crenças que tenham sido transmitidas pela família. Outras apresentaram discursos que puderam ser categorizados nos seguintes elementos: crença que revelam regra

de conduta moral; crença religiosa, participação dos pais nos cuidados com a criança, poder passar um tempo só com a família, valorização da presença da babá, regra quanto ao uso de equipamentos eletrônicos.

Questão 09 - Existe alguma crença que a família da criança tenha compartilhado com você?	
Categorias de análise	Relato das participantes
Valor (conduta moral)	Ind.01: “...Eles gostam muito, do valor, assim, de falar a verdade. Ser verdadeiro, de não mentir...”
Valorizar o momento com a família	Ind.04: “...onde eu estou agora, ela nunca me chama final de semana. Ela acha que o momento dela é o final de semana, que ela pode estar com as filhas. Eu acho que isso é uma crença, porque assim, ela dificilmente ela me chama, muito difícil mesmo. Ela diz que o final de semana é meu, eu sou com a minha família e ela é com a dela...”
Crença religiosa	Ind.06: “...É a religião. Deus...”
Não acreditam em costumes antigos	Ind.08: “...Nessa casa que eu estou, por exemplo, eles não acreditam em nada dessas coisas de crenças do passado, de avó, de avô, de antigos, eles não acreditam em absolutamente nada. Então por exemplo, pode tomar banho de piscina um dia que tiver chovendo. Pode ficar descalço, de short e blusa, o dia que tiver frio. Não tem isso não, tá ventando, bota um casaco...”
Participação dos pais nos cuidados com a higiene	Ind.09: “...Muitas coisas eles compartilharam comigo. Sempre assim, no horário do banho. Ela acompanhava às vezes, eu ensinava. Às vezes o uso do sabonete nas crianças, isso é importante, eu fazia questão. Às vezes no secar da toalha, pegar a toalha e secar a criança. No trocar, também, da fralda, quando era pequena. Ela acompanhava sempre quando eu ia dar banho, que ia trocar, como que eu fazia, como que eu usava a pomada...”
Valorização da presença da babá	Ind. 10: “...Um valor que tipo assim, uma crença, eles faz muita questão que eu estou lá com eles sempre. Se eles

	pudessem, não deixariam eu ir embora pra casa, isso não sei se serve. Tanto que eles mesmo, as crianças ficam pedindo para mim dormir lá...”
Não postar fotos da criança em redes sociais	Ind.14: “...Essa questão de postar foto, eles não gostam. Eu respeito e eu também não gosto. Já é uma coisa minha. Até esses dias a gente estava falando sobre isso, que a menina pegou meu celular e falou que tinha postado foto no tik tok...”

As respostas obtidas nessa questão, demonstraram que crenças e valores partem de um consenso comum, demonstrados nas ações rotineiras com a criança e a família, decorrentes de um contexto sociocultural. Torna-se importante ressaltar que, embora as babás participantes, tenham vindo de diferentes regiões do território brasileiro, com diversas particularidades, em termos de contextos socioculturais, há elementos que as aproximam dos valores das famílias para as quais trabalham. Esse fator pode ser percebido no relato da participante 01: “...Eles gostam muito, do valor, assim, de falar a verdade... Eu, particularmente, eu tive uma infância muito verdadeira, onde meus pais trabalhavam na roça, meu pai é fazendeiro. Então eu acho que meus pais, eles souberam me construir, a pessoa que eu sou hoje. Eu tento passar para elas, a verdade. E isso os pais delas gosta muito...”. Essa afirmação parece estar em consonância com ideias, valores, crenças, que os pais acreditam ser necessárias ao desenvolvimento da criança, se relacionam à socialização e, fazem parte de um modelo de cultura que pode ser identificado ao longo do processo de desenvolvimento (Rubin & Chung, 2006; Vieira et. al, 2010).

As crenças ligadas aos valores, também revelam a importância do cuidador na transmissão de determinadas regras de cultura. Esse fato pode ser demonstrado através da participante 10: “...Um valor que tipo assim, uma crença, eles faz muita questão que eu estou lá com eles sempre. Se eles pudessem, não deixariam eu ir

embora pra casa...”. De certa forma, seu discurso apresenta o reconhecimento e a forte vinculação estabelecida: “...A gente criou um vínculo, um amor muito grande. É um filho, dois filhos que eu tenho, três filhos. Que além de ter minha filha, mais eles dois...” (Ind.10).

Outro dado apresentado, através da fala da respondente 08, exemplifica o conceito de crenças não primitivas. Esse tipo de crença independe da aceitação unânime, segundo Rokeach (1981): “...nessa casa que eu estou, por exemplo, eles não acreditam em nada dessas coisas de crenças do passado, de avó, de avô, de antigos, eles não acreditam em absolutamente nada. Então por exemplo, pode tomar banho de piscina um dia que tiver chovendo. Pode ficar descalço, de short e blusa, o dia que tiver frio. Não tem isso não...” (Ind.08);

Quanto às crenças religiosas, tal como relatado pela participante 06, é possível observar que estão ligadas a conteúdos que tratam do processo de formação da identidade do indivíduo, e, nesse sentido, são compartilhadas em determinados grupos. Embora essa babá tenha descrito sua prática religiosa, ela afirma que esse elemento nem sempre pode ser compartilhado nas famílias com quem já trabalhou. Portanto, quando se refere a crenças religiosas, esse é um fator que não apresenta consenso em si: “...Quando eu fiz o curso de babá, eles falam muito sobre isso, sobre a ética. De você não misturar a sua religião com a casa. Porque muitos deles não têm, não são evangélicos. Por exemplo, eu sou evangélica. Então assim, a gente tem um certo controle em relação a isso... casa que é de final de semana, sexta e sábado. Então assim, eles não são de religião. Eu até acho que eles são de uma religião para o lado do candomblé, eu acho. É, pelo tom de música que eles escutam lá, umas coisas assim. Mas assim, eu não ensino os filhos dele sobre a minha

religião. Mas eu oro no meu quarto sozinho..., mas eu não ensino a minha religião, a partir do momento que eles não me dão autonomia para isso...” (Ind.06).

As crenças podem ser expressas como costumes de cuidado, tal como relatado pela participante 09, ao chamar os pais para que participem dos cuidados básicos da criança: “...no horário do banho. Ela acompanhava às vezes, eu ensinava. Às vezes o uso do sabonete nas crianças, isso é importante, eu fazia questão. Às vezes no secar da toalha, pegar a toalha e secar a criança. No trocar, também, da fralda, quando era pequena...” (Ind.09). As práticas descritas apontam para hábitos que são transmitidos nas famílias e podem ser transformados, de acordo com o contexto físico e sociocultural (Harkness & Super, 2007).

As demais respondentes não conseguiram identificar algo que a família tenha compartilhado, em termos de crenças.

9.3 Análise das figuras (sistemas de cuidado infantil) - Brasil

A última questão do questionário semiestruturado, teve o intuito de investigar a ordem de importância das figuras que representam os sistemas de cuidado infantil, pelas babás. A análise foi realizada pelo software Iramuteq, apresentando um percentual de 84,51% de 60 segmentos de texto aproveitados, tendo 2.359 ocorrências (proposições, palavras, formas ou vocabulários), sendo 485 palavras distintas e 277 palavras com uma única ocorrência. Através da Classificação Hierárquica Descendente (CHD), o conteúdo dos segmentos de texto foi categorizado em 7 classes, da seguinte forma: classe 1 com 7 segmentos de textos, indicando 11,7%; classe 2 com 7 segmentos de texto e 11,7%; classe 3 com 9 segmentos de texto, representando 15%; classe 4 com 11 segmentos de texto e 18,3%; classe 5 com 7 segmentos de texto e 11,7%; classe 6 com 10 segmentos de

texto e percentil de 16,7% e, por último a classe 7 com 9 segmentos de texto e 15% de aproveitamento, dentre os 60 segmentos de texto.

Além da análise apresentada pela Classificação Hierárquica Descendente (CHD), foi possível realizar a Nuvem de palavras, identificando as mais representativas do corpus textual, demonstradas pela sua frequência.

Segue a Figura 4 do dendrograma em classes.

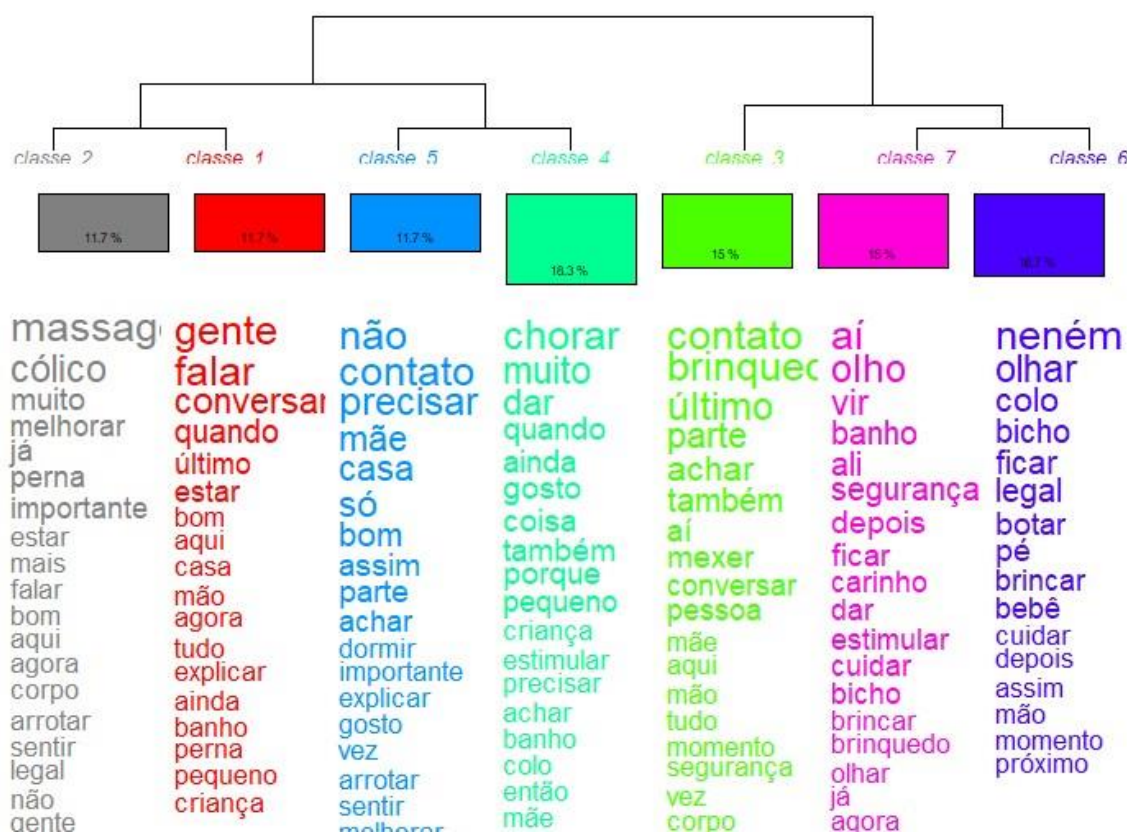


Figura 4

Dendrograma das Palavras (Análise Brasil)

As palavras que emergiram a partir da análise da Classificação Hierárquica Descendente (CHD), estão apresentadas na tabela abaixo, levando em consideração as que tenham relevância a partir do teste do *qui-quadrado*. Para esta análise foi

estabelecido o χ^2 de 3,84 e $p \geq 0,05$. O organograma mostrou os vocabulários semelhantes entre si e aqueles que eram diferentes das outras classes.

É importante ressaltar que, apesar do índice de aproveitamento da análise ser positivo e acima do proposto pelo manual do *software*, as classes 1 e 4 apresentaram palavras de pouca relevância no corpus textual. Dessa forma, serão analisadas as palavras que emergiram das demais classes: 2,3, 5,6 e 7.

Tabela 3

Organograma das classes (Brasil)

Corpus Textual – 60St's índice de 84,51%													
Classe 1-Ponto de Partida 07/60 (11,7%)		Classe 2-Ponto de Partida 07/60 (11,7%)		Classe 3-Ponto de Partida 09/60 (15%)		Classe 4-Ponto de Partida 11/60 (18,3%)		Classe 5-Ponto de Partida 07/60 (11,7%)		Classe 6-Ponto de Partida 10/60 (16,7%)		Classe 7-Ponto de Partida 09/60 (15%)	
Palavra	X ²	Palavra	X ²	Palavra	X ²	Palavra	X ²	Palavra	X ²	Palavra	X ²	Palavra	X ²
Falar	15,9	Massagem	41,3	Contato	14,4	Chorar	13,8	Contato	13,1	Neném	15,7	Olho	13,6
Conversar	11,4	Cólica	32,4	Brinquedo	13,9	Gosto	4,9	Mãe	9,3	Olhar	12	Banho	6,9
		melhorar	9,2	Último	11,5			Casa	9,2	Colo	9,0	Segurança	6,6
												Carinho	4,1

Classe 2 – Temática da Classe: **Estimulação corporal como forma de aliviar incômodos ou proporcionar maior interação com o cuidador.**

A classe 2 apresentou 7 segmentos dentre os 60 segmentos classificados, ou seja, 11%, tendo palavras como: “massagem” ($\chi^2=41,3$); “cólica” ($\chi^2=32,4$); “melhorar” ($\chi^2=9,2$). Nessa classe, os discursos de maior impacto para análise foram provenientes de participantes que possuíam o Ensino Fundamental Incompleto.

Temática da Classe	Relato dos participantes
Estimulação corporal como forma de aliviar incômodos ou proporcionar maior interação com o cuidador	<p>Ind.04 : “... muito importante você antes da criança dormir tem uns óleos muito bom para relaxar o corpo...”</p> <p>Ind.12: “...muito importante sentir o calor dela da massagem essa que está fazendo a bicicleta...”</p> <p>Ind.10: “...fazendo massagem que está com cólica não sei se é ele tinha bastante cólica a gente fez muito isso porque o pessoal falava o médico mesmo falava que era legal ficar encolhendo as pernas para poder aliviar melhorar mais...”</p> <p>Ind.11 “... porque tem tanta criança que o recém nascido por exemplo 1 mês ele já chora muito com cólica com gases então esse movimento essa massagem que você faz nas pernas libera o gases e acaba melhorando...”</p>

A estimulação corporal descrita pelas babás, parece indicar uma possível manifestação de alívio, frente a possíveis episódios de cólica no bebê, bem como servir de estimulação motora. Tal aspecto pode ser demonstrado através do relato: “...fazendo **massagem** que está com cólica não sei se é ele tinha bastante cólica a gente fez muito isso...” (Ind.10); “... tem tanta criança que o recém-nascido por exemplo 1 mês ele já chora muito com cólica com gases então esse movimento essa **massagem** que você faz nas pernas libera o gases...” (Ind.11). Esse sistema tem a função de adaptar o bebê em relação ao ambiente ao qual ele esteja inserido, promove também, a percepção do corpo e, futuramente, a preparação para uma atividade reprodutiva (Keller, 2002).

Classe 3 – Temática da classe: **Importância do contato nas práticas de cuidado.**

A classe 3 apresentou 9 segmentos de texto, ou seja, um percentil de 15%, dentre os 60 segmentos que foram classificados. As palavras de maiores relevâncias nessa classe foram: “contato” ($x^2=14,41$); “brinquedo” ($x^2= 13,96$) e,

“mexer” ($\chi^2=4,12$). Os discursos de maior importância nessa classe, se relacionaram a babás que estavam cuidando de crianças há pelo menos 3 anos.

Temática da classe	Relato dos participantes
Importância do contato nas práticas de cuidado(interação)	<p>Ind_02: “...aí depois pode ser ela dando banho no bebê na banheira e por último é a criança brincando acho que o contato é importante contato com a criança e com a mãe com a pessoa...”</p> <p>Ind_05: “... então aqui tem uma imagem aqui que a pessoa está mexendo nele no pé a outra com o brinquedo e a outra assim naquela parte do visual eu acho que a terceira seria essa parte do contato direto com o neném... de olho a criança entende sim reconhece a voz da mãe sim então esse aí seria bem importante o outro seria a parte dela do tocar mesmo do contato da mão e por último então seria o de brincar...”</p> <p>Ind_15: “... o contato de conversar de olhar ele esse do colo também parece que está ninando a criança mostrar tipo uma segurança...”</p> <p>Ind_08: “... a última a mãe tendo esse contato no olhar com o bebê e conversando com ele para mim é importante a próxima também que a mãe tá com ele no colo pelado acalentando por algum motivo que eu não sei...”</p>

A análise identificou o quanto o contato com a criança é valorizado pelas babás, seja através do corpo (contato corporal), ou do olhar: “...seria essa parte do **contato** direto com o neném... de olho a criança entende sim reconhece a voz da mãe sim então esse aí seria bem importante o outro seria a parte dela do tocar mesmo do **contato** da mão...” (Ind.05); “...o **contato** de conversar de olhar ele esse do colo também parece que está ninando a criança mostrar tipo uma segurança...” (Ind.15). Embora o sistema face a face não tenha sido o mais valorizado pelas babás

(sendo a escolhido por 3 participantes, representando 18,75%), ele permeia os demais sistemas, e demanda, da parte do cuidador, atenção e tempo despendido nas práticas de cuidado, promovendo o desenvolvimento do sentimento de pertencimento (Keller, 2002).

Quanto ao contato corporal, é importante destacar a sua função de proteção à criança, envolvendo o calor emocional, decorrente da proximidade com o seu cuidador. A partir do contato corporal, é desenvolvido na criança, o sentimento de pertencimento, que poderá implicar na aquisição de determinadas crenças e valores, propagados por outras gerações. Esse aspecto tem o intuito de preparar o indivíduo para viver em família e em comunidade (Keller, 2002).

Classe 5 – Temática da classe: **Importância do contato materno**

A classe 5 apresentou 7 dos 60 segmentos classificados, indicando um percentil de 11,67% do total de segmentos de texto. As palavras de destaque foram: “contato” ($x^2=13,1$); “precisar” ($x^2=12,36$); “mãe” ($x^2=9,35$); “casa” ($x^2=9,27$). Os relatos que tiveram maiores relevâncias nessa classe, se referiram a babás com filhos, com escolaridade Ensino Médio e divorciadas.

Temática da classe	Relato das participantes
Importância do contato/participação materna	<p>Ind.08: “... a mãe precisa desse contato de brincar de dar atenção também acho isso importante porque tem casas que a gente não vê isso tem casas que eu trabalhei que a gente não vê tem casas que você trabalha que a mãe só vem dar o boa noite...e às vezes nem quando a criança está doente... eu trabalhei em casa que a criança doente e os pais saem não liga pra saber se melhorou a febre então acho que esse contato de mãe e filho é importante sim a criança precisa disso...”</p> <p>Ind.04: “... eu gosto quando eu estou com um bebê eu gosto de abraçar eu</p>

	<p>gosto de ter esse contato assim eu me vejo como mãe não só como babá...mas sentir o cheiro o calor da criança é uma coisa inexplicável eu não sei te explicar mas o contato assim da mãe com o filho é muito bom...”</p> <p>Ind.05: “... essa parte de arrotar eu acho que é muito importante porque a criança precisa é ter essa importância de botar em pé assim para arrotar, não deitar direto repouso...”</p> <p>Ind.13: “... acho que ela está colocando o bebê para dormir também mas assim não que não seja muito importante para mim todos faz parte do dia a dia em si porque tem a parte de alimentação passeio...”</p>
--	---

Essa classe remeteu a algumas atribuições esperadas para que fossem desempenhadas pelas mães das crianças, de acordo com a percepção da babá. Dessa forma, a necessidade de interação e de se envolver com práticas de cuidado seria importante para a relação mãe/filho: “...o **contato** de conversar de olhar ele esse do colo também parece que está ninando a criança mostrar tipo uma segurança...” (Ind.08). Outro dado apontou para o distanciamento da babá, diante das figuras apresentadas. Para elas, a figura do contato corporal, trazia uma referência da mãe e, não delas próprias, como cuidadoras. Hipoteticamente, as babás podem sugerir que determinadas práticas fazem parte de papel materno e, que as mães estão, de certa forma, terceirizando o cuidado infantil. Acerca desse assunto, é importante abordar, que muitas vezes há o deslocamento do afeto para a criança cuidada, uma vez que a babá não consegue “cuidar” do seu próprio filho (Kondratiuk & Neira, 2020). Embora as babás muitas vezes tratem as crianças como “se fossem seus filhos”, ao se deparar com as imagens que retratam os sistemas parentais, esse dado

parece não ter sido confirmado. Embora não haja estudos que tratam sobre esse assunto, os relatos podem ser um ponto de partida para pesquisas posteriores.

As babás apontaram a importância da participação materna, da valorização do contato estabelecido na díade mãe e filho: “...porque ninguém pode trocar o amor de um filho pela mãe. Nem pode substituir, porque amor de mãe e filho, ninguém pode cortar...” (Ind.02); “...o olho no olho, que é muito importante para criança, para ela saber quem está cuidando, mas eu acho que isso é da mãe, não é da babá, não. Não cabe a gente fazer isso não. Tem coisa que é só da mãe. Eu não acho certo, não...” (Ind.09). Esse ponto reforça como a relação com os cuidadores primários deveria ser estabelecida, garantindo o amor, a comunicação e o controle, principalmente nos anos iniciais, contribuindo para os processos constitutivos do indivíduo (Vergara Hernandez, 2017).

Classe 6 – Temática da classe: **Ordem atribuída aos sistemas**

A classe 6 identificou 10 segmentos de texto, com um percentil de 16,7% de aproveitamento dentre os 60 segmentos classificados. Palavras como “neném” ($x^2=15,75$); “olhar” ($x^2=12$); “colo” ($x^2=9,02$), tiveram importância significativa nessa classe. Assim, pode ser identificado que o impacto da classe decorreu dos discursos de babás casadas, com Ensino Médio completo e que cuidavam de crianças há pelo menos 5 anos.

Temática da classe	Relato das participantes
Ordem atribuída aos sistemas	<p>Ind.02: “... todas são importantes mas a primeira seria essa com o neném no colo nas costas com a mão nas costas a segunda ela olhando com o neném ela esticando as pernas do bebê...”</p> <p>Ind.16: “...eu fiz um curso daquela shantala que era quando era bebezinho ficava eu e a minha patroa lá ela fazia e eu ficava olhando...”</p> <p>Ind.03: “... depois é a que ela está</p>

	<p>dando banho para cuidar direito do neném e depois ela está brincando com a perna e depois brincando um bichinho depois ela está com ele no colo e depois ela está olhando para ele...”</p> <p>Ind.13: “...a primeira seria ela brincando com o pé por causa da interação entre a cuidadora e a criança depois a que ela está segurando e olhando para o bebê fica até difícil mencionar uma mais importante do que a outra porque são momentos de interação...”</p> <p>Ind.14: “...essa do bebê no colo botando para dormir porque a criança está querendo um aconchego um carinho poderia estar agitada e a pessoa está acalutando depois a que ela está olhando com os olhos...”</p>
--	--

De acordo com os relatos, o primeiro sistema de cuidado priorizado pelas babás, foi o contato corporal, com 06 escolhas (37,5%), seguido pelo sistema de cuidados básicos, com 05 respostas (31,25%). Essa primeira escolha coincidiu com os dados obtidos por Seidl-de-Moura (2014), em que o sistema de contato corporal também foi o mais valorizado pelas babás, e, com o estudo apresentado por Pessoa et. al (2016). O envolvimento e o calor decorrente da interação com o cuidador, visa além da proteção, o desenvolvimento de sentimentos de parentesco e pertencimento, bem como o intuito de preparar a criança para a vida na comunidade (Keller, 2002).

Classe 7 – Temática da classe: **Práticas de cuidado que envolvem aspectos afetivos como segurança e carinho**

A classe 7 foi composta por 9 segmentos dentre os 60 segmentos de texto aproveitados, incidindo em um percentil de 15%. Nessa classe, as palavras

que tiveram maior qui-quadrado (x^2), foram: “olho” ($x^2=13,66$); “banho” ($x^2=6,97$); “segurança” ($x^2=6,61$).

Temática da classe	Relato das participantes
Práticas de cuidado que envolvem aspectos afetivos como segurança e carinho	<p>Ind.01: “...e essa olho a olho eu colocaria nessa ordem porque ela deu banho eu vou colocar na minha sequência ela deu banho aí depois ela ficou brincando um pouco ali com a toalha...”</p> <p>Ind.02: “...depois o olho no olho é importante também porque aí passa um pouco de segurança para a criança esse olhar depois estimular os pés depois veio o banho o banho é assim é um contato da cuidadora com a criança...”</p> <p>Ind.16: “...então essa poderia ser a segunda os brinquedinhos a terceira e o banho e depois a pessoa ficar admirando a obra prima que ficou...”</p> <p>Ind.14: “...porque aí já está conversando com ela olhando nos olhos dando segurança em seguida o banho que aí a criança já está segura para entrar no banho e ficar relaxada...”</p> <p>Ind.07: “...o primeiro é olhando nos olhos o segundo é o carinho o terceiro brincando e o quarto fazendo o exercício e o quinto banho essa ordem porque o carinho vem em primeiro lugar</p> <p>Ind.15: “...aí depois do banho aí a hora de trocar de botar ele ali estimular um pouquinho com as pernas dele mexer brincar um pouquinho ali com ele...”</p>

As babás relataram que as práticas de cuidado infantil são permeadas por afetos, como a segurança, o carinho, a admiração. Esses elementos também foram mencionados na pesquisa realizada com 15 duplas de mães e babás, na cidade do Rio de Janeiro (Sena, 2020). Portanto, as práticas de cuidado infantil, de cereta

9.4 Análise Iramuteq – Portugal

A fim de atender a proposta do estudo, foi utilizada, para análise do material textual, o *software* Iramuteq. Nesse sentido, o conteúdo das entrevistas foi transcrito e estruturado, de acordo com a linha de comando necessária para a leitura do programa, gerando um corpus total. Este foi constituído por 18 textos separados por 576 segmentos de textos, indicando um aproveitamento de 472 segmentos, ou 81,94%, índice esse favorável, de acordo com o manual do software. Foram encontradas 19.879 ocorrências, ou seja, proposições, palavras, formas ou vocabulários, sendo que 1513 foram palavras distintas e 1377 palavras com uma única ocorrência. O conteúdo analisado foi categorizado em 7 classes. A classe 1 apresentou 67 St's entre os 472 analisados, o que representou 14,19%. A primeira ramificação se originou a partir da classe 1 para a classe 2 e para a classe 7. A classe 2 teve 62 St's entre os 472 analisados, compreendendo, portanto, 13,14%. Outra ramificação surgiu da classe 2, seguindo para as classes 3, 4 e 6. A classe 3 obteve 97 St's e foi a maior classe, contendo 20,55% entre os textos analisados. A classe 4 teve um total de 58 St's, representando um percentil de 12,29 %; a classe 5, com 69 St's e 14,62% de aproveitamento em relação aos 472 segmentos; a classe 6, teve 60 St's e percentual de 12,71 % e, por último, a classe 7 apresentou 59 St's entre os 472 segmentos analisados, indicando 12,5%.

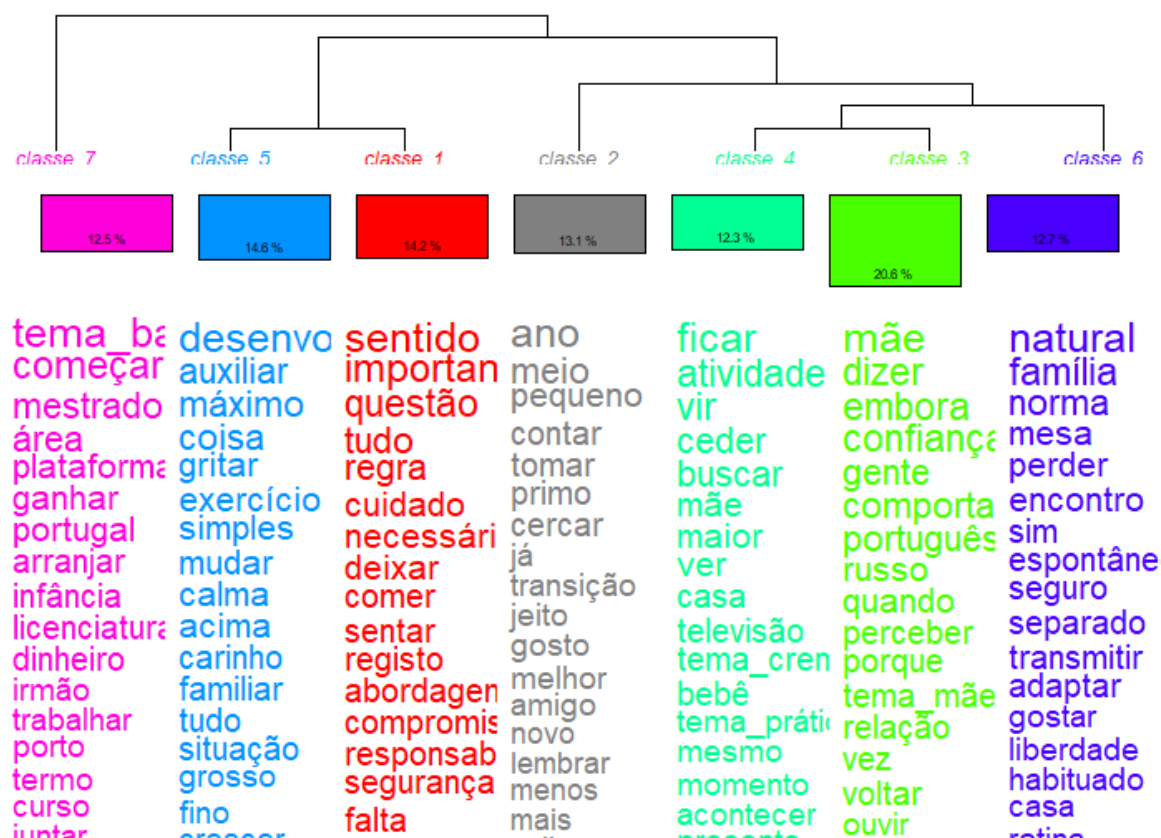


Figura 6

Dendrograma das classes (Análise Portugal)

Para que haja uma melhor constatação das classes, foi elaborado um organograma (Tabela 4), com a lista de palavras geradas pelas classes, a partir do teste do *qui-quadrado*. Para tais análises foi estabelecido o χ^2 de 3,84 e $p \geq 0,05$. Esse organograma mostrou os vocabulários semelhantes entre si e aqueles que eram diferentes das outras classes. A seguir, serão descritas, operacionalizadas e exemplificadas cada uma dessas classes, de acordo com a Classificação Hierárquica Descendente (CHD).

Tabela 4

Organograma de classes (Portugal)

Corpus do texto 472 St's – Aproveitamento de 81,94%													
Classe 1 – Ponto de Partida 14,99% – 67St		Classe 2 – Ponto de Partida 13,14% – 62 St		Classe 3 – Ponto de Partida 20,55% – 97 St		Classe 4 – Ponto de Partida 12,29% – 58St		Classe 5 – Ponto de Partida 14,62% – 69%T		Classe 6 – Ponto de Partida 12,71% – 60St		Classe 7 – Ponto de Partida 12,5% – 59St	
Palavras	X ²	Palavras	X ²	Palavras	X ²	Palavras	X ²	Palavras	X ²	Palavras	X ²	Palavras	X ²
sentido	44,48	pequeno	43,05	confiança	23,49	atividade	33,36	desenvolver	53,59	natural	55,88	começar	79,41
regra	26,12	primo	33,42	comportamento	19,54	ceder	28,8	auxiliar	35,49	família	40,14	mestrado	56,97
cuidado	24,29	transição	26,68	perceber	14,66	Mãe	23,87	calma	28,77	norma	34,7	plataforma	49,48
comer	19,69	amigo	21,16	limite	11,26	ver	20,24	carinho	23,56	encontro	27,32	ganhar	49,48
compromisso	18,25	idade	13,53	ouvir	11,26	televisão	16,67	familiar	21,68	espontâneo	20,73	infância	35,75
responsabilidade	17,6	cuidar	8,75	problema	7,92	tempo	9,38	influenciar	17,31	transmitir	20,62	dinheiro	34,82
segurança	17,6	interagir	7,58	sozinho	7,66	babysitting	7,69	ajudar	16,48	liberdade	18,18	irmão	30,88
alimentação	12,25	escola	5,33	chorar	5,83	disponibilidade	5,32	estimular	14,95	rotina	17,76	creche	27,88

Classe 1 – Temática da classe: **Importância das práticas de cuidado infantil**

A classe 1 correspondeu a 67 St's, sendo composta por palavras como: “sentido” ($x^2 = 44,48$); “regra” ($x^2 = 26,12$); “cuidado” ($x^2 = 24,29$); “comer”, ($x^2 = 19,69$); “compromisso” ($x^2 = 18,25$); “responsabilidade” ($x^2 = 17,97$); “segurança” ($x^2 = 17,6$); “alimentação” ($x^2 = 12,25$). A classe 1 se relacionou com participantes que estavam cuidando de criança entre 6 e 9 meses e 3/ 4 anos.

Temática da classe	Relato dos participantes
Importância das práticas de cuidado infantil (formação da babysitter/ama; a manutenção de uma rotina preestabelecida; valorização da criança)	Ind. 10: “acho que são todas importantes , mas acima de tudo assim eu como babysitter debato muito na parte do cuidado da criança uma certa linha que nós não podemos ultrapassar porque se os próprios pais não o fazem não somos nós que podemos incutir ”.
	Ind. 12: “por exemplo é sem dúvida um ponto que gostam muito e que ficam muito confortáveis por saber que vai ser explorado outra questão que também deixa muito os pais à vontade é o fato de eu ter uma formação de primeiros socorros para crianças pequeninas”
	Ind. 05: “por exemplo quando ele almoça comigo como eu já vi como é que ele almoça com os pais tento manter o mesmo registro a questão das regras el e tem alguma dificuldade ainda na autonomia para comer ”.
	Ind. 16: “como agora mais para os crescidos mais um sentido de responsabilidade de não ser

	uma anarquia desarrumar tudo pronto brincar a vontade mas ter consciência de que por exemplo se desarruma uma coisa e não brincam tentar perceber por quê”.
	Ind. 16: “eu acho que o mais importante a base para todo o resto é primeiro a criança se sentir bem com a pessoa em questão ”.
	Ind. 10: “ acho que as pessoas têm a ideia de que a educação é dar regras é a estrutura, mas não é só isso passa por tudo por todo esse cuidado que nós temos que ter exatamente porque é um ser vivo que não toma conta dele próprio ”.

Os relatos da classe 1 demonstraram o que as *babysitters/nannies* acreditam ser importante quanto a práticas de cuidado infantil e, como se posicionam diante das necessidades das famílias. Dessa forma, procuram estabelecer uma relação baseada no bem-estar da criança: “...mais importante a base para todo o resto é primeiro a criança se sentir bem com a pessoa em questão...” (Ind.16). Essa característica que propicia o bem-estar da criança, é um aspecto que demarca o trabalho da *babysitter*, na visão da *nanny*. Esse é um trabalho que não se restringe aos cuidados básicos, mas trata da promoção de experiências afetivas, emocionais e sensoriais (Vergara Hernandez, 2017). Um outro fator apresentado nessa fala, trata da diferenciação do trabalho realizado por uma *nanny*. Essa distinção é importante, porque no contexto português, a *nanny* é vista como uma “especialista de criança” e, portanto, suas atribuições percorrem outros caminhos (Capucho, 2015).

Os demais relatos, abordam elementos que atendam às expectativas da família. Nesse sentido, essas cuidadoras estão atentas ao seu lugar, dentro do contexto da família, e reconhecem que determinadas competências facilitam e tranquilizam os pais, quanto as práticas de cuidado infantil. Esses pontos apontam para a formação das cuidadoras, uma vez que em algumas plataformas, são necessárias determinadas formações, como o curso de primeiros socorros: “...mas acima de tudo assim eu como *babysitter* debato muito na parte do cuidado da

criança uma certa linha que nós não podemos ultrapassar porque se os próprios pais não o fazem não somos nós que podemos inculcar...” (Ind.10); “...um ponto que gostam muito e que ficam muito confortáveis por saber que vai ser explorado outra questão que também deixa muito os pais à vontade é o fato de eu ter uma formação de primeiros socorros...” (Ind.12).

Um conteúdo abordado se refere à questão da educação promovida pela *babysitter/nanny*: “...acho que as pessoas têm a ideia de que a educação é dar regras é a estrutura, mas não é só isso passa por tudo por todo esse cuidado que nós temos que ter exatamente porque é um ser vivo que não toma conta dele próprio...” (Ind.10). Para as respondentes, não há dificuldade em relacionar seu trabalho a aspectos educacionais, porque as práticas de cuidado, o bem-estar da criança, é visto como sendo parte do processo de educação infantil. Esse é um dado que não corrobora com o estudo de Kondratiuk e Neira (2018), talvez pelo fato de os autores associarem o cuidado feito por imigrantes, em um contexto europeu, sem a clareza necessária a essa atribuição. Outro fator pode ser devido a formação das cuidadoras portuguesas, que já possuem, muitas vezes, uma graduação.

Classe 2 – Temática da classe: **Histórias de quando iniciaram as práticas de cuidado infantil**

A classe 2 foi constituída por 62 St's, ou seja, 13,14% do corpus total analisado. A classe se caracterizou por palavras, como: “pequeno” ($x^2 = 43,05$); “primo”, ($x^2 = 33,42$); “transição” ($x^2 = 26,68$); “amigo” ($x^2 = 21,16$); “idade” ($x^2 = 13,53$); “cuidar” ($x^2 = 8,75$); “interagir” ($x^2 = 7,58$); “escola” ($x^2 = 5,33$). A classe 2 se relacionou com cuidadoras que possuíam tempo de cuidado compreendido entre 10 meses e 2 anos.

Temática da classe	Relato dos participantes
Histórias de quando iniciaram as práticas de cuidado infantil	Ind. 01: “ tomava conta ou dos filhos dos amigos ou algum primo mais pequeno mas assim mais profissionalmente há cerca de 2 anos e meio ”.
	Ind. 12: “foi um bocado diferente eram necessários alguns cuidados e assim, mas já estou há cerca de 3 anos assim eu costumo tomar conta de crianças mais pequeninas ”.
	Ind. 10: “então ainda mais complicado foi ficar com emprego que é mesmo assim e nisso depois com a minha sobrinha tive uma confirmação diferente porque nunca tinha tomado conta de crianças tão pequeninas abaixo dos 2 anos ”.
	Ind. 14: “portanto acabo por ter alguma flexibilidade de horário eu me lembrei do babysitting eu tenho jeito eu gosto de crianças já tomei conta de uma criança o tempo todo bem pequenina que acaba sempre por dar muito mais trabalho”.
	Ind. 17: “e assim a minha vontade de ingressar neste mundo porque assim conseguia ter o melhor dos 2 mundos ensinar , mas ter a parte de crianças mais pequenas porquê do 7 ano ao 12 já tamos a falar de uma faixa etária de 14 15 anos até aos 18”.

As histórias de como iniciaram o cuidado infantil partiram de diferentes perspectivas. Algumas participantes começaram o *babysitting* de forma voluntária, cuidando de irmãos, parentes próximos e, assim, identificaram uma possibilidade de trabalho. Houve relatos em que o cuidado infantil se iniciou em festas infantis. Dessa forma, as participantes eram contratadas como recreadoras/animadoras e formaram uma rede de apoio para os pais que necessitavam de *babysitters*. Outras, em decorrência da própria formação universitária. Por serem educadoras,

encontraram dificuldades em serem absorvidas no mercado profissional português, tendo em vista que as ofertas de trabalho/salário eram escassas e de árduo ingresso. Assim, optaram pelo trabalho de cuidado infantil, tendo em vista a flexibilidade de horário, e o número reduzido de crianças. Para as demais, o *babysitting* se tornou uma fonte de renda extra, já que trabalhavam como educadoras por meio período e, agregavam ao salário, a renda como *babysitters/nannies*. Embora haja diversas perspectivas, o ponto que une essas histórias aborda questões de cultura e contexto. Atender a necessidade do contexto envolve a mediação da cultura, a fim de promover a interrelação desses conteúdos, favorecendo a adaptação do indivíduo em termos de desenvolvimento biológico, social e cultural (Cole, 1995).

Classe 3 – Temática da Classe: **Relação mãe/filho a partir da percepção da babá**

A classe 3 possui 97 St's, correspondente a 20,55% do corpus textual, e é a maior das classes. As palavras dessa classe compreenderam as seguintes palavras, tais como: “confiança”, ($x^2 = 23,49$); “comportamento” ($x^2 = 19,54$); “perceber” ($x^2 = 14,66$); “ouvir” ($x^2 = 11,26$); “limite” ($x^2 = 11,26$); “problema” ($x^2 = 7,92$); “dever” ($x^2 = 7,92$); “sozinho” ($x^2 = 7,66$); “chorar” ($x^2 = 5,83$). Os relatos dessa classe foram associados as participantes que possuíam mestrado, tempo de cuidado entre 10 meses e 2 anos e com filho.

Temática da classe	Relato dos participantes
Relação mãe/filho	Ind. 17: “eu acho que elas têm uma relação de grande confiança, ou seja, a menina se vê que nunca foi enganada pela mãe ”.
	Ind. 15: “talvez confiança ”.
	Ind. por isso eu sinto que entre elas há uma boa relação de confiança, no entanto acho que beneficiaria se a mãe estabelecesse alguns limites não imposições porque acho que a criança também não precisa de imposições”.
	Ind. 18: “eu acho que uma criança que fica conosco e que está lá está eu acho que é bom quando eles ficam ansiosos por nos ver,

	mas também acho que é bom quando eles ainda ficam com aquilo de que queriam estar com a mãe a mãe vai embora ”.
	Ind. 15: “ acho que a mãe e a criança devem ter bastante confiança porque senão não será fácil para os pais deixarem a criança com alguém desconhecido e a criança acreditar que os pais irão voltar de fato”.
	Ind. 02: “e cada vez mais eu percebo que é algo geracional, ou seja, essas mães antigamente quando eram crianças também tiveram babysitters então elas não sabem o que é cuidar de uma criança não ligam muito”.

Um aspecto enfatizado pelas *babysitters/nannies*, ao tratar da relação mãe/filho, foi a confiança. Esse elemento também foi citado no estudo realizado com 15 díades de mães e babás, na cidade do Rio de Janeiro. Na pesquisa, as mães correlacionaram o afeto desenvolvido através das práticas de cuidado infantil, com elementos como confiança, carinho, amor e segurança (Sena, 2020). Nesse estudo, as *babysitters/nannies*, embora não associem diretamente ao afeto, a confiança parece ser um elemento intenso, que permeia a relação entre mãe/filho.

É importante apontar que, para uma respondente, a relação mãe/filho encontra certa fragilidade. Nesse relato, o cuidado com a criança, parece ser direcionado a *babysitter/nanny*, revelando um costume de cuidado da família: “...cada vez mais eu percebo que é algo geracional, ou seja, essas mães antigamente quando eram crianças também tiveram *babysitters* então elas não sabem o que é cuidar de uma criança, não ligam muito...” (Ind.2). Nesse caso, o subsistema do nicho de cuidado, denominado costume de cuidado demonstra a escolha dos pais em termos de cuidado e criação da criança. Assim, a opção de cuidado realizado por uma cuidadora, atende a uma particularidade do contexto (Harkness & Super, 2007). A fala trazida por essa *nanny*, revela aspectos de aproximadamente 20 anos de experiência em *babysitting*.

Classe 4 – Temática da classe: **Práticas de cuidado no Babysitting**

A quarta classe possui 58 St's dentre os 472 segmentos analisados, representando 12,29%. As palavras que correspondem a essa classe são: “atividade” ($x^2 = 33,36$); “ceder” ($x^2 = 28,8$); “mãe” ($x^2 = 23,87$); “televisão” ($x^2 = 16,67$); “tempo” ($x^2 = 9,38$); “*babysitting*” ($x^2=7,69$); “disponibilidade” ($x^2 = 5,32$). Os segmentos de texto desta classe se relacionaram com os discursos de participantes casadas e que cuidavam de crianças há mais de 5 anos.

Temática da classe	Relato dos participantes
Práticas de cuidado no <i>babysitting</i>	Ind. 17: “eles por acaso até falam bastante comigo mesmo quando vêm buscar os meninos e eu já tive oportunidade de tanto ficarem em minha casa como já aconteceu de eu ter que fazer babysitting na casa deles”
	Ind. 06: “e é por isso que eles me chamam para evitar mesmo que o filho fique a manhã toda a ver televisão então eu vou aquelas horas e fazemos as brincadeiras portanto nesse momento estamos apenas nós duas”.
	Ind. 16: “ou seja eu nunca fiz um tipo de babysitting em que estamos a ver televisão por isso estou sempre a brincar a fazer alguma atividade , mas basicamente é isso que eles pedem nunca pediram assim nada específico ”.
	Ind. 02: “eu vejo muitas das vezes com alguma tristeza eu acho eu entendo perfeitamente o contexto também de onde vêm essas mães ”.
	Ind. 03: “eu tenho a menina com quem estou há mais tempo quando eu vou para casa dela a mãe nunca está, ou seja, o momento que eu chego é o momento que ela sai para fazer as coisas dela”.

É possível notar nos relatos acima, como algumas babás executam o *babysitting*, atendendo a demanda da família. Para duas respondentes, a prática de cuidados infantis se relaciona a atividades, a fim de que as crianças não fiquem apenas vendo televisão. Portanto, há determinadas estimulações, brincadeiras, com o intuito de entreter as crianças: “...que eles me chamam para evitar mesmo que o filho fique a manhã toda a ver televisão então eu vou aquelas horas e fazemos as brincadeiras...” (Ind.06); “...nunca fiz um tipo de *babysitting* em que estamos a ver televisão por isso estou sempre a brincar a fazer alguma atividade, mas basicamente é isso que eles pedem...”(Ind.16). Essa prática é peculiar àquelas que são *babysitters*, “tomando conta de crianças”, fazendo companhia, enquanto os pais estão em algum compromisso ou ainda, acompanhando crianças em atividades extracurriculares, dentre outras (babysitters.pt.<https://www.babysits.pt/materiais-da-comunidade/248/qual-a-diferen%C3%A7a-entre-babysitter-ama-e-nanny/>).

Para outras duas respondentes, o trabalho é feito sem muita participação dos pais, tendo em vista que ao chegarem nos lares, eles não estão presentes ou mesmo que estejam, como nos casos de home-office não há participação nos cuidados infantis. Esses pontos são percorridos com certa tristeza: “eu vejo muitas das vezes com alguma tristeza eu acho eu entendo perfeitamente o contexto também de onde vêm essas mães...” (Ind.02). Para essa cuidadora, como a mãe da criança também foi criada em um contexto de *babysitting*, determinadas atribuições quanto ao papel do cuidador, parecem não ser valorizadas na relação com o filho. Sobre esse ponto, é importante trazer as características daqueles que estão envolvidos nos cuidados infantis, sejam pais ou demais cuidadores: disponibilidade emocional, orientação e controle, equilíbrio psicológico e emocional, compreensão das

necessidades físicas e emocionais e, por fim, o compromisso emocional (Mrzaek, 2013).

Classe 5 – Temática da classe: **Crenças das babysitters/nannies**

A classe 5 apresentou 69 St's, correspondendo a 14,62%, e compreendeu as seguintes palavras: “desenvolver” ($x^2 = 53,59$); “auxiliar” ($x^2 = 35,49$); “gritar” ($x^2 = 29,52$); “calma” ($x^2 = 28,77$); “carinho” ($x^2 = 23,56$); “influenciar” ($x^2 = 17,31$); “estimular” ($x^2 = 14,95$); “respeito” ($x^2 = 11,78$); “ambiente” ($x^2 = 6,55$). Os relatos dessa classe foram observados em participantes com Graduação e tempo de cuidado entre 3 e 4 anos.

Temática da classe	Relato dos participantes
Crenças da babysitters/nannies	Ind. 01: “mas acima de tudo eu acho que passar tempo da refeição junto que é uma coisa que sempre foi muito natural na minha família ”.
	Ind. 10: “mesmo isso se estimulem ao máximo o que que eles próprios são capazes de fazer até numa simples escalada lá está, acho que é assim um bocado do que eu referi”.
	Ind. 04: “descobrir e descobrir ser ela própria coisas novas, não me tento incutir nenhuma criança eu tento ao máximo respeitar a forma como os pais encaram as rotinas da filha ”.
	Ind. 06: “e acho que sim que influencia muito a forma como nós crescemos e o que nos fez feliz na infância nós tentamos sempre reproduzir para dar essa experiência também as crianças claras digo as coisas boas ”.
	Ind. 16: “e se somos educados de uma determinada forma até é mais difícil depois mudar o chip por assim dizer posso dar exemplos a mim me custa um bocado eles pedirem alguma coisa para comer e depois não comerem ”.

	Ind. 02: acho que sim é um pouco da minha forma de estar eu também tento pensar sempre nas crianças eu respeito muito não gritar não machucar e tento sempre pedir por favor ”.
--	--

As crenças se correlacionam com o desenvolvimento humano, levando em consideração um contexto específico, que envolve um sistema cultural e social. A partir das crenças, os cuidadores irão direcionar suas práticas de cuidado e os valores que acreditam ser relevantes para o desenvolvimento da criança (Harkness & Super, 2007; Mendes, 2018). Sendo assim, as respondentes trouxeram crenças que tiveram impacto no seu desenvolvimento e, que são transmitidas na sua prática de cuidado infantil: “...acima de tudo eu acho que passar tempo da refeição junto que é uma coisa que sempre foi muito natural na minha família...” (Ind. 01); “...é mais difícil depois mudar o chip por assim dizer posso dar exemplos a mim me custa um bocado eles pedirem alguma coisa para comer e depois não comerem...” (Ind.16); “... acho que sim é um pouco da minha forma de estar eu também tento pensar sempre nas crianças eu respeito muito não gritar não machucar e tento sempre pedir por favor...” (Ind. 02).

Classe 6 – Temática da classe: **Percepção da babá acerca das práticas de cuidado da família**

A classe 6 foi composta por 60 St's de um total de 472 segmentos dentro do corpus textual analisado, tendo um percentil de 12,71%. Algumas das palavras encontradas foram: “natural” ($x^2 = 55,88$); “família” ($x^2 = 40,14$); “norma” ($x^2 = 34,7$); “encontro” ($x^2 = 27,32$); “espontâneo” ($x^2 = 20,73$); “transmitir” ($x^2 = 20,62$); “liberdade” ($x^2 = 18,18$); “rotina” ($x^2 = 17,76$); “ecrã” ($x^2 = 7,92$). Os relatos dessa

classe que tiveram destaque foram decorrentes das participantes que eram divorciadas e com filhos.

Temática da classe	Relato dos participantes
Percepção de Práticas de cuidado da família	Ind. 08: “quando eu chego à família me diz quais é que são os hábitos e rotinas que tem e como é que fazem determinadas coisas ”.
	Ind. 11: “temos que nos adaptar aos diferentes estilos e as diferentes maneiras de uma criança ser e da maneira de os pais quererem da mesma já me aconteceu tomar conta de uma família muito religiosa e obrigava a criança não gostava , mas eles obrigavam a rezar a mesa ”.
	Ind. 04: “mas também me dão uma certa orientação sobre o que criança gosta ou não sobre os hábitos e rotinas também é facilita e por norma é assim , mas nunca me senti condicionada a fazer estritamente o que me dissessem ”.
	Ind. 16: “alguns passam outros não simplesmente querem conhecer conversarmos contam um bocado da rotina da criança e pronto outros sim por exemplo essa questão dos ecrãs ”.
	Ind. 07: “ela já está habituada e chega a mesa depois de ter a comida na mesa ela espontaneamente diz bom apetite já assimilou sim ”.

Ao tratar sobre a percepção de determinadas práticas de cuidado da família, é importante destacar que embora haja diferentes cuidadoras, há a necessidade de manutenção de uma rotina preestabelecida: “...quando eu chego à família me diz quais é que são os hábitos e rotinas que tem e como é que fazem determinadas coisas...” (Ind.08); “...alguns passam outros não simplesmente querem conhecer conversarmos contam um bocado da rotina da criança e pronto outros sim por exemplo essa questão dos ecrãs...” (Ind.16). Nesse ponto, é notório relacionar que esses exemplos visam atender as

necessidades do momento, levando em consideração as características da criança, as propriedades do ambiente, o desenvolvimento social e a natureza dos pais e da família. Esses elementos remetem ao modelo hierárquico de crenças (Harkness & Super, 2006). A manutenção de uma rotina, contudo, não significa que o trabalho da cuidadora seja restrito, mas serve para orientar acerca daquilo que pretende ser desenvolvido com a criança.

Algumas *babysitters/nannies* relataram práticas de cuidado da família, como por exemplo o hábito de dizer “bom apetite”, o uso de telas e rezar a mesa, dando a ideia de crenças que foram estabelecidas e que são percebidas nas atividades diárias, compreendendo um sistema cultural e social (Kobarg et. al, 2006).

Classe 7 – Temática da classe: **Qualificação profissional das *babysitters/nannies***

Na última classe foi encontrado um total de 59 St's entre os 472 segmentos do corpus textual, indicando 12,5%. As palavras dessa classe se referiram a primeira pergunta da entrevista semiestruturada, cujo objetivo foi identificar como foi a escolha de ser babá. A classe se caracterizou por palavras como: “começar” ($x^2 = 79,74$); “mestrado” ($x^2 = 56,97$), “plataforma” ($x^2 = 49,74$); “infância”, ($x^2 = 35,75$); “dinheiro” ($x^2 = 34,82$); “irmão” ($x^2 = 30,88$); “creche” ($x^2 = 27,88$); “experiência” ($x^2 = 23,65$); *babysitter*” ($x^2 = 18,25$).

Temática da classe	Relato dos participantes
Qualificação profissional das <i>babysitters/nannies</i>	Ind. 05: “no caso eu me inscrevi na plataforma porque eu estava a fazer a licenciatura em educação básica aqui em Portugal nós para sermos professores temos que fazer a licenciatura e o mestrado ”.

	Ind. 04: “é eu já fazia isto antes porque sempre convivi com muitas crianças e não foi algo proposital comecei a cuidar mais de crianças inicialmente não foi remunerado agora sim procuro trabalhos remunerados na área e depois junção com o curso que estou a tirar na faculdade ”.
	Ind. 14: “na altura quando eu comecei a fazer babysitter por assim dizer foi o nascimento da minha sobrinha porque na altura a minha irmã engravidou e aqui em Portugal eu não sei como é que acontece no Brasil eu tirei o mestrado para ser educadora de infância e professora do primeiro ciclo e acabei apenas o ano passado em dezembro portanto a partir do momento em que eu acabei o mestrado eu já estava a trabalhar aqui no Porto ”.
	Ind. 07: “foi um processo eu sou educadora de infância por formação profissional por tanto já tenho muita experiência em termos de instituições mesmo de creches jardins de infância ”.
	Ind. 03: “ depois terminei o meu mestrado e comecei a trabalhar numa escola fiz um estágio profissional e sempre continuei sempre a ser babysitter mas era uma base mais ocasional quando saí dessa escola não consegui arranjar mais nada”.
	Ind. 02: “eu comecei com 16 anos e comecei de forma de voluntária sim comecei a procurar na internet eu precisava de ganhar algum dinheiro ao fim de semana e pronto foi assim que começou ”.

O trabalho de *babysitter/nanny*, no contexto português, incide determinadas exigências, como cursos de primeiros socorros, formações em áreas relacionadas a infância, desenvolvimento psicomotor, entre outras. Normalmente essas capacitações são mais específicas a função da *nanny*, sendo conhecidas como “especialistas em crianças”. Seu trabalho implica em promover o desenvolvimento cognitivo da criança, auxiliar os pais em questões relativas à aprendizagem e outras demandas necessárias (Capucho, 2015). Dessa forma, é possível notar que os discursos se remetem a essa etapa do ciclo de vida: “...eu tirei o mestrado para ser educadora de infância e professora do primeiro ciclo e acabei apenas o

ano passado em dezembro portanto a partir do momento em que eu acabei o mestrado eu já estava a trabalhar aqui no Porto...” (Ind.06); “... depois terminei o meu mestrado e comecei a trabalhar numa escola fiz um estágio profissional e sempre continuei sempre a ser babysitter mas era uma base mais ocasional quando saí dessa escola não consegui arranjar mais nada...” (Ind. 03).

No caso de *babysitters*, a idade mínima para início das atividades, é de 16 anos. Portanto, esse público, normalmente é composto por estudantes do 3º ciclo (Ensino Médio), e, por mulheres mais velhas, aposentadas e com filhos adultos (Paiva, 2023). “... eu comecei com 16 anos e comecei de forma de voluntária, sim comecei a procurar na internet eu precisava de ganhar algum dinheiro ao fim de semana e pronto foi assim que começou...” (Ind. 02); “...foi um processo, eu sou educadora de infância por formação profissional portanto já tenho muita experiência em termos de instituições mesmo de creches jardins de infância...” (Ind.07). Esse último relato expressa a experiência dessa cuidadora, pois o início do *babysitting* deu-se com a pandemia da covid-19. Embora aposentada, surgiu a oportunidade de ter uma renda extra, trabalhando em famílias nas quais os pais precisavam fazer *home-office*.

Análise da Nuvem de Palavras

A análise realizada permitiu apresentar a Nuvem de Palavras, demonstrando como as palavras foram estruturadas, com diferente tamanhos, indicando que as maiores detiveram alguma relevância no corpus textual, de acordo com a frequência. A Nuvem de Palavras abaixo representou as palavras provenientes dos relatos dos participantes, de acordo com as evocações mais representativas, como: “Criança”; “Não”; “Mãe”, “Pai”; “Sempre”; “Exemplo”; “Trabalhar”; “Pequeno”;

“Babysitting”; “Babysitter”; “Educação”; “Bebê”; “Professor”; “Cuidado”; “Momento”; “Atividade”; “Relação”; “Cuidar”; “Filho”; “Tempo”; “Atenção”, conforme a Figura 7.



Figura 7

Nuvem de Palavras (Análise Portugal)

9.5 Análise de conteúdo de Bardin - Portugal

Embora tenha sido realizada a análise qualitativa a partir do *software* Iramuteq, a proposta de análise de conteúdo foi também escolhida, uma vez que

possibilita aprofundar os dados que são oriundos da entrevista semiestruturada, bem como investigar o sentido daquilo que foi relatado (Bardin, 2016).

A primeira pergunta teve como finalidade investigar a escolha de ser *babysitter/nanny*. Nesse sentido, algumas categorias de importância foram levantadas como: experiências de cuidado com parentes/amigos; formação profissional; independência financeira; oportunidades frente ao desemprego e a pandemia; flexibilidade do trabalho.

Questão 01 – Como foi a escolha de ser <i>babysitter/nannie</i> ?	
Categorias análises	Relato das participantes
Experiências de cuidado com parentes/amigos	<p>Ind. 01: “Tomava conta ou dos filhos dos amigos ou algum primo mais pequeno...”</p> <p>Ind.08: “eu tenho um irmão mais novo. Ele nasceu e eu tinha 8 anos, então sempre cuidei dele, eu e a minha mãe sempre cuidamos dele, e veio daí esse meu gosto por crianças. E depois, eu tenho muitos amigos que tem irmãs mais novas. Eu comecei a ficar com elas, depois começaram a surgir os pedidos...”</p> <p>Ind.09: “Já cuidei de primos, também já fiz babysitting em vários sítios...”</p> <p>Ind.11: “Os meus pais não foram muito presentes, têm o seu trabalho muito base, muito parte da sua vida. E eu sempre tive muito que tomar conta do meu irmão, então comecei a ganhar esse gosto e essa paixão...”</p>
Formação profissional	<p>Ind.04: “É, eu já fazia isto antes porque sempre convivi com muitas crianças, e não foi algo proposital. Inicialmente não foi remunerado, agora sim procuro trabalhos remunerados na área e depois, junção com o curso que estou a tirar na faculdade, a educação básica...”</p> <p>Ind.13: “Assim, eu decidi ser <i>babysitter</i> porque eu já trabalho na área da educação. Já desde o meu décimo ano que escolhi ser animadora sociocultural, e por isso já tenho uma ligação maior com as crianças...”</p> <p>Ind.15: “E depois até acabei por ir para a minha licenciatura em ciências da educação. E da formação. Não sei, eu sempre gostei de crianças, era mais por isso...”</p> <p>Ind. 16: “A minha profissão é educadora de infância. E, pronto, eu faço <i>babysitter</i> exatamente</p>

	<p>porque está relacionado com a minha profissão, com que eu gosto, que são as crianças...”</p>
Recursos financeiros	<p>Ind.03: “Quando saí dessa escola não consegui arranjar mais nada, decidi dedicar ao babysitting o tempo todo, portanto, este é o meu trabalho agora o tempo inteiro. E em termos, é monetários, em termos de dinheiro, está a ser mais viável esta opção para mim do que ser educadora ou professora...”</p> <p>Ind.05: “E começar a trabalhar, a ganhar algum dinheiro, dentro da minha área, no caso. Porque podemos trabalhar em qualquer sítio, mas enquanto babysitter acabo por estar a trabalhar na minha área. A ganhar algum numa fase inicial enquanto ainda estou a estudar. Aí é sempre uma ajuda extra para o curso...”</p> <p>Ind.06: “depois de ter acabado o mestrado, estar a trabalhar apenas duas horas por dia era muito pouco. E precisava de arranjar algum dinheiro extra. Então foi por aí que eu pensei em fazer babysitting...”</p> <p>Ind.09: “começou pelo gosto enorme que tenho por crianças, e porque é um trabalho que, nos dias de hoje, não é descontado, ou seja, para quem é estudante e quer, no fundo, ter alguma independência económica sem perder, no meu caso, o seguro de saúde que o Estado oferece. E por gostar de crianças, optei exatamente por ter a minha independência, mas ainda, enquanto estudante, a ser babysitter. Ou seja, há questões pessoais, mas também há essa questão económica de que, de fato, o Estado português dá um subsídio e um seguro de saúde aos jovens cujos pais trabalham na função pública. E a partir do momento que passam a descontar, perdem o seguro de vida...”</p>
Oportunidade frente ao desemprego e a pandemia	<p>Ind.10: “foi um bocado também graças ao covid. Eu tive que ficar a tomar conta da minha sobrinha, e acabei por descobrir um gosto que não sabia que tinha assim tão grande. Pronto, eu já estava inscrita na babysit, e noutras plataformas...”</p> <p>Ind.12: “o primeiro serviço que eu fiz como babysitter foi há cerca de 3 anos. Ainda foi antes da pandemia. Depois, durante a pandemia, ainda mantive porque já era um menino que eu conhecia...”</p> <p>Ind.14: “este ano, infelizmente a conjuntura económica também não está muito fácil, e eu comecei a tentar perceber que outras formas, é, que eu conseguia de tentar dar um bocado esta volta à situação, de obter fontes de rendimento externas e</p>

	<p>extra. E me lembrei de coisas que eu poderia ter jeito, ou que conseguiria fazer e conciliar com o meu trabalho atual, com o trabalho remotamente. portanto acabo por ter alguma flexibilidade de horário. Eu me lembrei do babysitting...”</p> <p>Ind.07: “eu me vi numa situação de desemprego. Como me vi uma situação de desemprego já há algum tempo, há cerca de 2 anos, virei para a parte do babysitter ao domicílio. Porque como não tenho um espaço próprio meu na minha casa, também não conseguiria funcionar. Ainda pensei nisso, mas não conseguiria funcionar. Portanto, fiz inscrição em várias plataformas, nesta de babysitting e noutros sites também, coloquei um anúncio. E pronto, e comecei a ser abordada, entretanto, veio a pandemia. E como veio a pandemia, ficou tudo confinado. E como ficou tudo confinado, as pessoas precisavam de trabalhar, porque estavam na mesma em teletrabalho, e foi o boom, porque precisavam de alguém que tomasse conta das crianças, e ficasse com elas, e oferecesse toda uma ajuda tanto ao nível de segurança...”</p>
Flexibilidade do trabalho	<p>Ind.18: “...estou numa fase da minha vida em que comecei os meus estudos e é aquele emprego que dá para conciliar sempre com a escola e que nos dá mais acessibilidade em termos de horários...”</p>

A opção de ser *babysitter/nanny*, no contexto português, parece estar atrelado a um aspecto sociocultural particular, que abrange características do desenvolvimento do indivíduo na sociedade, envolvendo aspectos da natureza, do ambiente e da cultura (Cole, 1995). Em várias respostas, as participantes relataram que iniciaram essa prática ao cuidar de irmãos mais novos, primos e filhos de amigos. Esse fator pode ser resultado de uma cultura mais propensa ao coletivismo. Embora Portugal seja um país que valorize a individualidade, há certa tendência para que as relações com a família extensa sejam valorizadas, com desenvolvimento de laços mais fortes entre os grupos de convivência (The Hofstede Centre, 2022).

O trabalho da *babysitter/nanny* parece ser bem delimitado, com horários e atribuições específicas e, segue uma característica presente na cultura americana. (Kondratiuk & Neira, 2017). Além disso, essa escolha pode estar associada a formação universitária, a flexibilidade do horário estabelecido, ao retorno financeiro propiciado.

A segunda questão procurou analisar como as *babysitters/nannies* conceituam “práticas de cuidado infantil”, a partir da sua vivência. As categorias de importância tiveram como foco a promoção do desenvolvimento infantil, a manutenção do ambiente familiar, o estímulo e apoio ao crescimento, a educação e o carinho.

Questão 02 – O que você entende como práticas de cuidado infantil?	
Categorias	Relato das participantes
Promoção do Desenvolvimento: habilidades, estímulos psicológicos, bem-estar e segurança	<p>Ind.03: “tudo o que tem a ver com as crianças, dar atenção, brincar com elas, ter em conta a segurança delas, se está tudo bem, como é que elas se sentem assim, basicamente...”</p> <p>Ind.05: “Penso que está um bocado relacionado com todas aquelas práticas que zelam pela segurança, o bem-estar e o cuidado da criança. Tudo aquilo que nós podemos e devemos pôr em prática que vá ao encontro do bem-estar da criança. No caso, desde as necessidades fisiológicas, as necessidades alimentares. Tudo isso concorre para uma prática do bem-estar da criança, do cuidado da criança...”</p> <p>Ind.07: “...aquilo que eu considero, lá está, isso vai muito no sentido redutor da babysitter ou da, ou da nanny. Acho que como um bocado parte de redutor de tomar conta, mesmo, a nível de segurança, mudar fraldas, saber se a criança está bem, se sente bem, se sente feliz, se sorri, se canta, se chora. Portanto, todo esse, um conjunto de, de situações. O que vai mais além disso, lá está, já é outro tipo de pessoa, como eu, que sabe perfeitamente o que é que a criança quer e eleva. Pronto, e eleva o nível de desenvolvimento mais para frente, digamos assim...”</p> <p>Ind. 08: “A prática de cuidados infantis, é mais a nível dos trabalhos de casa, de banho, brincar, estimular as crianças na pintura, nos jogos, nas</p>

	<p>danças, também fazemos. Portanto, é todo o cuidado que envolve a criança e o jovem, as vezes também surge. Para o seu normal desenvolvimento e crescimento.”</p> <p>Ind.09: “, no meu caso, é acima de tudo, sinto o que a criança precisa, mas não tudo o que a criança quer, digamos assim. E tudo que seja necessário para o bem_estar dela e para o seu desenvolvimento, sobretudo pessoal e individual. Ou melhor, individual não no sentido só da criança, mas dela o fazer sozinha. Nós estamos sempre atrás com ferramentas, com suporte, com segurança e confiança, mas sem sempre elas a puxar por si... No meu caso eu faço alguns exercícios coisas assim, que os estimulem na motricidade fina e grossa. Com coisas muito simples, que não precisamos gastar muito dinheiro... também crio certos exercícios. Pronto, feitos por mim mesma, para fazer os detalhes a nível de tudo, de visual. De memória, de sequência. Ou de plasticidade. Mas tudo de uma forma muito, muito saudável de brincadeira, por exemplo, recorrendo sempre são coisas plastificadas, para dar para todas as crianças, mas recorrendo sempre, por exemplo, à plasticina, a pompons, para fazer os próprios exercícios, pronto. E isso também são mais motricidades finas e grossas que eles estão sempre, constantemente, a desenvolver...”</p> <p>Ind.14: “...no meu ponto de vista eu acho que vai tanto do cuidado físico em si, ou seja, dar banho, alimentar, brincar. Mas também a parte de mais do estímulo psicológico. De incentivar, de tentar instruir não só valores, mas também atividades que de alguma forma consigam construir a inteligência emocional das crianças. Porque apesar de não ser essa a minha base de formação, eu acho que é importante. Quando somos moldados desde pequeninos acaba por influenciar o que vamos ser depois no futuro. Portanto, muito para além do dar de comer, alimentar dormir, dar banho. Acho que também os cuidados infantis passam muito pelo estímulo, pelo incentivo, por tentar formar as crianças a nível psicológico, a desenvolver a inteligência emocional delas, também é muito importante. por isso acho que seria uma mistura entre os dois, os cuidados físicos e os psicológicos...”</p>
Atender necessidades da criança e parentais:	Ind.01: “acho que acima de tudo é ser alguém que está para a criança, para poder ajudar a criança e, consequentemente, ajudar a família. E por isso, se a

manutenção do ambiente familiar	criança estiver bem, a família também vai estar bem...” Ind.13: “acima de tudo responder a todas as necessidades, sem ser só básicas, também as que as crianças precisam, porque elas têm necessidades como todos nós. E acima de tudo, responder a essas necessidades básicas, por exemplo, alimentação...”
Cuidado integral da criança	Ind.02: “eu comecei a trabalhar e a criança era recém nascida, tinha 3, 4 meses e os cuidados eram diferentes. Tem todo o cuidado de higiene, alimentação. Neste momento os cuidados estão ligeiramente diferentes, vão desde a higiene da criança, a alimentação, até questões da escola, que sou eu que trato, ao transporte entre casa e escola, sou eu que trato também. Tudo que está relacionado com a vida dela sou eu que trato diretamente. E acho que o trabalho, os cuidados com a criança passam exatamente por isso, a nível pessoal, na higiene até a nível social.”
Estar presente na vida da criança	Ind.06: “...a prática do cuidado é basicamente estar com a criança o tempo todo. Estar ali só para ela e para que ela possa aprender e aproveitar o máximo de tempo possível a brincar, mas também lhes deixo brincar muito livremente para que elas possam explorar aquilo que elas mais gostam, mas sempre auxiliando, sempre tendo cuidado com certos riscos que por vezes podem acontecer... estar ali para ela e tudo que ela quer. Seja para conversar, seja para brincar, seja para ser ela própria, para ler um livro. Para satisfazer, também...”

As *babysitters/nannies* identificaram que práticas de cuidado infantil envolvem diferentes aspectos do desenvolvimento, do bem-estar da criança. Nos relatos, tais práticas ultrapassam questões de higiene, principalmente quando se trata de crianças maiores. Esse aspecto parece corroborar o estudo feito por Sena (2020), quando as babás brasileiras relacionaram características voltadas ao bem-estar infantil. Nesta perspectiva, o cuidado é entendido como um processo que envolve a rotina estabelecida para a criança, os cuidados de higiene, alimentação, rotina de sono. Esse ponto também remete aos costumes de cuidado, um subsistema do nicho de desenvolvimento, proposto por Harkness e Super (2007). Os cuidados

realizados, são considerados práticas “naturais”, “intuitivas”, ou sejam, são comportamentos que foram transmitidos sem a necessidade de racionalização. Embora sejam exercidos de maneira espontânea, tais costumes de cuidado estão inseridos no contexto das crenças desses cuidadores (Harkness & Super, 1996).

No caso das *babysitters/nannies* portuguesas, há ainda o desenvolvimento de atividades voltadas para a estimulação e criatividade. Na cultura portuguesa, e talvez pela formação das próprias cuidadoras, o estímulo ao desenvolvimento da criança, é algo bem demarcado.

A terceira pergunta teve por objetivo analisar o que as cuidadoras consideram importante ao cuidar de uma criança. Foram elencadas sete categorias principais, que envolvem aspectos ligados a higiene da criança, afetividade, alimentação e a qualidade do tempo, entre outras.

Questão 03 - Quanto à prática de cuidados, o que você considera importante quando uma criança está sob sua responsabilidade?	
Categorias	Relato das participantes
Seguir regras da família	Ind.01: “Acima de tudo é tentar não ir contra as regras que os pais lhe impõem. Ou seja, segundo aquilo que lhes educa de uma maneira, eu não vou fazer daquele. Pode até ser alguma coisa que eu não concordo, mas se é feito assim, eu não quero ir contra...”
Liberdade	Ind.03: “É, para mim o mais importante é que ela esteja no momento comigo, ou seja, que ela esteja a aproveitar ao máximo aquilo que eu tenho para lhe oferecer...” Ind.04: “... dou liberdade à criança para fazer aquilo que ela gosta. Regrado, com limites. Mas não condiciono as escolhas da criança, procuro sempre ir ao encontro dos seus interesses. É também, expondo um bocado ao mundo real, aos sons da natureza, ao que está à volta dele e não limitar o espaço de atividade. E muito a base de a deixar descobrir...”
Tempo de qualidade com a criança	Ind.06: “...É mesmo o tempo de qualidade. Eu acho que não há nada como eu estar mesmo ali só para elas, porque eu digo isto porque eu vou ser educadora, se conseguir um dia, e vou estar numa sala com 20 crianças... E o bom do babysitting é

	<p>que eu consigo chegar as crianças de forma muito individual, consigo conhecer, consigo perceber o que que elas precisam. Ao contrário do que consigo numa sala, que eu acabo por sentir um bocado que as turmas são demasiado grandes para uma só professora... Daí eu achar que no babysitting o melhor é mesmo o tempo de qualidade e individualizado para aquela criança. É conhecer as necessidades dela e procurar, até em casa, procurar, informações ou jogos que se possam enquadrar com o que ela mais gosta, ou seja, eles vão ao encontro do que ela gosta...”</p>
<p>Competências socioafetivas (Atenção/Segurança/Cuidado)</p>	<p>Ind.02: “Eu acho que o mais importante quando nós estamos com a criança é dar a atenção. E, principalmente nestes últimos anos que eu tenho trabalhado, e já vão também 16 anos na área. E eu percebo que os pais não dão atenção à criança. Não, então a criança procura isso em nós...”</p> <p>Ind.17: “Seria a segurança...”</p> <p>Ind.18: “Para mim o mais importante, sem dúvida alguma, é a segurança deles...”</p> <p>Ind.05: “...as práticas de necessidades básicas são importantes, mas eu acho que mais do que essas são mais as práticas afetivas, socioafetivas. Ou seja, a criança, por exemplo, só vai estar à vontade para comer conosco se nós tivermos uma relação com ela de amizade, proximidade, de cuidado, de atenção. Porque senão ela vai ter receio de estar conosco, e todo o resto não desenvolve se nós não tivermos uma boa relação, uma boa proximidade com elas...”</p>
<p>Cuidados básicos</p>	<p>Ind.09: “Eu acho que é mais importante, é desinfetar tanto as minhas mãos como as mãos da criança, quando vou, por exemplo, a um parque brincar com ela. Acho que é o mais importante, porque as crianças têm mesmo a tendência de meter a mão na boca...”</p> <p>Ind.11: “Assim, depende das crianças, porque assim, os bebês, o cuidado que eu costumo ter mais é manter a criança sempre limpa. Porque um bebê com cocô, com xixi, é muito mais complicado, lidar com ele, porque é muito desconfortável, imagino. lidar com cocô, com fome. Esse é o clássico...”</p> <p>Ind.12: “eu acho que há duas linhas que para mim são muito importantes. Que é a nutrição, que a partir de como sou eu que estou com a criança, também sou responsável por alimentar a criança, quer seja dar papas ou outro alimento que esteja</p>

	preparado. E depois também, lá está, a questão de ter atividades que realmente puxem pela criança e que a desenvolvam... acho mais importante é mesmo a questão da alimentação. Porque parecendo que não, também acaba por influenciar muito...”
Interação	Ind.14: “...eu acho que acima de tudo, criar uma ligação com ela. Ou seja, eles não são adultos. se calhar, o não vai ser percebido da mesma forma que um adulto. Acho que acima de tudo é tentar explicar o porquê das coisas, criarmos uma ligação, e acima de tudo ter a calma, tentar explicar o porquê das coisas acontecerem e porque é que temos que as fazer determinada maneira. Tentarmos por um bocado do lado deles do gênero, porque ao final, também precisam de carinho e de compreensão...”
Bem-estar da criança	Ind.16: “...eu acho que o mais importante, a base para todo o resto, é primeiro a criança se sentir bem com a pessoa em questão. Ou seja, os babysitting que eu faço, eles primeiro são sempre com a família presente...” Ind.07: “É saber se a criança, independentemente da idade, se sente bem e se está feliz ou não. Se ela nos transmite felicidade, através de um sorriso, ela está bem. Se há qualquer situação, qualquer desconforto na parte dela, ela vai reagir, seja de qualquer forma. Seja no choro, seja na agressividade, seja noutra forma qualquer, ela vai se exprimir...”

O relato das participantes demonstra que há limites bem demarcados na cultura portuguesa. O aspecto de manter as regras estabelecidas pela família permeou o discurso não apenas da participante 01, mas surgiu em diferentes discursos das respondentes, principalmente quando há crianças pequenas: “... “Acima de tudo é tentar não ir contra as regras que os pais lhe impõem. Ou seja, segundo aquilo que lhes educa de uma maneira, eu não vou fazer daquele. . Pode até ser alguma coisa que eu não concordo, mas se é feito assim, eu não quero ir contra...”(Ind. 01). Em contrapartida, quando as crianças são maiores, nota-se uma certa flexibilidade quanto às regras, assim como quando cuidam de crianças

imigrantes. Nesse caso, houve relatos em que os pais, muitas vezes buscam uma *babysitter* ocasional, e não se incomodam em passar regras.

Os quesitos de atenção e segurança também encontraram destaque. No discurso da participante 02, fica evidente que os pais não dão atenção necessária a criança, a partir da perspectiva da *babysitter/nannie*. Em outros momentos, ela demonstrou incômodo, ao relatar que os pais não brincam e não se sentam com a criança: “...“Eu acho que o mais importante quando nós estamos com a criança é dar a atenção. E, principalmente nestes últimos anos que eu tenho trabalhado, e já vão também 16 anos na área. E eu percebo que os pais não dão atenção à criança...” (Ind.02). A atenção, nesse caso, não se traduz como uma necessidade de garantir um ambiente seguro, sem riscos, conforme foi apontado na pesquisa realizada por Sena (2020), na qual as babás se referiam a essa categoria quando falavam da casa da criança. No relato, parece tratar de um aspecto de valorizar o tempo com a criança, ser contingente as suas emoções, envolvendo questões de ordem psicológicas também. Nesse sentido é necessário apontar que as ações que são realizadas pelos cuidadores, sejam eles os pais ou outros que permeiam o universo da família, colaboram para o estado de saúde, nutrição e desenvolvimento físico e psicológico. Quando esses fatores não são claros, podem apresentar risco ao desenvolvimento infantil (Vergara Hernandez, 2017). Além disso, cabe ao cuidador ser alguém que, além da disponibilidade emocional, tenha orientação de controle. Essas características apontadas por Mrzaek (2013), além de desenvolver o senso de ser amado, cuidado e acolhido para um desenvolvimento seguro, proporciona orientação sensível e solidária para aquilo que seja necessário à criança.

A quarta pergunta buscou investigar crenças, no sentido de comportamentos aprendidos ao longo da vida, por influência dos pais ou demais cuidadores, e que são transmitidas às crianças que estão sob os cuidados da *babysitter/nanny*.

Questão 04 - Você consegue identificar, na sua prática de cuidados com criança, alguma crença/conhecimento ou algum tipo de comportamento que você tenha aprendido com seus familiares?	
Categorias	Relato das participantes
Hábitos (“bom dia”, “por favor”, “obrigado”, “comer o que está no prato”)	<p>Ind.02: “...As vezes a criança até está a falar com os pais, ou com alguém diferente dos pais, e pede o brinquedo. E eu venho e chego perto e digo para falar por favor. Estou eu que passo, faço esse papel, não os pais. Pronto, aí eu vejo o reflexo também da educação que eu tive. E que sou eu que exijo, entre aspas, isso à própria criança...”</p> <p>Ind.07: “...Mas de crianças mais pequeninas, por exemplo, coisas muito simples, dizemos muito, o básico, o obrigado, o faz favor, a pedir com licença. Portanto são valores que hoje em dia, muitas vezes, já não estão se perdendo. há muita coisa que está a perder, mas que me foram transmitidos a mim. E que, por exemplo, é muito fácil transmitir isso à criança de uma forma muito natural. Para mim sai de uma forma muito natural, porque eu sou assim. Como eu sou assim, já transmito à criança de uma forma natural, e não é preciso estar a pensar muito, aquilo sai, fica espontâneo. E a criança também é espontânea...”</p> <p>Ind.16: “...Posso dar exemplos, a mim me custa um bocado eles pedirem alguma coisa para comer e depois não comerem. Ou comerem pouco. Que eu sei que está errado e tento mudar. Porque eu também fui muito educada que tens que comer tudo, tudo o que está no prato é para comer. E pronto, apesar de saber que isso é errado, sinto que me custa um bocado...”</p>
Não repetir o que viveu na infância (“gritos”, “berrar”)	<p>Ind.03: “...É, sim, eu tento ser uma pessoa muito calma e muito paciente, portanto eu não gosto de contrariar, não gosto de berrar, gritar por qualquer razão. Isso foi uma coisa que, a mim, enquanto criança, me marcou pela negativa e que eu não quero nunca passar às crianças com quem eu estou, porque sei que isso no futuro, traz consequências. E, portanto, procuro ser sempre uma pessoa muito paciente, muito calma...”</p>

Diferentes aprendizados transmitidos pelos papéis parentais	<p>Ind.06: “...A forma como nós crescemos e o que nos fez feliz na infância, nós tentamos sempre reproduzir para dar essa experiência também as crianças. Claro, digo as coisas boas. Certas brincadeiras ou certos conhecimentos que até possa ter. Por exemplo, eu venho de uma aldeia. E eles aqui no Porto, é uma cidade. Não tem acesso a tantas coisas. Então as vezes falo mais dos animais, falo mais das árvores, de colher a fruta. Pronto, se calhar dou assim, umas noções da minha infância que eu acho que até pode ser rico também para as crianças...”</p> <p>Ind.13: “...Sim, porque, por exemplo, eu tenho um familiar muito perto de mim que ela também trabalhou com crianças. Então, isso também me ajudou muito a ver, por exemplo, como ela me tratava e como cuidava de mim. E que eu fizesse isso com as crianças que tomo conta atualmente.”</p> <p>Ind.08: “...Eu gosto muito de ler e os meus pais sempre leram muito quando iam para a cama, e eu faço isso com as crianças. Quando os pais vão jantar fora, vai ser cada uma, porém, irmãs, cada uma escolhe um livro e, sim, é uma das práticas...”</p> <p>Ind.11: “...uma prática que eu costumo usar muito como costumava fazer quando era criança é fazer, eu chamo cosquinhas, mas é fazer tipo umas festinhas com as unhas nas costas da criança, que faz com que ela adormeça num ápice. Faziam muito isso em mim pequenina, e eu, por acaso, uso isso com os meninos mais novos, até aos quatro anos, quando são mais chatinhos de colocar a dormir...”</p>
Manter a calma	Ind.09: “...aquilo que eu aprendi com a minha prática é tentar manter a calma e distrair a criança, primeiramente, para depois conseguir acalmar, porque não é gritando ou fazendo o tipo de gesto mais brusco que a criança se vai acalmar...”
Enxergar o lado positivo	Ind.10: “...Eu sempre olho a parte positiva das coisas, e o que nada, querer chorar, quer seja o que for, tem mal, não nada disso tem mal. Então um bocado por aí também...”
Atenção ao desenvolvimento por influência materna	Ind.12: “... a minha mãe é professora primária. E por isso, se calhar, é que eu tenho tanto esta vertente de ter muita atenção ao desenvolvimento e a estimulação da criança. E eu acho que isso é, sem dúvida, o que impacta mais a maneira como eu lido com eles, porque a nível familiar ainda não tenho muitas crianças no seio próximo da família. E eu acho que o que impacta mais é realmente o fato da minha mãe ser professora primária...”

Diálogo/Compreensão	Ind.14: “...Sobretudo, tanto comigo como depois com a minha sobrinha, que acho que foi um bom primeiro exercício, que é, sobretudo, manter a calma e tentar perceber, ou seja, quando está uma criança a gritar ou a chorar, se eu vou estar a gritar ao mesmo nível que ela, não vai durar nada. Ela só vai continuar a ficar nervosa, agravar a situação. Acima de tudo, tentar falar com calma. Tentar perceber, respirar, explicar, conversar. Tentar fazer este diálogo na base da compreensão também me foi transmitido desde pequena... Lá está, na base do diálogo e da compreensão. E diria que esses são os dois pilares que me foram transmitidos e que sempre transmiti as outras crianças, e que pretendo que elas também transmitam depois, por sua vez, aos filhos delas ou outras crianças com que lidam...”
Não dizer “Não” as crianças	Ind.15: “...As vezes, quando eu era pequena e cuidava da minha prima, eu me lembro da minha mãe dizer para nunca dizer não às crianças, especialmente quando são pequenas, quando tem 3, 2 anos. Porque elas depois ficam chateadas, revoltadas, e se não dissermos que não, elas depois acabam por se esquecer...”
Proporcionar autonomia	Ind.18: “...Sim, eu tive uma vez, não foi com cuidador. Eu uma vez tive uma criança em que os pais me pediram muito para desenvolver com ele o fato de ele fazer as coisas, dele fazer por si. E eu estar mais na retaguarda, só supervisionar. Porque era assim a forma que eles criavam o menino, e era o que ele estava habituado. E foi a primeira vez que eu, pronto, deixei uma criança fazer mais as coisas por ela, e se ele queria um lanche, dizia para ele vir comigo e era ele que ia arranjando, eu estava só supervisionar...”

As crenças relatadas, demonstram a importância dos cuidadores na vida da criança, para a transmissão de conteúdos socioculturais que nortearão o desenvolvimento a partir da interação, aspecto esse corroborados por Keller (2012) e Seidl-de- Moura (2009). Nesse sentido, as cuidadoras manifestaram determinadas ações que são praticadas com as crianças, decorrem daquilo que foi experimentado ao longo do ciclo de vida, sendo assim entendidas como crenças gerais (Morales-Castilho, 2020). Essas ações revelam, por exemplo, características de

comportamentos sociais: “...Às vezes a criança até está a falar com os pais, ou com alguém diferente dos pais, e pede o brinquedo. E eu venho e chego perto e digo para falar por favor...” (Ind. 02); “..., Mas de crianças mais pequeninas, por exemplo, coisas muito simples, dizemos muito, o básico, o obrigado, o faz favor, a pedir com licença...” (Ind.07); diferentes experiências vivenciadas no decorrer da infância: “...sim, eu tento ser uma pessoa muito calma e muito paciente, portanto eu não gosto de contrariar, não gosto de berrar, gritar por qualquer razão. Isso foi uma coisa que, a mim, enquanto criança, me marcou pela negativa e que eu não quero nunca passar às crianças com quem eu estou...” (Ind. 03); “... Sobretudo, tanto comigo como depois com a minha sobrinha, que acho que foi um bom primeiro exercício, que é, sobretudo, manter a calma e tentar perceber, ou seja, quando está uma criança a gritar ou a chorar, se eu vou estar a gritar ao mesmo nível que ela, não vai durar nada...” (Ind.14). Tais descrições são exemplos de como determinados costumes de cuidado foram transmitidos, bem como expectativas dos cuidadores frente a criança a ser cuidada.

Faz-se interessantes apontar que atitudes como as descritas pelas respondentes 03 e 15, em que as vivências experimentadas de maneira a impactar negativamente suas vidas, puderam ser modificadas, estabelecendo assim um novo valor que poderá influenciar o desenvolvimento da criança: “... É, sim, eu tento ser uma pessoa muito calma e muito paciente, portanto eu não gosto de contrariar, não gosto de berrar, gritar por qualquer razão. Isso foi uma coisa que, a mim, enquanto criança, me marcou pela negativa e que eu não quero nunca passar às crianças com quem eu estou, porque sei que isso no futuro, traz consequências...” (Ind. 03); “... Às vezes, quando eu era pequena e cuidava da minha prima, eu me lembro da minha mãe dizer para nunca dizer não às crianças, especialmente quando são pequenas,

quando tem 3, 2 anos. Porque elas depois ficam chateadas, revoltadas...” (Ind.15). Esses dois componentes tratam do nicho de desenvolvimento (Harkness & Super, 2007).

Ainda é possível notar que a prática de cuidados que se relaciona com hábitos de bom comportamento e de higiene, remetem a dimensão denominada apresentação adequada, do modelo cultural parental proposto por Suizzo (2002), quanto ao estudo de crenças. Nos relatos obtidos, há características de crenças primitivas que refletem características provenientes da realidade física, social e da estrutura do “eu”, que se formou em contato com o objeto da crença. Portanto, parecem tratar de crenças primitivas, conforme aponta Rokeach (1981).

A quinta pergunta teve o objetivo investigar a percepção das *babysitters/nannies* acerca das práticas de cuidado infantil, desempenhadas pelas mães. Na sexta pergunta foi solicitado que essas cuidadoras descrevessem as práticas de cuidado das mães. As respondentes que tinham contato com os pais/mães das crianças, responderam concomitantemente essas questões. Por esse motivo, as análises dessas questões serão realizadas em conjunto.

Questão 05 - o você percebe as práticas de cuidados da mãe da criança?	
Questão 06 – Você pode descrever as práticas de cuidado realizadas pela mãe?	
Categorias	Relato das participantes
Observação - maneira como a mãe e avó realizavam os cuidados	Ind.01: “...nos primeiros 2, 3 meses, ela estava muito presente, então pude observar muito bem como é que ela cuidava do bebê. E como é que mesmo a avó, que também está presente, como é que ela cuida. Depois isso ajudou muito no processo de transição....”
Desinteresse pela vida da criança	Ind.02: “...eu vejo muitas das vezes com alguma tristeza, eu acho... Por exemplo, eu estou com uma criança agora, no momento, desde que ela tem quatro meses. E ela no momento tem 3 anos e meio. E então, por exemplo, no início a mãe não estava com ela, porque era simplesmente um bebê. Daí a mãe já não dava de mamar, nem nada, ela estava focada no trabalho. Agora que a criança já é um pouco mais velha, já convive, já fala, já interage, ela vai interagindo também, mas é sempre com alguma

	distância. Tanto a mãe como o pai, têm sempre alguma distância com a criança. isso eu vejo com tristeza. Porque eu percebo também que a criança necessita da atenção...”
Descrevendo o interesse da criança	Ind.04: “...Sim, porque como normalmente eu só estou uma vez, por norma, com a criança em si, sou alguém estranho. Então custa a criança confiar, num primeiro contato. Então esses cuidados da mãe, que ela mostra que são, supostamente, interesses da criança, ajuda para que a criança tenha mais facilidade em se relacionar comigo...”
Homeschooling	Ind. 05: “...No caso do menino com necessidades especiais, já é uma abordagem diferente e não passa tanto apenas pelo babysitting, mas também pela educação, pelo ensino particular. Tentar acompanhar, porque ele está em ensino doméstico, e como eu sou professora, para todos os efeitos, estou não só ajudar os pais a tomar conta, mas também a auxiliar, introduzir certos conteúdos da escola que os pais não têm tanto conhecimento...”
Leitura	Ind.07: “...sim senhora. na família da criança de dois anos, antes de eu chegar, ela está com a mãe a ler histórias...”
Vínculo mãe e filha	Ind.09: “... a mãe estava presente, mas acaba por se resguardar disso por questões de trabalho, porque acaba por trabalhar em casa. Mas se vê que neste caso é última que eu fui, era uma mãe e o pai trabalham, viajam muito. Então se vê que há, assim, já um cansaço. E, portanto, ela opta muito pelo serviço de <i>babysitting</i> . Daí para perceber as práticas que a mãe tem. De fato, esta última atividade que eu fiz, via que a filha era muito ligada a mãe, porque mesmo eu estando lá, ela queria sempre a mãe, e a mãe...”
Falta um cuidado voltado para a alimentação	Ind.10: “...há um certo, não por maldade, nem por falta de amor, nem de cuidado, e isso é notório, mas há uma certa falta de coisas que são muito necessárias. Má alimentação, um bocado de educação. Passa um bocado por educação, pronto. No sentido de, por exemplo, jantar, ou comer um bocado de sopa e acabar por não ter por ser notório na criança, até que falta um bocado de nutrientes. Que é impossível, porque os únicos nutrientes que estavam por ter na mesma, são na escola. Mas não é que seja malcuidada, mas há uma certa, está a me faltar a palavra, mas falta assim, uma pequena parte importante...”
Explorar o ambiente	Ind.13: “Assim, por exemplo, eu tenho um caso muito específico de uma mãe que ela respondia muito, por exemplo, se a criança queria fazer isto,

	ela deixava, mas não numa questão de deixar a criança fazer tudo. De deixar a criança explorar o mundo. Por exemplo, se a criança queria ir ao parque, ela ia com a criança ao parque e ajudava a explorar o que estava lá a volta, os materiais. Dava a conhecer basicamente o mundo...”
Educar de maneira de aberta	Ind.14: “...Acho que ela sempre foi educada de uma forma em que mais aberta possível. Ou seja, ela é uma criança, tem 4 anos neste momento, mas sempre teve hábitos, e eu acho que sempre consegui perceber. Desde bebê, em que as práticas de cuidados que a minha irmã tinha, por exemplo, depois de ela ser alimentada, brincar um bocado com ela. Acabar por lhe dar aquele mimo que é preciso. Depois, acho que ao crescer, foi sempre explicar tudo de uma maneira simples, mas fazer com que ela entenda que é importante ela perceber as coisas, e que não seja excluída. Ou seja, ela é muito a menina dos porquês. E acho que também foi muito porque a mãe ensinou dessa forma, e a explicar, e nós explicamos...”
Práticas relacionadas a alimentação	Ind.06: “...de vez em quando a mãe atende, faz assim, um leite para ela beber. Ela gosta que seja a mãe a fazer, para ter aquele mimo da mãe...” Ind.08: “Já aconteceu de chegar e a mãe me explicar tudo e depois ajudar, ou então a mãe por exemplo, se for preciso limpar a casa ou assim, a mãe está presente e vem só para dar um lanche, mas normalmente, como lá está, como eu tenho essa parte de enfermagem, normalmente consigo me desenrascar com a mudança da fralda, com fazer as refeições, a papa, tudo, o leite...”

Os relatos descritos puderam apontar algumas práticas que são realizadas pelas mães com as crianças, que vão desde a observação dos cuidados realizados pela mãe ou outra cuidadora da família, pela *babysitter/nanny*, a conteúdos práticos que envolvem alimentação, higiene básica e *homeschooling*: “...de vez em quando a mãe atende, faz assim, um leite para ela beber. Ela gosta que seja a mãe a fazer, para ter aquele mimo da mãe...” (Ind.06); “... Já aconteceu de chegar e a mãe me explicar tudo e depois ajudar, ou então a mãe por exemplo, se for preciso limpar a casa ou assim, a mãe está presente e vem só para dar um lanche...” (Ind.08). As

práticas de cuidado, na perspectiva sociocultural, se derivam do nicho de desenvolvimento, denominado costumes de cuidado, que apontam para os hábitos familiares que são transmitidos entre as gerações. Essas práticas de cuidado podem sofrer alterações, de acordo com o ambiente físico e social em que a família se encontra (Harkness & Super, 2007).

Ressalta-se, ainda, que algumas cuidadoras demonstraram certa tristeza e preocupação com práticas de cuidado exercidas pela figura materna tal como a participante 02 e 10 descreveram: “... eu vejo muitas das vezes com alguma tristeza, eu acho... Por exemplo, eu estou com uma criança agora, no momento, desde que ela tem quatro meses. E ela no momento tem 3 anos e meio. E então, por exemplo, no início a mãe não estava com ela, porque era simplesmente um bebê. Daí a mãe já não dava de mamar, nem nada, ela estava focada no trabalho...”. (Ind.02). No caso da respondente 10, foi percebido que a mãe, mesmo tendo um bebê, não parecia interagir com a criança, por “esta ser apenas um bebê”: “...há um certo, não por maldade, nem por falta de amor, nem de cuidado, e isso é notório, mas há uma certa falta de coisas que são muito necessárias. Má alimentação, um bocado de educação. Passa um bocado por educação, pronto. No sentido de, por exemplo, jantar, ou comer um bocado de sopa e acabar por não ter por ser notório na criança, até que falta um bocado de nutrientes...” (Ind.10). Esse aspecto chama a atenção para um ponto extremamente importante para o desenvolvimento da criança, que é a relação estabelecida entre bebê/criança com seu cuidador, principalmente nos primeiros meses de vida do bebê (Keller, 2002). A falta de atenção, contingência, de calor emocional, poderá trazer prejuízos em termos psicológicos e comportamentais na vida do bebê.

Outro dado diz acerca da disponibilidade emocional, dos aspectos de orientação e controle, compreensão das necessidades físicas e emocionais e o compromisso emocional, que são características necessárias ao cuidador (Mrazek, 2013). Quando se trata de bebês e crianças pequenas, a contingência, por parte do cuidador, promove o desenvolvimento seguro e o sentimento de pertença. A capacidade de orientação e controle, são aspectos fundamentais para atender às necessidades da criança. A compreensão das necessidades físicas e emocionais, fatores esses que decorrem das práticas de cuidado, promovem o desenvolvimento adequado. Por último, o compromisso emocional envolve o tempo e a qualidade do tempo que é disposto para a interação entre bebê/criança e cuidador.

A respondente 10, relatando sua percepção acerca das práticas de cuidados realizadas pela mãe, apontou a “falta de nutrientes” e a “educação”. Quanto ao aspecto da alimentação, o primeiro sistema de cuidado parental, cuidado primário, trata dos elementos necessários a sobrevivência humana, como alimentação, higiene e proteção. A partir do envolvimento do cuidador com o bebê é que a angústia do bebê será reduzida, aliviada e assim promover segurança e proteção (Keller, 2005). Nessa situação específica, a criança encontra-se com 3 anos e frequenta o infantário e, talvez, por esse motivo, já faça as principais refeições na instituição.

Outra característica encontrada nas respostas se refere à ausência dos pais em algumas situações de *babysitting*. Algumas cuidadoras relataram que não acompanhavam as práticas de cuidado maternas, pois ao chegar nos lares, as crianças estavam sozinhas ou os pais estavam saindo para o trabalho. Houve situações em que os pais estavam em casa, mas em teletrabalho, não sendo possível notar tais práticas de cuidado: “...eu tenho a menina com quem estou há mais tempo,

quando eu vou para casa dela a mãe nunca está, ou seja, o momento que eu chego é o momento que ela sai para fazer as coisas dela... como a mãe não está, não tenho tanta essa percepção”(Ind.03); “...Nesta criança que eu agora estou a tomar conta, a mãe também está. Passa o dia em teletrabalho. Portanto está sempre ausente, mas está presente na casa...” (Ind.12); “...Não, quando eu chego, a mãe vai embora, nunca as vejo juntas...”(Ind.15).

A sétima pergunta visava a compreender o que as *babysitters/nannies* consideram importante na relação entre mãe/filho.

Questão 07 - Qual a prática de cuidado que você acredita ser a mais importante entre a mãe e a criança?	
Categorias	Relato das participantes
Passar tempo com a criança	Ind.01: “Eu acho que é o tempo passado junto... mesmo sendo mãe trabalhadora, como muitas são e como nós vemos isso, eu acho que passar tempo de qualidade com os filhos e é superimportante...” Ind.08: “...se calhar, diria o passar tempo com a criança...” Ind.12: “...eu acho que é, sem dúvida, o passar tempo com a criança...”
Vivências afetivas - carinho, respeito, atenção, amor, cumplicidade, confiança, disponibilidade, segurança	Ind.02: “...não sei se o afeto pode ser considerado uma prática de cuidado, mas acho que dar atenção... Eu acho que a atenção, neste momento, é a prática de cuidado que eu mais acho essencial...” Ind.03: “...acho que é muito importante os pais realmente serem uma pessoa que está presente, que dá atenção as crianças e quando está com as crianças estar mesmo presente com elas, sem distrações...” Ind.09: “...Eu acho que é mesmo ter a sensibilidade e a disponibilidade para a criança. Acho que é o mais importante. Ou seja, mesmo que eu esteja a fazer uma atividade e a bebê precise da mãe, ou aconteça alguma coisa, a mãe tem que estar 100 por cento disponível para ficar com a criança...” Ind.13: “... a segurança...” Ind.15: “...talvez confiança. Acho que a mãe e a criança devem ter bastante confiança, porque senão não será fácil para os pais deixarem a criança com alguém desconhecido e a criança acreditar que os pais irão voltar de fato...” Ind.16: “... diria que, se calhar, o respeito, uma parentalidade tendo por base o respeito. Embora

	<p>nos mais pequeninos seja mais difícil, principalmente a medida que eles vão conseguindo se expressar...”</p> <p>Ind.17: “...Eu acho que elas têm uma relação de grande confiança, ou seja, a menina se vê que nunca foi enganada pela mãe...”</p>
Interação	Ind.07: “...Está sempre interagindo no quarto com brinquedos...”
Promoção da autonomia	Ind.05: “...ele tem alguma dificuldade ainda na autonomia para comer, pede muitas vezes que lhe deem, então se eu vejo a mãe a incentivar que ele coma sozinho, ou celebrar que ele coma sozinho, dizer que ele consegue...”
Ouvir as crianças	Ind.06: “...Eu acho que essas crianças precisam ser ouvidas pelos pais. E eu acho que são. Ambas as famílias eu acho que tem esse tempo, essa disponibilidade para ouvir as crianças...”
Educação que envolve o cuidado na formação do indivíduo	Ind.10: “...acima de tudo o amor, mas a educação. A educação passa por muita coisa simples... porque educação dos pais é, acima de tudo, o cuidado com os filhos. Acho que as pessoas têm a ideia de que a educação é dar regras, é a estrutura, mas não é só isso, passa por tudo. Por todo esse cuidado que nós temos que ter, exatamente porque é um ser vivo que não toma conta dele próprio...”
Contato físico	Ind.11: “...entre as mães e os filhos é mesmo o contato físico. Ou seja, dizer o que está certo e o que está errado, dar aquele carinho físico...”

As respostas obtidas demonstraram que as práticas de cuidado que *babysitters/nannies* acreditam serem importantes na relação mãe/filho, estão, em grande parte, voltadas para uma relação que envolva tempo e afeto. Além disso, há aspectos concernentes a atenção, a segurança, ao carinho, ao respeito, a disponibilidade, a cumplicidade e ao amor. Ressalta-se, ainda, a importância de ouvir a criança, o estímulo a autonomia, a educação que garanta um desenvolvimento adequado e contato físico. Nesse sentido, é possível notar que, embora possam cuidar de crianças pequenas, questões relativas ao cuidado básico (higiene, alimentação e proteção), não são enfatizados, pois já estão inseridos nas rotinas da família.

Ao longo das falas das entrevistadas, a questão afetiva foi muito destacada, cabendo aos pais um lugar privilegiado. De acordo com os relatos, o afeto é estabelecido e valorizado, inicialmente, nas relações familiares, cabendo aos pais e aos familiares mais próximos. Nos resultados provenientes do estudo de Vergara Hernandez (2017), o amor, a comunicação e controle, são elementos constitutivos da família, e podem ser estabelecidos pelos pais. Nesse sentido, a família tem um importante papel, pois a identidade, a afetividade, as crenças e valores serão desenvolvidos nesse contexto. Além disso, mais do que suprir necessidades voltadas para a alimentação e cuidados básicos, caberá aos cuidadores, possibilitar experiências afetivas e emocionais, garantindo um vínculo seguro que prepara a criança para as interações na família e no contexto sociocultural.

Há uma demarcação muito clara do que seriam as competências das *babysitters/nannies* e aquilo que é de responsabilidade dos pais. Isso não significa que seu trabalho e as interações estabelecidas não sejam permeadas de afeto, mas há uma limitação, pela própria função, de ser provedora dessas vivências. A hierarquização dos papéis é algo vivenciado “naturalmente” pelas babás e não aponta para uma desautorização da sua função e, parece não representar uma distância social com os pais e a criança. Esses fatores parecem contradizer os achados de Kondratiuk e Neira (2018), quando os autores estudaram babás brasileiras inseridas no contexto francês. Um dos fatores podem se relacionar com o fato dessas trabalhadoras serem imigrantes e vistas como empregadas domésticas, sendo, portanto, pertencentes a outro grupo social e financeiro.

A oitava questão teve como foco investigar se os pais informaram acerca de alguma prática “mais específica” de cuidados que deveria ser realizada com a criança.

Questão 08 - Quando você foi “contratada” teve na conversa inicial com os responsáveis pela criança, alguma informação importante sobre práticas mais específicas de cuidados a serem realizadas com a criança?	
Categorias	Relato das participantes
Orientação das rotinas com liberdade	<p>Ind.04: “Por norma, eles partilham o que gostam, mas não me condicionam, ou seja, se surgirem outras hipóteses para fazerem outras atividades, eu tenho liberdade. mas também me dão uma certa orientação sobre o que criança gosta ou não, sobre os hábitos e rotinas, também.</p> <p>Ind.07: “... é permitido que eu tenha liberdade para atuar com a criança quando estou nos diversos espaços, a vontade. Terminadas as coisas como, por exemplo, as horas de refeição. Como estou o dia todo com a mais pequenina não, já nem tanto, mas faço um passeio com ela durante a tarde, depois que ela acordar do sono. Portanto, houve já uma altura em que mudamos o horário, por exemplo, no verão, porque fazia muito calor no parque a tarde e mudei o horário, passei para a parte da manhã...”</p> <p>Ind.08: “...quando eu chego, a família me diz quais é que são os hábitos e rotinas que tem, e como é que fazem determinadas coisas. Sim, a partir disso. E eu, depois acabo por replicar, porque a criança também já está habituada aquela forma...”</p> <p>Ind.11: “...eles têm sempre um horário muito rigoroso... pais portugueses ou com bebês, tem sempre assim, por exemplo, esta hora, lavar a fralda, verificar se ele diz isso, porque isto significa eu sou a favor, e se chama um método qualquer que eu não lembro...”</p> <p>Ind.15: “...só me explicaram a rotina da criança e os horários dela. E o que eu tinha que fazer para ela jantar. E pronto, foi basicamente isso...”</p> <p>Ind.16: “...Contam um bocado da rotina da criança, e pronto...”</p>
Estímulo cognitivo	Ind.02: “...o que os pais pedem é que haja bastante atividades cognitivas, para o desenvolvimento da criança...”
Registros específicos ATCA	Ind.05: “...no caso da criança com necessidades especiais há muito um trabalho. Ele tem dentro do aspecto do autismo, tem um trabalho muito realizado para tentar trabalhar essas questões sociais que estão ligadas ao autismo. E então a abordagem passa muito por manter o registo para qual ele está a ser trabalhado. As regras dentro desse registo, para as características que ele tem. E trabalhar com ele, mesmo, a parte educativa através desse tipo, desse conjunto de regras do ATCA, do Autism Treatment Center of America, que

	seguimos todo o modelo social. Ou seja, a minha atuação tem que passar muito por esse documento...”
Cuidados básicos	Ind.06: “...estas crianças mais pequenas... há certas regras. Por exemplo, elas não podem consumir açúcar. Pronto, essa é uma regra que eu até concordo, realmente, que são muito pequeninas e não devemos habituar desde tão cedo. E uma delas também é intolerante, tanto a lactose como a glúten. Houve sempre essa restrição, então lá em casa as coisas já são todas programadas para isso, por ser mais fácil para mim quando querem uma bolacha, as bolachas já são adaptadas...” Ind.09: “...desinfecção das mãos. Sempre. Em todos os momentos. É sempre aquilo que eles pedem. Alguns pedem máscara, mas isso era mais no início...”
Ensino da língua portuguesa	Ind.17: “...Eles sempre me disseram que queriam que a filha aprendesse português. Claro, de uma forma lúdica...”
Informações sobre as fases do desenvolvimento da criança	Ind.18: “...Em muito trabalhos eles explicam para lá está, qual é a fase da criança naquele momento. Se estou a lidar com miúdos mais pequeninos, ele começou a andar, e eles estão a desenvolver alguma coisa em especial. Ou se estão a incutir agora a leitura nele, na escola, também eles me avisam dessas coisas, ou certas manias que o menino tem. E que querem que eu tente contrariar, ou então que incentive mais isso, mas normalmente sim, os pais nos dão sempre essas indicações...”

As práticas de cuidado infantil mais específicas que foram descritas pelas respondentes, podem ser entendidas a partir dos costumes de cuidado que são provenientes do ambiente familiar. Além disso, elas revelam as ideias e crenças que os pais acreditam ser importantes para o desenvolvimento da criança, como a manutenção das rotinas, a ênfase na estimulação cognitiva, cuidados relativos à alimentação, higiene das mãos, ensino da língua portuguesa, registros específicos para TEA e informações acerca da fase do desenvolvimento infantil (Harkness & Super, 2006; Pessoa et.al, 2016).

Nesse sentido, é importante destacar, na cultura portuguesa, a ênfase em termos de estimulação cognitiva. A respondente dessa questão, tem formação em pedagogia e especialização em educação montessoriana, sendo esse fator extremamente valorizado pelos pais da criança. Em seu discurso é possível identificar essa característica: “... como tenho formação montessoriana, normalmente quando falo sobre isso, mesmo que os pais não saibam do que se trata, gostam e incentivam para que eu faça com as crianças...” (Ind.07).

Ao tratar sobre a questão relativa ao ensino do português a criança, a *babysitter* precisou adaptar-se a necessidade da família. A comunicação era feita em inglês, com a mãe e, através de cartazes com figuras: “... Eles sempre me disseram que queriam que a filha aprendesse português. Claro, de uma forma lúdica...” (Ind. 17). As práticas de cuidado portanto, tinham a finalidade de introduzir a criança a cultura portuguesa e assim, frequentar o infantário. Esse ponto se aproxima com a ideia de que as práticas de cuidado infantil, de certa forma, comunicam diversas exigências decorrentes de atividades cotidianas. Nesse sentido, tais práticas visam transmitir valores que atendam ao desenvolvimento (Aguirre, 2000).

A respondente que trouxe a especificidade da criança com TEA, afirma que por ser tratar de um caso particular, seu trabalho não se restringe ao *babysitting*, mas se refere a uma professora particular: “...é uma abordagem diferente e não passa tanto apenas pelo *babysitting*, mas também pela educação, pelo ensino particular...” (Ind.05). Essa característica apresentada, demonstra como o trabalho da *nanny* pode conter elementos específicos, que levam em consideração a sua formação. Dessa forma, elas estão preparadas para demandas que envolvam aspectos da estimulação cognitiva, de conteúdos sociais e psicomotor e, assim, promover o desenvolvimento

necessário (Babysits.pt <https://www.babysits.pt/materiais-da-comunidade/248/qual-a-diferen%C3%A7a-entre-babysitter-ama-e-nanny/>).

No caso da participante 09, em vários momentos da entrevista, a questão relacionada a covid foi apresentada. O relato da desinfecção das mãos foi recorrente e quanto ao uso de máscaras, “...desde desinfetar as mãos quando estou com criança, lavar as mãos da criança. É, agora com a situação de covid, se os pais preferirem usar máscara ou não... sobretudo, desinfetar as mãos. Sempre...” (Ind.09). A respeito desse conteúdo, torna-se importante destacar que as práticas de cuidado podem ser alteradas, visando atender as demandas da família e do contexto sociocultural (Harkness & Super, 1994).

As práticas de cuidado que foram relatadas pelas participantes, parecem coincidir com o perfil de cuidadoras descritas por Zdravomyslva (2010) em seu estudo. Para os pais de crianças russas, a babá que realiza atividades como *babysitter*, é orientada a fazer trabalhos mais definidos, com foco no desenvolvimento da criança. As babás tradicionais, por outro lado, são vistas como uma “avó” ou “uma mãe substituta”, porque cuidam da criança por mais tempo, podem, eventualmente, morar com a família, mas não precisam realizar uma educação especial, porque o foco seria promover o cuidado e o afeto da criança.

A questão 09 teve por objetivo identificar se houve alguma crença específica que a família tenha compartilhado com a cuidadora.

Questão 09 - Existe alguma crença que a família da criança tenha compartilhado consigo?	
Categorias	Relato das participantes
Desenvolvimento cognitivo	Ind.02: “...acho que não, assim, a nível de valores, não. Eles são sempre muito preocupados em que a criança seja cada vez mais inteligente, então, e a desafiar cognitivamente a criança. Portando esse é o maior presente para o filho deles...”

	<p>Ind.13: “...me impuseram foi o respeito pela criança e a aprendizagem que ela faz nos momentos em que ela própria consegue fazer...”</p> <p>Ind.16: “...por norma, os pais gostam sempre que façamos atividades de acordo com os interesses das crianças e da faixa etária...”</p> <p>Ind.18: “...para ter as atividades cognitivas...”</p>
Promoção da Autonomia	Ind.03: “...a mãe da menina que eu tenho de manhã, para ela é muito importante a autonomia, portanto isso é uma questão. Ela gosta que a menina faça tudo mais por ela própria e nós só auxiliamos caso seja preciso...”
Capacidade de resolução de problemas	Ind.06: “...por exemplo, a mãe daquela menina que está nas férias, ela diz muitas vezes que conseguimos resolver sempre problemas, porque na família, qualquer problema aparece e conseguimos resolver... não desistir, continuar...”
Cuidados relativos a alimentação vegana	Ind.11: “...Uma família de vegans, anti vacinas, eles explicaram isso tudo. Eu fiquei um bocado pé atrás porque a criança não tinha vacina...”
Valor (Senso de responsabilidade)	Ind.14: “...a questão de assumir um compromisso e cumprir. Eles têm atividades também, fazem esporte, por exemplo. Acho que esteja a chover, faça frio, faça sol, eles têm que ir. Foi um compromisso que eles fizeram. Acho que é incutir o sentido da responsabilidade....”

Os relatos descritos abordaram questões que demarcam aspectos da cultura portuguesa, como o viés para o desenvolvimento da cognição e promoção da autonomia. São valores fortemente imbricados as etnoetorias dos pais. A partir das repostas obtidas, foi possível perceber, como a influência da cultura permeia os pensamentos e as práticas de cuidado que os pais estabelecem aos filhos. Esse aspecto foi apontado por Goodnow (1996), quando tratou do desenvolvimento da criança, as ideias dos pais e a sua ligação com as transformações culturais. Além disso, as crenças parentais tratam de como os conteúdos socioculturais serão propagados aos filhos. Embora a participante 02 tenha verbalizado que os pais não tenham compartilhado crenças/valores, a ênfase no desenvolvimento da cognição parece ser um elemento que norteia as ideais dos pais para o desenvolvimento da

criança (Kobarg et al., 2006). Segue parte do relato: “...A nível de valores, não acho que eles estejam muito preocupados. claro, eles não estão a criar um criminoso. Mas pronto, eles não têm nenhum tipo de crença, também. portanto eles também não passam isso ao filho. É o que foi exigido foi mesmo desafiar a criança a nível cognitivo...” (Ind.02). A promoção do desenvolvimento cognitivo e da autonomia parecem tratar das expectativas dos pais. De acordo com Morales-Castillo (2020), esse fator está direcionado as possibilidades das crianças atingirem determinados objetivos, frente as crenças parentais.

Outra característica que faz parte do conteúdo de crenças, diz respeito às percepções sobre as habilidades das crianças. Nesse quesito, algumas respondentes discorreram sobre a necessidade de estarem atentas à fase na qual a criança se encontra, a fim de proporcionarem atividades que sejam compatíveis com o momento e, que impactam o desenvolvimento ao longo do ciclo de vida. Para que isso aconteça, torna-se fundamental a disponibilidade do cuidador, no que diz respeito a fornecer orientação sensível frente as necessidades da criança (Mrazek, 2013).

9.6 Análise das figuras (sistemas de cuidado infantil) - Portugal

A questão 10 foi analisada separadamente, com o intuito de verificar a ordem de importância atribuída às figuras correspondentes aos sistemas de cuidado infantil. Foi possível identificar que os primeiros sistemas a serem nomeados tratam do contato corporal e do sistema face a face, obtendo entre as participantes, um total de 12 respostas. Na sequência, o sistema que refere aos cuidados básicos, totalizou 6 respostas. Esses dados podem indicar que apesar dos pais evidenciarem um esforço em prol do desenvolvimento cognitivo, as cuidadoras acreditam ser necessário, primeiramente, estabelecer o contato corporal, estar face a face com a

criança. Assim, é possível assegurar um vínculo mais seguro. Alguns dos relatos demonstram esse aspecto: “...daquilo que eu tenho lido e estudado, realmente um dos pontos mais importantes na vida da criança, principalmente nos primeiros anos, é a vinculação. Com uma figura de referência... o olhar nos olhos, ter o contato com o corpo...” (Ind.03); “...da questão de criar um vínculo com a criança, criar uma relação afetiva para que ela tenha confiança em nós...” (Ind.05); “...primeiro de tudo, há que haver essa relação de vínculo e esse cuidado de olhar para o outro e ver a necessidade do outro. Pronto, é a minha lógica...” (Ind.06); “...o primeiro contato visual traz segurança, faz a criança se sentir segura e bem...” (Ind.07); “...Eu acho que é mais importante, primeiramente, a penúltima. Que ela parece que está a segurar no bebê, está a criar alguma ligação inicial...” (Ind.09); “...Acho que a primeira que eu colocaria seria a do colo. pronto, acho que é o contato mais físico e mais necessário. Não só para o recém-nascido, mas para todas as crianças. Acho que o colo não tem idade para deixar de dar colo. Nem os mima, nem nada do gênero...” (Ind.10); “...Talvez a primeira seria o olhar. Lá está, pela questão do vínculo, criar uma relação com a pessoa. Depois o colo. Porque os bebês, principalmente os bebês que são pequenos querem muito colo. E mesmo depois, à medida que vão crescendo, 2, 3 anos, também. É a forma deles dizerem eu preciso de ti, preciso de um mimo, estou mal com alguma coisa, ou simplesmente preciso de um mimo...” (Ind.16). Esses dados parecem contrastar com o estudo proposto por Greenfield et al. (2008), tendo em vista que as babás dessa pesquisa, por serem imigrantes, provenientes de países com cultura voltada ao coletivismo, tratavam as crianças de forma que não havia muito espaço para a autonomia. No contexto português, parte do público entrevistado tinha mestrado em áreas relacionadas à educação infantil e, portanto, não havia diferenças significativas relativas ao

contexto sociocultural, bem como de fatores sociodemográficos, como no estudo acima descrito.

A análise das figuras referentes aos sistemas de cuidado infantil permitiu, ainda, identificar algumas diferenças no estudo apresentado por Seidl-de-Moura et al. (2014). O resultado dessa pesquisa indicou que o sistema face a face foi o mais enfatizado por mães, as babás, por sua vez, privilegiaram os cuidados básicos. No contexto português, contudo, os sistemas referentes ao contato corporal e face-a-face, foram os mais escolhidos. Outro dado encontrado se refere à importância materna, como cuidadora principal, na execução das práticas de cuidado infantil. Para as participantes, tais sistemas, deveriam ser desenvolvidos, prioritariamente, com as mães, como nos exemplos: “...um dos pontos mais importantes na vida da criança, principalmente nos primeiros anos, é a vinculação. Com uma figura de referência. Neste caso a mãe é uma cuidadora que é muito importante para esse vínculo, o olhar nos olhos, ter o contato com o corpo...” (Ind.03); “...o primeiro contato visual traz segurança, faz a criança sentir-se segura e bem. E conhecer, também, ir conhecendo a mãe, os olhares da mãe... Pele com pele, a mãe sentir o bebê e o bebê sentir a mãe...” (Ind.07).

Para análise das respostas, optou-se por utilizar o *software* Iramuteq. Dessa forma, o *corpus* textual foi composto por 18 textos separados por 92 segmentos de textos, indicando um aproveitamento de 77 segmentos, ou seja, um percentual de 83,70% do *corpus* geral. Foram encontradas 3.103 ocorrências de palavras, proposições, formas e vocábulos, sendo que 446 foram de palavras distintas e, 360 classificadas como formas ativas. Emergiram 6 classes, sendo a primeira com duas subdivisões. A primeira, composta pelas classes de 1 a 3 e, a segunda, pelas classes 4 a 6. A classe 1 apresentou 14 segmentos de textos, dos 77 aproveitados pelo

corpus textual, indicando 18,18%. A classe 2, também apresentou os mesmos índices de aproveitamento da primeira classe. A classe 3 obteve 9 St's, indicando um percentual de 11,69% de aproveitamento. A Classe 4 também coincidiu com os índices da classe 3 (9 ST e 11,69%). A classe 5 teve 15 segmentos de texto, com índice de 19,48%. A última classe, a 6, obteve 16 segmentos de texto, o que representa 20,78% de aproveitamento.

Embora o índice de aproveitamento textual ter sido considerado positivo para a análise, alguns vocábulos encontrados parecem não ter relevância esperada.



Figura 8

Dendrograma das classes (Análise Portugal)

As classes que emergiram serão apresentadas no organograma abaixo, levando em consideração palavras que tenham relevância a partir do teste do *qui-quadrado*. Para esta análise foi estabelecido o χ^2 de 3,84 e $p \geq 0,05$. O organograma

mostrou os vocabulários semelhantes entre si e aqueles que eram diferentes das outras classes, a partir dos dados da Classificação Hierárquica Descendente (CHD).

Tabela 5

Organograma de classes (Portugal)

Corpus textual – 77 St's índice de 83,70%											
Classe 1		Classe 2		Classe 3		Classe 4		Classe 5		Classe 6	
Palavras	X ²	Palavras	X ²	Palavras	X ²	Palavras	X ²	Palavras	X ²	Palavras	X ²
Cuidador	24,06	Físico	16,1	Estimulação	24,17	Cuidado	16,38	Banho	15,57	Seguro	16,09
Bebê	13,51	Brinquedo	11,79	Higiene	12,69	Higiene	12,69	Brincar	7,09	Sentir	15,94
Mão	4,93	Contato	8,88	Olho	6,0			Carinho	5,6	Necessidade	11,9
Olhar	4,73	Toque	6,08	Pele	6,0					Sono	3,99
Ind. 03 Ind.13		Ind. 02 Ind. 12		Ind. 10 Ind. 11		Ind.02 Ind.18		Ind.08 Ind. 09		Ind. 06 Ind. 08	

Classe 1 – Temática da classe: **Ordem dos sistemas de cuidado infantil.**

A classe 1 obteve 18,18% de aproveitamento, indicando 14 St's entre os 77 analisados. As palavras que emergiram e tiveram destaque, levando em consideração o x^2 foram: “cuidador” ($x^2 = 24,06$), “bebê” ($x^2 = 13,51$), “mão” ($x^2 = 4,93$), “olhar” ($x^2 = 4,73$).

Temática da classe	Relato das participantes
Ordem dos sistemas	<p>Ind. 15: “...o segundo momento eu diria que seria a quarta imagem em que a senhora está a olhar o bebê e acredito que esteja a falar com ele...”</p> <p>Ind. 13 “...e depois por último a última porque não vejo muito que o cuidador está segurando as mãos os pés do bebê mas não vejo muito contato direto entre a criança e</p>

	<p>o cuidador não está diretamente a olhar para ele nem o bebê...”</p> <p>Ind. 03: “...a quarta é a seguinte portanto a que ela está na cama com o bebê e por último tomar banho pronto daquilo que eu tenho lido e estudado realmente um dos pontos mais importantes na vida da criança principalmente nos primeiros anos é a vinculação...”</p> <p>ind. 09: “...eu acho que é mais importante primeiramente a penúltima que ela parece que está a segurar no bebê está a criar alguma ligação inicial...”</p> <p>Ind. 16: “...a muda da fralda a alimentação que pronto também tem que ser uma prática respeitosa para a criança lá está por causa do bem_estar da criança e depois a seguir a pessoa está a mexer nas pernas...”</p>
--	---

Essa classe tratou da ordem das figuras, segundo a sua importância. Ao fazerem suas escolhas, as participantes se referiam as imagens como sendo entre mãe e filho, empregando, na maioria das respostas, a 3ª pessoa, principalmente nas figuras dos sistemas face a face e contato corporal. Para as respondentes, a mãe tem papel primordial no estabelecimento desses sistemas, propiciando ao bebê a segurança e o afeto necessários ao seu desenvolvimento. Sobre o papel da família, Vergara Hernandez (2017), aponta que o amor, a comunicação e o controle dos pais, são processos constitutivos da família. Além disso, faz-se necessário ao cuidador, seja ele algum membro da família, ou a própria *babysitter/nanny*, ter a disponibilidade emocional para que a criança desenvolva o senso de ser amada e cuidada (Mzarek, 2013).

Classe 2 - Temática da classe: **Importância do contato olho a olho.**

A classe 2 apresentou 9 St's dentre os 77 que foram aproveitados no corpus textual, o que representou 11,69%. As palavras que emergiram dessa classe foram:

“estimulação” ($x^2 = 24,17$), “higiene” ($x^2 = 12,69$), “olho” ($x^2 = 6,0$), “pele” ($x^2 = 6,0$).

Temática da classe	Relato das participantes
Importância do contato olho a olho	<p>Ind. 17: “... eu acho que a primeira em que eu consideraria mais importante para além da higiene talvez a segunda eu penso que esteja a ser estimulação física depois obviamente a de higiene que é um outro tipo de estimulação e o olhar...”</p> <p>ind. 01: “... entre o olho no olho e o colo com isso a segunda e a terceira têm a ver com contato humano criar laços é importante no final então a estimulação ao corpo física e o quinto brincar...”</p> <p>ind. 07: “... o contato o contato visual em seguida estar com ele no colo a segunda agora o banho também é importante a higiene e os estímulos a seguir...”</p> <p>ind. 02: “... depois a segunda mais importante é o estar ali a dar colo depois o conversar com a criança depois a estimulação nesse caso com o pé e o brincar é difícil conseguir colocar em ordem tudo é importante...”</p> <p>ind. 17: “...eu poria o olhar primeiro e depois a estimulação com brinquedos e com outras ferramentas...”</p> <p>ind. 04: “... primeiro porque higiene previne doenças esse aspecto por isso é um bem_estar geral da criança se a criança está limpa está confortável por isso proporciona melhor bem_estar depois o contato com a pele...”</p> <p>ind. 12: “... por ser um momento tão simples mas tão sensível depois colocaria o olhar colocaria o olhar sim de seguida entre o estímulo corporal ou o estímulo exterior colocaria primeiro o estímulo corporal...”</p>

O cuidado com crianças e o contato face a face que são estabelecidos, podem favorecer o sentimento de pertencimento, de acordo com o compartilhar positivo das emoções. Através do sistema que privilegia o contato face a face, que o bebê terá a compreensão de si mesmo, como causa da ação parental (Keller, 2002). Esse ponto demanda, por parte do cuidador, atenção e do tempo dispensado, a fim de promover um desenvolvimento adequado (Mzarek, 2013).

Classe 3 – Temática da classe: **Importância de ter estabelecido um vínculo a partir do contato físico**

A classe 3 obteve, também, 14 St's e, índice de 18,18% de aproveitamento, como na classe 1. Palavras como “físico” ($x^2 = 16,1$), “brinquedo” ($x^2 = 11,79$), “contato” ($x^2 = 8,88$) e, “toque” ($x^2 = 6,08$), tiveram destaques nos discursos relatados.

Temática da classe	Relato das participantes
Importância de ter estabelecido um vínculo a partir do contato físico	<p>Ind. 10: “...e é uma ligação que se cria que não deixa de ser contínua e por seguir a estimulação pelas mãos e pela estimulação por brinquedo acho que a estimulação física é mais importante independentemente de qual seja e do toque é mais importante do que o brinquedo...”</p> <p>Ind. 10: “...ligação afetiva a segunda acho que seria o olhar pelo contato visual e não só físico ou ficar com a criança mesmo na cara e tudo para o próprio conhecimento da criança...”</p> <p>Ind.12: “...então eu diria que a mais importante que eu considero mais importante primeiramente é a do toque porque acho que é sem dúvida a mais importante porque principalmente logo no início...”</p> <p>Ind. 07: “...e conhecer também ir conhecendo a mãe os olhares da mãe é muito importante contato corporal</p>

	também é muito importante não é à toa que se diz que quando a criança nasce a primeira coisa a fazer é colocar a criança em cima da mãe...”
--	--

Os relatos parecem indicar uma valorização de dois sistemas de cuidado infantil, o contato corporal e o contato face a face. Dessa forma, é possível apontar que a proximidade com o cuidador, são componentes que propiciam o calor e o vínculo emocional. Tais fatores são fundamentais para o desenvolvimento do sentimento de pertencimento e, contribuem para a aceitação de valores, que foram transmitidos a diferentes gerações (Keller, 2002).

Classe 4 – Temática da classe: **Importância dos cuidados básicos**

A classe 4 indicou um aproveitamento de 11,69% de aproveitamento e 9 St's dentre os 77, tendo em destaque as palavras: “cuidado” ($x^2 = 16,38$) e “higiene” ($x^2 = 12,69$). Embora houvesse outros vocábulos na classe, esses não foram analisados por não apresentarem relevância no estudo.

Temática da classe	Relato das participantes
Importância dos cuidados básicos	<p>ind_01: “...primeiro a do banho porque a criança é muito pequena eu acho acima de tudo no início tem que ser ter cuidados de higiene para mim é dos básicos para a formação da criança e para crescer saudável...”</p> <p>ind_18: “...que é a do banho não só porque são questões muito importantes para mim é um dos direitos da criança de ajeitar sua higiene mas também porque acho que o banho é o momento em que criamos mais laços com as crianças...”</p> <p>ind. 07: “...portanto essa é outra que é muito importante pele com pele a mãe sentir o bebê e o bebê sentir a mãe assim como a terceira o banho porque questões de higiene também são muito importantes e a seguir os estímulos...”</p>

	ind. 16: “...também acho importante talvez o banho a seguir em terceiro porque o banho representando todos a meu ver representando todos os cuidados que temos que ter com a criança, ou seja, o banho... ”
--	--

Atender as necessidades básicas da criança se relaciona, diretamente, à garantia de sua sobrevivência. Desta forma, o sistema denominado cuidados básicos, privilegia aspectos filogenéticos. Tais cuidados exercidos, tem a função de promover alívio ao bebê, seja em relação a algum desconforto ou a alguma experiência de angústia (Keller, 2012). A maneira pela qual os cuidados básicos serão executados, dizem a respeito dos costumes de cuidados que foram transmitidos àqueles que cuidam, podendo ser transmitidos a diferentes gerações. (Harkness & Super, 2007).

Classe 5 – Temática da classe: **Carinho nos cuidados básicos**

A classe 5 teve um total de 15 St's dentre os 77 analisados, com 19,48% de aproveitamento. Palavras como “banho” ($x^2 = 15,57$), “brincar” ($x^2 = 7,09$) e “carinho” ($x^2 = 5,6$), tiveram relevância nos discursos.

Temática da classe	Relato das participantes
O carinho nos cuidados básicos	<p>ind. 18: “...eu já fiz muitas vezes horário de banho cama das crianças e é um momento em que eles percebem também o nosso carinho porque estamos a lhe dar mimos estamos a lhe dar atenção...”</p> <p>ind. 14: “...portanto depois a parte do banho propriamente dita e depois desse momento a parte em que já está mais relaxado brincar um bocado e por último a parte de dar um carinho e o afeto que a criança precisa assim que eu organizei na minha cabeça</p> <p>ind. 18 : “...eu já tomei conta de crianças muito pequeninas e o estímulo verbal por muito que eles se</p>

	<p>calhar não entendam eles vão responder mas é muito importante e lá está mais uma vez..."</p> <p>ind. 09: "...ou seja não vai logo tomar banho porque pode ser uma invasão da privacidade da criança que ainda não se conseguiu estabelecer essa relação é depois diria o brincar com a perna e depois com o brinquedo..."</p> <p>ind. 14: "...mas acho que antes do banho deve haver aquele momento de relação entre mãe e filho e da mãe o acalmar para a parte do banho portanto já tarem os dois a criar ali uma ligação..."</p> <p>ind. 15: "... gosto de que elas se sintam bem depois o cuidado por assim dizer tipo banho dar comida o bem_estar delas mas importante o brincar com elas..."</p> <p>ind. 18: "...nós também consequimos fazer esse tipo de estímulo nas outras situações no banho posso fazer estímulo físico também e quando estou a brincar com a criança mesmo sem usar os objetos podemos também criar esse estímulo..."</p>
--	---

As manifestações de carinho que acompanham as práticas de cuidado infantil, podem demonstrar ações que revelam como a interação com o cuidador, são necessárias ao desenvolvimento da criança. Ainda assim, revelam-se como características singulares da relação estabelecida. Na pesquisa realizada com 15 duplas de mães e babás, na cidade do Rio de Janeiro, acerca de práticas e crenças de cuidado infantil, essa mesma categoria foi analisada e os discursos referiam a momentos de acalento, de aquecer logo após o banho, de beijar, cantar, entre outros (Kondratiuk & Neira, 2018; Sena 2020). É possível notar que as manifestações nessa classe, parecem ligadas ao sistema de cuidados básicos. Nesse sentido, a figura do cuidador deve ser aquela que promove o alívio da angústia, além da

proteção, alimento e higiene, elementos necessários a sobrevivência da espécie (Keller, 2012).

Classe 6 – Temática da classe: **A prática do cuidado como forma de estabelecer um vínculo afetivo com a criança.**

A classe 6 é a maior classe da análise, contendo 16 St's, com 20,78% de aproveitamento. Algumas das palavras que compuseram essa classe e que tem destaque pelo valor do χ^2 são: “seguro” ($\chi^2 = 16,00$), “sentir” ($\chi^2 = 15,94$), “necessidade” ($\chi^2 = 11,9$), “sono” ($\chi^2 = 3,99$).

Temática da classe	Relato das participantes
A prática do cuidado como forma de estabelecer um vínculo afetivo com a criança (segurança, carinho, amor)	<p>Ind.04: “...ou seja se a criança é pequena deve se agachar e falar sempre olhos nos olhos que é para criança não sentir nenhum tipo de necessidade de submissão a uma pessoa mas querer fazer espontaneamente porque compreende o que nós estamos a dizer...”</p> <p>Ind.10: “...acho que o colo é uma das ligações ao contrário da mama que é uma coisa que as mães têm tendência a deixar mais tarde exatamente pela ligação que tem o colo devia ser uma ligação que deviam manter sempre muito mais tempo...”</p> <p>Ind.07: “...o contato visual é muito importante e também enfim não estou a falar agora como baby sitter entre a mãe e o filho o primeiro contato visual traz segurança faz a criança se sentir segura e bem...”</p> <p>Ind.12: “...e, portanto o toque acaba por ser muito importante para as crianças conseguirem se sentir seguras para por exemplo uma criança quando está a chorar uma pessoa lhe pega ao colo e ela instantaneamente acalma...”</p> <p>Ind. 18: “...porque para mim o mais importante quando eu cuido das crianças é dar amor, eu tento sempre fazer isso pelo menos dar para elas também</p>

	<p>não sentirem assim muita falta dos pais...”</p> <p>Ind.06: “...de brincarmos fazerem aquilo que gostam sentirem seguras porque depois pode haver depois com esse negócio dos pais depois podem começar a chorar algo assim então se sentirem seguras também é o mais importante...”</p> <p>Ind.08: “...eu diria que o carinho e a digamos estimular a criança para elas se sentirem seguras e confortáveis é isso que eu preciso mais elas gostarem daquele período de tempo que estão comigo...”</p> <p>Ind.04: “...mas primeiro a sensibilidade ao toque da pessoa e pessoas em geral para não estimular o medo a timidez esse tipo de coisas se acostumar a esse tipo de toque e só depois os estímulos externos assim dizendo...”</p> <p>Ind.13: “...está a dar carinho à criança porque elas também precisam disso depois a primeira para não esquecermos sempre que elas têm as suas necessidades básicas que nós temos que responder...”</p>
--	--

As práticas de cuidado que podem ser desenvolvidas no dia a dia da criança, podem associar-se com as características disponibilizadas pelo cuidador. Dessa forma, os relatos apresentam a disponibilidade emocional, necessária para que o bebê ou a criança sintam-se amado e cuidado. Além disso, aponta para o fato do cuidador ser capaz de conter as demandas apresentadas, no sentido de acolher e devolver aquilo que é vivenciado, viabilizando um desenvolvimento seguro. É também esperado que o cuidador compreenda as necessidades básicas e emocionais da criança, no intuito de contribuir para o seu desenvolvimento. (Mrazek, 2013).

Nuvem de Palavras

foram relatadas pelos dois públicos envolvidos na pesquisa. Em termos históricos, embora Portugal seja um país antigo, com 25% da população com mais de 65 anos, o público participante, teve idade média de 25,7 anos. Em contrapartida, o Brasil, sendo um país mais jovem, se comparado a Portugal, conta com uma população de 10,9% com mais de 65 anos e média de idade de 45 anos, entre o grupo pesquisado.

Em termos de escolaridade, o Brasil apresenta índices abaixo da média (OECD, 2023). Dessa forma, a baixa formação educacional pode ser um fator que coopera para piores salários e dificuldade de inserção no mercado profissional, colocando essas mulheres em setores, como de serviços domésticos, sem ter preparo e treinamento específicos (Posthuma, 2021). Esse elemento parece corroborar com o discurso de algumas participantes: “...Eu cheguei aqui, vim do Nordeste, e eu sempre gostei de cuidar de crianças, sempre. Não fiz curso nenhum, mas assim, sempre gostei de lidar com crianças...” (Ind.10); “...Aí quando eu vim para cá para o Rio de Janeiro, eu comecei a trabalhar de restaurante, porém aí surgiu a oportunidade de trabalhar com criança... não tinha estudo...” (Ind.15); “... eu vim de Maceió pra cá, sem estudo, sem trabalho, e comecei a trabalhar na cozinha de uma construção, fazia comida para peão de obra, depois fui melhorando e consegui trabalhar como acompanhante de idoso, e fui trazendo os filhos, 5 filhos (Ind.09).

No contexto português, há investimentos na área educacional, contribuindo para a 40ª posição entre os melhores países mundo, de acordo com a Unesco (Alama, 2022). Tal dado pode ser observado na formação das *babysitters/nannies*, tendo em vista que a maioria possui Licenciatura e Mestrado, em áreas relacionadas a educação. Contudo, o fato de haver tais investimentos, não significa facilidade em ingressar no mercado profissional, levando algumas participantes a recorrerem ao cuidado com crianças: “... eu fazia estágio na faculdade, quando saí dessa escola

não consegui arranjar mais nada, decidi dedicar ao *babysitting* o tempo todo, portanto, este é o meu trabalho agora o tempo inteiro...Porque cá em Portugal temos o concurso público e o privado, e o concurso público é bom, mas é muito difícil entrar, e no privado as condições nem sempre são muito apelativas...”(Ind.03); “...Como eu também estava a procura de trabalho, tinha acabado o curso, e a procura do primeiro trabalho é sempre mais demorada, mais complicada. A minha irmã precisava de ajuda, confiava em mim. Porque ao fim ao cabo, eu fiz muita companhia no período da licença de maternidade. E eu sempre tive primos pequenos de quem também já tomei conta. então acabamos por chegar aqui a um consenso de ficar com ela até arranjar um trabalho perfeito...” (Ind.14)

Quanto ao tempo que ficavam com crianças, as babás brasileiras, apresentaram, em média, 8,9 h/dia. Esse valor pode sofrer um acréscimo, levando em consideração que algumas trabalhadoras relataram dormir na casa da criança, ao longo da semana, principalmente nos grandes centros: “... eu vim do Nordeste, eu moro lá, e no fim de semana, é lá que eu fico...” (Ind.01). Contudo, “morar” nesse ambiente pode ser contraditório para a babá, pois há uma intimidade partilhada, mas que não representa o contexto sociocultural de origem, do seu lugar de pertencimento. Dessa forma, sentimentos de angústia, privação, podem ser experimentados, contribuindo para aumento do stress, pela falta de lazer e cuidado pessoal (Silveira, 2014). No contexto português, as entrevistadas ficavam em média, 5 h/dia com a criança. Esse tempo parece mais bem estabelecido no contexto português, uma vez que a presença da *babysitters/nannies* pode ser limitada em termos das tarefas a serem realizadas (Romero, 2013). “...Em muito trabalhos eles explicam para lá está, qual é a fase da criança naquele momento... Já tive muitas famílias que me pediam para ter as atividades cognitivas e *babysitting*, o mais

possível fora de casa, por exemplo...” (Ind.18); “...por norma, os pais gostam sempre que façamos atividades de acordo com os interesses das crianças e da faixa etária. Ou seja, eu nunca fiz um tipo de babysitting em que estamos a ver televisão...” (Ind.16).

Quanto as análises obtidas através do *software* Iramuteq, foi possível identificar temáticas comuns nas classes que se originaram, como a percepção das cuidadoras em relação as práticas de cuidado realizadas pelas mães e a relação com o filho, como se tornaram babás e as suas crenças: “...ela trabalha o dia inteiro de manhã às vezes dependendo do horário que a bebê acorda se for muito cedo acho que quando eu chego ela tem dado café da manhã para ela o lanche...” (Ind.13 Brasil), “...acho que a mãe e a criança devem ter bastante confiança porque senão não será fácil para os pais deixarem a criança com alguém desconhecido...” (Ind.15 Portugal), “...eu comecei a cuidar dela e da casa também ao mesmo tempo assim eu conheço ela quando nem sonhava em ter a bebê e eu já ia na casa dela às vezes eu organizava alguma coisa no apartamento dela... babá eu sou um pouco de tudo mas assim o foco mesmo é ela mas eu faço tudo, porque eu nunca tinha cuidado assim...” (Ind.11 Brasil), “...“tomava conta ou dos filhos dos amigos ou algum primo mais pequeno mas assim mais profissionalmente há cerca de 2 anos e meio...” (Ind.01 Portugal), “...o respeito eu aprendi muito isso peço muito que ele me respeite assim como eu respeito ele e eu fui criada assim minha mãe nunca foi evangélica mas eu fui criada na igreja...”(Ind. 15 Brasil), “...e se somos educados de uma determinada forma até é mais difícil depois mudar o chip por assim dizer posso dar exemplos a mim me custa um bocado eles pedirem alguma coisa para comer e depois não comerem...” (Ind.16 Portugal).

Os elementos que aproximam os dois contextos, revelam, contudo, que para cada cultura, existe determinadas particularidades que envolvem as práticas e crenças de cuidado. Tal fator demonstra a complexidade da cultura nos diferentes meios, mas também revelam, como os diferentes cuidadores se apropriam dela, atentando para as demandas de cada família. Esse aspecto remonta ao conceito de cultura, proposto por Cole (1985), quando usou a metáfora do jardim para conceituá-la. Outro dado que merece atenção, trata da escolha profissional e a repercussão de como essa opção revela condições peculiares. No Brasil e em Portugal, algumas participantes relacionaram essa escolha ao fato de cuidarem de familiares em determinado momento do ciclo de vida, contudo, é preciso atentar para as condições que levaram a essa escolha *a posteriori*.

No Brasil, o trabalho doméstico pode ser predominante para mulheres negras e com baixa escolaridade, normalmente migrantes de diferentes regiões do país (Posthuma, 2021). Em Portugal, o trabalho de *babysitting*, não parece se associar a esse perfil de trabalhadoras, tendo em vista que boa parte do público pesquisado, ou estava em algum curso superior ou já era composto por mulheres formadas e pós-graduadas em áreas ligadas à educação/saúde.

As temáticas das classes que se diferenciaram, no território brasileiro, apontaram para a relação entre babás e crianças e o entendimento de práticas de cuidado infantil: “...às vezes você está triste o olhar no olhar de uma criança te deixa muito feliz eu acho que é isso é felicidade só de olhar uma criança e saber que ela te ama também verdadeiramente é muito bom muito gratificante...” (Ind.04 Brasil), “...é um carinho que a gente tem que dar pra uma criança que os pais infelizmente não podem não podem dar a gente tem que se doar o máximo para dar o cuidado cuidar ensinar tudo isso...” (Ind.07

Brasil). O trabalho da babá, envolve uma vivência, muitas vezes, intensa, que demanda mais do que o simples “ato de cuidar”. Nesse sentido, os sentimentos que são compartilhados, os hábitos, os gestos, o tom da voz, demonstram a singularidade da relação estabelecida com criança (Kondratiuk & Neira, 2020). Portanto, as ações que são empreendidas, por parte dos cuidadores, podem servir de proteção ao desenvolvimento. No que diz respeito ao conceito de práticas de cuidado, elas indicam determinados costumes e crenças que respondem ao contexto sociocultural, bem como ao que foi transmitido por outras gerações (Vergara Hernandez, 2017).

As demais temáticas que emergiram dos segmentos de texto, na versão portuguesa, trataram daquilo que as cuidadoras acreditam ser importante na prática de cuidados infantis e das que a família compartilha consigo: “...e é por isso que eles me chamam para evitar mesmo que o filho fique a manhã toda a ver televisão então eu vou aquelas horas e fazemos as brincadeiras portanto nesse momento estamos apenas nós duas...” (Ind.06 Portugal), “...temos que nos adaptar aos diferentes estilos e as diferentes maneiras de uma criança ser e da maneira de os pais quererem da mesma já me aconteceu tomar conta de uma família muito religiosa e obrigava a criança não gostava, mas eles obrigavam a rezar a mesa...” (Ind. 11 Portugal). Tais relatos descrevem conteúdos referentes as etnoteorias parentais, subsistema do nicho de desenvolvimento, que orientam como as práticas de cuidado poderão ser realizadas pelos diferentes cuidadores. Tais práticas revelam os valores e crenças parentais que direcionam o desenvolvimento da criança (Harkness & Super, 2007).

Quanto a Nuvem de Palavras, em ambas as análises, as palavras que emergiram, estão posicionadas aleatoriamente, sendo que as palavras mais

frequentes aparecem maiores que as outras, portanto, possuem destaque no *corpus* textual.

Os relatos provenientes da entrevista semiestruturada, apontaram determinadas semelhanças em algumas questões. Quando se propôs a investigar a escolha por ser babá, Brasil e Portugal apontaram categorias equivalentes, ou seja, em ambos os países as experiências de cuidado tiveram início no próprio ambiente doméstico, através do cuidado de familiares/amigos; a formação profissional; a oportunidade de trabalho diante do contexto da pandemia e a experiência do 1º emprego, foram descritas pelas participantes: “...Toda a minha vida eu tomei conta de criança, eu sou a filha mais velha da minha mãe. Então fui responsável sempre por cuidar dos meus irmãos...” (Ind. 02 Brasil); “...eu tenho um irmão mais novo. Ele nasceu e eu tinha 8 anos, então sempre cuidei dele, eu e a minha mãe sempre cuidamos dele, e veio daí esse meu gosto por crianças...” (Ind.08 Portugal). Nesse sentido, os costumes de cuidado que foram partilhados, ou seja, o cuidado de um familiar mais novo, são similares nos dois países, contudo, a prática de como será estabelecido o cuidado é que poderá variar a fim de atender ao padrão cultural de cada realidade. Dessa forma, os costumes de cuidado são estabelecidos em interação com o contexto sociocultural, revelando que o nicho de desenvolvimento permite certa adaptabilidade, auxiliando o processo decorrente a esse elemento. Ainda é possível, associá-lo a conteúdos de diferentes aprendizados, provenientes do contexto sociocultural e da própria história do indivíduo (Harkness & Super, 2007; Vigotski, 2007).

Quanto a escolha por ser babá, essa decisão parece ser norteadada pela formação profissional: “...Eu decidi ser babá, porque eu fiz magistério...” (Ind.01 Brasil); “...eu decidi ser *babysitter* porque eu já trabalho na área da educação... e

por isso já tenho uma ligação maior com as crianças...” (Ind.13 Portugal). Além dessas semelhanças, a oportunidade de emprego, diante da pandemia da covid 19, também foi descrita: “...Na pandemia teve aquela coisa, salão fechou, e eu fiquei sem trabalhar e ela era minha cliente. E ela estava grávida da menina, e aí fez a proposta para mim, para cuidar da bebê. Eu comecei a cuidar dela e da casa também, ao mesmo tempo...” (Ind.11 Brasil); “...foi um bocado também graças ao covid. Eu tive que ficar a tomar conta da minha sobrinha, e acabei por descobrir um gosto que não sabia que tinha assim tão grande...” (Ind.11 Portugal).

As categorias que não encontraram similaridade no campo brasileiro, trataram de aspectos concernentes ao afeto por crianças e a oportunidade de mudança de função na casa da família: “...Eu acho que a minha paixão por criança...” (Ind.04 Brasil); “...comecei como empregada, depois era cuidar das crianças...” (Ind.06 Brasil). A relação entre empregada doméstica e babá pode ser um fator tensional em algumas casas. Tal fator pode ser ocasionado pela busca de reconhecimento diante da importância do trabalho, que é o “cuidado com o bem mais valioso, ou seja, o filho”. Diante desse contexto, algumas babás podem acreditar que mereçam melhores salários e tenham um lugar de destaque na hierarquia doméstica, pelo tipo de cuidado que realizam (Silveira, 2014).

Por outro lado, em Portugal, os relatos apontaram para a flexibilidade proporcionada pelo trabalho de *babysitting* e a necessidade de autossustento: “...estou numa fase da minha vida em que comecei os meus estudos e é aquele emprego que dá para conciliar sempre com a escola e que nos dá mais acessibilidade em termos de horários...” (Ind.18 Portugal); “...Quando saí dessa escola não consegui arranjar mais nada, decidi dedicar ao *babysitting* o tempo todo, portanto,

este é o meu trabalho agora o tempo inteiro. E em termos, é monetários, em termos de dinheiro, está a ser mais viável esta opção para mim...” (Ind.13 Portugal).

Ao tratar sobre o entendimento do que seriam práticas de cuidado, as participantes brasileiras e portuguesas referiram-se ao cuidado do bem-estar: “...Eu acho que é um conjunto. Dar um banho, dar alimentação, trocar roupa, tudo isso...” (Ind.06 Brasil); “...Penso que está um bocado relacionado com todas aquelas práticas que zelam pela segurança, o bem-estar e o cuidado da criança. Tudo aquilo que nós podemos e devemos pôr em prática que vá ao encontro do bem-estar da criança...” (Ind.05 Portugal). As práticas de cuidado se originam de crenças ou etonteorias parentais, como parte do nicho de desenvolvimento. Dessa forma, elas conectam os costumes de cuidado e o ambiente físico e social da família (Harkness & Super, 1994). A ênfase no bem-estar, relatados em ambos os contextos, envolveram os cuidados básicos, como a higiene, alimentação, mas também conteúdos que perpassam o desenvolvimento infantil, como segurança, a cognição. Essas características também foram relatadas no estudo sobre práticas de cuidado de diferentes cuidadores na cidade do Rio de Janeiro, com 15 duplas de mães e babás (Sena, 2020).

No contexto brasileiro, algumas babás identificaram que as práticas de cuidado estão relacionadas a aspectos afetivos: “...O que eu entendo é assim, é o cuidado, é o amor.... a primeira coisa é o amor que você tem que ter. A dedicação, porque a pessoa entrega o bem mais precioso dela para a gente tomar conta...” (Ind.05 Brasil). Em Portugal, as práticas de cuidado tiveram o intuito de atender às necessidades parentais e estar presente na vida das crianças: “...acho que acima de tudo é ser alguém que está para a criança, para poder ajudar a criança e, consequentemente, ajudar a família...” (Ind.01 Portugal); “...a prática do cuidado é

basicamente estar com a criança o tempo possível a brincar...” (Ind.06 Portugal). Os elementos que fizeram parte dessa questão, apresentaram características necessárias ao cuidador, como a compreensão das necessidades físicas e emocionais da criança, bem como o compromisso emocional necessário para realizar esses cuidados. Dessa forma, tanto o investimento quanto a qualidade do tempo, devem ser priorizados nos primeiros anos de vida (Mzraek, 2013).

A terceira questão encontrou semelhança na categoria referente aos cuidados básicos (alimentação e higiene) e em aspectos socioafetivos: “...É aquele cuidado mesmo da higiene... É o cuidado com a alimentação. De vocês fazer uma boa alimentação, você ser criativa em relação aos alimentos...” (Ind.05 Brasil); “...Assim, depende das crianças, porque assim, os bebês, o cuidado que eu costumo ter mais é manter a criança sempre limpa...” (Ind.11 Portugal). Os cuidados básicos ou primários fazem parte do sistema mais antigo, em termos filogenéticos. Para tal, o papel do cuidador deve ser reduzir a angústia do bebê, propiciando conforto frente a situações de dor (Keller, 2012).

Quanto as competências socioafetivas, esses itens também foram mencionados no estudo proposto por Sena (2020), realizado no Rio de Janeiro, com 15 duplas de mães e babás, corroborando o dado descrito. A pesquisa demonstrou a preocupação, por parte das cuidadoras, em identificar as diferentes necessidades das crianças, a fim de contribuir para que haja um desenvolvimento adequado: “... Eles não se machucarem. A saúde dele, a educação, tudo isso...” (Ind.07 Brasil); “...Atenção. Atenção... Esses dias ela estava subindo na mesa. Então eu tenho que ficar ligada 24h com ela...” (Ind.11 Brasil). As diferentes categorias que surgiram, no Brasil, trataram a respeito do cuidado caracterizado por um envolvimento parental e a manutenção das rotinas de cuidado. A categoria que expressou as

práticas de cuidado associadas ao cuidado de envolvimento parental, pareceu identificar o deslocamento do afeto que não pode ser direcionado ao próprio filho: “...Eu cuido dela como se ela fosse minha filha, mas eu sei que ela não é minha filha...” (Ind.01 Brasil). Por último, as práticas de cuidado foram relacionadas a manutenção da rotina: “...O mais importante, o que eu mais importo com eles é dar banho deles na hora certa, dar almoço na hora certa, colocar a roupas neles na hora certa...” (Ind.10 Brasil). Acerca desse assunto, Kondratiuk e Neira (2020) afirmaram que a babá, uma vez que precisa estar ausente da criação de seu próprio filho e, não podendo oferecer amor e atenção, desloca esse afeto a criança cuidada.

No contexto português, a terceira questão tratou de categorias como manutenção de regras familiares, liberdade para que a criança possa se desenvolver, tempo de qualidade com a criança, interação entre cuidador e criança: “...Acima de tudo é tentar não ir contra as regras que os pais lhe impõem...” (Ind.01 Portugal); “...dou liberdade à criança para fazer aquilo que ela gosta. Regrado, com limites. Mas não condiciono as escolhas da criança, procuro sempre ir ao encontro dos seus interesses...” (Ind.04 Portugal); “...É mesmo o tempo de qualidade. Eu acho que não há nada como eu estar mesmo ali só para elas...” (Ind.06 Portugal); “...eu acho que acima de tudo, criar uma ligação com ela. Ou seja, eles não são adultos...” (Ind.04 Portugal). Esses elementos parecem ser conteúdos provenientes da própria cultura portuguesa, na qual o trabalho de *babysitting* pode ser demarcado, tendo atribuições específicas e horários preestabelecidos (Kondratiuk & Neira, 2020).

A quarta questão, que procurou identificar alguma crença ou comportamento aprendido com familiares, apresentou similaridade entre os países, na categoria denominada “diferentes aprendizados transmitidos pelos papéis parentais”, em que os relatos decorreram de vivências na infância: “...Sentar na

mesa para comer todo mundo junto. Muita coisa que eu aprendi na minha infância que eu coloco em prática até hoje, mesmo não tendo filho...” (Ind.07 Brasil); “...Eu gosto muito de ler e os meus pais sempre leram muito quando iam para a cama, e eu faço isso com as crianças...” (Ind.08 Portugal). As crenças decorrem da junção do mundo físico, social e individual, no sentido de direcionar as ações que fazem parte da vida cotidiana. Assim, elas podem fazer parte de um contexto mais amplo, influenciando as experiências humanas. Na perspectiva sociocultural, as crenças podem revelar-se a partir dos modelos culturais adquiridos pelos pais em seu contexto de desenvolvimento. O resultado das crenças, pode, então, ser observado nos costumes e práticas de cuidado com a criança (Harkness & Super, 2005; Morales-Castillo, 2020).

O contexto brasileiro apresentou algumas particularidades quanto ao conteúdo de crenças. A primeira decorreu da associação de crenças a um conteúdo religioso: “...Eu sou evangélica, eles são católicos. E assim, religião, cada um tem a sua. Mas eu ensinei o pai nosso para ela, que o pai nosso todo mundo faz. Eu tento não passar para ela a minha religião, mas eu tento passar o amor que a religião traz...” (Ind.01 Brasil). Embora tenha sido explicado que crenças não estavam ligadas a um contexto de religião, para algumas respondentes, elas tinham relação com valores e experiências provenientes de seu contexto. Dessa forma, pareciam constituir o entendimento de crenças primitivas, ligadas a questão de fé (Rokeach, 1981). A outra particularidade foi relatada por algumas participantes que não tiveram aprendizado com familiares, mas foram influenciadas por diferentes experiências e cuidadores: “...A minha infância não foi boa. Quer dizer, não foi boa por uma parte, mas por outra foi muito boa, porque me ensinou a ter responsabilidade. Porque eu não fui criada pelos meus pais...” (Ind.03 Brasil);

“...Comigo não, porque eu fui criada em casa de família. Mas assim, eu passo para ela o que eu passei para os meus filhos...” (Ind.11 Brasil). Diante desses relatos, foi possível identificar que, embora os cuidadores não tenham sido figuras parentais, alguns costumes de cuidado foram transmitidos, e hoje são repassados nas práticas de cuidado infantil. Tal fato, demonstra como as crenças são importantes mediadores mentais e sua influência nas ações futuras do indivíduo (Kobarg et.al., 2006; Seidl-de-Moura, 2009).

Por último, foram relatados diferentes aprendizados que foram adquiridos a partir de cursos de babás. Esse aspecto leva a compreensão de que determinadas práticas de cuidado, decorrem do modelo hierárquico de crenças e tem a finalidade de atender as necessidades do momento (Harkness & Super, 2006). Segue relato: “...Assim que eu comecei, fiz o curso de babá, eu não sei como é que está hoje. Mas há muito tempo atrás, ensina muita coisa pra gente não utilizar o que era no passado. Porque as coisas vem se modificando. Os pais da gente, as pessoas antigas, fala que é para fazer muita coisa. Mas quando você entra nesse no meio de babá, você também aprende muita coisa nova...” (Ind.08 Brasil). Nessa fala, foi possível identificar que os costumes de cuidado que foram modificados, reforçam o entendimento de que o nicho de desenvolvimento pode se alterar diante da evolução do ambiente/indivíduo.

Quanto às diferentes categorias provenientes dos discursos portugueses, hábitos, a não repetição de vivências negativas na infância, manter a calma, enxergar o lado positivo, atenção voltada para o desenvolvimento infantil, diálogo e compreensão, a não dizer “não” às crianças, proporcionar autonomia: “... de crianças mais pequeninas, por exemplo, coisas muito simples, dizemos muito, o básico, o obrigado, o faz favor, a pedir com licença. Portanto são valores que hoje

em dia, muitas vezes, já não estão se perdendo...” (Ind.07 Portugal); “...eu tento ser uma pessoa muito calma e muito paciente, portanto eu não gosto de contrariar, não gosto de berrar, gritar por qualquer razão. Isso foi uma coisa que, a mim, enquanto criança, me marcou pela negativa e que eu não quero nunca passar às crianças com quem eu estou, porque sei que isso no futuro, traz consequências...” (Ind.03 Portugal); “...aquilo que eu aprendi com a minha prática é tentar manter a calma e distrair a criança, primeiramente, para depois conseguir acalmar, porque não é gritando ou fazendo o tipo de gesto mais brusco que a criança se vai acalmar...” (Ind.09 Portugal); “...Eu sempre olho a parte positiva das coisas, e o que nada, querer chorar, quer seja o que for, tem mal, não nada disso tem mal. Então um bocado por aí também...” (Ind.10 Portugal); “...a minha mãe é professora primária. E por isso, se calhar, é que eu tenho tanto esta vertente de ter muita atenção ao desenvolvimento e a estimulação da criança...” (Ind.12 Portugal); “...diria que esses são os dois pilares que me foram transmitidos e que sempre transmiti as outras crianças, e que pretendo que elas também transmitam depois, por sua vez, aos filhos delas ou outras crianças com que lidam...” (Ind.14 Portugal); “... às vezes, quando eu era pequena e cuidava da minha prima, eu me lembro da minha mãe dizer para nunca dizer não às crianças, especialmente quando são pequenas, quando tem 3, 2 anos...” (Ind.15 Portugal); “...Eu uma vez tive uma criança em que os pais me pediram muito para desenvolver com ele o fato de ele fazer as coisas, dele fazer por si. E eu estar mais na retaguarda, só supervisionar...” (Ind.18 Portugal). As categorias mencionadas podem identificar determinadas crenças que apontam para o subsistema do nicho de desenvolvimento, denominado psicologia dos cuidadores. As etnoteorias parentais, apontam para como as práticas de cuidado, que são provenientes das crenças, poderão ser realizadas. Além de identificar algumas

crenças, esse subsistema pode indicar técnicas de cuidado que favoreçam o desenvolvimento, contribuindo para as necessidades da criança e, para os objetivos parentais e sociais, em termos de criação (Harkness & Super, 1994, 2007; Mendes, 2018).

As quinta e sexta questões foram analisadas em conjunto, pois tiveram a finalidade de identificar e descrever as práticas de cuidado realizadas pelas mães. Nesse quesito, Brasil e Portugal não encontraram aspectos comuns nas respostas. As respondentes brasileiras apontaram categorias voltadas para atitudes de interações afetivas, estar presente em refeições diárias, atividades de lazer e práticas relativas aos cuidados básicos: “...quando ela chega de oito e meia, que as meninas dormem de nove, ela fica aquele pouco de tempo ali. E aquele pouco de tempo dá para ela ficar beijando as meninas, aquele cuidado especial...” (Ind.01 Brasil); “...Ela tomava café com as crianças. E ela sempre escolheu jantar com as crianças. Como ela passa o dia todo fora... o momento que ela podia estar com as meninas, ela estava...” (Ind.02 Brasil); “...Elas gostam de fazer muito juntas é ler livros...” (Ind.04 Brasil); “...a hora dela, que ela leva para a natação, ela fica lá, dá banho, troca a roupa dela...” (Ind.06 Brasil). As práticas de cuidado que foram descritas englobam aspectos relativos a cultura e a crença dos pais daquilo que acreditam ser importantes para a criança. Dessa forma, determinadas ações refletem aos costumes de cuidado que são capazes de orientar o comportamento, a fim de direcionar o desenvolvimento infantil (Vergara Hernandez, 2017).

Nos relatos portugueses, as categorias elencadas trataram da observação de práticas de cuidado, interesse pela criança, *homeschooling*, leitura, vínculo entre mãe e filha, liberdade para explorar o ambiente, educar de forma aberta e práticas relacionadas a alimentação: “...nos primeiros 2, 3 meses, ela estava muito presente,

então pude observar muito bem como é que ela cuidava do bebê...” (Ind.01 Portugal); “...Então esses cuidados da mãe, que ela mostra que são, supostamente, interesses da criança, ajuda para que a criança tenha mais facilidade em se relacionar comigo...” (Ind.04 Portugal); “.... Tentar acompanhar, porque ele está em ensino doméstico, e como eu sou professora, para todos os efeitos, estou não só ajudar os pais a tomar conta, mas também a auxiliar, introduzir certos conteúdos da escola que os pais não têm tanto conhecimento...” (Ind.05 Portugal); “...na família da criança de dois anos, antes de eu chegar, ela está com a mãe a ler histórias...” (Ind.07 Portugal); “...De fato, esta última atividade que eu fiz, via que a filha era muito ligada a mãe, porque mesmo eu estando lá, ela queria sempre a mãe, e a mãe...” (Ind.09); “...eu tenho um caso muito específico de uma mãe que ela respondia muito, por exemplo, se a criança queria fazer isto, ela deixava, mas não numa questão de deixar a criança fazer tudo. De deixar a criança explorar o mundo...” (Ind.13 Portugal); “...Acho que ela sempre foi educada de uma forma em que mais aberta possível. Ou seja, ela é uma criança, tem 4 anos neste momento, mas sempre teve hábitos, e eu acho que sempre consegui perceber...” (Ind.14 Portugal); “...de vez em quando a mãe atende, faz assim, um leite para ela beber. Ela gosta que seja a mãe a fazer, para ter aquele mimo da mãe...” (Ind.16 Portugal). Os relatos indicaram que a função do cuidado com crianças, ainda permanece sendo marcante através da figura materna, sendo um costume transmitido entre gerações (Cardoso, 2011; Pinheiro & Biasoli-Alves, 2008).

Além dessas categorias, é preciso destacar dois relatos que foram trazidos, nos quais foi possível perceber um certo afastamento da mãe, gerando desconforto por parte das cuidadoras: “...por exemplo, no início a mãe não estava com ela, porque era simplesmente um bebê. Daí a mãe já não dava de mamar, nem nada, ela

estava focada no trabalho. Agora que a criança já é um pouco mais velha, já convive, já fala, já interage, ela vai interagindo também, mas é sempre com alguma distância. Tanto a mãe como o pai, têm sempre alguma distância com a criança. isso eu vejo com tristeza...” (Ind.02 Portugal); “...há um certo, não por maldade, nem por falta de amor, nem de cuidado, e isso é notório, mas há uma certa falta de coisas que são muito necessárias. Má alimentação, um bocado de educação. Passa um bocado por educação, pronto...” (Ind.10 Portugal). Acerca desses relatos, Vergara Hernandez (2017), destacou a importância do afeto dos pais/cuidadores para que haja um desenvolvimento adequado, possibilitando o aprendizado de novas habilidades. Além disso, as expressões afetivas, os gestos, que são evocados nas práticas de cuidado, além de garantirem a sobrevivência da criança, proporcionam uma qualidade de vida satisfatória.

A sétima questão abordou práticas de cuidado que seriam importantes na relação mãe/filho(a), de acordo com a percepção das babás/*babysitters/nannies*. Como categoria similar, as participantes elencaram as interações socioafetivas: “...Esse amor, porque ninguém pode trocar o amor de um filho pela mãe. Nem pode substituir, porque amor de mãe e filho, ninguém pode cortar. Um laço que une para sempre...” (Ind.02 Brasil); “...acho que é muito importante os pais realmente serem uma pessoa que está presente, que dá atenção as crianças e quando está com as crianças estar mesmo presente com elas, sem distrações...” (Ind.03 Portugal). Esse dado corrobora com o estudo proposto por Vergara Hernandez (2017), que o contexto familiar deve garantir, não somente as necessidades básicas e o bem-estar da criança, mas sobretudo ser um espaço que promova vivências sensoriais, afetivas, emocionais e de aquisição de crenças e valores. Dessa forma, o amor, a

comunicação e o controle dos pais são imprescindíveis para os processos constitutivos do indivíduo na família.

As categorias que encontraram dissonância, no contexto brasileiro, trataram a respeito de práticas voltadas para os cuidados básicos e valores que deveriam ser estabelecidos: “...A parte de mãe e filho, para mim, de cuidado, é o banho, o colocar ele no berço, colocar ele para brincar, tudo tem que ter um certo cuidado. Mas o contato da mãe com o filho é mais aquele momento de amamentar, a troca de uma fralda...” (Ind.08 Brasil); “... A educação. A educação eu acho que é em primeiro lugar. Uma fase que a criança começa a falar, começa a entender o que você tá falando, já tem que, já tem que ampliar a educação dentro...” (Ind.11 Brasil).

De acordo com os relatos, no contexto português foi possível identificar categorias, tais como “passar tempo com a criança”, “interação”, “promoção da autonomia”, “ouvir as crianças”, “educação voltada para a formação do indivíduo” e, “contato físico”: “...eu acho que é, sem dúvida, o passar tempo com a criança...” (Ind.12 Portugal); “...Está sempre interagindo no quarto com brinquedos...” (Ind.07 Portugal); “...ele tem alguma dificuldade ainda na autonomia para comer, pede muitas vezes que lhe deem, então se eu vejo a mãe a incentivar que ele coma sozinho, ou celebrar que ele coma sozinho, dizer que ele consegue...” (Ind.05 Portugal); “...Eu acho que essas crianças precisam ser ouvidas pelos pais...” (Ind.06 Portugal); “...A educação passa por muita coisa simples... porque educação dos pais é, acima de tudo, o cuidado com os filhos. Acho que as pessoas têm a ideia de que a educação é dar regras, é a estrutura, mas não é só isso, passa por tudo...” (Ind.10 Portugal); “...entre as mães e os filhos é mesmo o contato físico. Ou seja, dizer o que está certo e o que está errado, dar aquele carinho físico...” (Ind.11 Portugal). As práticas que as diferentes cuidadoras portuguesas discorreram, apontam para

determinadas características requeridas pelo cuidador. Entre estas, a compreensão das necessidades da criança, ou seja, a capacidade do cuidador ser sensível e solidário as diferentes demandas infantis e, o compromisso emocional, englobando aspectos que dizem a respeito do tempo que deve ser investido na interação com a criança (Mrazek, 2013).

A oitava questão da entrevista semiestruturada, teve o intuito de investigar se alguma prática de cuidado mais específica, deveria ser realizada pela babá, em sua interação com a criança. Assim, foi possível identificar uma categoria similar entre Brasil e Portugal, denominada prática de cuidados básicos: “...Não dar açúcar, coisas com sal né, gordura, biscoito, porque é doce. Suco também não pode, só fruta...” (Ind.08 Brasil); “...elas não podem consumir açúcar. Pronto, essa é uma regra que eu até concordo, realmente, que são muito pequeninas e não devemos habituar desde tão cedo. E uma delas também é intolerante, tanto a lactose como a glúten...” (Ind.06 Portugal). O sistema que envolve os cuidados básicos, trata de elementos básicos, necessários à sobrevivência da espécie e apresenta o esforço, por parte dos cuidadores, em reduzir a possível angústia do bebê (Keller, 2005). As demais categorias, que não tiveram semelhança, para as babás brasileiras, apontaram práticas de cuidado baseadas em experiências prévias, por parte das cuidadoras, interação com a criança, práticas realizadas em parceria com os pais e aquela que priorizam a criança: “...Ela me deixou muito a vontade. Fiquei muito só. Muitas das vezes a mãe fica mais, até junto para ficar observando. Mas ela não...” (Ind.05 Brasil); “...Eles deixaram mais a minha parte de interação com a criança...” (Ind.14 Brasil); “...Eles conversaram muito comigo. Como era primeiro filho, eles não têm experiência nenhuma... Então foi uma parceria, sempre é uma parceria muito grande com eles...” (Ind.16 Brasil); “...Então foi uma parceria, sempre é uma

parceria muito grande com eles...” (Ind.13 Brasil). Pelo lado português, foi possível nomear categorias, como “orientação da rotina com liberdade”, “estímulo cognitivo”, “registros específicos – ATCA”, “ensino da língua portuguesa”, “informações sobre as fases do desenvolvimento infantil”: “...é permitido que eu tenha liberdade para atuar com a criança quando estou nos diversos espaços, a vontade. Terminadas as coisas como, por exemplo, as horas de refeição. Como estou o dia todo com a mais pequenina não, já nem tanto, mas faço um passeio com ela durante a tarde, depois que ela acordar do sono...” (Ind.07 Portugal), “...o que os pais pedem é que haja bastante atividades cognitivas, para o desenvolvimento da criança...” (Ind. 02 Portugal), “...no caso da criança com necessidades especiais há muito um trabalho. Ele tem dentro do aspecto do autismo, tem um trabalho muito realizado para tentar trabalhar essas questões sociais que estão ligadas ao autismo...” (Ind. 05 Portugal), “...Eles sempre me disseram que queriam que a filha aprendesse português...” (Ind.17 Portugal), “...Em muito trabalhos eles explicam para lá está, qual é a fase da criança naquele momento. Se estou a lidar com miúdos mais pequeninos, ele começou a andar, e eles estão a desenvolver alguma coisa em especial...” (Ind.18 Portugal). Os relatos indicam que o trabalho das *babysitters/nannies*, em alguns casos, estão para além do *babysitting*, apontando para uma demanda específica que envolve conhecimentos voltados para a áreas de estimulação cognitiva, psicomotora. Por tais características, essas cuidadoras são vistas como “especialistas de crianças” e, parecem refletir aspectos da cultura local (diário de notícias.pt.; <https://diariodarepublica.pt/dr/lexionario/termo/contrato-servico-domestico>).

A nona questão buscou identificar possíveis crenças que as famílias teriam compartilhados com as cuidadoras. Como ponto de similaridade entre os dois

países, a identificação da categoria denominada valores, incluiu aspectos que dizem a respeito de “falar a verdade” e senso de responsabilidade: “...Eles gostam muito, do valor, assim, de falar a verdade. Ser verdadeiro, de não mentir...” (Ind.01 Brasil), “...a questão de assumir um compromisso e cumprir...” (Ind. 14 Portugal). Esses conteúdos expressos apontam para etnoteorias parentais, indicando crenças e valores que os pais acreditam ser necessários ao desenvolvimento da criança. Para tal, esses elementos devem ser transmitidos desde as primeiras interações e são partes de contexto sociocultural (Harkness & Super, 2007; Mendes, 2018).

No contexto brasileiro, foi possível observar que os pais compartilham valores/crenças no sentido de valorizar o tempo com a família, crenças religiosas, a participação nos cuidados básicos, reconhecimento do trabalho da babá. Ainda existem famílias que não acreditam em costumes antigos e outras que se atentam para a questão de rede sociais: “...onde eu estou agora, ela nunca me chama final de semana. Ela acha que o momento dela é o final de semana, que ela pode estar com as filhas. Eu acho que isso é uma crença, porque assim, ela dificilmente ela me chama, muito difícil mesmo. Ela diz que o final de semana é meu, eu sou com a minha família e ela é com a dela...” (Ind.04 Brasil), “...É a religião. Deus...” (Ind. 06 Brasil); “...Muitas coisas eles compartilharam comigo. Sempre assim, no horário do banho. Ela acompanhava às vezes, eu ensinava...” (Ind.09 Brasil); “...Um valor que tipo assim, uma crença, eles faz muita questão que eu estou lá com eles sempre. Se eles pudessem, não deixariam eu ir embora pra casa, isso não sei se serve. Tanto que eles mesmo, as crianças ficam pedindo para mim dormir lá...” (Ind.10 Brasil), “...Nessa casa que eu estou, por exemplo, eles não acreditam em nada dessas coisas de crenças do passado, de avó, de avô, de antigos, eles não acreditam em absolutamente nada...” (Ind.08 Brasil), “...Essa questão de postar foto, eles não

gostam. Eu respeito e eu também não gosto. Já é uma coisa minha...” (Ind. 14 Brasil). As crenças/valores descritos pelas participantes, tratam da conexão entre conteúdos individuais e cultural dos pais e cuidadores. Nesse sentido, é possível identificar que o aspecto individual é disposto no ambiente sociocultural, sendo transmitido de forma dinâmica, levando em consideração a relação ambiente/indivíduo (Pessoa et al., 2016).

Pelo lado português, as categorias trataram do desenvolvimento cognitivo, da promoção da autonomia, de práticas de cuidado relativas a alimentação e capacidade de resolução de problemas: “...por norma, os pais gostam sempre que façamos atividades de acordo com os interesses das crianças e da faixa etária...” (Ind.16 Portugal), “...a mãe da menina que eu tenho de manhã, para ela é muito importante a autonomia, portanto isso é uma questão...” (Ind.03 Portugal), “...Uma família de vegans, anti vacinas, eles explicaram isso tudo. Eu fiquei um bocado pé atrás porque a criança não tinha vacina...” (Ind. 11 Portugal), “...por exemplo, a mãe daquela menina que está nas férias, ela diz muitas vezes que conseguimos resolver sempre problemas, porque na família, qualquer problema aparece e conseguimos resolver... não desistir, continuar...” (Ind.06 Portugal). As crenças compartilhadas pelas participantes demonstram, em alguns casos, uma valorização de elementos relativos ao desenvolvimento da cognição. De certa forma, faz parte da cultura portuguesa o estabelecimento de práticas de cuidado e de crenças que direcionam tais aspectos, indo ao encontro de ideias propostos pelos pais, associados as transformações decorrentes da cultura (Goodnow, 1996). Este é um ponto diferenciado das práticas de cuidado entre os dois países pesquisados. Parece ser uma especificidade do contexto brasileiro que os cuidados com crianças sejam envolvidos por uma “maternagem”, com afeto e garantia de bem-estar. No contexto

português, é possível identificar traços das práticas de cuidado voltadas para o desenvolvimento cognitivo, por estimulações, incluindo características que parecem preparar as crianças para o universo educacional.

A décima e última questão, teve o intuito de investigar, por ordem de importância, os sistemas de cuidado, bem como o motivo dessa escolha. Nos dois territórios, a primeira e segunda escolhas foram semelhantes, ou seja, as participantes de contextos distintos, optaram pelo Contato Corporal (representando um percentil de 37,5%), seguido do sistema referente aos Cuidados Básicos (31,25%), no contexto brasileiro e no português, esse mesmo sistema de cuidado em conjunto com o Contato face a face (31,25%). Esse resultado corrobora o estudo proposto por Pessoa et al. (2016), realizado com 60 duplas de mulheres (mães, avós, babás e cuidadoras de creches), na cidade do Rio de Janeiro, cujo objetivo foi identificar as crenças dos cuidadores e as principais trajetórias de desenvolvimento. Os dois sistemas mais valorizados pelas diferentes cuidadoras foram o contato corporal e o contato face a face.

Quanto a análise realizada pelo software Iramuteq, algumas similaridades puderam ser encontradas nos segmentos de textos, principalmente quanto a determinadas temáticas de classe, que identificaram a ordem dos sistemas de cuidado infantil, a importância do contato nas práticas de cuidado que envolvam carinho. Dessa forma, os relatos no campo brasileiro e português, retrataram como diferentes cuidadoras valorizam aspectos comuns: “...todas são importantes mas a primeira seria essa com o neném no colo nas costas com a mão nas costas a segunda ela olhando com o neném ela esticando as pernas do bebê...” (Ind.02 Brasil), “...eu acho que é mais importante primeiramente a penúltima que ela parece que está a segurar no bebê está a criar alguma ligação inicial...” (Ind.09 Portugal), “...a última

a mãe tendo esse contato no olhar com o bebê e conversando com ele para mim é importante...” (Ind.08 Brasil), “...entre o olho no olho e o colo com isso a segunda e a terceira têm a ver com contato humano criar laços é importante...” (Ind.01 Portugal), “...depois o olho no olho é importante também porque aí passa um pouco de segurança para a criança esse olhar...” (Ind.02 Brasil), “...portanto depois a parte do banho propriamente dita e depois desse momento a parte em que já está mais relaxado brincar um bocado e por último a parte de dar um carinho e o afeto que a criança precisa...” (Ind.14 Portugal). Os discursos, de certa forma, apontam para fatores que são fundamentais ao desenvolvimento infantil, ou seja, sensibilidade, atenção, capacidade de contingência e calor emocional. As trocas que envolvem os sistemas de cuidado, demonstram os esforços por parte do cuidador, atendendo a necessidade da criança (Keller, 2002).

Para algumas respondentes brasileiras, determinadas figuras dos sistemas de cuidado parental indicavam a importância da participação materna, nas práticas de cuidado com a criança: “...a mãe precisa desse contato de brincar de dar atenção também acho isso importante porque tem casas que a gente não vê isso... tem casas que eu trabalhei que a gente não vê... tem casas que você trabalha que a mãe só vem dar o boa noite...e às vezes nem quando a criança está doente...” (Ind.08 Brasil). Esse relato expressa a capacidade da família e, principalmente dos pais, em estabelecer aspectos que sejam positivos a criança, que satisfaçam as mais diferentes necessidades. Dessa forma, o amor, a comunicação e o controle estabelecidos pelos pais poderão nortear a constituição da família (Vergara Hernandez, 2017).

Para algumas participantes portuguesas, há a valorização dos cuidados básicos: “...primeiro a do banho porque a criança é muito pequena eu acho acima

de tudo no início tem que ser ter cuidados de higiene para mim é dos básicos para a formação da criança e para crescer saudável...” (Ind.01 Portugal). Tal fator pode ser observado, principalmente pelas *babysitters/nannies* que já são enfermeiras ou que estão em cursos ligados a área de saúde. Assim, a importância desse sistema supõe atender as necessidades básicas de sobrevivência, como alimentação, higiene e proteção (Keller, 2012).

10 Considerações finais

No início de novembro de 2023, uma imagem recebida pelo *WhatsApp*, chama atenção. O horário, 17:30 h, indica que a casa Rui Barbosa, situada no bairro de Botafogo, na cidade do Rio de Janeiro, fechou. O local possui uma considerável área verde e, recebe, diariamente, moradores e turistas para um momento de lazer. Da janela de onde o registro é feito por uma médica obstetra, segue a imagem de mulheres empurrando carrinhos, vestindo roupas brancas. A mensagem chega na íntegra: “quando a casa Rui Barbosa fecha, começa a marcha das babás”. Esse fato pode ser visto “normalmente” por moradores locais, mas chama atenção daqueles que desconhecem esse público, caracterizado por mulheres usando roupas brancas.

A figura da babá pode povoar o imaginário popular, a partir da relação estabelecida com a criança, através das histórias que contavam, pelas cantigas que embalavam o sono dos pequeninos (as), ou pela memória da comida preparada, com gosto único e singular (Freyre, 2006). A indústria cinematográfica e mercado editorial, de certa forma, aproveitaram os diferentes aspectos dessa personagem, para divulgar como as famílias, em diferentes épocas, reagiram ao cuidado infantil e a presença da babá no ambiente familiar.

A proposta do estudo buscou identificar quem são essas personagens, suas escolhas profissionais pelo cuidado infantil, as práticas e crenças de cuidado infantil, além da percepção quanto ao cuidado realizado pelas mães, nos contextos brasileiro e português. Para tal, destacou-se que sua trajetória no Brasil, decorreu de uma herança portuguesa, uma vez que as mulheres da corte, deveriam estar presentes em atividades da sociedade, portanto, não teriam como amamentar e cuidar da prole. No território brasileiro, esse trabalho foi incorporado às escravas e amas negras.

Essas mulheres, tiveram um papel salutar no desenvolvimento das crianças, no período colonial, tendo posteriormente, sofrido um desaparecimento social.

No Brasil, as babás participantes, em sua maioria, migraram de regiões nordestinas rumo a capitais brasileiras, na busca por uma melhor oportunidade de vida. Para algumas, a experiência do cuidado infantil teve início no próprio lar. Para outras, a afinidade com crianças ou experiências transmitidas por pessoas próximas, levaram a escolha por “ser babá”. Nesse sentido, nem sempre houve um preparo para tal atividade (Posthuma, 2021). A baixa escolaridade pode ser um fator que colabore com a falta de preparo para essa profissão. Parte do público brasileiro entrevistado, não possuía o ensino médio concluído, o que também pode revelar-se como um problema para a entrada no mercado profissional. Nos grandes centros, algumas babás podem morar, literalmente, nas casas dos patrões. A intensa rotina, atrelada a poucos momentos de lazer, pode revelar sentimentos de “isolamento” e de “falta de identidade”. Quanto às práticas de cuidado, foi possível observar que elas decorrem do contexto de desenvolvimento de pertencimento, formuladas a partir das crenças de seus principais cuidadores. Dessa forma, algumas práticas tenderam a levar em consideração as necessidades básicas (alimentação, higiene e proteção), mesmo com crianças maiores. Outras apontaram as práticas afetivas entrelaçadas com aspectos socioafetivos. O carinho e a profunda interação com a criança, por vezes, podem fazer a babá cuidar da criança “como se fosse seu próprio filho”. Uma forma de “compensar” a saudade de seus próprios filhos, que ficam sob os cuidados paternos ou de alguém próximo à família ou em creches.

A figura da ama em Portugal, fazia referência a mulheres camponesas, pobres e da periferia. Denominada de saíolas, estas mulheres se encarregavam do cuidado infantil, que variava de acordo com a condição financeira da família da

criança. Na pesquisa realizada, o perfil da atual *babysitter/nannies*, indica uma alta escolaridade, já que quase metade das participantes tinham mestrado ou já eram graduadas. Quanto a práticas de cuidado infantil, houve determinadas semelhanças entre Brasil e Portugal, como ter iniciado essa prática no próprio ambiente familiar, bem como a forma de cuidado visando atender às necessidades básicas da criança. Contudo, o que pode ser demarcado na cultura portuguesa, trata acerca da escolaridade e os cursos de formação que as *babysitter/nannies* possuem. Esses elementos parecem colaborar para um cuidado mais especializado, que visa um desenvolvimento voltado para a cognição. Outro dado refere-se ao lugar a ser ocupado na família, sendo mais limitado, tanto em termos de atuação, horas de trabalho e nos vínculos estabelecidos com a criança.

Quanto às crenças de cuidado infantil, tornaram-se possível identificar, no contexto brasileiro, que alguns comportamentos e aprendizados decorreram dos costumes de cuidados, transmitidos pelos principais cuidadores (os pais), que ensinaram o respeito, o “falar a verdade” e o hábito de realizar uma refeição em família, dentre outros. Algumas babás, no entanto, não tiveram a experiência de conviverem com os pais, mas relataram que determinadas crenças foram aprendidas em outros contextos, como o senso de responsabilidade. Torna-se interessante destacar que alguns aprendizados, relativos às crenças de cuidado, foram adquiridas em cursos especializados para babás. Esse fator colabora para o entendimento de que o nicho de desenvolvimento é dinâmico, podendo ser alterado de acordo com o contexto sociocultural do indivíduo.

No que diz respeito à percepção de babás, quanto ao cuidado realizado com crianças, em ambos os contextos, as mães, de alguma forma, parecem estabelecer práticas de cuidado infantil, que atendam a demanda entre vida pessoal e

profissional. Há que se levantar o questionamento acerca do papel materno nos lares, independentemente da cultura proposta, uma vez que o cuidado com crianças ainda permanece como sendo próprio da mãe. As percepções também sugerem uma preocupação das entrevistadas diante das práticas maternas. No contexto brasileiro, parece que o fator profissional foi o principal responsável por um afastamento. Em Portugal, o *home office* parece contribuir para um afastamento e, também, o término da amamentação.

Os aspectos pesquisados, revelaram conteúdos existentes na singularidade das cuidadoras nos dois contextos investigados e, demonstraram como as experiências vivenciadas ao longo do ciclo vital, podem ter contribuído para o exercício de suas práticas e crenças de cuidado. De tal forma, a interrelação com os contextos, influenciaram o processo de desenvolvimento. Assim, os aprendizados, decorrentes das transformações provenientes do meio sociocultural, puderam ser compartilhadas entre diferentes grupos de sociais.

É preciso ainda abordar determinados questionamentos acerca do estudo proposto. O primeiro trata da escassez de pesquisas que trabalhem com a temática de babás, nos dois contextos, principalmente quanto ao seu papel na família contemporânea. Tendo em vista que há certa terceirização de cuidados, não tratar acerca dessas cuidadoras, não seria uma continuidade de seu apagamento social? Em segundo lugar, a relação salarial versus horas de trabalho, pode não atender às diferentes necessidades que o cuidado com crianças envolve. Muitas trabalhadoras precisam deixar o lar, os filhos, a família, podendo renunciar ao lazer, frente às necessidades de outros, principalmente no contexto brasileiro e das grandes capitais. A baixa escolaridade, por parte do contexto brasileiro, pode indicar que o cuidado doméstico ainda prevalece para um público que conta com uma

precariedade no sentido de atenção a educação, saúde, condições de moradia e segurança. Diferente desses aspectos, em Portugal, as babysitters/nannies podem ter bons salários e possuem um trabalho legitimado perante à sociedade.

Em termos de limitações, o estudo poderia ter contado com um número maior de respondentes. No Brasil, a ampliação para outras regiões poderia contribuir para a visibilidade desta categoria, além do conhecimento de suas práticas e crenças de cuidado infantil. Em Portugal, embora diversas regiões tenham participado, ainda assim, é possível ampliar o estudo em termos do papel de *babysitters/nannies*. Outro fator limitante, aponta para o formato adotado para o preenchimento do formulário de dados sociodemográficos. As participantes brasileiras tiveram extrema dificuldade em acessar o documento, fator esse que pode ser explicado pelo analfabetismo tecnológico. Em Portugal, a coleta alcançou uma certa restrição pelo fato das participantes serem cadastradas em Plataformas, o que envolve um gasto por parte das inscrições e manutenções do perfil da entrevistadora. O estudo também se limitou a encontrar cuidadoras, independentemente da configuração familiar da criança. Sabendo que na contemporaneidade há uma diversidade de arranjos conjugais, os estudos futuros podem contribuir para o entendimento de práticas a serem realizadas considerando as diferentes configurações familiares existentes.

Como medidas de intervenção social, sugere-se a estratégia de oficinas profissionalizantes, para as cuidadoras brasileiras, a fim de oferecer cursos voltados para cuidado infantil, primeiros socorros, alimentação e rotina infantil. Outra forma, que beneficie, também, o público português, além da publicação de artigos científicos, seria a realização de palestras em empresas especializadas no *babysitting*.

Diante da escassez de estudos acadêmicos acerca deste assunto, o presente trabalho evoca a atenção para uma personagem fundamental no processo de desenvolvimento infantil em diversas famílias. A pesquisa abordou uma profissão milenar, universal e que se insere nas entranhas do núcleo familiar. A internacionalização do estudo proporcionou a possibilidade de identificar o papel da babá em contextos socioculturais com semelhanças, mas também com diversas particularidades. Demonstrou-se, ainda, que tais elementos, refletem a interrelação da história de seu desenvolvimento e a influência do contexto sociocultural na vida da babá.

11 Referências bibliográficas

Abreu, A. K. (2021). O trabalho doméstico remunerado: um espaço racializado.

In: Pinheiro, L.; Tokarski, C.P., Posthuma, A. C. (Orgs). *Entre relações de cuidado e vivências de vulnerabilidade: dilemas e desafios para o trabalho doméstico e de cuidados remunerados no Brasil* (pp. 25-46). Brasília: IPEA; OIT.

Aguirre, E. (2000). Socialización y prácticas de crianza. En: Aguirre, E. e Duran,

F. (Ed). *Socialización: prácticas de crianza y cuidado de la salud* (pp17-92), Bogotá: D.C CES – Universidad Nacional de Colombia

Alama (2022). Portugal está entre os “Rolls-Royce” da educação mundial, diz especialista da UNESCO. Publico.

<https://www.publico.pt/2022/05/25/sociedade/noticia/portugal-rollsroyce-educacao-mundial-especialista-unesco-2007661>

Almeida, J. A. G.; Novak, F. R. (2004). *Amamentação: um híbrido natureza-cultura*.Jornal de Pediatria. Sociedade Brasileira de Pediatria, vol. 80, nº05.

Almeida, R. (2023). Babysitter em Portugal continuam a ganhar abaixo da média

global. <https://24.sapo.pt/atualidade/artigos/babysitters-em-portugal-continuum-a-ganhar-abaixo-da-media-global>

Araújo, I.E. (2016). “O vazio legal das babysitters e as leis levadas ao extremo das amas”. *País ao minuto*. 11 de setembro de 2016.

<https://www.noticiasao minuto.com/pais/599979/o-vazio-legal-das-babysitters-e-as-leis-levadas-ao-extremo-das-amas>

Ariès, P.-1. (2016[1978]). *História social da criança e da família*. Tradução de Dora Flakman. Rio de Janeiro: LTC.

Babysits.pt (n.d.) <https://www.babysits.pt/materiais-da-comunidade/248/qual-a-diferen%C3%A7a-entre-babysitter-ama-e-nanny/>

Babysits.pt (n.d.)

https://www.babysits.pt/premium/upgrade/?utm_campaign=wizard

Babysisters.pt (n.d.) Babysitting full-time ou interna,

<https://babysisters.pt/services/babysitting-full-time>

Badinter, E. (1985). *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Bandeira, T., Seidl-de-Moura, M., & Vieira, M. (2009). Metas de socialização de pais e mães para seus filhos. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento*

Barbieri, C. L. A. & Couto, M. T. (2012). *As amas de leite e a regulamentação biomédica do aleitamento cruzado: contribuições da socioantropologia e da história*. Cadernos de História da Ciência. Instituto Butantan, vol III (1).

Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70

Brasil. Lei Complementar no 150, de 1o de junho de 2015. Dispõe sobre o contrato de trabalho doméstico; altera as leis nos 8.212, de 24 de julho de 1991, 8.213, de 24 de julho de 1991, e 11.196, de 21 de novembro de 2005; revoga o inciso I do art. 3o da Lei no 8.009, de 29 de março de 1990, o art. 36 da Lei no 8.213, de 24 de julho de 1991, a Lei no 5.859, de 11 de dezembro de 1972, e o inciso VII do art. 12 da Lei no 9.250, de 26 de dezembro 1995; e dá outras providências. Diário Oficial, Brasília, 2 jun. 2015.

- Camargo, B. V. & Justo, A. M. (2021). *Tutorial para uso do software IraMuteq*. Laboratório de Psicologia Social da Comunicação e Cognição. UFSC: Florianópolis.
- Capucho, J. (2015). “Nannies: as amas de luxo que trabalham ao domicílio”. *Jornal Diário de Notícias*. 25 de maio de 2015.
<https://www.dn.pt/portugal/nannies-as-amas-de-luxo-que-trabalham-ao-domicilio-4586333>
- Cardoso, A. R. (2011). *Avós no século XXI*. Curitiba: Juruá
- Carneiro, M. E. R. (2006). *Procura-se: “preta, com muito bom leite, prendada e carinhosa”*. Uma cartografia das amas-de-leite na sociedade (1850-1888). Tese de doutorado em História. Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília.
- Carula, K. (2012). Perigosas amas de leite: aleitamento materno, ciências e escravidão. A Mãe de Família. *História, Ciências, Saúde*. Manguinhos. Rio de Janeiro, vol 19, p197 -214.
- Carvalho, P (2023). Fica com o meu filho por duas horas? *Babysitters* são já milhares em Portugal.
<https://www.publico.pt/2023/02/18/sociedade/noticia/fica-filho-duas-horas-babysitters-sao-ja-milhares-portugal-2039055>
- Cole, M. (1995). Culture and cognitive development: from cross-cultural research to creating systems of cultural mediation. *Culture & Psychology*, 1, 23, 68-77.
- Cole, M. (1998). *Cultural psychology: a once and future discipline*. Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press.

Countryeconomy(2023).

<https://pt.countryeconomy.com/paises/comparar/brasil/portugal?sc=XE21>

Countrysmeters (2023). <https://countrysmeters.info/en/Brazil>

Dadosmundiais (2023). <https://www.dadosmundiais.com/comparacao-paises.php?country1=PRT&country2=BRA>

Davis, A. (2016). *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo.

Diário da Republica Portugal (n.d.),

<https://diariodarepublica.pt/dr/lexionario/termo/contrato-servico-domestico>

E. Portugal (n.d.), <https://eportugal.gov.pt/fichas-de-enquadramento/como-iniciar-a-atividade-de-ama>

Freyre, G.-1. (2006). *Casa Grande Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Global.

Gil, C. A. (2018). *Precisa-se ou aluga-se: o mapeamento de amas-de-leite na cidade do Rio de Janeiro na Primeira República*. Dissertação de Mestrado em História das Ciências e da Saúde, FIOCRUZ.

Global Peace Index (2022). *Measuring Peace in a Complex World*. Institute for Economics & Peace. <http://visionofhumanity.org/resources>

Goldstein, D. (2003). *The Aesthetics of Domination: Class, Culture, and the Lives of Domestic Workers*. In: *Laughter out of Place: Race, Class and Sexuality in a Rio Shantytown*. Berkeley: University of California Press.

Goodnow, J. (1988). Parent's ideas, action and feelings: models and methods from developmental and social psychology. *Child Development*, 286-320.

- Greenfield, F., Flores, A., Davis, H. & Salimkhan, G. (2008). What happens when parents and nannies come from different culture? Comparing the caregiving belief systems of nannies and their employers. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 29, pp.326-336.
- Harkness, S. S. (2005). Themes and Variations: Parental Ethotheories in Western Cultures. In: K. H. Chung(Eds), *Parenting beliefs, behaviors, and parent-child relations: A cross-cultural perspective* (pp. 61-79). New York (NY): Psychology Press.
- Harkness, S. S. (2007). *Cultural models and developmental agends: Implications for arousal and self-regulation in early infancy*. *Journal of Developmental Process*, 1 (2).
- Harkness, S., & Super, C. M. (1986). The Developmental Niche: A conceptualization at the interface of child and culture. *International Journal of Behavioral Developmental*, 9, pp. 545-569.
- Harkness, S., & Super, C. M. (1995). *Parent's cultural beliefs systems: their origins, expressions and consequences*. New York: The Guilford Press.
- Harkness, S., & Super, C. M. (1994). The developmental niche: a theoretical framework for analyzing the household production of health. *Social Science and Medicine*, 38(2), 217-226.
- Harkness, S., & Super, C. M. (1996). *Parents' cultural belief systems: their origins, expressions and consequences: Introduction*. New York, US: The Guilford Press, 1-23.

- Harris, D. E. (2007). *Você vai me servir: desigualdade, proximidade e agência nos dois lados do Equador*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (2023). Taxa de desemprego. <https://www.ibge.gov.br/indicadores>
- Jobatus.pt. (n.d.). Quanto custa um infantário em Portugal? (<https://www.jobatus.pt/noticias/quanto-custa-um-infantario-em-portugal>).
- Keller, H. (2007). *Cultures of infancy*. Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Keller, H. (2012). Autonomy and Relatedness Revisited: Cultural Manifestations of Universal Human Needs. *Child Developmental Perspective, volume 6*.
- Keller, H. (2002). Development as the interface between biology and culture: A conceptualization of early ontogenetic development. In: Y. P. H. Keller, *Cambridge studies in cognitive perceptual development. Between culture and biology: Perspectives on ontogenetic development* (pp. 215-240). New York (NY): Cambridge University Press.
- Keller, H. K. (2005). *Parenting, culture and developmental: a comparative study*. San José: Instituto de Investigaciones Psicológicas.
- Kobarg, A. S. (2006). Valores e crenças parentais: reflexões teóricas. *Revista brasileira de crescimento e desenvolvimento humano, 16* (2), http://pepisc.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822006000200010.
- Kondratiuk, C. C. & Neira, M. G. (2018). Ser babá do outro lado do oceano: cuidar dos filhos de outra família, outra língua, outra terra. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica*, Salvador, v.03, n.08, pp. 686-710.

Kondratiuk, C. C. & Neira, M. G. (2020). O corpo a corpo na relação educativa entre babá e criança: uma revisão da literatura. *Pro-Posições*, v.31. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2017-0161> >. Epub 22 Abr 2020. ISSN 1980-6248. <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2017-0161>.

Mead, M. (1971). *Macho e fêmea: um estudo dos sexos em um mundo em transformação*. Rio de Janeiro: Vozes.

MEC (2019). Pisa 2018 revela baixo desempenho escolar em Leitura, Matemática e Ciências no Brasil. <http://portal.mce.gov.br/busca-geral/211-noticias/218175739/83191-pisa-2018-revela-baixo-desempenho-escolar-em-leitura-matematica-e-ciencias-no-brasil>

Mendes, D. M., L. F. & Ramos, D. de O. (2020). Concepções parentais sobre emoções e o desenvolvimento emocional de crianças. *Psicologia: Teoria E Pesquisa*, 36. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e3634>

Mendes, D. M. L. F (2018). Socialização da emoção no Desenvolvimento Infantil. In: L. F.-d.-M. Pessôa, *Parentalidade: Diferentes perspectivas, evidências e experiências*.

Miller, S. A. (1988). *Parent's beliefs about children's cognitive development*. Child Development.

Ministerio de Educación Nacional y la Organización de Estados Iberoamericanos OEI (2018). *Práticas de Cuidado y Crianza*. https://redes.colombiaaprende.edu.co/ntg/men/pdf/Praticas_de_Cuidado.pdf

Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social – República Portuguesa (2023). <https://www.seg-social.pt/ama>

- Monteiro, M. F. (1998). Saúde reprodutiva. In Kaloustian, S. M. (org). *Família brasileira, a base de tudo*. São Paulo: Cortez.
- Morales-Castillo, M. (2020). Las creencias parentales en el processo de crianza y sus relaciones con el comportamiento adolescente. *Psicologia USP* (online), v.31 [Accedido 28 Junio 2021], e190052. Disponible en: <<https://doi.org/10.1590/0103-6564e190052>>. Epub 06 Jul 2020. ISSN 1678-5177. <https://doi.org/10.1590/0103-6564e190052>.
- Mrazek, D. (2013). Caregiving in Early Childhood. In: R. M. Talley, *Perspectives on caregiving across life span: Currents status and future directions* (pp. 11-20), https://doi.org/10.1007/978-1-4614-5553-0_2, New York, NY: Springer.
- OCDE – ORGANIZAÇÃO PARA COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO (2023), <https://www.oecdbetterlifeindex.org/pt/paises/>
- OIT – ORGANIZACIÓN INTERNACIONAL DEL TRABAJO. (2018). Care work and care job for the future of decente work. Geneva: Global Report.
- Oliva, A. D. (2018). Reflexões sobre algumas crenças parentais e práticas de cuidado. In: L. F.-d.-M. Pessôa, *Parentalidade: Diferentes perspectivas, evidências e experiências* (pp. 151-167). Curitiba: Appris.
- ONU News (2022). Índice de Desenvolvimento Humano da ONU inclui variante pegada de carbono. <https://news.un.org/pt/story/2020/12/1736222>
- Paiva, S. (2023). Baby-Sitter <https://www.guiadasprofissoes.info/profissoes/baby-sitter/>
- Pessôa, L. F.-d.-M. (2016). Sistemas de cuidados e o discurso de diferentes cuidadores do Rio de Janeiro: evidências de trajetória de desenvolvimento.

Estudos de Psicologia (Campinas), 33 (1), pp. 71-82

<https://dx.doi.org/10.1590/1982-02752016000100008>.

Pinheiro, M. H.-A. (2008). A família como base. In: L. N. Weber, *Família e*

Desenvolvimento: Visões Interdisciplinares. Curitiba: Juruá.

Pinheiro, L., Goes, F., Rezende, M. & Fontoura, N. (2021). Os desafios do passado

no trabalho doméstico do século XXI: reflexões para o caso brasileiro a partir dos dados da PNAD contínua. In: Pinheiro, L.; Tokarski, C.P., Posthuma, A. C.

(Orgs). *Entre relações de cuidado e vivências de vulnerabilidade: dilemas e desafios para o trabalho doméstico e de cuidados remunerados no Brasil* (pp.

25-46). Brasília: IPEA; OIT.

Pinho, L. (2013). Au Pair: Um trabalho pago entre o turismo e o babysitting.

(<https://www.jpn.up.pt/2013/03/29/au-pair-um-trabalho-pago-entre-o-turismo-e-o-babysitting/>).

Posthuma, A. C. (2021). A economia de cuidado e o vínculo com o trabalho

doméstico: o que as tendências e políticas na América Latina podem ensinar ao Brasil. In: Pinheiro, L.; Tokarski, C.P., Posthuma, A. C. (Orgs). *Entre relações*

de cuidado e vivências de vulnerabilidade: dilemas e desafios para o trabalho doméstico e de cuidados remunerados no Brasil (pp. 25-46). Brasília: IPEA;

OIT.

Rokeach, M. (1981). *Crenças, atitudes e valores*. Rio de Janeiro: Ed. Interciência.

Romero, M. (2013). Nanny diaries and other stories: Immigrant women's labor in the social reproduction of american families. *Revista de Estudios Sociales*.

Bogotá, Universidad de Los Angeles, Facultad de Ciencias Sociales, n.45, pp.

186-197.

- Rubin, K. H. (2006). *Parenting Beliefs, Behaviors, and Parent-Child relations: a cross- cultural perspective*. New York, NY: Psychology Press.
- Sá, I. G. (2011) As crianças e as idades da vida. In: Mattoso, J(dir). *História da vida privada em Portugal – Lisboa*. Círculo dos Leitores e Temas e Debates, v. 3, a idade moderna, pp 71-96.
- Salviati, M. E. (2017). Manual do Aplicativo Iramuteq (versão 0.7 Alpha e R Versão 3.2.3). Planaltina. <http://www.iramuteq.org/documentation/fichiers>
- Santos, M. J. M. (1987). *Ama de leite na sociedade tradicional – uma leitura de folhetos de cordel*. Revista da Faculdade de Letras e História, vol (4), pp 213-226, Universidade do Porto, Portugal.
- SEF – SERVIÇO DE ESTRANGEIROS E FRONTEIRAS (2023). Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo de 2022.
<https://www.sef.pt/pt/Documents/RIFA2022%20vF2a.pdf>
- Seidl-de-Moura, M. L. et al. (2014). *Beliefs of mothers, nannies, grandmothers and daycare providers concerning childcare*. Paidéia, 24 (59), p. 341-349.
- Seidl-de-Moura, M. L. (2009). *Interação Social e Desenvolvimento*. Curitiba: CRV.
- Seidl-de-Moura, M. L. (2012). Self-recognition and self-regulation: the relationship with socialization trajectories and children´s sex. *The Spanish Journal of Psychology*, 15, 604-612.
- Seidl-de-Moura, M. L. (2005). Bases para uma psicologia do desenvolvimento sociocultural e evolucionista. In: Pontes, F.R.A, Brito, R.C.S. & Magalhães. C. M. C. (orgs.), *Temas pertinentes na construção da psicologia contemporânea*. Belém: Editora Universitária UFPA.

- Sena, I. C. M. G. (2020). *Sistemas de cuidados de mães e babás na família contemporânea*. Dissertação de mestrado, Puc-Rio.
- Silva, L. O. & Pessôa, L. F. (2018). Metas de socialização de pais e mães de diferentes configurações familiares do Rio de Janeiro. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 18 (3), 831-849.
- Silveira, L. M. (2014). *Como se fosse da família: a relação (in)tenso entre mães e babás*. Rio de Janeiro: E- papers: FAPERJ
- Scavone, L. (2008). Estudo de gênero: uma sociologia feminista? Acesso em novembro de 2017, disponível em Periódicos.ufsc:
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2008000100018/5528>
- The Hofstede Centre (2022). Country comparison. The Hofstede Centre:
<http://geert-hofstede.com/countries.html>
- Vergara Hernandez, L. (2017). Práticas de criação em la primera infancia en los municipios de Riosucio y Manizales. *Zona Próxima*, (27), 22-33.
- Vieira, M. L.; Seidl-de-Moura, M. L.; Lordelo, E.; Piccinnini, C. A.; Martins, G. D.; Macarini, S. M. et al (2010). Brazilian mother's beliefs about childrearing practices. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, v.2, n.41, p. 195-211.
- Vygotski, L. S. (2007[1934]). A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Cole (org). São Paulo: Martins Fontes.
- Vinuto, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, Campinas, v.22, p. 203-220. DOI: 10.20396/tematicas.v22i44.10977. Disponível em:
<https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977>.

Zdravomyslova, E. (2010). Working Mothers and Nannies: Commercialization of
Childcare and Modifications in the Gender Contract (A Sociological Essay).
Antropology of East Review, 28 (2), pp.220-225.

Apêndice - Questionário Sociodemográfico

Práticas de cuidados infantis – Babás/Babysitters

Responda com tranquilidade. Sua participação é anônima.

Antes de iniciarmos a pesquisa, por favor, leia o Termo de Consentimento Informado. Se concordar, assinale Sim.

Prezado participante,

Você está sendo convidado(a), como voluntário(a), para participar da pesquisa intitulada “Sou a babá: estudo comparativo sobre práticas de cuidado infantil entre Brasil e Portugal”, realizada pela doutoranda Isabela Cristina Martins Gonçalves Sena e, orientada pela professora Dra. Luciana Fontes Pessoa, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

Objetivos – Nesta pesquisa pretendemos investigar práticas e crenças de cuidado infantil em babás residentes em dois diferentes contextos culturais: Brasil e Portugal. A chegada de uma criança no contexto familiar pode levar os pais a adotarem ajustes que afetarão o funcionamento dessa estrutura. O cuidado poderá ser compartilhado com personagens que não fazem parte da rede familiar. A babá poderá participar desse novo momento, sendo responsável também pela educação e desenvolvimento da criança. A convivência diária e muitas vezes intensa poderá favorecer o fortalecimento de vínculos e, nessa relação a criança absorverá conteúdos relacionados a crenças, valores, advindos da prática e da interação. Assim, torna-se fundamental conhecer essa figura que permeia e contribui com o desenvolvimento da família.

Para esta pesquisa adotaremos os seguintes procedimentos: A pesquisa será realizada através de entrevista on-line e para tal utilizaremos um gravador, mediante a autorização do participante. Após a coleta e transcrição dos áudios, a gravação será apagada e, de forma alguma, o participante terá seu nome e dados pessoais divulgados, como garantido pelo sigilo e confidencialidade garantidos pela legislação brasileira.

Risco – Informamos que a pesquisa não oferece riscos, nem físicos ou psicológicos aos participantes. Contudo, caso se sinta desconfortável ou mobilizado com alguma questão, o pesquisador estará disponível nos contatos acima e poderá prestar esclarecimentos. Caso sinta necessidade, você poderá ser encaminhado para atendimento psicológico. Havendo dúvidas, poderá entrar em contato com o pesquisador responsável, pelo e-mail: isabelasenapsi@gmail.com, ou com a Câmara de Ética em Pesquisa da Pontifícia

Universidade Católica do Rio de Janeiro (CEP-PUC-Rio), no endereço: Rua Marquês de São Vicente, 225, Rio de Janeiro, telefone: (21)3527-1618.

Benefícios – Ao participar dessa pesquisa, você contribuirá para o aprofundamento nos estudos relacionados a participação das babás no contexto familiar, no que se refere a práticas de cuidado desenvolvidas com a criança.

Além disso, a pesquisa contribuirá para que estudos científicos relacionados à articulação de práticas de cuidados infantis e crenças dessas cuidadoras em diferentes contextos, se tornem mais difundidos no contexto brasileiro e internacional, além de apresentar como essas práticas influenciam o desenvolvimento da criança.

Alternativa de Participação – Para participar do estudo você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você tem garantia plena liberdade de recusar-se a participar da pesquisa, em qualquer fase, sem necessidade de comunicado prévio. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma como você é atendido pelo pesquisador. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Você não será identificado em nenhuma publicação que possa resultar o estudo.

Confidencialidade – Os pesquisadores tratarão sua identidade de acordo com os padrões de sigilo e confidencialidade profissionais garantidos na legislação brasileiras.

As informações serão para fins acadêmicos e científicos. Os dados coletados serão armazenados de forma não identificada pela pesquisadora, na Rua dos Oitis, 63, Gávea/Rio de Janeiro, pelo período de cinco anos.

Dúvidas e Reclamações – Em caso de dúvidas, poderá entrar em contato com o pesquisador através do e-mail: isabelasenapsi@gmail.com, ou pelo telefone: (21) 99382-4414, ou através do e-mail da professora orientadora:

luciana_pessoa@puc.rio.br. Para questões éticas, poderá entrar em contato com a Câmara de Ética da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

Endereço: Rua Marquês de São Vicente 225, Edifício Kennedy, 2o andar – Gávea-22453-900 – Rio de Janeiro/RJ. Telefone, (21) 35271618.

1- Declaro que li e compreendi as informações acima e aceito participar de livre vontade neste estudo.

() Sim

() Não

Questionário Sociodemográfico

Gostaríamos que respondesse a algumas perguntas sobre si. Não é nosso objetivo identificá-lo(a), mas apenas descrever melhor os (as) participantes do estudo.

1 - Qual a sua idade?

Data

2 - Qual sua nacionalidade?

3 - País em que reside atualmente?

4 - Qual o seu estado civil?

- ☐ Solteira (o)
- ☐ Casada (o)
- ☐ Divorciada (o)
- ☐ União estável
- ☐ Viúva (o)

5 - Tem filhos?

- ☐ Sim
- ☐ Não

Se sim, quantos?

6 - Qual a idade da(s) criança(s)

- ☐ Até 3 anos
- ☐ 4 a 7 anos
- ☐ Maior que 8 anos

Quando você está trabalhando, com quem as crianças ficam?

7 - Qual sua escolaridade?

- ☐ Ensino Fundamental Incompleto
- ☐ Fundamental Completo
- ☐ Ensino Médio Incompleto
- ☐ Ensino Médio
- ☐ Graduação
- ☐ Pós-Graduação

8 - Qual idade da criança que está cuidando?

9 - Quanto tempo fica com a criança?

10 - Há quanto tempo cuida da criança?

Roteiro de Entrevista

- 1 – Como foi a escolha por ser babá?
- 2 – O que você entende como práticas de cuidados infantis?
- 3 – Quanto à prática de cuidados, o que você considera importante quando uma criança está sob sua responsabilidade?
- 4 – Você consegue identificar, na sua prática de cuidados com criança, alguma crença/conhecimento ou algum tipo de comportamento que você tenha aprendido com seus familiares?
- 5 – Como você percebe as práticas de cuidados da mãe da criança?
- 6 – Você pode descrever as práticas de cuidado realizadas pela mãe da criança?
- 7 – Qual a prática de cuidado que você acredita ser a mais importante entre a mãe e a criança?
- 8 – Quando você foi “contratada” teve na conversa inicial com os responsáveis pela criança, alguma informação importante sobre práticas mais específicas de cuidados a serem realizadas com a criança?
- 9 – Existe alguma crença que a família da criança tenha compartilhado com você?
- 10 – Eu selecionei cinco figuras sobre práticas de cuidados. Eu gostaria que você colocasse em ordem de prioridade essas figuras e, depois, me explicasse o porquê de sua escolha.



